

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E  
URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – FAUUSP**

**VINÍCIUS ANGELON SCOPIN**

**Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na  
arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956)**

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM  
RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB  
RESPONSABILIDADE DO(A) AUTOR(A) E  
ANUÊNCIA DO (A) ORIENTADOR(A).

A versão original, em formato digital, ficará  
arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 4 de julho de 2023.

**São Paulo  
2023**

**VINÍCIUS ANGELON SCOPIN**

**Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na  
arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Fundamentos da História da Arquitetura e do Urbanismo. Linha de Pesquisa: Estética, Historiografia e Crítica.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Mônica Junqueira de Camargo

**São Paulo  
2023**

Catálogo-na-Publicação (CIP)

Scopin, Vinícius Angelon.

Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956) / Vinícius Angelon Scopin. - São Paulo, 2023.

219 f.: il., 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Mônica Junqueira de Camargo.

Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo: Estética, Historiografia e Crítica) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2023.

Inclui Bibliografia.

1. Habitação. 2. Arquitetura moderna. 3. Arnaldo Furquim Paoliello. 4. São Paulo. I. Prof.<sup>a</sup>. Dra. Mônica Junqueira de Camargo. II. Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956).

CDD-027.4

**VINÍCIUS ANGELON SCOPIN**

**Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na  
arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956)**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Faculdade de Arquitetura de Urbanismo da  
Universidade de São Paulo como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
História e Fundamentos da Arquitetura e do  
Urbanismo.

Aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo  
Universidade de São Paulo

---

Profa. Dra. Ana Paula Farah  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

---

Profa. Dra. Sabrina Fontenelle  
Escola da Cidade



À Arnaldo Furquim Paoliello,  
*e nossa amizade pavimentada em trajetórias arquitetônicas.*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho de pesquisa carrega consigo méritos que devem ser atribuídos a inúmeras pessoas. Para além daqueles que fizeram parte do processo vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – FAUUSP – o apoio e incentivo de amigos e familiares se fez necessário em inúmeros momentos nos anos difíceis vividos em decorrência à pandemia causada pelo COVID-19, e os inúmeros desdobramentos e consequências gerados por este a todos, entre os anos de 2020 e 2023, dentre os quais este trabalho foi executado. Se não fosse pela rede de apoio com quem pude contar dentre tantas adversidades, a conclusão deste trabalho não teria sido possível. São tantos nomes que não poderia mencioná-los para não cometer o equívoco de esquecer algum, mas deixo registrado minha gratidão á todos aqueles que fizeram parte deste processo direta ou indiretamente.

Não poderia deixar de agradecer ao filho do arquiteto - Guilherme Paoliello – que após seguir o exemplo de seu pai na escolha de sua trajetória profissional - teve a sensibilidade e consciência necessários acerca da preservação do acervo profissional de Arnaldo Furquim Paoliello, no momento em que este foi transferido para uma habitação destinada para idosos, devido a necessidade de cuidado constante deste e sua esposa pela idade avançada de ambos.

Após ter realizado uma pesquisa de Iniciação Científica fomentada pela FAPESP sobre os projetos residenciais realizados por Paoliello publicados na Revista Acrópole, fui procurado por Guilherme em 2018 para intermediar a negociação do processo de doação do acervo para a instituição que ficaria responsável por sua salvaguarda, trabalho que realizei ao longo de três semanas no final do mesmo ano após concluir a pesquisa.

Gerenciar o processo me possibilitou ter realizado uma criteriosa e minuciosa seleção do material a ser doado posteriormente. A confiança que me foi atribuída pela família do arquiteto e a honra de realizar a curadoria dos itens que compõem hoje o acervo de Arnaldo Furquim Paoliello na FAUUSP, permitiu-me acesso a uma parte das

fontes necessárias para a realização desta pesquisa anos antes de seu acesso aos demais pesquisadores de arquitetura.

Agradeço à Arnaldo Furquim Paoliello que apesar de sua idade avançada e o contexto pandêmico, gentilmente me recebeu e concedeu as entrevistas imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa. A importância deste trabalho se deve ao privilégio de poder contar com os relatos do arquiteto que concedeu horas de conversas bem humoradas, e contribuiu com os ensinamentos e experiências de seus longevos noventa e cinco anos de vida. Informações contidas ao longo desta dissertação não poderiam ser obtidas por nenhuma outra via, senão pela excelente memória que goza o arquiteto.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da FAUUSP, aos quais pude contar com seus ensinamentos que me possibilitaram refletir sobre minha pesquisa. Dentre eles, cito a Profa. Dra. Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro, o Prof. Dr. Hugo Segawa, o Prof. Dr. Ivo Renato Giroto, a Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva, o Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira e a Profa. Dra. Nilce Cristina Aravecchia Botas.

Agradeço ao meu orientador de Iniciação Científica realizada em minha Graduação em História da Arte, Prof. Dr. Fernando Atique, da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, pelo incentivo em prosseguir na pesquisa acadêmica e ampliar e aprofundar o trabalho iniciado sob sua orientação, na circunstância adequada em que pude contar ainda com o arquiteto como fonte de pesquisa.

Agradeço especialmente minha orientadora, a Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo, que aceitou de prontidão orientar esta pesquisa, e desde minha participação enquanto aluno ouvinte em uma disciplina na FAUUSP antes de meu ingresso nesta instituição, se dispôs a auxiliar-me no processo de seleção do programa de pós-graduação acompanhando o desenvolvimento do projeto. Suas indicações de leitura, reuniões de orientação, correções atentas e minuciosas, e a persistência em me

auxiliar em momentos difíceis ao longo destes três anos possibilitaram a execução e conclusão deste trabalho.

Agradeço à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP - pela recepção e acolhimento nesta casa, a qual inúmeros estudantes de arquitetura de diversas instituições do Brasil almejam um dia ingressar. Realizar uma parte de nossa formação nesta instituição foi a realização de um sonho, e um privilégio alcançável à poucos.

Agradeço ainda à Agência de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento a pesquisa orientada pela Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo que resultou nesta dissertação de mestrado.

Julho de 2023

## RESUMO

A atuação de Arnaldo Furquim Paoliello (1927-) através da Construtora Paoliello Ltda. (1949-1965) coincidiu com o período de consolidação da Arquitetura Modernia no contexto paulistano. Na sua produção residencial unifamiliar desse período, edificada em bairros de classe média, no sudoeste da capital, adotou elementos dessa linguagem. O inventário das suas residências, baseado na revista comemorativa da construtora, de 1956, e nos remanescentes de sua obra ainda existentes na cidade, permitiu identificar as soluções projetuais e as características plásticas dessas residências e sua relação com o contexto arquitetônico do período. A reconstituição de sua rede de relações familiares e profissionais, ao longo de sua trajetória, permitiu observar as opções de sua clientela com a linguagem adotada.

**Palavras-chave:** Residência. Arquitetura. Modernismo. Paoliello. São Paulo.

## **ABSTRACT**

The performance of Arnaldo Furquim Paoliello (1927-) through Construtora Paoliello Ltda. (1949-1965) coincided with the period of consolidation of Modern Architecture in São Paulo. In his single-family residential production from that period, built in middle-class neighborhoods in the southwest of the capital, he adopted elements of that language. The inventory of its residences, based on the builder's commemorative magazine, from 1956, and on the remnants of its work still existing in the city, allowed identifying the design solutions and the plastic characteristics of these residences and their relationship with the architectural context of the period. The reconstitution of its network of family and professional relationships, throughout its trajectory, allowed observing the options of its clientele with the adopted language.

**Keywords:** Residence. Architecture. Modernism. Paoliello. São Paulo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Fachada da Residência Domingos Pires de Oliveira, 2018.	16
Figura 2 - Cartão Postal do Tropical Hotel Santarém - PA, 1976 - Foto Divulgação.	19
Figura 3 - Arnaldo Paoliello no escritório de sua residência em meio a seu acervo, 2018.	24
Figura 4 - Turma de formandos do Curso de Arquitetura da Faculdade Mackenzie de 1950. Arnaldo Furquim Paoliello é o 4º agachado (da esquerda para a direita).	28
Figura 5 - Residência projetada por Vilanova Artigas.	32
Figura 6 - Edifício comercial projetado e construído pela Construtora Munhoz & Lara Ltda.	35
Figura 7 - Arnaldo Paoliello e Zoltan Dudus no ateliê de Oswaldo Bratke, 1948.	38
Figura 8 - Fachada da residência de José Roberto Rocco. Projeto desenvolvido por Arnaldo Paoliello e Fernando Moreira.	45
Figura 9 - Marino Barros e Vicente Ignatti em frente a obra da residência de Mario Junqueira Azevedo.	47
Figura 10 - Folha de rosto do caderno do PMDI, com o nome da Neves & Paoliello Ltda.	51
Figura 11 - Cartão Postal do Tropical Hotel de Santarém PA, 1976.	54
Figura 12 - Anúncio de comercialização do Edifício Fleming, Projeto de Paoliello para Construtora Adolpho Lindenberg.	55
Figura 13 - Imagem do anúncio de comercialização do bairro de Santa maria em Santiago do Chile.	57
Figura 14 - Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda, 1956.	60
Figura 15 - Residência do Sr. José Niccolini na Rua Silvio Portugal, 38, no bairro do Sumaré. A placa de identificação da Construtora Paoliello Ltda. pode ser vista no meio do lado esquerdo da fotografia.	61
Figura 16 - Anúncio de meia página realizado pelos empreiteiros Irmãos Cassone, em que notamos duas vezes os dizeres “residências finas”.	63
Figura 17 - Propaganda da indústria de revestimentos Cerâmica São Caetano S.A.	64
Figura 18 - Atestado de prestação de serviços emitido pela Construtora Adolpho Lindenberg S.A.	65
Figura 19 - Fotografia do edifício José Martins Borges na Avenida Paulista após sua conclusão, 1982.	66
Figura 20 - Os sócios Arnaldo Paoliello, Marino Barros e Vicente Ignatti.	67
Figura 21 - Fachada da Residência de Damiro Oliveira Volpe.	69
Figura 22 - Fachada da Residência do Dr. José Mario de Junqueira Azevedo.	71
Figura 23 - Fachada da Residência do Dr. Oscar Pereira de Araujo.	73
Figura 24 - Fachada da Residência das Srtas. Judith e Hilda Junqueira Franco.	77
Figura 25 - Fachada da Residência do senhor Francisco Luiz Rocco.	79
Figura 26 - Fachada da Residência do Senhor Tito M. Nogueira de Noronha no bairro do Itaim, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello.	80
Figura 27 - Residências para renda de propriedade do Doutor Rodolpho Ortenblad no bairro do Itaim, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello.	82
Figura 28 - Planta-baixa dos sobrados geminados projetadas por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello para o Doutor Rodolpho Ortenblad.	83
Figura 29 - Residências edificadas no lote adquirido por Domingos Dias no Alto da Boa Vista.	86
Figura 30 - Fachada da residência de Arnaldo Paoliello.	91
Figura 31 - Planta-baixa da residência de Arnaldo Paoliello.	93
Figura 32 - Fachada posterior da residência de Arnaldo Paoliello.	95
Figura 33 - Fachada da residência de Domingos Pires de Oliveira Dias.	97
Figura 34 - Planta-baixa da residência de Domingos Pires de Oliveira Dias.	101
Figura 35 - Planta-baixa da residência projetada por Marcel Breuer em 1949 em exposição no MOMA.	103
Figura 36 - Fachada da residência projetada por Marcel Breuer em 1949 em exposição no MOMA.	105
Figura 37 - Fachada da residência de Gilberto Pires.	107
Figura 38 - Planta-Baixa da residência de Gilberto Pires.	109

Figura 39 - Pátio internado visto a partir do recuo lateral esquerdo.	110
Figura 40 - Fachada da residência de José Pires de Oliveira Dias.	112
Figura 41 - Planta-baixa da residência projetada por Richard Neutra em 1947.	113
Figura 42 - Planta-Baixa da residência de José Pires de Oliveira Dias.	114
Figura 43 - Fachada da residência de José Leal de Carvalho.	116
Figura 44 - Fachada da residência de Bruno Buffardi.	118
Figura 45 - Fachada da residência de Gleen Earl Mc. Ghee.	120
Figura 46 - Fachada da residência de José Cassão de Nogueira.	122
Figura 47 - Fachada da residência de José Niccolini.	124
Figura 48 - Fachada da residência anterior à reforma.	125
Figura 49 - Fachada da residência de Hélio de Oliveira da Cunha Lobo.	127
Figura 50 - Fachada da residência de Francisco P. Neves da Costa.	128
Figura 51 - Fachada das residências de Juan Alfredo Cesar Mueller e Zenon Ewald.	130
Figura 52 - Fachada posterior das residências de Juan Alfredo Cesar Mueller e Zenon Ewald.	132
Figura 53 - Fachada da residência de Hélio Guimarães.	133
Figura 54 - Fachada da residência de Antônio Queiroz do Amaral.	136
Figura 55 - Fachada da residência de Alphonse Brunn.	137
Figura 56 - Fachada da residência de Antôno Factore.	139
Figura 57 - Fachada da residência de Maurício Assumpção.	141
Figura 58 - Fachada da residência de José Henrique Turner.	143
Figura 59 - Fachada da residência de Henrique Leão Rosset.	145
Figura 60 - Percentagem das obras da Construtora Paoliello Ltda.	153
Figura 61 - Fachada de Residência no Jardim Paulistano projetada e construída por Marino Barros.	156
Figura 62 - Fachada Principal da Residência do Doutor Leopoldo Raimo no Jardim Paulistano, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e construída por Marino Barros.	159
Figura 63 - Fachada da residência projetada por Plínio Croce e Roberto Aflalo.	161
Figura 64 - Fachada da residência projetada por Rodolpho Ortenblad Filho.	162
Figura 65 - Produção residencial da Construtora Paoliello Ltda.	164
Figura 66 - Produção residencial da Construtora Paoliello Ltda.	165
Figura 67 - Perfil da Clientela da Construtora Paoliello Ltda.	166
Figura 68 - Fonte de captação dos projetos residenciais.	167



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>15</b>
<b>1. Arnaldo Furquim Paoliello (1927- ), proficuo construtor em diferentes escalas</b>	<b>233</b>
1.1. Genealogia edificante	23
1.2. Paoliello(s) entre Bebedouro e São Paulo	25
1.3. Formação no Mackenzie College	28
1.4. Experimentações arquitetônicas	31
1.5. O estágio com Oswaldo Arthur Bratke	36
<b>2. Arquiteto em Construção – A atuação de Arnaldo Paoliello</b>	<b>39</b>
2.1. Precedentes Históricos	39
2.2. Trajetória profissional	44
2.3. O arquiteto construtor, de 1950 a 1965	45
2.4. O arquiteto-urbanista, de 1966 a 1971	49
2.5. Do arquiteto hoteleiro ao internacional, de 1971 a 1986	52
2.6. O arquiteto consolidado, de 1987 a 2010	57
2.7. Revista Comemorativa da Construtora Paoliello Ltda.	58
2.8. Portfólio da Paoliello Aquitetos S/C Ltda.	64
<b>3. Residências unifamiliares - A Construtora Paoliello Ltda. (1949-1956)</b>	<b>67</b>
3.1 Ignatti, Paoliello & Barros Ltda.	67
Residência Damiro de Oliveira Volpe	69
Residência Mário Junqueira de Azevedo	71
Residência Oscar Pereira de Araujo	73
3.2 Paoliello & Barros Ltda.	74
Residência Judith Junqueira Franco e Hilda Junqueira Franco	76
Residência Francisco Luiz Rocco	78
3.3 Associações com Rodolpho Ortenblad Filho	80
Residência Tito M. Nogueira de Noronha	80
Residências Rodolpho Ortenblad	82
3.4 Residências familiares	85
Residência do Arquiteto	89
Residência Domingos Pires de Oliveira Dias	96
Residência Gilberto Pires	106
3.5 Trajetória individual de Paoleillo	116
Residência José Leal Prado de Carvalho	116
Residência Bruno Buffardi	118
Residência Gleen Earl Mc. Ghee	120
Residência José Cassão de Nogueira	122
Residência José Niccolini	123

Residência de Antônio Queiroz do Amaral	135
Residência de Alphonse Brunn	137
Residência de Antônio Factore	138
Residência de Maurício Assumpção	141
Residência de José Henrique Turner	143
Residência de Henrique Leão Rosset	145
<b>4</b>	<b>147</b>
<b><i>A arquitetura residencial de Arnaldo Paoliello</i></b>	<b>147</b>
4.1	147
4.2	153
4.3	158
4.4	160
4.5	163
4.6	168
<b><i>Considerações Finais</i></b>	<b>174</b>
<b><i>BIBLIOGRAFIA</i></b>	<b>179</b>
<b><i>ANEXO II. ENTREVISTA REALIZADA EM 27/08/2021</i></b>	<b>195</b>
<b><i>ANEXO III. ENTREVISTA REALIZADA EM 26/05/2022</i></b>	<b>203</b>
<b><i>ANEXO IV. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL</i></b>	<b>219</b>

## Introdução

Desprovido de qualquer discurso triunfalista na historiografia da arquitetura moderna brasileira, um projeto premiado no início da trajetória do arquiteto que se consolidou nos decênios subsequentes, expecta no presente por honesta apreciação que lhe foi negada posteriormente.

Localizada no número 728 da Rua Ministro Cardoso Alves no bairro do Alto da Boa Vista, a residência envolta por espessa vegetação perdura como o remanescente que hasteou à Arnaldo Furquim Paoliello sua premiação na Primeira Bienal de Arquitetura Paulistana<sup>1</sup>, seu projeto contemplado entre obras de bauhasianos internacionalmente renomados, como Walter Gropius e Mies van Der Rohe.

Frente à sua existência septuagenária, a despojada volumetria persiste em destoar das demais construções circunjacentes, e se insere marcante dentre o vocabulário arquitetônico pré-existente no entorno, do qual o traçado à nanquim de Paoliello teve o ímpeto de destoar da arquitetura academicista.

A fachada trapezoidal oculta ao observador uma cobertura discreta que se espraia transversalmente unindo pés-direitos em um volume geométrico branco, fracionado por extensos panos de vidro intercalando as superfícies opacas e permeáveis. Os revestimentos naturais adotados eram consonantes com o paisagismo lindeiro. A residência subsiste praticamente inalterada, senão, sob a implacável apropriação da vegetação e sua conseqüente deterioração.

Fruto de consensos permitidos pelos nexos de sociabilidade do arquiteto com uma freguesia intelectualizada, Paoliello vislumbrava adotar um renovado vocabulário formal e seu capital simbólico, subtraindo, todavia, as rupturas radicais que pressupunham subverter a espacialidade aburguesada reminiscente das díspares arquiteturas ecléticas das quais estava acostumada sua clientela.

---

<sup>1</sup> Arquivo Histórico Wanda Svevo.



*Figura 1 - Fachada da Residência Domingos Pires de Oliveira, 2018.*

*Fonte: Foto do autor*

A obstinação dos profissionais em atender aos anseios de uma clientela que demandava adotar uma arquitetura nova - que desprezava o supérfluo tão bem quisto e difundido pelas edificações urbanas que se contrapunham ao moderno, criticadas como uma linguagem quase inestética<sup>2</sup> – resultou em residências que incrustavam elementos de uma arquitetura pré-existente prestigiada por camadas sociais abastadas, e foram adotados em conjunto às novas soluções formais.

Dentre a convergência entre soluções plásticas arrojadas e organizações espaciais convencionais, é publicado o comentado projeto da residência de Domingos Pires de Oliveira Dias em periódicos nacionais e internacionais<sup>3</sup>. Seu projeto alavancou o prestígio profissional de Arnaldo Paoliello dentre seus contemporâneos, ratificando suas

---

<sup>2</sup> Um dos principais críticos da nova linguagem foi o coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo no Mackenzie, Christiano Stockler das Neves. Além de punir alunos que adotassem a nova linguagem na apresentação de seus trabalhos ao longo de sua formação, redigiu textos com suas críticas em jornais e revistas.

<sup>3</sup> Dentre as quais podemos citar Revista Acrópole, Habitat, Casa & Jardim, Arquitetura e Engenharia, no contexto nacional, e Architecture D'aujourd'hui, L'Architecture, Architektur und Wohnform, Hotel News no contexto internacional (PAOLIELLO, 2016, p. 58)

opções estéticas que resultaram - dentre continuidades e rupturas – na execução de mais de 200 obras dos quase 350 projetos elaborados nas pranchetas de seu escritório entre os anos de 1950 e 1966. Nesse período manteve uma construtora que enfrentou diversas conjunturas tecnológicas impostas ao mercado da construção civil no contexto brasileiro de meados do século 20.

A notoriedade atribuída ao arquiteto pela adoção da linguagem modernista em sua crescente produção residencial amplamente divulgada em periódicos, foi posteriormente relegada frente sua atuação em projetos de escalas urbanas que o levaram a finalmente encerrar as atividades individuais, passando a atuar associado a outros profissionais devido ao aumento da demanda de trabalho.

A nova empreitada incutiu em sua trajetória experiências projetuais de espaços de uso coletivo, como colégios, bancos, igrejas, clubes, shoppings, campos de golfe; na esfera doméstica, edifícios e condomínios residenciais horizontais e verticais; projetos normativos e institucionais – como indústrias, cooperativas agrícolas, e enfaticamente, planos de urbanização de regiões de ocupação irregular e desordenada; além de áreas turísticas<sup>4</sup>.

Sua adesão à esfera política teve início na vice-presidência do Instituto de Arquitetos do Brasil<sup>5</sup>, enfatizada nas cooperações na Companhia de Planejamento e Habitação, e no desenvolvimento do Plano Integrado da Grande São Paulo que resultou na fundação da Secretaria de Negócios Metropolitanos de São Paulo, e posteriormente, o Plano de Desenvolvimento Integrado de Santo Amaro<sup>6</sup>.

Seu grande envolvimento com a tipologia hoteleira, tendo projetado várias unidades em território nacional, abriu a oportunidade de desbravar outros continentes

---

<sup>4</sup> Informações obtidas no resumo de experiências profissionais presentes em seu *currículo* no portfólio institucional do arquiteto. A listagem de projetos desenvolvidos será apresentada em anexo detalhado no final desta dissertação.

<sup>5</sup> A eleição foi vencida em 1963 pelo grupo composto por Alberto Botti que assumiu a presidência, e Julio Neves, Roberto Aflalo e Arnaldo Paoliello como vice-presidentes que assumiram os cargos entre 1964 e 1966, e novamente entre 1967 e 1969 (PAOLIELLO, 2016, p. 25, p. 58). Paoliello já havia ocupado o cargo de 2º Secretário do IAB em 1950, e Diretor de Relações entre os arquitetos e os empresários entre 1952 e 1954, posteriormente de 1964 a 1970, além de Conselheiro entre 1950 e 1954.

<sup>6</sup> Os três projetos em escala urbana mencionados foram realizados durante a administração de Abreu Sodré entre os anos de 1970 e 1971 (PAOLIELLO, 2016, p. 25).

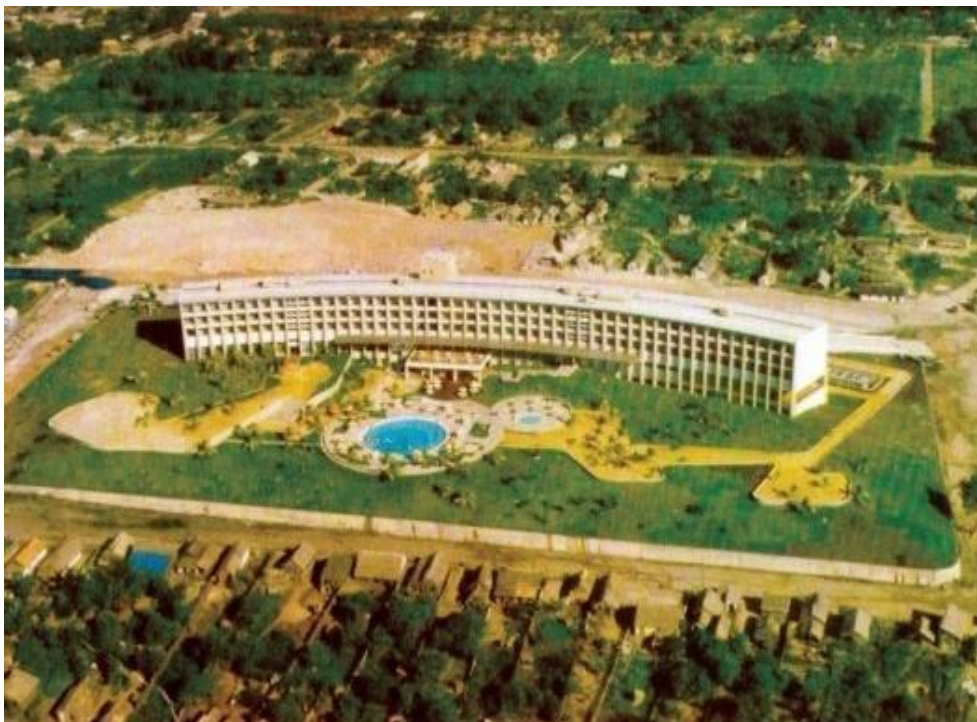
em busca da consolidação de um repertório tipológico. Essa experiência o habilitou a prestar serviços a grandes corporações no decorrer de duas décadas, como Varig e EMBRATUR. Suas atividades de assessoria abrangeram: identificação de logradouros com potencial turístico para implementação de estrutura hoteleira; elaboração de programas e dimensionamento adequado às demandas; aquisição de equipamentos e implementação de infraestrutura; além da colaboração no desenvolvimento de projetos técnicos, paisagísticos e decorativos. Sua intensa participação nessa área o conduziu a fundar e gerenciar um departamento de engenharia de hotéis incorporado a Adolpho Lindenberg - uma construtora de projeção nacional em que executou o projeto do Hotel Tropical Santarém<sup>7</sup>, notório como a maior edificação em concreto armado até os dias atuais em uma cidade de importância histórica inserida em meio à floresta amazônica.

Da vasta produção protagonizada por Arnaldo Furquim Paoliello no transcorrer de seus quase setenta anos de contribuição à arquitetura brasileira - com algumas contribuições internacionais – selecionamos as residências construídas pela *Construtora Paoliello Ltda.*, definindo o recorte temporal entre 1949 e 1956 – período abrangido por uma revista comemorativa. Busca-se prover uma apresentação de sua produção residencial e apontar como os vínculos de sociabilidade do arquiteto contribuíram com sua produção residencial em busca da edificação de uma arquitetura moderna, ampliando o escopo de uma pesquisa inédita na historiografia arquitetônica brasileira sobre a obra de Paoliello, apenas iniciada em 2018<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> PAIVA, 2014.

<sup>8</sup> O ponto de partida desta dissertação foi a Pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2018 intitulada de “Ambivalências do Moderno: Uma investigação sobre a arquitetura moderna paulistana por meio da atuação de Arnaldo Furquim Paoliello (1951 a 1962)”, pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em História da Arte do presente pesquisador na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Também foi utilizado o escopo do livro Arnaldo Furquim Paoliello – Vida e Obras, Memórias, lançado no ano de 2022 pela Editora Escola da Cidade.



*Figura 2 - Cartão Postal do Tropical Hotel Santarém - PA, 1976 - Foto Divulgação.*  
Fonte: Blog de Ignácio Ubirajara Bentes de Sousa Neto.

A apresentação da diversificada produção do arquiteto rapidamente abordada neste trabalho, articula-se como um epígono para as necessárias e futuras pesquisas em torno dos diversos recortes temporais já mencionados e alheios aos objetivos desta dissertação.

O resultado desta pesquisa levou à seguinte estrutura para a dissertação:

- 1. Arnaldo Furquim Paoliello (1927-): profícuo construtor em diferentes escalas*
- 2. Arquiteto em Construção: a atuação de Arnaldo Paoliello*
- 3. Residências Unifamiliares: A Construtora Paoliello Ltda. (1949-1956)*
- 4. A Arquitetura Residencial de Arnaldo Paoliello*

No primeiro capítulo: *Arnaldo Furquim Paoliello (1927-): profícuo construtor em diferentes escalas*, são narradas as origens do arquiteto. Nele são apresentados sua ancestralidade familiar, e, como as atividades profissionais de seu pai submeteram a família ao trânsito entre a cidade de Bebedouro - no interior do estado - e a capital paulista, onde principiaram-se os primeiros vínculos do arquiteto com a cidade até a sua mudança definitiva, quando realizou sua formação e consolidou sua carreira.

Em seguida é narrado o regresso temporário de seu pai à Bebedouro, circunstância que submeteu o futuro arquiteto à tutela de seu tio, mencionado por Paoliello como *uma de suas principais referências de vida*<sup>9</sup>, sendo este seu principal incentivador ao ingresso no *Mackenzie College* para concretizar sua formação no curso de engenheiro-arquiteto.

Aqui são mencionados os logradouros onde residiu em São Paulo, as escolas onde estudou, os ambientes frequentados ao longo de juventude, e os espaços de sociabilidade em que o arquiteto foi introduzido e constituíram parcela representativa de sua futura clientela tão logo se forma engenheiro-arquiteto.

Em sequência são relatadas suas experiências ao longo de sua formação, período em que a constituição do campo arquitetônico – tanto acadêmico quanto profissional – se consolidava entre embates e disputas. Os relatos de Paoliello acerca da estrutura do recém-criado curso de Arquitetura e Urbanismo se entrelaçam com sua história pessoal, e denotam como os percalços vividos ao longo deste período frutificaram posteriormente em sua carreira como arquiteto, tanto pelos aprendizados adquiridos, quanto pelas relações sólidas construídas com colegas de classe e professores que perduraram além do convívio acadêmico.

No segundo capítulo, *Arquiteto em Construção: a atuação de Arnaldo Paoliello*, baseado em uma revista comemorativa e no seu portfólio profissional, são apresentadas as quatro fases de sua atuação profissional, e as respectivas tipologias arquitetônicas mais expressivas de cada ciclo.

O estágio no escritório do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke, um dos mais ativos na cidade de São Paulo naquele momento, o aproximou de um círculo social aberto às novas propostas de morar introduzidas pela arquitetura moderna, ao qual prestaria serviços a partir da constituição de sua própria construtora. Muitos arquitetos desse círculo social dos seus anos de formação foram colaboradores na sua construtora.

A primeira atém-se ao período de fundação de sua construtora, em que trabalhou majoritariamente projetando e edificando residências; subsequente ao período em que

---

<sup>9</sup> PAOLIELLO, 2016, p. 07.



prestou serviços a instituições privadas e públicas onde desenvolveu projetos urbanísticos e planos diretores; a fase terciária em que enfatizou sua atuação novamente para o capital privado em frentes nacionais e internacionais, gerenciando departamentos do ramo hoteleiro espalhados por todo território nacional; e por fim, sua última fase sintetizou sua atividade realizando projetos das várias tipologias às quais se dedicou ao longo de sua vida.

São abordados os contatos articulados no Mackenzie College, entre os colegas do curso de arquitetura e dos cursos de engenharia do qual Paoliello se desvinculou ao optar por cursar Arquitetura, após a cisão dos cursos. Posteriormente, esses relacionamentos repercutiram na fase terciária de sua obra em um momento de recuo em sua produção devido a contratempos pessoais.

No transcorrer do capítulo são destacados os projetos mais relevantes executados em cada período - além de uma relação de projetos executados anexa ao desfecho da dissertação – abrangendo a totalidade de seu legado.

Ainda neste capítulo é apresentada a trajetória do estudante de arquitetura e seu ingresso no mercado da construção civil, suas experiências enquanto estagiário, e os precedentes históricos que antecedem sua atuação individual.

No terceiro capítulo: *Residências Unifamiliares: A Construtora Paoliello Ltda. (1949-1956)*, são apresentadas as 39 residências edificadas ao longo da atuação da empresa, ressaltando majoritariamente as soluções técnicas e plásticas adotadas em busca do desenvolvimento de uma linguagem moderna, além dos projetos das residências familiares, publicadas e premiadas no contexto de sua execução.

Também são apresentados os clientes e seus vínculos com o arquiteto, a fim de apontar eventuais liberdades no desenvolvimento dos projetos proporcionada pelo capital social construído pelo arquiteto, revelado pela proximidade entre o profissional e sua clientela.

No quarto e último capítulo: *A Arquitetura Residencial de Arnaldo Paoliello*, buscamos reconhecer o diálogo estabelecido entre seus pares, a produção precedente

e suas propostas de uma nova organização baseada nos princípios modernos relativos ao programa, ao espaço, às técnicas, aos materiais e à estética.

São reconstituídas as redes de sociabilidade do arquiteto, evidenciando como as relações estabelecidas no decorrer do período de graduação lhe permitiram constituir e consolidar um lastro social que subvencionou sua trajetória profissional.

Também seus vínculos familiares foram fundamentais na consolidação da sua atividade profissional. O casamento com a filha de um industrial pioneiro no ramo farmacêutico, abriu-lhe as portas para inúmeras demandas. Fez diversos projetos de residências para membros desta família, cuja divulgação em periódicos especializados o projetou profissionalmente no mercado da construção, garantindo visibilidade a sua arquitetura e propiciando premiações logo no início de sua carreira.

Das 39 residências edificadas nesse período, interessa-nos observar as características que sustentam sua modernidade, e investigar os perfis de seus moradores a fim de compreender como o projeto arquitetônico atendeu às demandas do seu tempo, relacionou-se com as de seus colegas, e teve sua criação possibilitada pelas relações familiares e sociais que cultivou desde sua formação.

## 1. **Arnaldo Furquim Paoliello (1927- ), profícuo construtor em diferentes escalas**

“Era uma vez... Sim, era uma vez três estudantes do curso de Arquitetura da Universidade Mackenzie, que tinham seus planos e sua ambição de progredir na vida, realizando uma obra que lhes fosse agradável sob o ponto de vista profissional e proporcionasse aos seus semelhantes algum conforto e melhor alegria de viver”.<sup>10</sup>

(Arnaldo Furquim Paoliello)

### 1.1. **Genealogia edificante<sup>11</sup>**

Pai de dois arquitetos, marido de uma paisagista autodidata, filho de engenheiro/paisagista quase autodidata e uma mãe afeiçoada por jardinagem e decoração de interiores. Os ímpetos criativos acerca de idealizar, projetar e construir espaços não parece ser dentre seus familiares uma peculiaridade de Arnaldo Paoliello. Mas, sem dúvida, ele é quem tem a maior produção arquitetônica – não apenas pelos números que impressionam – mas pela visibilidade de seu trabalho.

Nasceu no dia 3 de novembro de 1927, em uma residência projetada e edificada por seu pai, que a despeito da não conclusão no curso de engenharia no Mackenzie College, obteve nos dois primeiros anos cursados o conhecimento técnico necessário para construir a residência, além de ter-lhe inculcido o repertório necessário para lançar-se posteriormente em empreitadas imobiliárias na capital Paulista. Arnaldo Furquim Paoliello nasceu às 17 horas em um logradouro com o nome de seu avô materno – Avenida Raul Furquim, no então número 137.

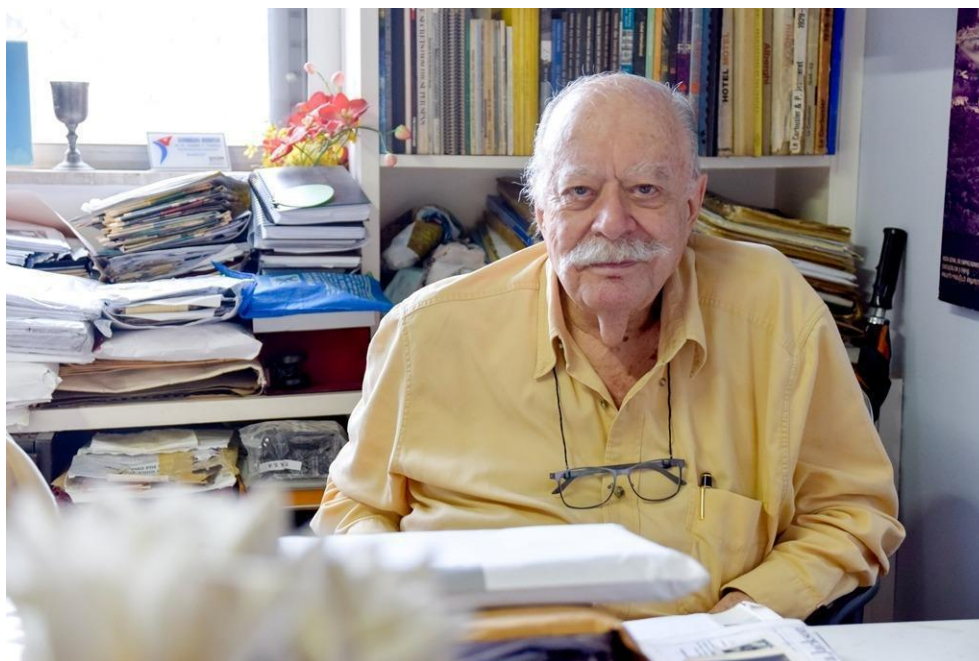
Seus pais se conheceram por volta de 1921, quando seu pai – Luiz Paoliello Sobrinho – residia em São Paulo para fazer o curso preparatório de vestibular para o curso de Engenharia do Mackenzie College. Sua mãe – Lavínia Furquim – neste período

---

<sup>10</sup> PAOLIELLO, 1955, p.15

<sup>11</sup> PAOLIELLO, 2016, p. 05 – 08; 2018.

era aluna do Colégio Stafford. O desejo do matrimônio fez seu pai abandonar o curso no final do segundo ano para retornar a Bebedouro, no interior paulista, a fim de angariar fundos para o casamento que ocorreu no final do ano de 1926, no dia 4 de dezembro.



*Figura 3 - Arnaldo Paoliello no escritório de sua residência em meio a seu acervo, 2018.*

Fonte: Foto do Autor

Mais do que os anos que seu pai cursou engenharia, o grande incentivador que estimulou Paoliello a prestar o curso de Engenharia-Arquitetura no Mackenzie foi seu tio George Aloysius Nixon, um norte-americano provindo de uma família abastada de mineradores de ouro no estado da Califórnia, nos Estados Unidos da América. Após formar-se na Sorbonne Université em Paris, em uma viagem de volta ao mundo, Nixon contraiu tuberculose e foi involuntariamente obrigado a desembarcar no meio da viagem no Rio de Janeiro, onde por indicação médica tomou a decisão de mudar para Muzambinho no estado de Minas Gerais, local em que conheceu e casou-se com a irmã mais velha de Luiz Paoliello Sobrinho – Cândida Carolina Paoliello, a tia “Candoca”.

No interior de Minas Gerais, Nixon fundou um colégio onde estudou o pai de Paoliello, que também por indicação deste, decidiu mudar-se para São Paulo a fim de frequentar o curso preparatório para o vestibular do curso de engenharia do Mackenzie.

## 1.2. Paoliello(s) entre Bebedouro e São Paulo<sup>12</sup>

Em 1937, os pais de Paoliello e seus irmãos mudaram-se para um sobrado geminado no bairro do Jardim Paulistano em São Paulo - na então Rua Dona Hipólita - atual Alameda Gabriel Monteiro da Silva. No decurso dos anos subsequentes em que residiam na capital, as crianças frequentaram e conviveram majoritariamente nas redondezas do Jardins – região que contava neste contexto com uma mescla de arrabaldes urbanos e bairros-jardins planejados pela *Companhia City*<sup>13</sup>, os quais eram destinados a extratos sociais de médio e alto poder aquisitivo. Segundo narra Paoliello, naquele período, as ruas do bairro do Jardim Paulistano - quase em sua totalidade - não contavam sequer com pavimentação e eram atendidas por duas linhas de bondes.

Arnaldo e Roberto foram matriculados no Colégio Paes Leme<sup>14</sup>, enquanto Maria Lúcia foi matriculada em um jardim de infância nas redondezas da residência dos Paoliellos, até alcançar os 7 anos de idade – quando foi matriculada no Externato Elvira Brandão.

Este período foi marcado por brincadeiras de rua pelo bairro com os moradores locais, passeios de bicicleta até o Aeroporto de Congonhas para ver o pouso dos aviões, tardes com sua tia Ivone no Clube Germânia<sup>15</sup>, além de passeios em família aos finais de semanas pelo centro da cidade.

Ocasionalmente aos sábados a família frequentava o Cine Pedro II no Anhangabaú, para assistir *filmes de cowboys*, e depois comer sanduíches de salsicha na esquina da Avenida São João, localizados na região central da capital paulista - onde se chegava de bonde<sup>16</sup>, o automóvel era um privilégio destinado a poucos. Às noites de domingos,

---

<sup>12</sup> PAOLIELLO, 2016, p. 09 - 14.

<sup>13</sup> WOLFF, 2000, p.78.

<sup>14</sup> Localizado nas esquinas entre a Rua Augusta e a Avenida Paulista (PAOLIELLO, 2016, p. 09).

<sup>15</sup> Localizado às margens do Rio Pinheiros no momento em que este ainda apresentava condições para banhos, o clube foi renomeado como Clube Pinheiros devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

<sup>16</sup> Segundo Paoliello, o bairro era atendido neste contexto por duas linhas de bondes: Jardim Paulistano e Jardim Europa. O traçado da primeira iniciava-se na Praça do Correio na região central da cidade, subia a Rua Augusta até alcançar a Avenida Brasil onde entrava à direita e seguia até chegar a seu ponto final na Rua Juquiá (próxima a atual Rua Iguatemi, limite da ocupação urbana no período) em frente ao *Colégio Inglês*, a partir de onde retornava pelo mesmo trajeto. A segunda linha seguia o mesmo traçado até a Rua Augusta, porém retornava após alcançar a Praça do Vaticano. Posteriormente foi criada uma terceira linha

ocasionalmente os Paoliellos jantavam na no centro com sua tia Ivone e seu noivo, o Doutor Oscar Pereira de Araújo.

Os lucros obtidos com o mercado imobiliário possibilitaram o pai de Paoliello adquirir, em 1935, a Fazenda Bela Vista, localizada na Estação Dona Luiza, entre Bebedouro e Monte Azul; e em 1938 uma fazenda em Pirajuí no ramal Noroeste da ferrovia, que foi rebatizada com o nome de Santa Maria Lúcia, em homenagem a sua filha. Com os lucros excedentes da produção de café em ambas as fazendas, Luiz Paoliello Sobrinho adquiriu em 1940 sua primeira residência própria, localizada no número 1142 da Rua Hipólita, entre as Alamedas Jacupiranga e Itapirapuã. Entretanto, a queda da exportação do café em decorrência da Segunda Guerra Mundial, resultou na perda da residência e das fazendas.

No início de 1942, Paoliello retornou à Bebedouro acompanhado de seus irmãos e sua mãe, para residirem na chácara de seu avô - local que seria seu novo endereço pelos dois anos subsequentes. A convite de sua irmã Ivone, seu pai mudou-se para a sua residência – agora seu esposo – Doutor Oscar, localizada no bairro de Santana à Rua Conselheiro Saraiva. Neste endereço foi visitado ocasionalmente pela esposa e seus filhos. Após algum tempo, Luiz Paoliello mudou-se para o Hotel São Bento localizado no Edifício Martinelli - no centro da cidade - onde residia sozinho até o retorno de sua esposa e seus filhos para São Paulo alguns anos mais tarde.

De volta a Bebedouro, Paoliello e seu irmão Roberto retomaram seus estudos no Colégio Municipal de Bebedouro, onde seu tio Nixon e sua tia Cândida lecionavam. Por serem seus tios professores e residirem nas redondezas do colégio, Paoliello e seu irmão permaneciam à tarde na casa destes após o período das aulas. Ali viviam em uma rotina de estudos regrada, intercalada entre tempos para leitura e prática de esportes – e passeios noturnos entre os amigos de juventude. Nestes anos, sob a influência de seu tio Nixon, Paoliello decidiu qual carreira deveria seguir: *“quero ser engenheiro de fazer casa!”* (PAOLIELLO, 2016, p. 14).

---

– Cidade Jardim – que alcançava as margens do Rio Pinheiros e o atravessava até chegar à antiga torre da Rádio Difusora, de onde retornava ao centro (PAOLIELLO, 2016, p. 09).

Os anos de convivência e estudo sob a orientação de Nixon entre 1942 e 1944 resultaram no ingresso de Arnaldo Paoliello no curso de engenharia do Mackenzie College, e de seu irmão Roberto Paoliello no curso de direito da Universidade de São Paulo, conceituadas instituições paulistanas.

Após as férias escolares de verão, no início do ano de 1945, Paoliello mudou-se novamente para São Paulo com sua mãe e seus irmãos. No decorrer dos primeiros meses residiram com seu pai no Hotel São Bento. Em seguida, mudaram-se definitivamente para uma residência no número 203 da Rua Catalão - no bairro do Sumaré na zona oeste da capital - bairro onde o futuro arquiteto edificaria residências, das quais algumas ainda permanecem.

Paoliello e seu irmão foram matriculados no Mackenzie College para terminar o ensino colegial<sup>17</sup> e sua irmã matriculada no Colégio Nossa Senhora de Sion – tradicional colégio católico na cidade de São Paulo. Paralelamente, Paoliello iniciou seus estudos em um curso preparatório destinado aos alunos que desejavam ingressar no curso de engenharia, que era ministrado pelo professor José Egydio<sup>18</sup>. No ano seguinte, em 1946, aos 19 anos de idade, Paoliello é aprovado para a formação de Engenheiro-arquiteto no Mackenzie College.

---

<sup>17</sup> Como Paoliello estava decidido a prestar o curso de Engenharia, foi matriculado no 3º Ano do “científico”, enquanto seu irmão que desejava estudar direito foi matriculado no 2º Ano do “clássico”. A escolha dos modelos adotados para concluir o colegial encaminhados para as carreiras pleiteadas foi influenciada por Nixon nos anos em que ambos conviveram nos anos precedentes em Bebedouro (PAOLIELLO, 2016, p. 15)

<sup>18</sup> Também professor no Mackenzie, este curso funcionava na Avenida Angélica no bairro de Higienópolis. Segundo Paoliello, era considerado neste período o melhor curso para quem desejava cursar graduação no Mackenzie (PAOLIELLO, 2016, p. 15).

### 1.3. Formação no Mackenzie College



Figura 4 - Turma de formandos do Curso de Arquitetura da Faculdade Mackenzie de 1950. Arnaldo Furquim Paoliello é o 4º agachado (da esquerda para a direita).  
Fonte: Arquivo pessoal de Rodolpho Ortenblad Filho (PEREIRA e GUERRA, 2011).

Fundado em 1870 como *Protestant College* de São Paulo, ficou conhecido como *Mackenzie College*. Além de implementar em São Paulo o modelo de ensino norte-americano, o colégio corroborou também como um divulgador da cultura estadunidense no contexto paulistano (ATIQUE, 2017).

Formulado por Christiano Stockler das Neves<sup>19</sup>, o curso de arquitetura da instituição foi fundado apenas em 1947, quando foi separado do curso de engenharia. Anteriormente, os alunos tinham a opção de realizar sua formação como engenheiro-arquiteto. Apesar da cisão entre os cursos, muitas disciplinas eram comuns a ambos os cursos, possibilitando a convivência entre os estudantes que resultou em diversas

---

<sup>19</sup> Diretor do curso de arquitetura no Mackenzie College, Stockler das Neves formou-se em arquitetura pela School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia em 1911. O curso era estruturado seguindo os princípios da École des Beaux-Arts de Paris (REGINO, 2011, p. 51)



parcerias profissionais após o período de formação, algumas das quais envolvendo Paoliello que serão comentadas a seguir.

Na primeira turma do novo curso de arquitetura, formaram-se, entre outros: Carlos Alberto Cerqueira Lemos, Arnaldo Furquim Paoliello, Roberto Cláudio dos Santos Aflalo e Rodolpho Ortenblad Filhos (PAOLIELLO, 2018). Os estudantes viviam o conflito entre sua formação em um curso formulado a partir de modelos acadêmicos, em contraste com as referências de arquitetura moderna que começavam a se despontar pela cidade de São Paulo.

Embora o curso de Arquitetura do Mackenzie ter sido formulado nos modelos acadêmicos *beaux-arts*, influenciado pela formação de seu diretor, ao longo do curso os alunos tinham contato com revistas técnicas norte-americanas<sup>20</sup> nos escritórios em que estagiavam. As publicações de projetos modernos americanos aguçaram a curiosidade dos estudantes pela nação que, após a segunda guerra mundial passou a ser vista como sinônimo de modernidade e progresso (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005; ATIQUE, 2007; SEGAWA e ATIQUE, 2017), fato que levou alguns alunos após a conclusão do curso a visitarem o país, conhecendo as edificações que viam nas revistas (FORTE, 2001; PEREIRA, 2010)

O desejo dos alunos de adotar as novas referências nos seus projetos, era criticado por Stockler das Neves que defendia os preceitos do modelo arquitetônico *beaux-arts*. O uso de elementos baseados nas ordens dórica, jônica, coríntia e compósita e nas regras clássicas de composição como harmonia, equilíbrio e perfeição deveria ser o padrão a ser desenvolvido. (REGINO, 2011, p. 52; IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 101).

Estes preceitos geravam conflitos constantes entre os estudantes e o professor na formulação e apresentação dos trabalhos. Os projetos entregues para avaliação que não se adequassem aos parâmetros estipulados por Stockler das Neves, eram criticados e ameaçados de serem reprovados. (REGINO, 2011, p. 52; IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005,

---

<sup>20</sup> Segundo ATIQUE, a atual Escola Politécnica da USP possui em seu acervo, publicações norte-americanas que permitem atestar as fontes para o desenvolvimento de projeto utilizados pelos graduandos, e as fontes de erudição utilizadas pelos professores das faculdades de arquitetura (ATIQUE, 2007, p. 308).

p. 101). Ao ingressarem na vida profissional, muitos deles se libertaram da pressão da arquitetura acadêmica, aderindo à arquitetura moderna. (PINHEIRO, 1998, p. 39).

O mercado de trabalho proporcionava aos arquitetos a oportunidade de atender a uma clientela abastada que almejava “viver à americana”, e se beneficiar de todas as benesses que os avanços tecnológicos oferecidos pela indústria poderiam oferecer à vida doméstica<sup>21</sup> (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 11). O ambiente cultural favoreceu a adesão às ideias modernas que circulavam nas revistas e nos debates entre os colegas. (FORTE, 2001, p. 115).

A postura do diretor do curso estimulou os alunos a desenvolverem atividades extracurriculares na faculdade. Em ateliês externos, estudavam projetos publicados em periódicos e visitavam escritórios de arquitetos, entre eles Oswaldo Arthur Bratke, arquiteto de grande projeção na cidade de São Paulo - e de quem Paoliello foi estagiário e quase se tornou sócio posteriormente (IRIGOYEN DE TOUCEDA, p. 104).

As características da arquitetura moderna de referência estadunidense se faziam presentes na obra de diversos arquitetos formados no Mackenzie e em outras instituições.<sup>22</sup> Seus projetos assimilaram inovações funcionais introduzidas pela esfera doméstica, e soluções técnicas e formais de obras desenvolvidas quase simultaneamente na costa oeste estadunidense (IRIGOYEN DE TOUCEDA, p. 11).

A clientela detentora de capital cultural e contratante de projetos arquitetônicos também era seduzida pela nova linguagem veiculada pelas revistas norte-americanas

---

<sup>21</sup> Fernando ATIQUÉ (2007) mostra em sua tese que a cozinha foi o espaço privilegiado dessas mudanças, inserindo os eletrodomésticos facilitadores das tarefas cotidianas, que visavam a simplificação e organização da vida doméstica. Esse processo foi possibilitado pela implementação das redes de água, esgoto e energia que chegavam aos lares brasileiros nas primeiras décadas do século XX.

<sup>22</sup> Podemos perceber pela Revista Acrópole a constância da apresentação de projetos destes arquitetos, muitos ex alunos do Mackenzie. Dentre eles Roberto Cláudio dos Santos Aflalo, Marino Fernandes Barros, José Augusto Belluci, Alberto Botti, Oswaldo Arthur Bratke, Salvador Candia, Galiano Campaglia, Plínio Croce, Giancarlo Fongaro, Miguel Forte, Rosa Kliass, Miranda Magnoli, César Luiz Pires de Mello, Carlos Millan, José Luiz Fleury de Oliveira, Rodolpho Ortenblad Filho, Max Ouang, Arnaldo Furquim Paoliello, Marc Rubin, Jacob Rutchi, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Eugenio Szilagyí e Gregório Zolko (IRIGOYEN DE TOUCEDA 2005, p.11).

como a *Life* ou a *Time*<sup>23</sup> e a pela produção cinematográfica<sup>24</sup>, incentivadoras das mudanças arquitetônicas. O processo se iniciou no período entre guerras e se intensificou no segundo pós-guerra, propiciando não apenas a “proliferação de cinemas pela cidade de São Paulo”, mas indicava também

a aceitação crescente dos modos comportamentais, dos produtos e da estética mostrada nas telas. Como essa estética era, às vezes, produto da “fábrica de ilusões”, que construía histórias e arquiteturas simbólicas, o espectador transportava esse projeto estético, muitas vezes, para sua vida real (ATIQUE, 2007, p. 129).

O caminho para assimilação das referências residenciais estadunidenses pelos arquitetos paulistanos teve seu precedente nas casas hispano-americanas - conhecidas como *mission style* - até a adoção do modernismo, associado à ideia de progresso difundindo o uso dos recém-criados eletrodomésticos como facilitadores do dia a dia (ATIQUE, 2007).

O grande crescimento da cidade de São Paulo na década de 1950, gerou ampla expansão urbana, incrementando os novos bairros residenciais e abrindo muitas oportunidades aos arquitetos de edificar suas ideias modernas.

#### **1.4. Experimentações arquitetônicas**

O contato inicial de Arnaldo Furquim Paoliello com as pranchetas de um escritório de arquitetura ocorreu através de seu ingresso como estagiário nos primórdios da graduação. Simultaneamente à rotina de desenvolvimento de projetos hipotéticos, nos escritórios eram desenvolvidos projetos exequíveis que colocaram o estudante em contato com as novas linguagens em voga.

---

<sup>23</sup> Muitas famílias assinavam as revistas de atualidade tendo nos modelos residenciais unifamiliares norte-americanos o estímulo à assimilação da inovação, em um contexto em que a Europa se voltava à moradia social e focada em sua reconstrução (IRIGOYEN DE IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p.188).

<sup>24</sup> Para mais informações sobre o cinema na produção arquitetônica, ler ATIQUE, 2007, p.128-132; TRAMONTANO, 1998, p.189-196.



*Figura 5 - Residência projetada por Vilanova Artigas.*  
Fonte: Revista Acrópole, outubro de 1946.

A circulação de textos desenvolvidos por acadêmicos e profissionais da construção atuantes no período apresentava embates de visões no campo arquitetônico. No ano em que Paoliello ingressou no Mackenzie, uma conferência intitulada “Porque Arquitetura Contemporânea” foi realizada no Salão da Biblioteca Municipal em 22 de agosto de 1946. A convite do Departamento de Cultura, o arquiteto Eduardo Kneese de Mello<sup>25</sup> apresentou projetos de Jayme Fonseca Rodrigues e Osvaldo Correa Gonçalves, Rino Levi e uma residência projetada por Vilanova Artigas em São Paulo, enaltecendo os “elementos essenciais” da arquitetura (então) contemporânea, como “utilidade, resistência e beleza (...) brises-soleil, superfícies fáceis de limpar, mecanização, estandardização – utilidade moderna”<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Eduardo Kneese de Mello formou-se Engenheiro-Arquiteto no Mackenzie College no ano de 1931. O arquiteto transitou por diversas linguagens arquitetônicas até tornar-se um defensor da linguagem moderna já em sua maturidade profissional (REGINO, 2006)

<sup>26</sup> Revista Acrópole, outubro de 1946.

Na segunda metade da década de 1940, já despontavam pela cidade de São Paulo diversas manifestações arquitetônicas que adotavam uma linguagem racional e ornamentalmente despojada<sup>27</sup>, que divergiam das propostas no Mackenzie College<sup>28</sup>. Eduardo Kneese de Mello escreveu que

“A arquitetura de hoje tem que ser contemporânea (...). As formas simples, geométricas, os grandes panos de vidro, o ambiente externo, natureza completando o ambiente interno, a pintura e a escultura combinadas à arquitetura – beleza moderna. Nossa arquitetura não pode ser romana, bizantina e gótica, porque esses estilos não refletem nossa época, e arquitetura deve ser um espelho dos tempos”.<sup>29</sup>

A inserção profissional de Paoliello no campo da construção civil ocorreu em 1946 - no mesmo ano desta publicação – quando foi transferido para o recém-inaugurado curso de Arquitetura do Mackenzie College, três anos antes da abertura de sua primeira construtora. A necessidade de arcar com os custos de sua formação, condicionou-o no início de 1946 a dedicar-se a diversas atividades remuneradas que contribuíram com a arrecadação de fundos e corroboraram com a fundação de sua primeira empresa.

Entre os anos de 1947 e 1949, como estudante estagiou nos escritórios *Munhoz & Lara, e Azevedo & Albuquerque*<sup>30</sup>. No escritório *Munhoz & Lara* Paoliello foi colocado em contato com a construção de edifícios comerciais que adotavam a linguagem moderna na região central de São Paulo, que passava por intenso processo de verticalização. A relação com o segundo escritório estendeu-se para além do período em que estagiou com Dante Jorge Albuquerque, engenheiro calculista que prestou serviços posteriormente à *Construtora Paoliello Ltda.*

---

<sup>27</sup> Ao longo dos anos 1950 foram publicados na Revista Acrópole projetos modernos de alguns arquitetos estrangeiros atuantes na cidade de São Paulo, como Giancarlo Palanti, Franz Heep, Victor Reif e Lina Bo, que segundo MELLO (2011), chegaram à São Paulo entre os anos 1940 e 1950 como vetores de inovação, trazendo da Europa alguma experiência profissional e reconhecimento profissional (MELLO, 2010, p. 53-54).

<sup>28</sup> A estrutura do curso de arquitetura no Mackenzie é analisada nos trabalhos de ATIQUE, 2007, cap. 03; REGINO, 2011, cap. 01.

<sup>29</sup> Eduardo Kneese de Mello, Revista Acrópole N.102, outubro de 1946, p. 168.

<sup>30</sup> Algumas obras realizadas pelos escritórios foram publicadas na Revista Acrópole.

Durante seus estágios, Paoliello participou de dois grupos com alguns colegas da Faculdade, que resultaram em duas experiências com finalidades e características distintas.

O primeiro grupo era conhecido pelos colegas de classe como “OPA”, sigla formada a partir das iniciais do sobrenome de cada aluno. Era formado por Rodolpho Ortenblad, Arnaldo Paoliello e Roberto Aflalo. Segundo narra Paoliello, os três costumavam fazer os trabalhos juntos fora dos horários de aula, e sempre desenvolviam as duas propostas de projetos para avaliação de Stockler das Neves<sup>31</sup>.

O segundo grupo era formado por Arnaldo Paoliello, José Carlos Maya, Marino Fernandes Barros, Roberto Aflalo e Vicente Ignatti. Juntos formaram um laboratório arquitetônico experimental que, além de lhes proporcionar ganhos financeiros, tornou-se embrionário na constituição da primeira empresa construtora de Paoliello. Os estudantes associaram-se para obter lucro prestando auxílio no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos para alunos em estágio mais avançado de formação no curso de Engenharia do Mackenzie<sup>32</sup> com os quais dividiam os laboratórios. Uma porcentagem destes alunos era composta por conhecidos ou colegas de formação dos quais eles tiveram contato precedente à cisão entre os cursos de Arquitetura e Engenharia no ano de 1946.

---

<sup>31</sup> PAOLIELLO, 2018.

<sup>32</sup> Dentre os colegas de formação que adotavam os trabalhos prestados pelos alunos associados, pode-se mencionar Adolpho Lindenberg, com quem Paoliello associou-se profissionalmente na década de 1980.



*Figura 6 - Edifício comercial projetado e construído pela Construtora Munhoz & Lara Ltda.  
Fonte: Revista Acrópole, maio de 1950.*

Enquanto o primeiro grupo se caracterizava pela pesquisa extracurricular e prática de desenvolvimento de projetos de cunho estritamente acadêmico, o segundo grupo se caracterizava pelo desenvolvimento de atividades remuneradas, atuando como um pequeno escritório de desenhistas copistas<sup>33</sup> que prestou serviços exclusivamente para alunos em processo de formação.

---

<sup>33</sup> Segundo Paoliello, os trabalhos eram realizados no chupômetro: placa de vidro onde copiávamos desenhos para a turma do quinto ano de engenharia para Adolpho Lindenberg e outros que nos pagavam” (PAOLIELLO, 2017, p. 17).

Os trabalhos eram executados em uma sala comercial<sup>34</sup> próximo ao *Mackenzie College*. Eram realizados no tempo excedente às aulas e aos estágios, ou seja, durante a madrugada e a demanda era intensa<sup>35</sup>.

O bom desenvolvimento dos trabalhos realizados com os colegas aliado à falta de capital suficiente para a fundação de uma empresa autônoma, conduziram Paoliello a associar-se com Marino Barros e Vicente Ignatti para fundarem no dia 13 de abril de 1949 a construtora *Ignatti, Paoliello & Barros Ltda*.

### **1.5. O estágio com Oswaldo Arthur Bratke**

No mesmo ano de fundação desta empresa, Paoliello foi introduzido por Marino de Barros ao arquiteto Oswaldo Arthur Bratke. Conhecido na cidade de São Paulo pelo elevado número de obras realizadas, das quais muitas casas nos bairros recém-abertos pela *Cia City*, como o Jardim América. Após o falecimento do seu sócio Carlos Botti, Bratke encerrou as atividades da construtora Bratke&Botti, e se instalou em um ateliê nos fundos da sua casa na Rua Avanhandava, onde desenvolvia exclusivamente projetos, delegando a execução a outros profissionais.

O repertório arquitetônico proveniente das pranchetas de Bratke era um atrativo aos estudantes de arquitetura que almejavam estagiar em seu escritório. Além dos estagiários que passavam no escritório, Bratke contava com a colaboração de alguns desenhistas, como o húngaro Zoltan Dudus e Lívio Abramo<sup>36</sup>. Apesar de se tratar de um escritório focado exclusivamente no desenvolvimento de projetos, Bratke orientava seus estagiários a trabalharem em contato com os construtores nos canteiros de obras, pois

“O arquiteto era pouco valorizado e não era chamado só para fazer um projeto, tinha que também executar as obras (...) Arquiteto sem contatos

---

<sup>34</sup> O escritório dos alunos funcionava na Rua 07 de abril, 34, onde localizava-se a sede da empresa do pai de Paoliello. Responsável pelo 2º andar do edifício, Luiz Paoliello Sobrinho cedeu a sala 204 para o grupo de estudantes desenvolverem seus trabalhos (PAOLIELLO, 2017, p. 17.).

<sup>35</sup> Atividades desempenhadas com os colegas de turma Roberto Aflalo e Rodolpho Ortenblad Filho, conhecidos no curso de arquitetura do Mackenzie como “OPA” (PAOLIELLO, 2018).

<sup>36</sup> PAOLIELLO, 2021.



com os verdadeiros artesãos no início de carreira virava um teórico e acabava propondo projetos inexecutáveis na prática” (PAOLIELLO,2016, p. 17).

Paoliello começou a frequentar o ateliê de Bratke primeiramente em seus dias de folga, até finalmente começar a estagiar no escritório - em paralelo aos trabalhos em andamento de sua firma construtora. Segundo narra o arquiteto,

“Passei a também estagiar no seu escritório, onde aprendi o que era um verdadeiro escritório de projetos e planejamento urbano, método e uso de técnicas de montagem de programas de projetos e apresentação dos estudos preliminares com perspectivas muito bem desenhadas. Foi meu verdadeiro mestre e exerceu muita influência na minha vida profissional” (PAOLIELLO,2016, p. 17).

A boa relação de trabalho entre ambos gerou de Bratke uma proposta para Paoliello associar-se a ele em seu escritório, que a princípio foi bem aceita. Porém, a delonga de Bratke em oficializar legalmente a decisão, associado às altas demandas de trabalho na Construtora Paoliello Ltda., resultaram no desligamento de Paoliello do escritório, passando a dedicar-se exclusivamente a sua construtora.

Um fator decisivo para o desligamento foi a cisão da sociedade entre Paoliello e Marino Barros no início de 1952. Em comum acordo, ambos decidiram seguir suas trajetórias individuais. Barros associou-se ao arquiteto chinês Max Ouang e seguiu edificando projetos para outros alunos do Mackenzie, além de alguns projetos pessoais. Paoliello associou-se ao seu irmão Roberto Paoliello, que se tornou responsável pelo setor administrativo e financeiro da *Construtora Paoliello Ltda.* - A empresa atuou no mercado da construção até 1965, ano em que Paoliello associou-se ao arquiteto Fernando Moreira e iniciou uma nova fase de sua trajetória profissional.

A partir da associação com Moreira, Paoliello mudou o endereço de seu escritório, o enfoque nas tipologias arquitetônicas, e encerrou a fase de sua obra predominantemente residencial, passando a trabalhar em projetos de escalas urbanas para a esfera pública e privada.



*Figura 7 - Arnaldo Paoliello e Zoltan Dudus no ateliê de Oswaldo Bratke, 1948.*  
Fonte: Acervo do arquiteto.

## 2. Arquiteto em Construção – A atuação de Arnaldo Paoliello

### 2.1 Precedentes Históricos

Dentre os objetivos desta pesquisa, buscamos investigar a produção arquitetônica de Paoliello e relacioná-la ao contexto da produção residencial no contexto paulistano – especificamente entre os anos de 1949 e 1956, período de atuação através de sua construtora. Sem intenção de isolar sua produção entre os profissionais contemporâneos ao seu contexto de produção, neste trabalho são reconstituídas as redes de sociabilidade do arquiteto, a fim de entender sua inserção no meio profissional e pontuar as trocas realizadas entre seus colegas próximos de formação. Essa investigação nos lança uma perspectiva de abordagem e conhecimento da diversidade da produção gerada por diversos profissionais que iniciaram suas trajetórias partindo de um pressuposto em comum: sua formação.

A partir da análise das residências edificadas por Paoliello nos primeiros anos consecutivos a sua formação – em um primeiro momento associado a outros arquitetos, em um segundo através de sua trajetória individual – podemos resgatar características compartilhadas entre os profissionais, que provinham além de sua formação, através da troca de experiências e adoção de referências particulares a experiência individual de cada um, que refletiram posteriormente em sua produção.

O início da atuação de Arnaldo Paoliello no cenário arquitetônico da capital paulista, coincidiu com a gradual assimilação dos pressupostos da arquitetura modernista ocorrido no decorrer do período pós-guerra. Precedente ao advento da adoção do modernismo na arquitetura paulistana, as construções da cidade apresentavam diversas referências estilísticas arquitetônicas, que foram reunidas pela historiografia e classificadas como *arquitetura eclética*. O título que outrora reuniu variações estilísticas dotadas de linguagens particulares pelos quais os profissionais se

orgulhavam em dominar, a partir da década de 1950 passou a ser visto como juízo de valor depreciativo pelos arquitetos que adotavam os preceitos modernos.<sup>37</sup>

Independente do amplo espectro estilístico adotado nas composições plástico-volumétricas formulados e praticados no desenvolvimento de arquiteturas ecléticas, Tramontano demonstrou que a organização espacial das residências edificadas em décadas anteriores, demonstravam seu caráter modernizador ao atender às funções tipicamente burguesas através da adoção da planta de organização tripartite (TRAMONTANO, 1996, p. 198).

A perpetuação das linguagens arquitetônicas ainda resultava de um fator social de seu público consumidor. Segundo Carlos Lemos, grupos de imigrantes enriquecidos e membros das elites tradicionais locais, adotavam o vocabulário estilístico que referenciava a arquitetura existente em seu país de origem, ou gerava composições de versões românticas dos contextos originais, adaptadas às modas contemporâneas ao momento da edificação de sua residência (LEMOS, 1985, p. 153).

As arquiteturas edificadas em *estilos pitorescos* eram caracterizadas em suas composições plásticas pela adoção de materiais em seu estado natural - como pedras, tijolos e madeira – que buscavam resgatar elementos visuais da vida campestre (WOLFF, 2001, p. 45). As composições apresentavam arquiteturas ímpares com volumetrias e coberturas movimentadas, sem qualquer preocupação de precisão estilística, visando apenas expressar os traços de personalidade de seus moradores (PINHEIRO, 1998, p. 62).

No Brasil foram realizadas as primeiras manifestações arquiteturas que romperam com os modelos do passado a partir da década de 1920. O exemplo mais citado desta ruptura foi o da Casa Modernista, projetada e construída por Gregori Warchavchik na Rua Santa Cruz, no Bairro da Vila Mariana.<sup>38</sup> Segundo Tramontano,

---

<sup>37</sup> Arquitetos como Eduardo Kneese de Mello, após aderirem ao movimento modernista consideraram sua produção anterior sem valor arquitetônico (REGINO, 2011).

<sup>38</sup> Embora a Casa Modernista (como hoje é conhecida) apresenta-se um aspecto de formalidade, esta era alcançada utilizando técnicas tradicionais na cobertura, que era constituída de um telhado de peças cerâmicas sobre tesouras de madeira, escondidos por uma platibanda. A ausência da produção industrial

“Construída em São Paulo em 1927, quis ser um manifesto modernista que ilustraria, para o público local, as teorias de Le Corbusier sobre a nova arquitetura. Seu sistema construtivo (...), nada tinha a ver com as duas casas que o próprio Le Corbusier construiria, neste mesmo ano, (...) como “pretexto enunciado dos cinco pontos da arquitetura moderna” (TRAMONTANO, 1998, p. 119).

Apesar da contradição exposta pelo autor, diversos fatores possibilitaram a prática de uma arquitetura moderna brasileira - que através da influência de Le Corbusier se inicia no Rio de Janeiro, e posteriormente em São Paulo – dentre os quais notamos o contato com outros arquitetos estrangeiros que chegavam ao Brasil com referências do Modernismo surgido na Europa; a circulação de revistas norte-americanas nos escritórios e universidades brasileiras; a constituição de novos cursos de arquitetura na cidade de São Paulo desvinculados aos cursos de engenharia.

A dissonância evidenciada anteriormente na Casa Modernista de Warchavchik, pode ser observada em projetos residenciais publicados em revistas que apresentavam obras consideradas modernas por romperem plasticamente com os padrões de ornamentação das décadas precedentes, não rompendo necessariamente com características espaciais tradicionais existentes nestas residências. Uma aproximação destas casas nos parece evidenciar que a ruptura plástica com os padrões de ornamentação não foi uma exclusividade dos pressupostos modernos adotados nos projetos a partir da década de 1950, mas foi parte de um processo gradual e contínuo que já vinha se desenvolvendo há algumas décadas (PINHEIRO, 1997; WOLFF, 2001; SEGAWA, 2007).

No estudo realizado em torno da obra do arquiteto Jacques Pilon e a formação do mercado de arquitetura em São Paulo no período apresentado por Joana Mello (2012), pode ser observado que o “campo arquitetônico no Brasil, entre 1930 e 1960 foi plural, com embates, entraves, e com contribuições de muitas origens (...) Na construção da cidade moderna em São Paulo, houve diversidade de experiências (...) propostas

---

de bons impermeabilizantes não possibilitava ainda a construção de lajes planas – típicas ao Modernismo. Ver a respeito LIRA, 2010.

variadas e imagens de modernidade diferentes” (MELLO, 2012, p. 226). Mais especificamente sobre a última década mencionada por Joana Mello,

O Brasil da década de 1950 vivenciava um período de vertiginoso crescimento econômico e urbano, que rapidamente estimulou a arquitetura da habitação unifamiliar com o enriquecimento das camadas médias da população (BRASIL, 2007, p. 54)

Este contexto proporcionou inúmeras encomendas de projetos residenciais a arquitetos recém-formados no início da década de 1950. A criação de novos bairros destinados às classes ascendentes possibilitou a adoção de novas referências arquitetônicas, configurando uma identidade nova para grupos que já não mais se identificavam com a carga simbólica de referência historicistas, e passou a consumir elementos da produção cultura norte-americana, difundidos pelos veículos de comunicação de massa, como o cinema (ATIQUÊ, 2007). Além de tecnologias facilitadoras da vida doméstica e a “liberdade” oferecida pelos automóveis, o cinema contribuiu para a assimilação de outra proposta norte-americana entre os paulistanos: *bairros-jardins*.<sup>39</sup>

O exemplo mais conhecido desse tipo de empreendimento foi a Companhia City. Fundada e dirigida em São Paulo por Barry Parker e Raymond Unwin, a empresa adquiriu extensos lotes de terras por toda cidade e implementou bairros planejados nos modelos das bairro-jardim, como os elaborados por Ebenezer Howard na Inglaterra.

A experiência bem-sucedida no lançamento e comercialização dos lotes no Jardim América em 1910, resultaram nos lançamentos de novos empreendimentos como a implementação do mesmo modelo nos loteamentos dos bairros do Alto da Lapa (1921), Pacaembu (1925), Alto de Pinheiros (1925), e Butantã (1935). O sucesso de seus empreendimentos influenciou ainda na criação de outros bairros nos mesmos moldes

---

<sup>39</sup> O modelo desenvolvido pela Companhia City trazia além da implementação do bairro, sistema de financiamento de terrenos e construção de residências, muitas vezes dentro de normas e padrões mais rígidos que aqueles impostos pelos códigos municipais de obras. Para mais informações ler WOLFF, 2000.

por inicia de outras companhias<sup>40</sup> (WOLFF, 2000, p. 78). Parte desse sucesso pode ser atribuído a escassez de oferta de lotes disponíveis à construção nos antigos logradouros destinados à habitação de setores médios e de alto poder aquisitivo na cidade de São Paulo, no contexto em que

“Os milionários abandonaram a Avenida Paulista. Seguindo a expansão da cidade, desceram com ela o Sul da colina, para bairros sossegados de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana (...) deixam-se entrever no fundo de jardins abertos nos pequenos bosques rústicos onde se implantam esses loteamentos” (LÉVI-STRAUSS, 1999, p. 94 APUD. ATIQUÉ).

Além da comercialização dos lotes, o modelo utilizado pela companhia foi recebido no contexto paulistano como proporcionador de qualidade de vida, estimulando mudanças em legislações municipais que formaram as diretrizes que compunham o novo código de obras em 1934, quando foi criado o Código de Obras Arthur Saboya, que regulamentou as construções na cidade até o ano de 1955 (WOLFF, 2000, p. 60). Nele foi previsto diretrizes em acordo com os ideais sanitaristas para a implementação de novos bairros, hierarquias de ruas, coeficientes de ocupação de solo e área construída e recuos obrigatórios.

A oferta de terrenos em grandes dimensões em bairros-jardim, aliada à especulação imobiliária em áreas centrais e ao crescimento populacional e territorial da cidade, propiciou a criação de novos bairros simultaneamente à adoção de referências de novos modelos arquitetônicos, corroborando a assimilação de seus pressupostos na edificação de residências em bairros que estavam então sendo implementados principalmente no setor sudoeste da cidade (VILLAÇA, 1998).

---

<sup>40</sup> Vizinho ao Jardim América - empreendimento realizado pela Cia. City - foi implementado o Jardim Europa por Hypolito Pujol Junior; posteriormente foram loteados os bairros de Paineiras do Morumbi e Jardim Leonor, por Oscar Americano e Oswaldo Arthur Bratke; e Fazenda do Morumbi empreendido por João Gonçalves, dentre tantos outros que surgiram posteriormente (IRIGOYEN DE IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 85-86).

## 2.2 Trajetória profissional

Embora Arnaldo Paoliello tenha obtido seu diploma no ano de 1950 no Mackenzie College, sua atuação profissional teve início em 1947 e se estendeu até 2010, ano em que o arquiteto oficializou o encerramento de suas atividades em carta destinada à família<sup>41</sup>. No decorrer de seus longevos sessenta e três anos de carreira, sua atuação em empresas, as alianças com profissionais da construção civil e dedicação a segmentos diversificados, contribuíram com o delinear dos períodos em sua trajetória.

A partir dos critérios citados acima, o arquiteto dividiu sua carreira em quatro períodos de atuação que foram brevemente apresentados em seu portfólio. Neste capítulo serão apresentadas as quatro fases, acrescidas de informações obtidas em outras fontes que nos auxiliam na compreensão de sua carreira.

O fato desta pesquisa desenvolver um trabalho inédito sobre a obra do arquiteto pressupõe uma apresentação introdutória sobre toda carreira do profissional estudado, oferecendo um ponto de partida para pesquisas posteriores. A apresentação não se aprofundará em detalhes e especificidades de cada período, devido o objeto de estudo escolhido e o recorte temporal adotado se limitarem aos projetos residenciais unifamiliares, desenvolvidos na primeira fase de sua atuação e publicados em uma revista comemorativa apresentada após sua trajetória.

Ao longo do texto serão apontados os eixos produtivos predominantes em cada período abordado. A lista completa de projetos desenvolvidos ao longo de sua carreira encontra-se em anexo no final do presente trabalho. Por não ser o foco desta pesquisa, serão apresentados apenas por tipologia construtiva, não deixando de contribuir com a compreensão da produção intensa e colaboração do profissional no contexto da segunda metade do século XX.

---

<sup>41</sup> A carta direcionada à família foi anexada em seu livro de memórias produzido para os familiares no ano de 2017.



### 2.3 O arquiteto construtor, de 1950 a 1965

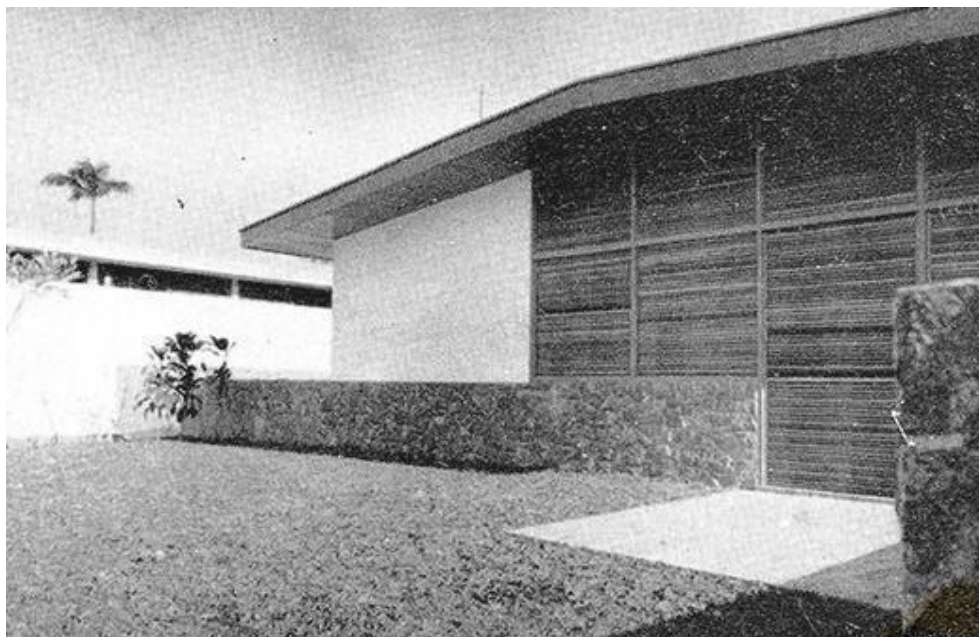


Figura 8 - Fachada da residência de José Roberto Rocco. Projeto desenvolvido por Arnaldo Paoliello e Fernando Moreira.

Fonte: Revista Acrópole, nº 278, p. 45, 1962.

Este período inicia-se com a obtenção do diploma do arquiteto, e se encerra com o término das atividades da *Paoliello Arquitetos S. A.* Durante este período foram executados cerca de 350 projetos, dos quais cerca de 200 foram efetivamente construídos<sup>42</sup>. Segundo o arquiteto, o período predominantemente destinado à arquitetura residencial, foi dedicado ao aprendizado de técnicas construtivas em acompanhamento à execução das obras de caráter artesanal, e ao desenvolvimento de processos de industrialização para a construção civil. Este período ainda pode ser subdividido em duas fases que incluem o ano anterior à formação de Paoliello e serão descritas a seguir.

O período entre os anos de 1949 e 1957 corresponde ao funcionamento das firmas *Ignatti, Paoliello & Barros Ltda.* (Fundada em abril de 1949), *Paoliello e Barros Ltda.* (Fundada em setembro de 1950), e *Construtora Paoleillo Ltda.* (Fundada em janeiro de 1952). Nas duas primeiras experiências, Paoliello foi acompanhado pelos colegas de formação Vicente Ignatti e Marino Barros, antes de iniciar sua trajetória individual a

---

<sup>42</sup> Os números apresentados ao longo deste capítulo foram obtidos no Portfólio da Paoliello Arquitetos S/C. Ltda.

partir de 1952. A contribuição de cada profissional será abordada com mais detalhes no terceiro capítulo.

No decorrer deste período foram executadas 43 obras, sendo a construção de 39 residências, dois edifícios residenciais, uma indústria e a reforma de uma loja. A produção residencial desenvolvida neste período será apresentada com mais detalhes no terceiro capítulo, em que serão destacados o *modus operandi* do arquiteto no desenvolvimento dos projetos residenciais, e a importância de sua rede de sociabilidade nos primeiros anos de sua atuação profissional.

Em 1957, Paoliello alterou a razão social e atuação de sua empresa, surgindo a *Construtora Paoliello S. A.* Associado ao arquiteto Fernando Moreira, abriram um novo escritório na Avenida Vieira de Carvalho e contavam com a prestação de serviços de três engenheiros que os auxiliaram na execução de obras de maior porte.

No ano seguinte foi fundada a *Planalto Central Empreendimentos*, posteriormente renomeada para *Planesa Empreendimentos e Participações S. A.* A empresa de capital aberto reunia um grupo de investidores, que incorporaram os empreendimentos realizados nos anos consecutivos. Após sua conclusão, as unidades eram comercializadas pelo Consórcio de Empreendimentos imobiliários (CEI), empresa formada em sociedade com o corretor Bruno Buffardi.

A Planesa iniciou seus empreendimentos no bairro do Alto de Pinheiros, estendendo posteriormente sua atuação para os bairros do Morumbi, Jardins, e Alto da Boa Vista – bairro em que o arquiteto já havia edificado algumas residências para membros da família.

Na primeira incorporação foram executadas em torno de quinze residências no Alto de Pinheiros, que em alguns casos eram vendidas antes de sua conclusão, possibilitando que os clientes escolhessem os materiais de acabamento utilizados. Sem programas determinados pela clientela, o projeto das casas seguia um padrão considerado rentável para o bairro em que foram construídas.



Figura 9 - Marino Barros e Vicente Ignatti em frente a obra da residência de Mario Junqueira Azevedo.  
Fonte: Acervo do arquiteto.

As residências com uma média entre 250 e 280 m<sup>2</sup> de área construída, eram implantadas em lotes que variam entre 450 e 500 m<sup>2</sup>. Divididas em dois pavimentos, possuíam setores íntimos posicionados na cota superior formados por três ou quatro dormitórios, sendo uma suíte e os demais quartos atendidos por um banheiro. No térreo o setor social era composto por sala de estar dotada de lareira, sala de jantar, além de uma sala íntima ou de televisão, e um lavabo que era ligado ao *hall* da residência por onde se realizava também a circulação vertical.

O setor de serviços era composto por cozinha, lavanderia, pátio de serviços e dependências de empregados com dois dormitórios. As casas possuíam abrigo coberto para três automóveis, e possuíam setor de lazer com churrasqueira, *deck* e piscina, elementos pouco comuns nas residências edificadas na fase anterior.

Nos anos de 1964 e 1965, Paoliello integrou a diretoria do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) como um dos vice-presidentes junto a Roberto Aflalo e Julio Neves, durante a gestão de Alberto Botti. O posicionamento favorável ao governo militar propiciou ao arquiteto acesso às esferas públicas e obtenção de trabalhos de maior escala.

Contratado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), foi desenvolvido um projeto subsidiário para a implantação de unidades de habitação social em larga escala, financiadas posteriormente pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Em seguida desenvolveu o planejamento habitacional de Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro, para o Sindicato Americano (IADESIL), um projeto de habitação de interesse social para o Parque Bartira, na cidade de Santo André, e um plano habitacional para Diadema.

Buscando a redução dos custos, a simplificação dos processos construtivos e modulação através da utilização de elementos pré-fabricados, foi construída uma indústria de pequeno porte na cidade de São Bernardo Campo, onde eram realizados estudos a fim de desenvolver placas de cimento que foram chamadas de *Duromat*. O desenvolvimento do material buscava oferecer uma alternativa para a racionalização da execução dos conjuntos habitacionais. A experiência resultou ainda no desenvolvimento de protótipos de casas para a Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP). Apesar do direcionamento, o material não foi adotado nos empreendimentos e foram encerrados os estudos e a produção do material.

Apesar da mudança de direcionamento do arquiteto ao desenvolvimento de projetos em escala urbana na segunda fase, houve continuidade na construção de residências unifamiliares. Entre 1957 e 1965, foram edificadas em torno de 160 casas. Dentre elas, cerca de 20 projetos residenciais unifamiliares em São Paulo, 20 casas de fazenda e 10 casas de praia. Consideradas residências de “alto nível”, algumas contaram com a colaboração do trabalho do paisagista Roberto Coelho Cardozo.

## 2.4 O arquiteto-urbanista, de 1966 a 1971

Os anos em que o arquiteto atuou no IAB resultaram na aproximação profissional de Paoliello à Júlio Neves. Apesar do contato que tiveram na instituição e o fato de ambos já terem desenvolvidos projetos associados, pois seus escritórios eram instalados no sétimo andar dos números 92 e 100 da Rua Major Sertório, ambos se conheciam desde a infância. Julio Neves realizou sua formação básica no Externato Elvira Brandão, instituição frequentada pela irmã de Paoliello, assim como o futuro governador do estado de São Paulo - Paulo Maluf - do qual Paoliello tornou-se assessor posteriormente. Apesar de ter realizado sua formação no Mackenzie College, Julio e Paoliello não tiveram contato em sua formação pela diferença de idade entre ambos.

Em 1966 Paoliello encerra suas atividades com seu irmão Roberto após 15 anos de colaboração em sua construtora, e se associa à Júlio Neves, surgindo a *Neves & Paoliello S/C Ltda. A Construtora Paoliello Ltda.* alterou sua razão social para *Constrap S.A.*, e assim como a *Planesa* passaram a ser administradas por investidores. A intenção do arquiteto era que ambas empresas prestassem serviços na execução dos projetos desenvolvidos com o novo sócio. A partir deste momento, Paoliello deixou a direção de supervisão técnica das obras ao qual se dedicou desde o início de sua atuação, e passou a dedicar-se exclusivamente ao desenvolvimento de projetos em escala urbana.

Ainda sob a gestão de Faria Lima na cidade de São Paulo, o arquiteto foi contratado pela prefeitura para o desenvolvimento de um Plano Urbanístico Básico (PUB) para a cidade de São Paulo. O plano que deveria definir as diretrizes de zoneamento da cidade, e estabelecer normas de ocupação e utilização do solo no perímetro urbano, foi concluído no ano de 1967.

Entre 1968 e 1969 foi desenvolvido o Plano Preliminar de Municípios da Região Leste da futura “Grande São Paulo”, encomendado pelo Grupo Executivo da Grande São Paulo (GEGRA)<sup>43</sup>. Este trabalho foi o que precedeu o desenvolvimento do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo (PMDI-GSP),

---

<sup>43</sup> Órgão da Secretaria de Economia e Planejamento do Governo Estadual de São Paulo criado pela administração de Abreu Sodré. Fonte: Paoliello, 2017.

iniciado em 1970. O plano que tinha objetivos em comum com o PUB, propunha a criação de uma administração unificada para os 38 municípios da região metropolitana de São Paulo, constituindo assim uma noção de “metrópole”, inédita no contexto nacional.

Após terem realizado uma reforma para integrar os escritórios vizinhos ainda no centro da cidade, a necessidade de um espaço maior para o desenvolvimento do projeto em uma equipe formada por 150 profissionais, resultou na mudança para um novo escritório. Localizado no número 2344 da avenida Brigadeiro Luís Antônio, foi instalado em um edifício em que o Júlio Neves havia recebido um andar após a construção do empreendimento. No edifício foi instalado o consórcio de empresas que trabalhavam no desenvolvimento do PMDI. Entre elas ASPLAN, G.P.I., Neves & Paoliello S/C., assessorado pelas empresas *SOTEPLAN* e a estadunidense *PADCO*.

Para realizar uma pesquisa de campo em busca de referências para o desenvolvimento do projeto, em junho de 1970 dez representantes que participaram do consórcio visitaram as regiões metropolitanas de Nova York, San Francisco, Los Angeles, Tóquio, Calcutá, Londres e Paris, em uma missão oficial financiada pelo Governo do Estado de São Paulo.

Convidado pelo governador Abreu Sodré a assumir a presidência da Caixa Econômica Estadual de São Paulo, Júlio Neves se retirou da sociedade com Paoliello em junho de 1971. Sem o auxílio de Júlio Neves, o acúmulo de atividades no desenvolvimento de projetos e a atuação como diretor do conselho do PMDI, resultaram em problemas de saúde que obrigaram Paoliello a criar uma comissão para encerrar todos os projetos em andamento. Com o afastamento definitivo do PMDI, encerrou-se o período de cinco anos de atuação do arquiteto em projetos de escala urbana.

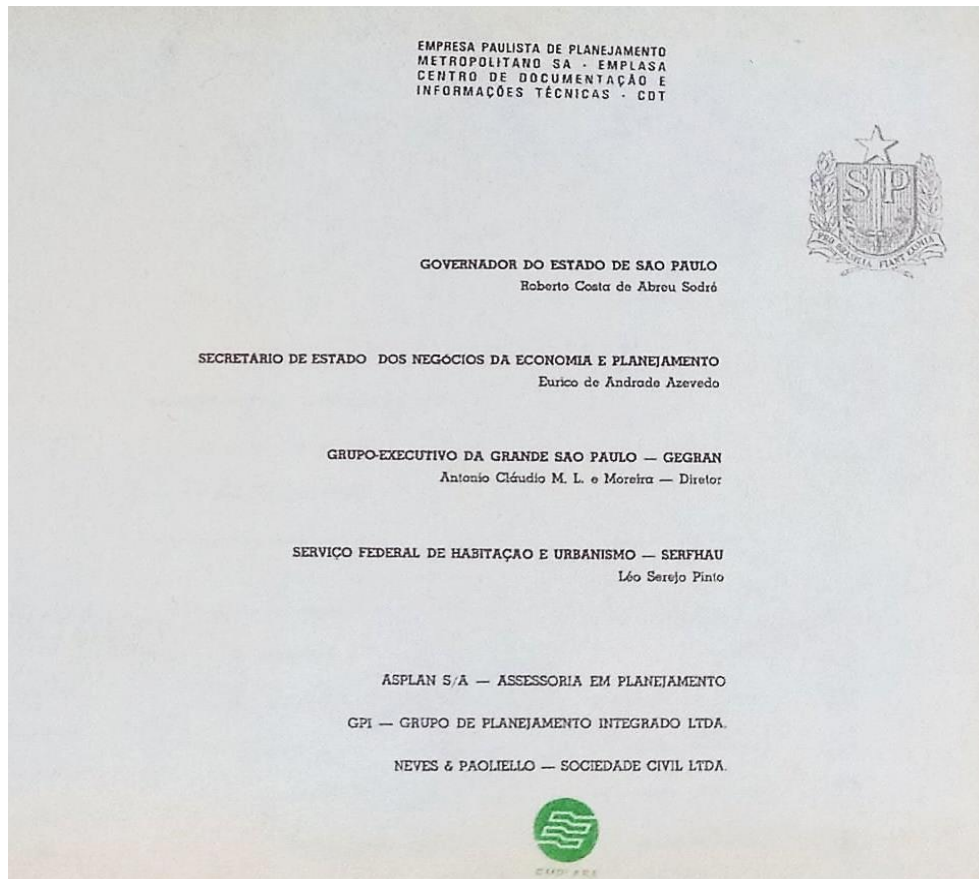


Figura 10 - Folha de rosto do caderno do PMDI, com o nome da Neves & Paoliello Ltda.  
Fonte: Acervo do arquiteto.

Apesar da notável dedicação do arquiteto ao desenvolvimento dos projetos urbanos destinados à esfera pública, ao longo deste período foram realizados projetos particulares de pequeno e grande porte. Listados no portfólio do arquiteto em anexo no final do trabalho, notam-se os conjuntos habitacionais horizontais e verticais, edifícios comerciais, indústrias, shopping centers, igrejas, bancos, clubes, escolas, espaços públicos, além de hotéis e planejamento de áreas turísticas, que o proporcionaram a experiência necessária para a atuação desempenhada na fase consecutiva.

## 2.5 Do arquiteto hoteleiro ao internacional, de 1971 a 1986

Apesar de ser apresentado como um único período, este pode ser dividido em duas fases distintas. A primeira compreende os anos entre 1971 e 1974, quando o arquiteto se dedicou no desenvolvimento de projetos e estudos para o setor hoteleiro, e entre 1975 e 1986, período em que Paoliello desenvolve projetos no exterior.

No final de 1971, Paoliello foi convidado pelo colega de formação Adolpho Lindenberg a trabalhar em sua construtora no desenvolvimento de projetos para a Companhia Tropical de Hotéis<sup>44</sup>. A empresa subsidiária da companhia Varig, tinha o objetivo de construir hotéis nas cidades atendidas por linhas aéreas nacionais que a permitiria absorver a clientela também no setor de hospedagens. Segundo Ricardo Paiva,

Ao longo da década de 1960 e 1970, a Companhia Tropical de Hotéis, subsidiária da Varig, cumpriu um papel importante na consolidação da empresa aérea, considerada à época como a mais importante do Brasil. A companhia favorecia sobremaneira a viabilização da rede aeroviária brasileira, uma vez que construía meios de hospedagens para abrigar a tripulação da empresa em serviço, em lugares estratégicos e longínquos, criando hotéis que eram também em si, um atrativo<sup>45</sup>.

Para atender a demanda do trabalho foi criado o Departamento de Engenharia dos Hotéis da Construtora Adolpho Lindenberg (DEH). Paoliello dirigiu uma equipe de 30 profissionais que realizava os estudos de viabilidade para a implantação de 20 unidades de hotelaria em território nacional. Confirmada a rentabilidade da obra, ficava a cargo do arquiteto desenvolver o projeto, coordenar a execução de todos projetos técnicos complementares e acompanhar os processos de aprovação nos órgãos competentes.

---

<sup>44</sup> Ligada à Real S/A Transportes Aéreos, foi fundada em 1959 como Realtur S/A Hotelaria. O primeiro projeto executado pela rede foi o Hotel das Cataratas, localizado em Foz do Iguaçu, no Paraná, um marco do setor hoteleiro brasileiro. No ano de 1967 o nome da companhia foi alterado para Companhia Tropical Hotel.

<sup>45</sup> PAIVA, Ricardo. Tropical Hotel Santarém, de Arnaldo Furquim Paoliello. Uma “pérola” moderna na Amazônia. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 175.03, Vitruvius, dez. 2014 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.175/5378>>



O primeiro projeto realizado foi o Tropical Hotel de Santarém<sup>46</sup>, no estado do Pará. O projeto fazia parte de um plano do governo federal que buscava integrar a região amazônica, e representava o ensejo das esferas de poder na adoção da arquitetura modernista enquanto ferramenta no processo de modernização em regiões distantes dos grandes centros urbanos do país.

O projeto com seus monumentais 20.000 m<sup>2</sup> de área construída e evidente caráter moderno, atendia um amplo programa que previa 120 apartamentos com terraços voltados para o rio Tapajós, suíte presidencial, restaurantes, salões de festas e jogos, além de áreas comerciais destinadas à locação. As obras foram concluídas em 1973, pouco mais de um ano após seu início, e o hotel foi inaugurado com um almoço que contou com o presidente Médici e seus ministros.

A pedido da Tropical-Varig, Paoliello realizou viagens nacionais e internacionais a fim de conhecer hotéis e pousadas que enriquecem seu repertório para o desenvolvimento dos projetos consecutivos. Foram visitadas unidades em Portugal, na Itália, na França, no México e nos Estados Unidos.

Foram desenvolvidos projetos para Praia da Piedade em Recife, Cachoeira de Paulo Afonso às margens do Rio São Francisco, praia de Jatiúca em Maceió, o Centro Turístico e o Hotel das Três Praias em Guarapari, para Porto Seguro, Salvador, Gramado, Ouro Preto, Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasília, Amazonas, São Luís e São Paulo. Apesar da quantidade de projetos desenvolvidos ao longo dos quatro anos em que presidiu o setor na Construtora Adolpho Lindenberg, apenas o Tropical Hotel de Santarém foi executado.

Em paralelo ao trabalho exercido na Construtora Adolpho Lindenberg, a partir do ano de 1973 Paoliello retomou as atividades em sua empresa, sob o registro de *Paoliello Arquitetos S/C Ltda.*, nome que permaneceu até o fim de sua atuação profissional. O novo escritório localizava-se no número 645 da Rua General Jardim e era composto por uma equipe de 40 profissionais, dentre eles 20 arquitetos.

---

<sup>46</sup>O hotel foi adquirido pelo empresário Paulo Barrudada nos anos 2000 após a falência das companhias Varig e Tropical, e funciona atualmente com o nome de Barrudada Tropical.



*Figura 11 - Cartão Postal do Tropical Hotel de Santarém PA, 1976.*  
Fonte: Foto divulgação [Blog de Ignácio Ubirajara Bentes de Sousa Neto].

No período em que atuou em ambas, através de sua empresa, o arquiteto desenvolveu cerca de 40 estudos, dos quais 20 foram executados. Após seu desligamento da Construtora Adolpho Lindenberg, Paoliello iniciou a fase mais produtiva de sua carreira. Entre os anos de 1974 e 1986 foram desenvolvidos cerca de 450 projetos, dos quais 250 foram executados.

No decorrer dos 12 anos foram executados edifícios comerciais no eixo centro-sul da capital<sup>47</sup>, condomínios residenciais e urbanização em bairros na zona oeste da capital<sup>48</sup> e condomínios nas cidades do litoral no paulista<sup>49</sup>. Parte destes projetos eram desenvolvidos em parceria com a Construtora Adolpho Lindenberg e para a Sobloco Construtora S.A., com as quais Paoliello manteve parceria ao longo dos anos consecutivos.

---

<sup>47</sup> Dentre eles o projeto do Manaus Shopping Center, executado pela Construtora Lindenberg na cidade homônima entre 1974 a 1976, e os Edifícios José Martins Borges, na Avenida Paulista, e o Edifício Victoria House, na Rua Cincinato Braga, projetados para a Sobloco Construtora S.A.

<sup>48</sup> Como o Condomínio Portal de São Francisco, e a urbanização do Bairro Horto do Ypê no bairro do Campo Limpo, projetados para a Lindenberg por volta de 1975.

<sup>49</sup> Como os condomínios Clube Riviera de São Lourenço, e Park Hotel São Lourenço.

**Seu consultório, Doutor**

para uso próprio, renda ou valorização

em Higienópolis

R. Itacolomi, 337

**Edifício FLEMING**

Preço fixo

Unidade	Área (m²)	Preço	Área (m²)	Preço	Área (m²)	Preço
Unid. 1-2-4-7	38,80	47.180,00	2.000,00	3.000,00	3.177,00	
Unid. 3-4-5-8	38,80	43.343,00	2.000,00	3.000,00	3.411,00	

CONSTRUTORA ADOLPHO LINDENBERG S.A.

CONCAL EMPREENDIMENTOS LTDA

Figura 12 - Anúncio de comercialização do Edifício Fleming, Projeto de Paoliello para Construtora Adolpho Lindenberg.

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo. Edição de 25 de janeiro de 1972.

Contudo, os trabalhos mais relevantes do período foram projetos internacionais realizados em parceria com as construtoras Adolpho Lindenberg, Andrade Gutierrez, Odebrecht e Mendes Júnior. Foram desenvolvidos a princípio projetos de hospitais, edifícios de administração pública e centros comerciais para Bagdá, Beirute, Cairo e Istambul. Posteriormente foi realizado o projeto de um empreendimento habitacional, comercial e de serviços em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes. Apesar das propostas, nenhum foi realizado devido às dificuldades na contratação de serviços estrangeiros interpostas pelos governos dos países envolvidos.

No final de 1978, Paoliello participou da concorrência de um projeto urbanístico para Assunção, no Paraguai – cidade em que Lindenberg estava construindo um edifício residencial. Em viagem ao país foi visitada uma fazenda de mais de 1.200 hectares de frente para o rio Paraguai contendo uma ilha privada. Neste espaço um investidor local

desejava realizar a urbanização de um bairro fechado com espaços de lazer, e lotes disponíveis para construção de residências.

Deste projeto surgiu a urbanização do Surubi, um condomínio residencial com ampla área de lazer, equipado com campo de golf, clube hípico e clube. A construção foi realizada pela *Constructiva S. A.*, e foi acompanhada por Paoliello em 35 viagens realizadas entre os anos de 1978 a 1983. O acompanhamento da obra possibilitou que o arquiteto desenvolvesse outros projetos para a cidade, como um edifício multifuncional com centro comercial e apartamentos, e a sede de um banco.

Em 1980, o projeto foi concluído, e Paoliello foi indicado por Lindenberg a participar da concorrência para um projeto de urbanização que seria realizado em Santiago do Chile, cidade onde Lindenberg estava executando um edifício residencial. O projeto foi desenvolvido para o bairro Santa María de Manquehue, às margens do rio Lo Curro. A execução ficou por conta da *Inmobiliaria Manquehue S.A.*, que assumiu as obras após a retirada da Adolpho Linderberg do empreendimento. O arquiteto realizou cerca de 40 viagens para o acompanhamento das obras da capital Chilena.

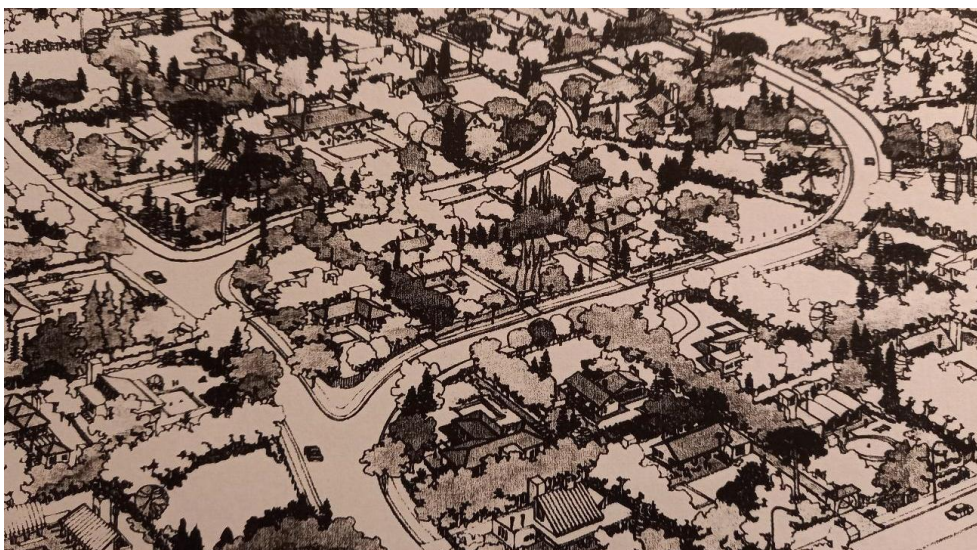


Figura 13 - Imagem do anúncio de comercialização do bairro de Santa maria em Santiago do Chile.  
Fonte: Portifólio da Paoliello Arquitetos S/C. Ltda.

## **2.6 O arquiteto consolidado, de 1987 a 2010**

A última fase da obra do arquiteto se inicia no ano em que este completou 50 anos de atuação profissional. Em 1987 Paoliello alcançou a utopia existente entre os alunos em seu tempo de formação: ter um escritório exclusivamente dedicado ao desenvolvimento de projetos.

Após um período instalado na Rua Joaquim Nabuco no Brooklin, o escritório da Paoliello Arquitetos S/C Ltda. mudou para a Rua Rússia a uma quadra de distância da residência do arquiteto, que se mudou para o Jardim Europa. Neste período foram realizados em torno de 280 projetos, em sua maioria destinados ao planejamento urbano, condomínios residenciais e espaços de lazer. Apesar do número de projetos desenvolvidos, poucos foram executados.

Entre os anos de 1989 e 1995 foram realizadas 20 operações para a Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLA). Uma destas foi realizada em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e consistia em um plano estratégico para reurbanização da comunidade de Paraisópolis no bairro do Morumbi.

Foram realizados projetos para urbanização de fazendas no interior, centros comerciais, clubes hípicas e náuticos, sedes de instituições públicas, complexos de entretenimento, parques de diversão, shopping centers, conjuntos habitacionais, terminais ferroviários e aeroportos, hotéis, parques ecológicos e zoológicos. Em 2010 o arquiteto atingiu o número de 1.200 projetos desenvolvidos, dos quais metade foi executada.

No ano de 2022 o acervo do arquiteto foi doado para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). A instituição passou a ser responsável pela salvaguarda do material a partir de então, e disponibilizar para os pesquisadores que se interessam em compreender a vasta produção realizada pelo arquiteto ao longo de seus sessenta e três anos de atuação.

A seguir serão apresentados a *Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda*, de 1956, e o Portifólio da Paoliello Arquitetos S/C Ltda., duas importantes fontes de desenvolvimento da pesquisa.

## **2.7 Revista Comemorativa da Construtora Paoliello Ltda.**

A edição comemorativa de sete anos da construtora, é uma importante fonte para o desenvolvimento desta pesquisa, quando a Construtora Paoliello já contava com quase cinquenta projetos executados.

Catálogos destinados à publicação de modelos arquitetônicos tiveram seu surgimento por volta do século XIX (ATIQUE, 2007, p. 393). Destinadas a auxiliar o público que desejava edificar sua residência, estes álbuns apresentavam projetos de arquitetos renomados dotados de fotografias e plantas das edificações. Nos acervos de universidades brasileiras são encontrados exemplares em língua portuguesa publicados desde a década de 1920, tendo seu modelo consolidado no Brasil na década de 1940. A adoção da prática desse modelo de publicação, nos mostra que

“À medida que os arquitetos foram vislumbrando a ampla aceitação desses álbuns de projetos, também passaram a divulgar suas obras por meio de publicações que visavam alcançar construtores e membros de camadas médias do interior do Brasil” (ATIQUE, 2007, p. 399)

Adotando a prática comum no campo da construção, no início do ano de 1956 foi realizada uma publicação pela diretoria da *Construtora Paoliello Ltda.* às vésperas de completar sete anos de atuação na cidade de São Paulo. A publicação impressa pela *Typographia Ostrensky*<sup>50</sup> foi formatada como um caderno de brochura nas dimensões de 315 mm x 230 mm em folhas de papel couche com acabamento em verniz e fixadas com grampos, contém 54 páginas - além de capa e contra-capas - e foi impressa em preto

---

<sup>50</sup> *Typographia Ostrensky*

e branco exceto pela sua capa na cor amarela. A publicação foi impressa em tiragem baixa para a distribuição gratuita. Por se tratar de um material de caráter comemorativo, foi publicado para a apreciação de diferentes públicos, como, colegas de formação; amigos; construtores; e também possíveis novos clientes que tinham acesso ao material em visita ao escritório da construtora.

A capa colorida em detrimento a todas as demais páginas do material, além de seguir o modelo de periódicos comerciais que circulavam em São Paulo no período – como a Revista Acrópole, que em 1956 já estava em seu 18º ano de publicação – apresenta a mesma composição gráfica das placas de identificação de responsáveis pela obra em execução, que são instaladas em frente aos canteiros voltadas para as ruas<sup>51</sup>. A composição gráfica utilizada em ambos os casos configurou um elemento de linguagem reconhecível que podia ser associada à imagem de Paoliello, tanto através da distribuição do portfólio impresso da construtora como pela presença da identificação em seus canteiros de obras em execução pela cidade.

---

<sup>51</sup> Portfólio da *Construtora Paoliello Ltda.*, 1956, p. 31.



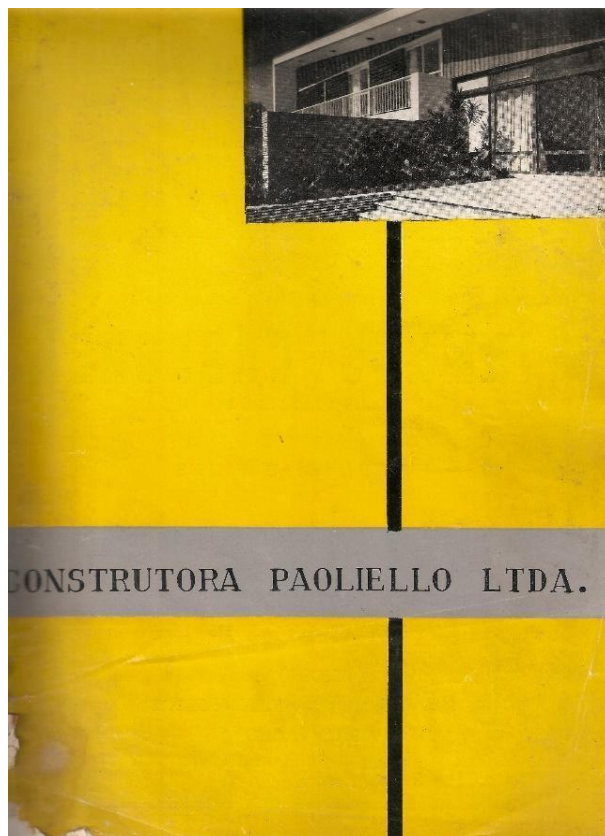


Figura 14 - Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda, 1956.  
Fonte: Acervo pessoal de Arnaldo Furquim Paoliello.

Quase desprovida de textos, a publicação apresenta diversas fotografias dos projetos executados, alguns ainda em execução, – com informações sucintas<sup>52</sup> e raros comentários sobre os registros fotográficos. A organização do conteúdo na revista comemorativa é realizada em três partes, comentadas a seguir.

A primeira e a terceira parte possuem o mesmo formato e conteúdo. Entre as páginas 01 e 13 e entre as páginas 44 e 54, foram publicados os anúncios de prestadores de serviços e fornecedores de materiais de construção. A organização dos anúncios nas páginas é disposta de duas formas: Algumas páginas possuem um anúncio na página inteira, outras são divididas em dois anúncios - tanto no eixo horizontal como no eixo vertical da página.

---

<sup>52</sup>A ficha padrão de apresentação foi adotada contendo: o nome do proprietário, o responsável pelo desenvolvimento do projeto, o responsável pela execução e o endereço – o único dado não apresentado para todas as construções apresentadas no portfólio.





*Figura 15 - Residência do Sr. José Niccolini na Rua Silvio Portugal, 38, no bairro do Sumaré. A placa de identificação da Construtora Paoliello Ltda. pode ser vista no meio do lado esquerdo da fotografia.  
Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda, 1956, p. 31.*

Além de fornecer informações sobre localização, contato, materiais fornecidos e serviços prestados, algo que chama atenção ao observador são as chamadas em evidência nos anúncios, enaltecendo as qualidades dos materiais e serviços prestados. Destacados do texto pela variação tipográfica, encontramos atributos valorativos como “residências finas”, “inigualável valor”, “executa-se com perfeição”, dentre outros que buscam enfatizar a qualidade executiva nas obras realizadas pela construtora.

A diversidade de serviços prestados pelas empresas colaboradoras nos possibilita entender como a construtora, com poucos funcionários fixos em seu quadro interno, teve condições de executar 43 obras realizadas no período curto de 07 anos que a revista comemorativa nos apresenta.

A segunda parte do Portfólio destina-se a apresentar fotografias dos trabalhos realizados pela Construtora Paoliello Ltda. entre 1949 e 1956. O início desta parte é demarcado por um texto assinado pela diretoria da construtora, em que explicitam os objetivos da publicação:

“Estando nossa firma construtora nas vésperas de comemorar o sétimo ano de suas atividades na capital de São Paulo, não poderíamos deixar de fazer uma breve recordação dos trabalhos que vimos desenvolvendo através destes anos.

Não temos com isto nenhum intuito material, mas somente aproveitar a oportunidade que se nos ofereceu para publicar as fotografias de construções realizadas para nossos clientes, aos quais somos sempre gratos.

Cabe também os nossos melhores agradecimentos aos empreiteiros e fornecedores que tão gentilmente vêm nos acompanhando e prestando a melhor de sua colaboração aos serviços de nossa firma” (PAOLIELLO, 1956, p. 14).

Em seguida é apresentado um histórico resumido da empresa, dados sobre as obras realizadas, apresentação dos sócios e a atribuição de cada departamento a qual exercem suas funções.

As fotografias dos projetos são apresentadas em ordem cronológica segundo a data e conclusão das obras. A maioria dos projetos executados é apresentada com uma ou duas fotografias. Os únicos projetos que ocupam mais de uma página, são a residência construída para o Senhor Domingo Pires de Oliveira Dias, e a residência construída para o próprio arquiteto, Arnaldo Furquim Paoliello.

O objetivo da construtora com a publicação do portfólio foi explicitado em um texto presente na publicação. Redigido pela diretoria da construtora, os sócios agradeceram a todos que colaboraram com a construtora e constituir um álbum fotográfico das obras então já executadas, o material possui forte caráter publicitário não apenas para divulgar o trabalho desenvolvido pela *Construtora Paoleillo Ltda.*, mas também para enaltecer a qualidade do trabalho realizado pelos prestadores de serviços, e do material comercializado pelos fornecedores; haja vista o nº de páginas dedicado à propaganda.



Figura 16 - Anúncio de meia página realizado pelos empreiteiros Irmãos Cassone, em que notamos duas vezes os dizeres “residências finas”.

Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956, p. 49.

Das 54 páginas que compõem o material impresso, 23 páginas são de propaganda de fornecedores, ocupando 45% do total de páginas da publicação. Embora a maioria dos anúncios não mencione diretamente os projetos em que seu material foi empregado ou seu serviço foi prestado, alguns nos fornecem dados importantes e precisos sobre a execução dos projetos, dos quais destacamos: Roberto Rossi Zuccolo<sup>53</sup> Henrique G. Zwilling & Cia. Ltda.<sup>54</sup>

Apesar de ser uma publicação publicitária o espaço compartilhado com os fornecedores demonstra um esforço de cooperação entre os profissionais incipientes do mercado da construção civil em legitimar sua atuação, no contexto da metade da década de 1950.

<sup>53</sup> Engenheiro civil que realizou trabalhos de cálculo estrutural para projetos executados pela *Construtora Paoliello Ltda.* (Portfólio da *Construtora Paoliello Ltda.*, 1956, p. 52)

<sup>54</sup> A empresa especializada em instalações hidráulicas realizou o projeto e acompanhou a execução das instalações no complexo industrial da Laborerápica S. A., projeto de grande proporção realizado pela *Construtora Paoliello Ltda.*, que totalizou mais de 60.000 m<sup>2</sup> de área construída (Portfólio da *Construtora Paoliello Ltda.*, 1956, p. 51)

Os formatos diversos assemelham-se às campanhas publicitárias das revistas comerciais da época:<sup>55</sup> algumas apenas com os dados essenciais para contato; algumas com ilustrações e outras com pequenos textos enaltecedoras qualidades dos produtos ou dos serviços.

Beleza e revestimento eterno para as suas construções com LITOCERÂMICA

Litocerâmica, o novo material para revestimento, fabricado exclusivamente pela CERÂMICA SÃO CAETANO, é a mais alta conquista no setor de construções. Litocerâmica assegura proteção total para paredes porque é dotada de impermeabilidade absoluta e resistente à ação dos agentes externos. Apresentada em várias cores inalteráveis, constitui um recurso decorativo prático, econômico e de inigualável valor, eliminando definitivamente a necessidade de pintura.

**Cerâmica São Caetano S. A.**  
UMA TRADIÇÃO EM CERÂMICA

ESCRITÓRIO: Rua Boa Vista, 133 — 5.º andar — Tel. 33-4708  
SÃO PAULO

LOJA: Rua Senador Dantas, 80-A — Tel. 42-3158 (Rede Interna)  
RIO DE JANEIRO

Figura 17 - Propaganda da indústria de revestimentos Cerâmica São Caetano S.A.  
Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda, 1956, p. 07.

## 2.8 Portfólio da Paoliello Arquitetos S/C Ltda.

Formulado a partir de 1966 no momento em que Paoliello associou-se a Júlio Neves, esse portfólio passou por acréscimo até alcançar sua última revisão realizada no ano de 2004 – versão utilizada nesta pesquisa. A publicação impressa no escritório foi formatada como um caderno de folhas encadernadas com arame e capa plástica, nas dimensões de 296 mm x 220 mm em folhas de papel sulfite. Contém 140 páginas - além

<sup>55</sup> Estas eram consumidas tanto por profissionais atuantes no campo da construção civil em busca de colaboradores, quanto por consumidores finais em busca de prestadores de serviços para realização de obras. Dentre os periódicos podemos citar a Revista Acrópole, pela quantidade expressiva de exemplares circulantes – publicação mensal – em seu período abrangente de circulação entre 1937 e 1972.



de capa e contra-capas - e foi impressa em preto e branco. O material foi impresso para ser usado como apresentação do escritório aos clientes e foi dividido em cinco partes.

Na primeira parte são apresentados os dados da empresa e o corpo técnico atuante no período. Após a data de fundação em 20 de abril de 1966, constam os números de registro do CNPJ, CREA-SP, INSS, e os capitais da empresa. Em sequência consta a lista com os principais parceiros clientes atendidos.

A segunda parte é composta por atestados de prestação de serviços, de idoneidade comercial e financeira, e de capacidade técnica fornecidos pelas empresas atendidas pelo escritório.

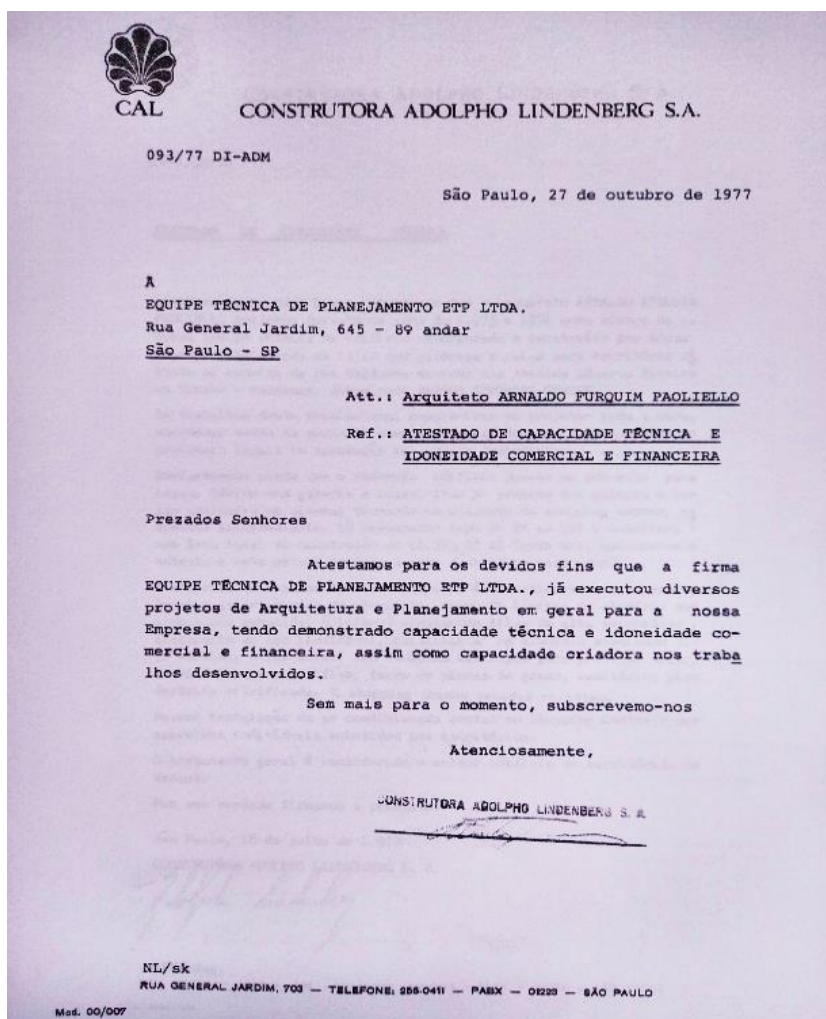


Figura 18 - Atestado de prestação de serviços emitido pela Construtora Adolpho Lindenberg S.A.  
Fonte: Portfólio da Paoliello Arquitetos S/C Ltda, 2014.

Na terceira parte consta o currículo completo de Arnaldo Paoliello. Além da data de sua formação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAUM Mackenzie – em 1950, são listados seu curso de pós-graduação em Administração na Fundação Getúlio Vargas em 1959, cursos de extensão e aperfeiçoamento, participações em congressos, simpósios e palestras. Adiante foi listada a viagem de estudos e pesquisas de campo, associações técnicas e profissionais em que participou e ocupou cargos. Por fim, foi inserido um breve resumo de sua experiência profissional.

Na quarta parte foi apresentado um resumo das quatro fases da trajetória profissional do arquiteto, e em seguida as principais obras por tipologia, não considerando o recorte temporal em que foram produzidas. Por fim, a última parte é composta por imagens de projetos desenvolvidos e obras realizadas sem detalhes ou descrição do material apresentado.



*Figura 19 - Fotografia do edifício José Martins Borges na Avenida Paulista após sua conclusão, 1982.  
Fonte: Portfólio da Paoliello Arquitetos S/C Ltda, 2014.*

### 3. Residências unifamiliares - A Construtora Paoliello Ltda. (1949-1956)

“Reuniram-se e resolveram organizar uma firma construtora, onde pudessem aplicar praticamente os ensinamentos que vinham recebendo no curso e fazer saltar de seus cérebros os projetos que arquitetavam executar” (PAOLIELLO, 1955, p. 15).



*Figura 20 - Os sócios Arnaldo Paoliello, Marino Barros e Vicente Ignatti.  
Fonte: Acervo do arquiteto.*

#### **3.1 Ignatti, Paoliello & Barros Ltda.**

Na data de fundação da empresa, os três estudantes cursaram o início do penúltimo ano de graduação. Sem possuir diploma e licença profissional para aprovarem projetos legalmente nos órgãos municipais, nos primeiros anos de atuação

contaram com contribuições de profissionais já atuantes no mercado da construção civil. Nos primeiros trabalhos realizados, cada um contribuiu com contatos profissionais, experiência obtidas em estágios ou capitais sociais que possibilitaram a prospecção de trabalhos.

Segundo Paoliello, o contato com construtores impulsionou a tomada de decisão na fundação da empresa. Influenciado principalmente por Oswaldo Arthur Bratke – com quem estagiou– os estudantes eram orientados a frequentarem canteiros de obras para aprender com empreiteiros, que detinham o conhecimento necessário para tornarem seus projetos “exequíveis”<sup>56</sup>.

Na sociedade, o setor administrativo e financeiro foi delegado à Vicente Ignatti, a supervisão e acompanhamento de obras ficou sob a responsabilidade de Marino Barros, e o desenvolvimento dos projetos incubido a Arnaldo Paoliello, que também acompanhava a execução dos projetos.

A execução dos projetos era realizada com a contribuição de empreiteiros e construtoras especializadas, algumas responsáveis pelos projetos de instalações hidráulicas ou elétricas, que podiam ser terceirizados devido às proporções dos projetos<sup>57</sup>. Os estudantes associaram-se à Dante Jorge Albuquerque<sup>58</sup> que concedeu responsabilidade técnica aos projetos desenvolvidos.

A primeira sede da empresa localizava-se na Rua 07 de abril no centro de São Paulo. O escritório contava apenas com uma escrivanhinha, uma prancheta de desenho e alguns apetrechos de escritório<sup>59</sup>.

O trabalho conjunto dos três futuros arquitetos resultou na execução de uma reforma e edificação de três residências, duas concluídas no ano de 1949 e uma em 1950. A pouca experiência profissional aliada à falta de um portfólio que comprovasse

---

<sup>56</sup> PAOLIELLO, 2017, p. 17.

<sup>57</sup> No capítulo anterior, em Portfólio da Construtora Paoliello Ltda. foram mencionadas algumas empresas em destaque nessa colaboração.

<sup>58</sup> Engenheiro responsável pelas obras no escritório Albuquerque & Azevedo, foi o tutor do estágio de Paoliello.

<sup>59</sup> PAOLIELLO, 1956, p. 16.



a capacidade construtiva da recém fundada construtora, tornou os vínculos de sociabilidade dos sócios decisivos na obtenção dos primeiros projetos.

Conseguida por Vicente Ignatti, a primeira obra executada pela construtora foi a reforma de um salão de festas em uma residência no bairro do Alto de Pinheiros. Em seguida foram edificadas as três primeiras residências.

### **Residência Damiro de Oliveira Volpe**

*Rua Diogo Jacome 476. Vila Nova Conceição.  
1949*



*Figura 21 - Fachada da Residência de Damiro Oliveira Volpe.  
Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956.*

O projeto conseguido por Paoliello indicado por um tio de sua futura esposa, Luís Niccolini<sup>60</sup>. A residência, com programa reduzido, localizava-se próximo ao Parque do Ibirapuera.

---

<sup>60</sup> Parente de Domingos Pires de Oliveira Dias, Luís Nicollini foi um profissional liberal que possui investimentos em diversos segmentos. Além de sócio proprietário na Gráfica Niccolini, foi proprietário da

O programa foi resolvido em dois blocos em único pavimento, com edícula alinhada ao limite posterior do lote e o corpo principal centralizado recuado em todos os lados.

O volume de seção retangular foi pintado de branco e tinha seus vazios dispostos nas faces sem preocupação estética. Seu embasamento foi revestido em pedra.

A cozinha foi posicionada na fachada principal, e os setores íntimo e social voltavam-se aos fundos, tirando proveito da orientação norte. Estes se integravam ao jardim que tinha sua privacidade resguardada da rua. O abrigo e as dependências de empregada foram dispostos na edícula ao fundo.

O lote foi separado da rua por um muro baixo integrando o objeto arquitetônico à paisagem. Revestido de pedras com seções formadas por gradis em ferro que mantinham diálogo com as grades das janelas da residência.

A cobertura era formada por um telhado de quatro águas executado com telhas cerâmicas e beirais em cachorros de madeira. A cobertura da edícula tinha caída única voltada ao pátio.

---

Fazenda Itaúna em Descalvado, onde eram produzidos artigos agrícolas na região da cidade de São Carlos no interior do estado de São Paulo.

## **Residência Mário Junqueira de Azevedo**

*Rua Cardoso de Almeida, 1825. Sumaré.*

1949



*Figura 22 - Fachada da Residência do Dr. José Mario de Junqueira Azevedo.*

Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956.

A segunda residência localizava-se na zona oeste de São Paulo, e foi construída para o cunhado de Marino Barros, José Mário Junqueira de Azevedo<sup>61</sup>.

A residência de 368 m<sup>2</sup> de área construída em um lote trapezoidal de 462 m<sup>2</sup> de proporção 1:2, perpendicular à rua, apresentava um coeficiente de aproveitamento de 79%. O programa foi resolvido em um bloco único de três pavimentos recuado em todos os lados.

O volume do segundo pavimento teve seu acabamento executado em pintura, ressaltando-o sobre o embasamento de tijolos. Com predominância de cheios sobre

---

<sup>61</sup> Formado no curso de Direito, consolidou carreira pública tendo sido nomeado Tabelião entre os anos de 1972 e 1975 no 15° Cartório de Notas – Tabelião Oliveira Lima – durante a gestão de Laudo Natel no Governo do Estado de São Paulo entre os anos de 1971 e 1975. Fonte: <https://15notas.sinoinformatica.com.br/Pagina/Listar/610>, consultado em 07/04/22 às 09:45.

vazios nas superfícies, as aberturas foram dispostas de acordo com sua funcionalidade. Na fachada principal de caráter assimétrico, um vazio à esquerda em ambos os pavimentos foi seguido por cinco módulos menores em ritmo no nível superior, e por dois vazios no inferior. Nas faces laterais predominavam a opacidade, e na posterior uma simetria foi obtida por três aberturas em ambos pavimentos.

O ingresso principal era realizado à direita, e o acesso ao abrigo era realizado pela rampa à esquerda da residência.

Tirando proveito da declividade do terreno, o setor de serviços e o abrigo foram posicionados no nível inferior. O setor social e a cozinha foram dispostos no pavimento térreo e o setor íntimo isolado no pavimento superior. No recuo frontal foi implantado um jardim que operava como transição entre espaço público e privado, e o posterior foi dividido entre pátio de serviços e área destinada ao lazer.

As aberturas dos banheiros foram posicionadas na fachada voltada à rua devido sua orientação oeste. Tirando proveito da orientação à leste, os setores íntimo e social voltavam-se predominantemente ao fundo do lote, apesar de um dormitório e uma sala terem sido voltados à fachada principal. A divisa com a rua era feita por um gradil baixo assentado em base de alvenaria, proporcionando integração do objeto arquitetônico à paisagem. A declividade do terreno possibilitou o pavimento de serviços ser ocultado à partir da rua, gerando a percepção de um sobrado pelo observador.

O Telhado foi executado da mesma maneira do projeto anterior.



## **Residência Oscar Pereira de Araujo**

*Rua Allegrete, 26. Sumaré.*

1949



*Figura 23 - Fachada da Residência do Dr. Oscar Pereira de Araujo.*

Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956.

A terceira residência localizava-se na zona oeste de São Paulo, e foi construída para o tio de Paoliello, Oscar Pereira de Araújo<sup>62</sup>, então noivo de sua tia Ivone Furquim com quem casou-se posteriormente.

A residência unifamiliar de 262 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 521 m<sup>2</sup>, de proporção 1:2, perpendicular à rua, apresentando coeficiente de aproveitamento de

---

<sup>62</sup> Médico casado com a tia de Paoliello.

45%, o programa foi resolvido em um bloco único de dois pavimentos implementado recuado em todos os lados.

O volume de seção retangular do segundo pavimento com acabamento em pintura, o ressaltava sobre o embasamento revestido em acabamento litocerâmico. Este recebeu um acréscimo que avançava em direção à rua. A fachada principal de caráter assimétrico teve seus vazios distribuídos de acordo com sua funcionalidade.

Os setores social e de serviços foram dispostos no pavimento térreo, e o íntimo isolado no pavimento superior. As aberturas dos banheiros e o abrigo voltavam-se à fachada da residência devido sua orientação sudoeste. As aberturas dos dormitórios e salas voltavam-se majoritariamente ao fundo do lote devido à sua orientação nordeste. Estes eram integrados ao jardim destinado como área de lazer no recuo posterior.

Incorporados ao bloco principal, pela direita acessava-se o abrigo de automóvel e à esquerda ingressava-se ao setor de serviços, resguardado da visão da rua por uma parede de elementos vazados. Nos recuos frontal e posterior foram implementadas áreas ajardinadas. A porção posterior foi destinada ao lazer e a frontal como transição entre espaço público e privado, demarcado pela presença de um pergolado sobre o ingresso.

O lote foi separado da rua por um muro baixo revestido de pedras, e fechamentos em madeira, integrando a residência à paisagem.

A cobertura seguiu o modelo dos projetos anteriores.

### **3.2 Paoliello & Barros Ltda.**

O período de atuação conjunta entre Arnaldo Furquim Paoliello e Marino Fernandes Barros não se estendeu mais do que a associação com Vicente Ignatti. Com a experiência construtiva adquirida, a construtora executou um número maior de trabalhos executados em sua nova fase.

Entre os meses de setembro de 1950 e janeiro de 1952 foram edificadas 12 residências. Duas nas redondezas das anteriores (que foram o meio de divulgação do trabalho e obtenção de novas encomendas)<sup>63</sup>, oito foram executadas em parceria com Rodolpho Ortenblad Filho<sup>64</sup>, e a residência do próprio arquiteto. Segundo Paoliello,

Tínhamos no final do curso 12 obras em andamento, era um colosso e alguns colegas da Engenharia, que não nos conheciam bem, diziam que havíamos herdado uma construtora dos nossos pais! (PAOLIELLO, 2016, p. 17).

Durante o período em que a dupla trabalhou conjuntamente, Paoliello foi apresentado por Marino Barros ao arquiteto Oswaldo Arthur Bratke. Os escritórios de Oswaldo Bratke e Rino Levi eram os mais conceituados no contexto e despertavam o interesse dos estudantes em busca de estágio. Nestes eram desenvolvidos projetos independentes da execução, exceções em meio aos profissionais construtores da década de 1950.

Apesar de um estágio realizado e a atuação em sua construtora, Paoliello ingressou no escritório de Bratke, tutorado pelo arquiteto e por Zoltan Dudus<sup>65</sup>. Segundo Paoliello,

“Aprendi o que era um verdadeiro escritório de projetos e planejamento urbano, método e uso de técnicas de montagem de programas de projetos e apresentação dos estudos preliminares com perspectivas muito bem desenhadas. Foi meu verdadeiro mestre e exerceu muita influência na minha vida profissional” (PAOLIELLO, 2016, p. 17).

---

<sup>63</sup> Segundo o arquiteto, as obras eram parte da divulgação do trabalho desenvolvido pela construtora, e era uma forma de captação de novos trabalhos de clientes que visualizaram nas ruas as residências em construção (PAOLIELLO, 2018)

<sup>64</sup> Rodolpho Ortenblad Filho nasceu em 25 de janeiro de 1927, na cidade do Rio de Janeiro. Oriundo de uma família de engenheiros civis – pai, tio e avô – iniciou o curso de engenharia, mas com cisão dos cursos em 1947 optou por prosseguir no curso de arquitetura formou-se na turma de 1950, junto à Arnaldo Furquim Paoliello, Roberto Aflalo e Carlos Lemos (PEREIRA, 2010)

<sup>65</sup> Arquiteto de origem húngara, então funcionário de Bratke.

Mais do que as soluções arquitetônicas, o *modus operandi* de Bratke influenciou no desenvolvimento dos projetos residenciais na *Paoliello & Barros Ltda*, especialmente a partir do momento em que se encerrou a sociedade com Marino de Barros no final de 1951.

Em seu último ano de graduação, Paoliello acumulava funções entre o estágio no escritório de Bratke e o trabalho na sua construtora, deixando o acompanhamento das obras sob a responsabilidade de Marino Barros.

A construtora *Paoliello & Barros Ltda*. edificou duas residências nas proximidades das obras anteriores. A primeira ficava próxima à casa de Oscar Pereira de Araújo no Pacaembú, e uma na rua da residência de Paoliello em construção, no bairro do Alto da Boa Vista. Ambos clientes conheceram a construtora através das obras executadas.

### **Residência Judith Junqueira Franco e Hilda Junqueira Franco**

*Rua Alagoas 1075. Pacaembú.*

1950

A primeira residência localizava-se próxima ao estádio do Pacaembu, e foi construída para Judith Junqueira Franco e Hilda Junqueira Franco<sup>66</sup>.

A residência de 376 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 632 m<sup>2</sup>, de proporção 1:3, perpendicular à rua, apresentando um coeficiente de 59%. O programa foi resolvido em dois blocos, sendo a edícula alinhada ao limite posterior do terreno, e o principal com dois pavimentos foi recuado em todos os lados.

Com predominância de cheios sobre vazios, o volume do corpo principal recebeu seu acabamento em pintura. O segundo pavimento de seção retangular foi destacado sobre o embasamento, que foi parcialmente fracionado na porção frontal, e sofreu uma extrusão que avançou pelo recuo direito. Os vazios foram distribuídos na superfície sem propositura estética. A fachada principal teve dois rebaixos na superfície do segundo pavimento que alinhavam os vazios distribuídos simetricamente, da mesma forma que

---

<sup>66</sup> Amigas da esposa de Paoliello (PAOLIELLO, 2022).



os vazios abaixo em dimensões distintas. Na face lateral os módulos de janelas foram alinhados em fita valendo-se do mesmo artifício da fachada principal.

Pelo recuo lateral esquerdo eram realizados acesso social e de automóvel. A solução foi adotada devido o aterro do terreno que possuía declividade no sentido transversal do lote, reunindo ambas entradas na porção do terreno alinhada em nível com a via pública.

Na edícula foram dispostos o abrigo do automóvel, as dependências de empregados e a lavanderia. O setor social e a cozinha foram posicionados no térreo do bloco principal e o setor íntimo foi isolado no nível acima. Uma área ajardinada foi implantada no recuo obrigatório na porção frontal do lote, criando uma transição entre a casa e a rua. O pátio ao fundo foi dividido entre serviços e lazer.



*Figura 24 - Fachada da Residência das Srtas. Judith e Hilda Junqueira Franco.*  
Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956.

As aberturas de janelas de quartos e salas foram dispostas majoritariamente na fachada principal devido sua orientação norte. As aberturas da cozinha e dos banheiros do pavimento superior voltavam-se à leste.

O lote foi separado da rua pelo muro de arrimo revestido em pedras, com seções em gradil de madeira, integrando a residência à paisagem.

A cobertura dos blocos adotou a solução dos anteriores.

### **Residência Francisco Luiz Rocco**

*Rua General Ozório, 986. Alto da Boa Vista.*

1951

A segunda residência localizava-se na quadra vizinha àquela em que Paoliello estava executando sua residência no bairro, e foi construída para Francisco Luiz Rocco<sup>67</sup>.

A residência de 346 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de esquina de 782 m<sup>2</sup> de proporção 2:1, paralelo à rua, apresentava um coeficiente de 44% de aproveitamento. O programa foi resolvido em dois blocos, um abrigo de automóvel acessado pela Rua Irineu Marinho, e o principal com dois pavimentos centralizados transversalmente no lote voltado à Rua General Ozório.

O volume de seção retangular do pavimento superior apoiava-se sobre o embasamento que avançava em direção ao recuo lateral direito e à porção posterior do lote. Marcada pelo seu caráter simétrico, a fachada principal apresentava três vazios dispostos em ritmo em cada pavimento. O nível acima teve seu acabamento em branco, que reforçava o contraste e acentuava sua leveza em relação ao embasamento revestido com acabamento litocerâmico.

---

<sup>67</sup> Francisco Luiz Rocco era sócio da Laborterápica, empresa em que atuava Domingos Pires de Oliveira Dias. Francisco era filho do cunhado de Domingos Pires. (PAOLIELLO, 2022).





*Figura 25 - Fachada da Residência do senhor Francisco Luiz Rocco.*  
Fonte: Portfólio da Construtora Paoliello Ltda., 1956.

O setor íntimo foi isolado no pavimento superior, e no térreo o social e o de serviços, que seguia organização às casas tradicionais das décadas anteriores, ocupando uma extensão do pavimento térreo aos fundos do terreno. No recuo lateral esquerdo foi implantada área ajardinada destinada ao lazer, e o posterior foi destinado à área de serviço.

As aberturas de janelas de quartos e salas foram dispostas majoritariamente na fachada principal devido sua orientação norte. As aberturas da cozinha, do setor de serviço, banheiros e dependências de empregados, voltavam-se à porção posterior.

O lote foi separado da via pública por um muro baixo revestido de pedras com seções em gradil de madeira. A solução integrava o objeto arquitetônico à paisagem.

Neste projeto, Paoliello manteve a solução de telhas como habitual nesta fase.

### 3.3 Associações com Rodolpho Ortenblad Filho

#### **Residência Tito M. Nogueira de Noronha**

*Rua Jerônimo da Veiga, 211. Itaim.*

1950



*Figura 26 - Fachada da Residência do Senhor Tito M. Nogueira de Noronha no bairro do Itaim, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda., p. 18.

No início de 1952 foi concluída a primeira residência projetada em parceria com Rodolpho Ortenblad, que teve início ainda no tempo estudantil, com o nome de OPA, que permanece na nova sociedade.

A residência foi construída para Tito M. Nogueira de Noronha, cliente de Rodolpho Ortenblad. Localizava-se na zona sul de São Paulo, onde o Doutor Rodolpho Ortenblad, – pai do arquiteto, possuía alguns lotes, onde construiu casas para renda,



encomendadas tanto à Construtora Paoleillo Ltda., quanto à Construtora Marino Barros Ltda.

Em um terreno de proporção 1:2, perpendicular à rua, o programa foi resolvido em dois blocos. A edícula alinhada no limite posterior do lote, e o principal com dois pavimentos implantado no sentido longitudinal recuado em todos os lados.

O volume tirou proveito da estrutura como elemento plástico. A composição de caráter assimétrico teve o ritmo dos vazios demarcado pelos panos de madeira obtidos pelo sistema de janelas em guilhotina no nível superior. As paredes do embasamento foram revestidas de tijolos, e reforçaram a leveza do pavimento acima pouco avançado sobre o térreo.

No bloco principal, foram dispostos no térreo o setor social e a cozinha, e o início foi isolado no pavimento superior. Na edícula foram dispostos o setor de serviço, a dependência de empregados e o abrigo de automóveis. Nos recuos frontal e posterior foram implementadas áreas ajardinadas, sendo o posterior dividido entre lazer e serviços, resguardados da visão a partir da via pública.

As aberturas de dormitórios e salas foram posicionadas majoritariamente na fachada principal devido sua orientação norte, e os banheiros e cozinha voltavam-se ao fundo do lote. As esquadrias de vidro na fachada propunham a integração visual entre interior e exterior.

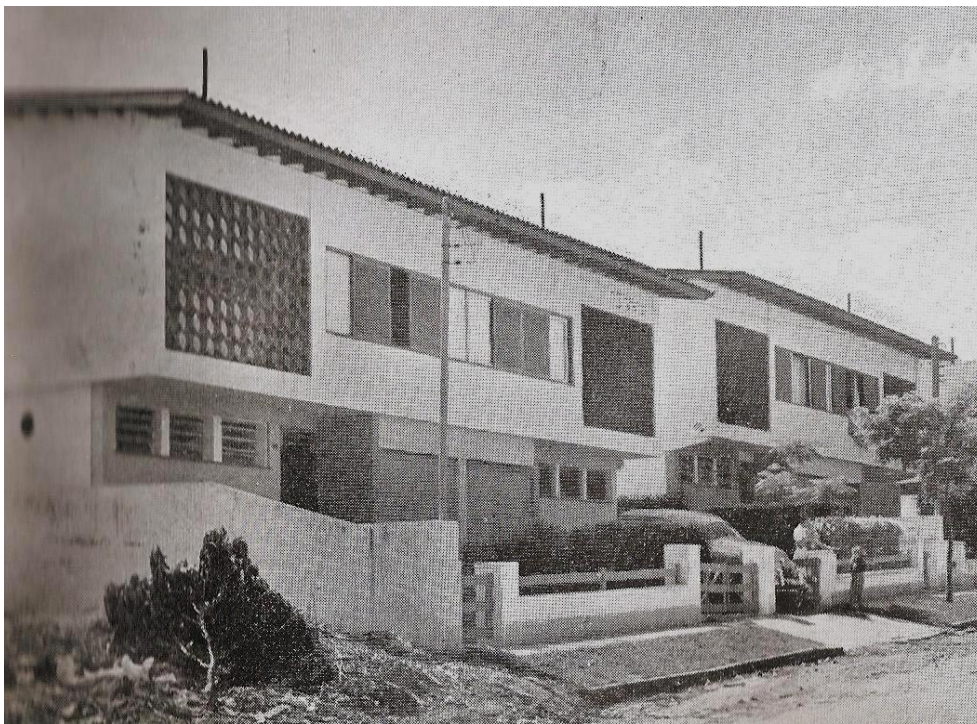
A cobertura foi realizada por telhas de fibrocimento dividido em duas águas com beirais em estuque acompanhando a queda. A baixa inclinação tornou-o quase imperceptível a partir da via pública. A edícula adotou o mesmo material com caída única.

O lote foi separado da rua por um gradil baixo de madeira com base em alvenaria, integrando a casa à paisagem.

## Residências Rodolpho Ortenblad

Rua Jerônimo da Veiga, 211. Itaim.

1951-1952



*Figura 27 - Residências para renda de propriedade do Doutor Rodolpho Ortenblad no bairro do Itaim, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda., p. 19.

Após a primeira experiência, Paoliello e Ortenblad desenvolveram juntos o projeto de um conjunto de sobrados para locação. Segundo Sabrina Pereira,

“Este conjunto de oito sobrados geminados, construídos por quatro grupos de duas casas geminadas, foi o primeiro projeto para o setor imobiliário desenvolvido por Rodolpho Ortenblad Filho. O terreno escolhido era situado na Rua Campos Bicudo, no bairro do Itaim Bibi, era de propriedade de sua família, que possuía na região outros terrenos e imóveis” (PEREIRA, 2010, p. 127).

Construídos para serem alugados, os sobrados possuíam um programa reduzido e nenhuma distinção programática entre as unidades. Na solução foram adotados dois

blocos, o principal foi implantado no sentido longitudinal do lote – perpendicular à rua – recuado em uma lateral e a edícula alinhada ao limite posterior.

O volume do segundo pavimento recebeu acabamento em pintura, ressaltando a percepção de leveza sobre o embasamento revestido com pedras. Na fachada principal os vazios do segundo pavimento foram alinhados por rebaixos na superfície, e na cota inferior três módulos receberam sua ordenação em ritmo.

O ingresso ao setor de serviço era realizado pela lateral por onde se alcançava cozinha e pátio de serviço. O acesso social e ao abrigo de automóveis era realizado pela fachada. Nos recuos frontal e posterior foram implantadas áreas ajardinadas. A posterior foi dividida entre um lazer e serviços, separados por um muro de elementos vazados.

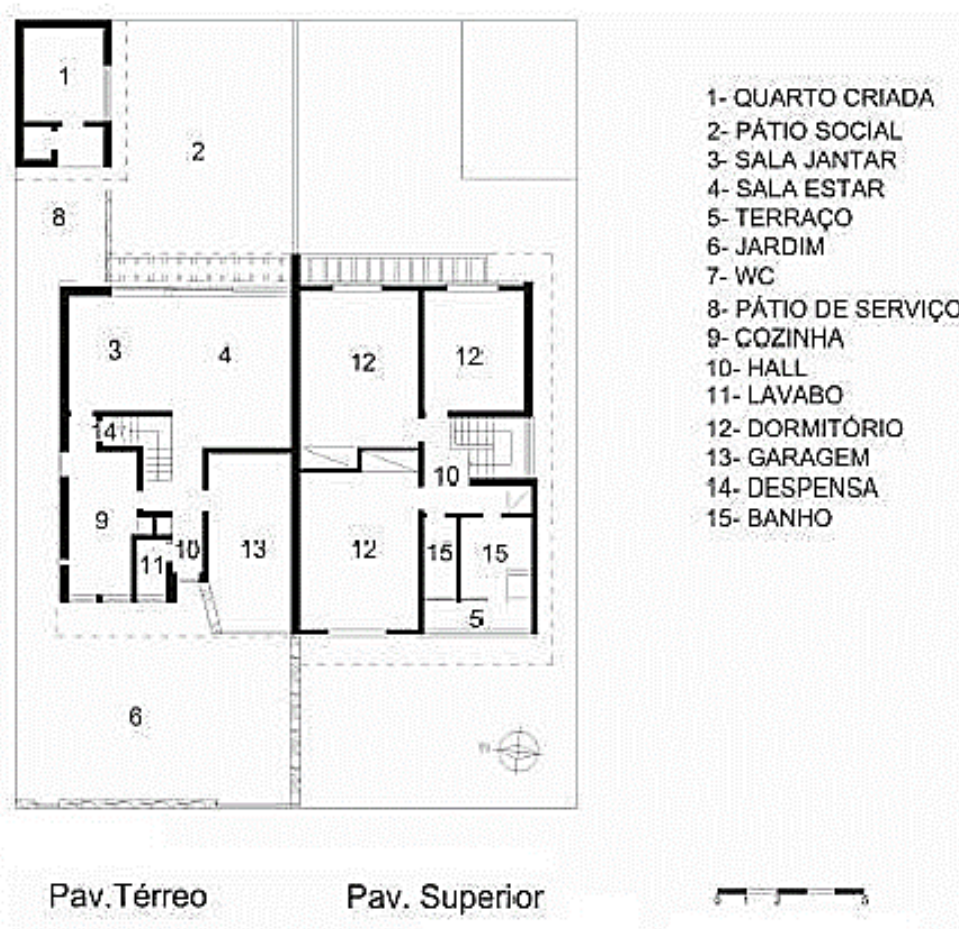


Figura 28 - Planta-baixa dos sobrados geminados projetadas por Rodolpho Ortenblad Filho e Arnaldo Paoliello para o Doutor Rodolpho Ortenblad.

Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto. Redesenho de Sabrina Pereira.

No bloco principal foram dispostos no térreo o setor social, a cozinha, e o abrigo do automóvel incorporado ao bloco, e o setor íntimo foi isolado no pavimento superior. Na edícula foi disposta a dependência de empregados.

As aberturas dos dormitórios e salas foram posicionadas nas faces opostas do bloco independente de sua insolação. Os banheiros e a cozinha voltavam-se à rua e foram ocultados na fachada por um terraço fechado com elementos vazados. A distribuição proporcionou a integração do setor social com o jardim aos fundos, com o qual mantinha fluidez.

O lote foi separado da rua por um gradil baixo, integrando os sobrados à paisagem.

A cobertura de baixa inclinação era composta por telhas de fibrocimento, dividido em duas águas com seu eixo paralelo à rua e beirais de madeira aparente. Na edícula tinha caída única voltada ao pátio.

Apesar do programa reduzido e a destinação ao aluguel, os sobrados foram executados seguindo princípios plásticos-formais das residenciais unifamiliares projetadas aos demais clientes. Apesar da indistinção entre as unidades, nota-se o cuidado aplicado no tratamento das fachadas, nos resguardos entre setores e nas soluções em busca do conforto térmico.



### 3.4 Residências familiares

A casa tem um relacionamento interativo com o homem (cuja configuração formal fica dependente da situação financeira e o estilo de vida de seu dono) quando lhes infunde um modo pessoal de vivência, a transforma numa extensão de seu próprio corpo. Dessa forma, **a casa passa a assumir uma dimensão simbólica** (MIGUEL, 2013, p. 57).

Os anos consecutivos de sua formação como arquiteto foram profícuos em sua legitimação profissional no contexto paulistano. No ano de sua formação em 1950, Paoliello já apresentava em seu portfólio cinco residências unifamiliares e oito destinadas ao arrendamento, além de projetos desenvolvidos ainda não executados. Aliada à experiência construtiva adquirida na edificação destas obras, as referências assimiladas a partir de sua atuação no escritório de Oswaldo Arthur Bratke começaram a integrar o vocabulário formal do arquiteto a partir de então, com maior evidência nas residências edificadas para a família Pires de Oliveira, a qual Paoliello integrou-se a partir do casamento com Graziela Pires de Oliveira em 1950.

A consonância entre sua formação e o contexto profissional em que a família de sua esposa estava inserida, o possibilitou desenvolver novas experiências na edificação das futuras moradias. Domingo Pires era um investidor no setor industrial farmacêutico em expansão, que a partir do deslocamento das instalações do campo fabril de sua empresa para o então município de Santo Amaro, foi motivado a transferir seu endereço para a mesma região.

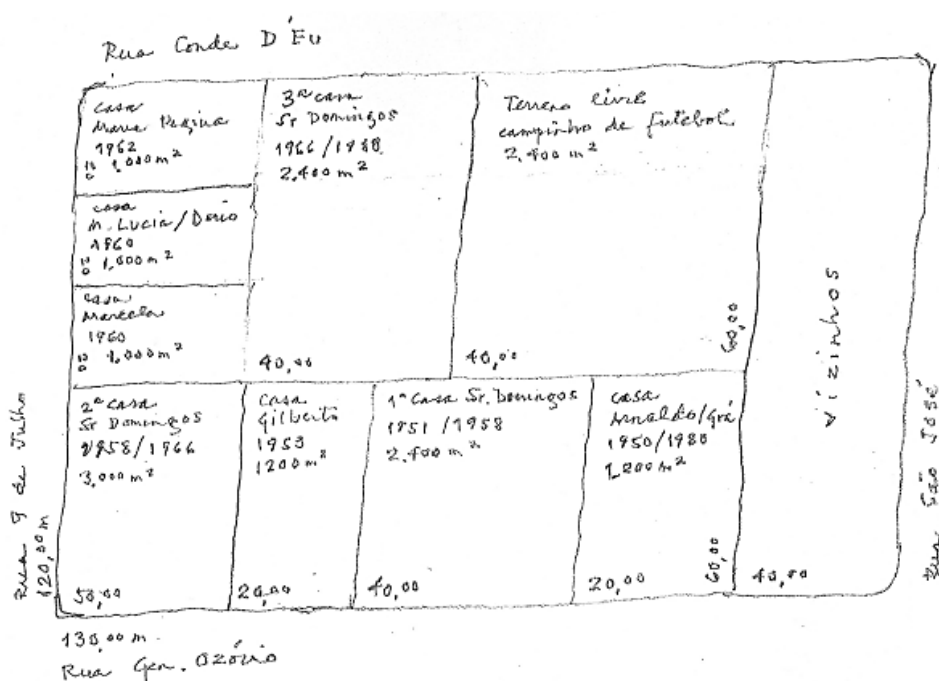
Adquiriu também uma chácara no Alto da Boa Vista com 16.000 m<sup>2</sup>, quase um quarteirão com três frentes que ficava próximo à indústria, para onde pretendia se mudar no futuro, do Jardim Paulista, com toda a sua família (PAOLIELLO, 2017, p. 18).

Foram desenvolvidos inicialmente três projetos para lotes fragmentados na área adquirida na quadra, coincidindo com a imediata formação de Paoliello. O primeiro foi a residência do próprio arquiteto, que causou repercussão positiva entre os colegas do

Mackenzie, e consolidou o desejo de Domingo Pires em iniciar a edificação de sua casa, que se tornou uma obra legitimadora na trajetória de Paoliello.

A confiança adquirida através da convivência nos anos anteriores a seu casamento, colaboraram para a consolidação de seu capital social entre os membros do círculo em que foi inserido. Esta lhe garantiu a possibilidade de realizar projetos com soluções inovadoras que romperam com a linguagem adotada nas residências anteriores, além de encomendas posteriores de parceiros profissionais e amigos da família Pires de Oliveira.

Segundo o arquiteto, a liberdade concedida no desenvolvimento do projeto de Domingos Pires, foi determinante na adoção de elementos arquitetônicos difundidos enquanto demonstração de modernidade no contexto de sua execução<sup>68</sup>.



Terreno adquirido pelo Sr. Domingos no Bairro Alto da Boa Vista  
 Área total ± 16.000 m<sup>2</sup>.

Figura 29 - Residências edificadas no lote adquirido por Domingos Dias no Alto da Boa Vista.

Fonte: Arnaldo Paoliello, 2022.

<sup>68</sup> PAOLIELLO, 2022.

No período de atuação da *Construtora Paoliello Ltda.*, a participação do cliente - com seu modo de vida, práticas culturais, hábitos e ritos do morar - parece ter interferido no projeto, determinando aceitação ou rejeição de soluções modernas propostas pelo profissional. A relação entre a concepção do profissional, as demandas do cliente e a obra resultante, pode nos mostrar que os elementos de modernidade adotados nas residências podem ter sido mais influenciados pelo contexto social que o gerou, do que pelos princípios adquiridos em seu período de formação.

Fica evidente que as vontades da clientela se sobrepunham à liberdade no processo de criação arquitetônica. As questões funcionais do espaço doméstico que refletiam a cultura de seus moradores, se impunham aos arranjos espaciais e à composição estética proposta pelo arquiteto.

Uma análise mais aprofundada das residências apresentadas a seguir se fez necessária devido ao seu caráter de ruptura com um determinado tradicionalismo observado nos projetos anteriores, principalmente quanto aos aspectos plásticos. Mais do que enaltecer a assimilação da linguagem modernista – valorizada no contexto historiográfico brasileiro – na obra do arquiteto, nosso objetivo é entender como esta foi possibilitada por uma determinada clientela, à qual o arquiteto pertencia.

Um fator que parece colaborar com a confirmação desta hipótese, é notado através do regresso na adoção de elementos presentes nas primeiras obras, que passam a ser praticados novamente após a execução das residências familiares. A assimilação das características evidenciadoras de modernidade parecem menos evidentes nos projetos desenvolvidos aos demais clientes, com os quais o arquiteto não apresentava os mesmos vínculos de sociabilidade e parentesco.

Nos projetos analisados a seguir fica evidente a forte vinculação de Paoliello aos princípios de modernidade estadunidense, adquiridos principalmente no estágio no escritório de Oswaldo Arthur Bratke. As ideias assimiladas resultaram nas obras mais

arrojadas executadas pela *Construtora Paoliello Ltda*<sup>69</sup>. A partir do relato do arquiteto à Adriana Irigoyen, nos é apresentado que

Arnaldo Paoliello que trabalhou com eles [Oswaldo Bratke e Zoltan Dudus] entre 1946 e 1951, chegando a ser sócio de ambos em 1951, confirmou que Dudus costumava mostrar a Bratke obras de Neutra ou de Breuer publicadas na revista *Arts & Architecture*, e fazia comentários sobre como deveriam encaminhar sua própria obra, segundo as diretrizes racionais dos grandes mestres da arquitetura moderna norte-americana, eles próprios imigrantes. “Aprendi mais com Dudus do que com o próprio Bratke”, afirma Paoliello. (TOUCEDA, 2005, p. 113).

Assim como visto no capítulo anterior, esta relação se faz notar nas obras desenvolvidas pelos colegas de formação que também iniciaram suas trajetórias no escritório de Bratke. Dentre estes, dois se tornaram parceiros profissionais no início da atuação de Paoliello, como Marino Barros e Rodolpho Ortenblad Filho (TOUCEDA, 2005, p. 106).

A partir dos projetos desenvolvidos pelos três profissionais, notamos as confluências de características presentes nas obras desenvolvidas em suas carreiras independentes. Mas é possível verificar divergências, provavelmente resultantes das solicitações da clientela atendida por cada um. Tendo como ponto de partida a experiência com Bratke, suas trajetórias individuais serão influenciadas posteriormente tanto pelo círculo pessoal ao qual cada um se insere, quanto pelas suas filiações referenciais. Comum a todos,

Bratke deve ser considerado o pioneiro deste grupo, aquele que fez da sua obra um campo de provas. Nenhum aspecto do programa ficava fora do seu alcance, seus estudos minuciosos abarcavam questões funcionais, formais e técnicas. Estudioso da arquitetura norte-americana, logo se identificou com seu pragmatismo, racionalidade construtiva, evidente funcionalidade e possibilidades de novas tecnologias, todos eles colocados em função de uma nova forma de vida e uma estética moderna (TOUCEDA, 2005, p. 106).

---

<sup>69</sup> PAOLIELLO, 2022.

A partir dessa abordagem, os projetos a seguir nos apresentam as assimilações ou rejeições das premissas modernistas pelas quais notamos a interferência da clientela na execução dos projetos. O repertório arquitetônico de Paoliello resultou em arranjos espaciais e composições plásticas de influência estadunidense, adaptados à realidade local, segundo o modo de vida de seus clientes que não se identificavam com os padrões de modernidade deste país.

O arquiteto é entendido por esses clientes como um profissional que possibilita a materialização de suas vontades. Esses projetos podem ser entendidos como documento das formas de viver de uma época, não delegando ao arquiteto maior poder de decisão do que aquele que usufrui de sua criação, o morador.

Trata-se de uma nova leitura sobre a produção destes profissionais, distinta às biografias ou aos catálogos que enfatizam a criatividade ou valorização de cada um. Buscamos ressaltar o papel dos atores sociais externos ao campo profissional no resultado alcançado em cada obra e como suas relações com estes impossibilitaram ou colaboraram na busca pela modernidade.

### **Residência do Arquiteto**

*Rua General Ozório, 676.*

1952

O primeiro projeto edificado por Paoliello após a cisão da sociedade com Marino Barros foi a sua própria residência. Gozando de total liberdade, o arquiteto aproveitou-se da possibilidade de experimentar soluções e técnicas inovadoras, as quais havia tido contato nos anos anteriores como estagiário no escritório de Bratke. Nos projetos realizados a partir desta etapa, notamos as referências adquiridas no escritório desse arquiteto. Segundo Irigoyen de Touceda,

As casas projetadas por este grupo de arquitetos no período 1945-1960, revelam em maior ou menor grau, afinidade com as inovações funcionais, técnicas e formais introduzidas na esfera doméstica pelos modelos norte-americanos (TOUCEDA, 2005, p. 11).

Às vésperas do seu casamento, Paoliello conseguiu um financiamento junto à Caixa Econômica Federal para a construção de sua casa. Uma solução térrea implantada em um lote de 1200 m<sup>2</sup>, que foi presenteado por seu futuro sogro na quadra localizada nas proximidades de sua indústria (PAOLIELLO, 2017, p. 18).

Edificar sua residência após a obtenção de seu diploma, possibilitou a Paoliello experimentar elementos plásticos que compuseram seu vocabulário arquitetônico nos anos consecutivos. Após concluída, essa casa se tornou seu cartão de visitas para alcançar uma clientela, e o legitimar dentro do meio profissional enquanto um arquiteto adepto da linguagem modernista no contexto paulistano. Apesar da transformação ocorrida, o contexto social desta produção reforça o capital simbólico dos preceitos modernistas, um aperfeiçoamento de uma racionalidade e funcionalidade já verificadas em sua produção residencial inicial.

Em um terreno retangular de proporção 2:1 entre comprimento e largura que possuía seu sentido longitudinal perpendicular ao limite da rua, foram dispostos dois blocos independentes que somados resultaram em 200 m<sup>2</sup> de área construída e um coeficiente de aproveitamento de 17% do terreno.

O bloco menor disposto no limite posterior do lote foi edificado primeiro e utilizado como depósito de materiais ao longo da obra. O principal ocupava toda a extensão transversal e possuía um recuo frontal de vinte metros, maior do que o exigido pelo código de obras. O direcionamento da construção para o interior do lote e o amplo afastamento da rua reforçaram a busca de privacidade.<sup>70</sup> A disposição dos corpos construídos foi determinada também respeitando a vegetação existente no terreno, integrando-a ao projeto.

---

<sup>70</sup> O arranjo espacial pode ser notado nas residências projetadas por Richard Neutra, que assimilou a ocupação do lote por completo das residências hispânicas que se desenvolviam em torno de pátios e jardins (TOUCEDA, 2005, p. 43).



*Figura 30 - Fachada da residência de Arnaldo Paoliello.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

O volume gerado pela organização espacial resultou em uma forma geometrizada com acentuada horizontalidade, rompida pela composição plástica dos panos verticais e a inclinação do telhado-borboleta<sup>71</sup>, que pode ser notado na fachada principal pelo seu posicionamento no eixo longitudinal da construção.

Distribuídas independentemente, uma das três áreas livres foi incorporada ao convívio social, eliminando a dicotomia entre espaço interior e exterior.

O recuo frontal relacionava-se de maneira tímida com o interior, tendo sido utilizado um pergolado como elemento visual de integração entre o ingresso da residência e o jardim implementado neste espaço<sup>72</sup>. O pano de vidro do setor social voltado ao jardim foi protegido da insolação noroeste por blocos vazados em toda sua extensão, tirando proveito da iluminação sem prejudicar o caráter privativo do projeto. As janelas dos dormitórios se voltavam para o jardim frontal. Apesar do tratamento

---

<sup>71</sup> O telhado adotado em residências de Marcel Breuer no contexto americano, havia sido utilizado no ano anterior por Vilanova Artigas em sua segunda residência no ano de 1949 (MIGUEL, 2003). Pouco comum no contexto paulistano, causou estranhamento e foi considerado “telhado de galinheiro” pela esposa do arquiteto (PAOLIELLO, 2017, p. 18).

<sup>72</sup> Segundo Jorge Marão, este elemento havia sido utilizado nas residências de Vilanova Artigas prevendo a transição entre espaço interno e externo, sendo que em sua segunda residência o arquiteto adotou este elemento empregado em parte do entorno da residência (MIGUEL, 2003, p. 188).

paisagístico, este recuo parece configurar-se mais como um espaço de transição entre espaço público e privado, que um espaço de lazer integrado aos interiores da residência.

O recuo posterior foi dividido, de modo a criar uma área de lazer integrada às salas pelas portas de vidro que se abriam para o exterior em substituição às janelas tradicionais<sup>73</sup>. Separado por um muro, e incorporado ao recuo lateral, um pátio de serviços completava o programa da residência.

Apesar da localização do abrigo de autos ao lado do corpo principal da residência, seu recuo exigiu o uso de uma parte da área ajardinada como acesso do automóvel, tal como os *porte-cochères* das casas oitocentistas<sup>74</sup>, inibindo maior integração do ambiente doméstico com o jardim. Uma das inovações assimiladas pelo arquiteto neste projeto foi a eliminação da edícula, incorporando o setor de serviços ao volume da residência, solução inédita na obra de Paoliello, que até então valia-se da presença de uma edícula na porção posterior do lote urbano, tal como nas residências da primeira metade do século XX.

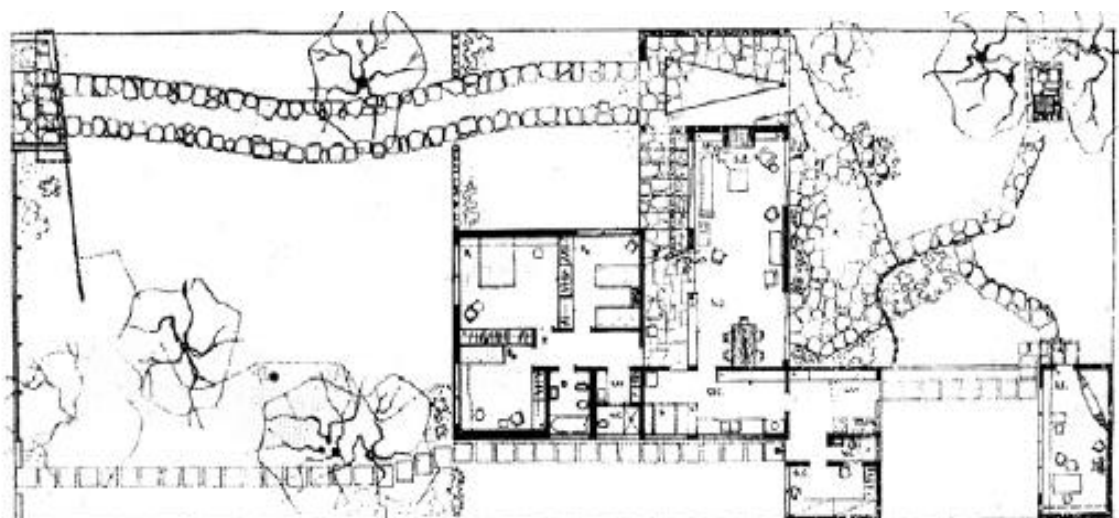
A organização espacial adotada neste projeto subverteu a lógica das obras realizadas na fase anterior. A forma da casa resulta de sua organização interna, marcada pela distinção entre setor diurno e noturno que foram organizados a partir da distribuição dos eixos estruturais.

---

<sup>73</sup> Adotados conjuntamente a abertura das plantas, os janelões - conhecidos como "*picture-windows*" - foram adotados como elementos de integração de interior e exterior (TOUCEDA, 2005, p. 29)

<sup>74</sup> Este tipo de organização se mostrava contrário ao preceito da arquitetura moderna que propunha a localização de garagens e setores de serviços na parte frontal do terreno, diminuindo as distâncias na realização de tarefas domésticas, poupando área do terreno destinada à passagem do automóvel, e enfatizando o aproveitamento da parte posterior do terreno para implantação de jardins (PINHEIRO, 1997, p. 232)





*Figura 31 - Planta-baixa da residência de Arnaldo Paoliello.*

Fonte: Acervo Wanda Svevo.

O ingresso social era realizado por um vestíbulo estendido e integrado às salas, que operava como espaço de intersecção entre interior e exterior - aspecto reforçado pela pérgola e continuidade do piso em ambos os lados do acesso. A permeabilidade deste espaço integrava-o ao setor social composto por sala de estar e jantar, e visualmente ao jardim através das portas de vidro.

Favorecida pela perspectiva obtida pela extensão do ambiente, foi utilizada uma lareira centralizada ao fundo da sala em seu sentido longitudinal como elemento de destaque. Adotadas em projetos destinados aos setores médios paulistanos, Carlos Lemos questiona o seu uso em um contexto de um país que seria demandando ocasionalmente<sup>75</sup>. Sua presença parece constituir-se mais como um elemento simbólico, uma vez esvaziado de sua praticidade.

O bloco que atendia às funções noturnas posicionava-se voltado à rua tirando proveito da orientação solar noroeste, e era dividido pela presença de armários ocupando todo o pé-direito, que facilitariam o remanejamento dos ambientes de acordo com novas necessidades. Essa característica foi adotada a partir de sua experiência no escritório de Bratke (TOUCEDA, 2005, p. 216). Dois banheiros foram posicionados ao

---

<sup>75</sup> LEMOS, 1978, p. 30.

lado do setor de serviços, otimizando as instalações hidro-sanitárias ao longo de toda a fachada esquerda da residência.

O setor de serviços podia ser alcançado pelo vestíbulo - do qual se tinha acesso à copa-cozinha integrada – e por uma entrada independente disposta no recuo lateral direito, onde são direcionadas as aberturas dos banheiros, cozinha, e dependência de empregados. A partir da lavanderia acessava-se o pátio, separado por um muro do jardim social ao lado. Apesar da destinação à secagem de roupas, a abertura do escritório se dava para este espaço tirando proveito da melhor insolação.

Uma publicação do projeto na revista *Brasil Arquitetura Contemporânea*<sup>76</sup>, ressalta que a planta se assemelhava à maneira Usoniana, adotando um arranjo espacial utilizado nos projetos de Richard Neutra inspirados na arquitetura de Frank Lloyd Wright. Adaptado ao contexto social paulistano, foi reformulado, desconfigurando principalmente o setor de serviços. Adriana Irigoyen nos mostra que na planta

O ângulo destinava-se à área de serviço. E esta cresceu, desfazendo a nitidez do L, para poder abrigar anexos como lavanderia e dependências de empregada. No fundo terreno, independente da moradia, o que fora depósito de materiais da obra servia como um pequeno escritório (TOUCEDA, 2005, p. 215).

Isolada da rua por um muro em alvenaria no limite frontal do lote, a casa não se propunha a integrar-se à paisagem urbana, mas reforçava seu caráter privativo resguardando a privacidade do setor íntimo que se volta para rua. Apesar de ainda não promover diálogo visual com o entorno próximo, Paoliello adotou um novo repertório estético que pode ser notado no tratamento do objeto arquitetônico em todas as suas faces, desprezando a enfática valorização das fachadas voltadas à rua em seus projetos anteriores.

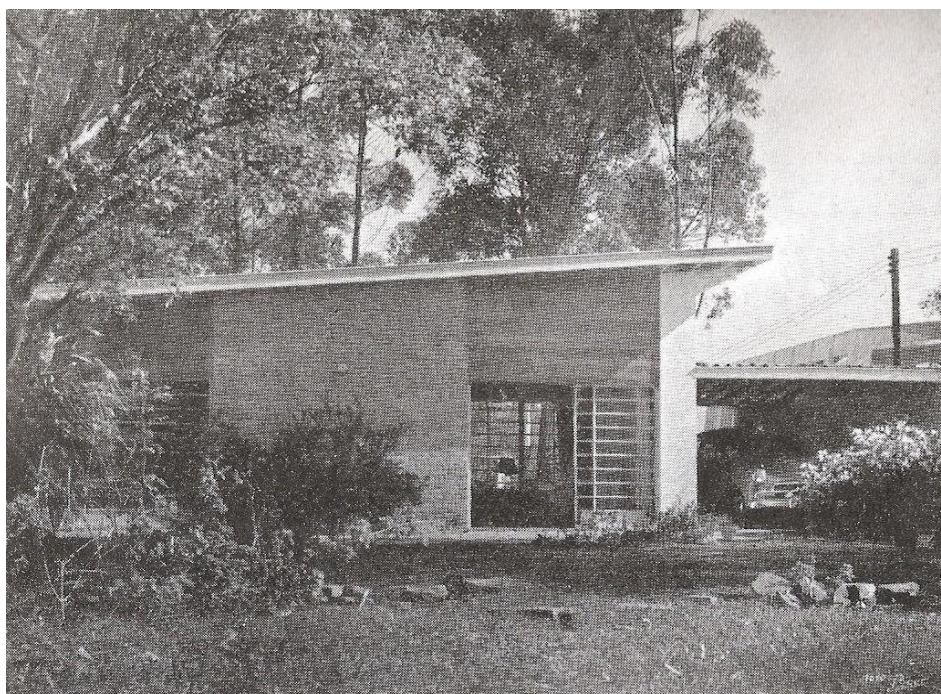
Em sua residência foi experimentada uma nova relação de cheios e vazios, em que se faz notar a referência às obras de Marcel Breuer com as quais Paoliello teve contato no escritório de Bratke. O tratamento plástico das fachadas tirou proveito da

---

<sup>76</sup> Residência do arquiteto. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 29, 1954.

demarcação gerada pelo sistema estrutural auto-portante, evidenciando o ritmo de opacidade e transparência dos invólucros. Ocupando todo o lote transversalmente, as fachadas voltadas aos pátios e jardins receberam o mesmo tratamento, não desprezando a face esquerda que abriga a entrada de serviços. As aberturas laterais foram alinhadas em fita gerando um corte horizontal contínuo demarcado pelo rebaixo, como visto em residências anteriores.

Foram utilizados tijolos aparentes e madeira nos tratamentos das superfícies. Na fachada principal - resultante de dois planos defasados - o primeiro foi organizado a partir de um eixo simétrico vertical, em que o pano central opaco delimita os rasgos verticais nas extremidades em que foram posicionados os panos de madeira formados pelo uso de esquadria ideal. No plano secundário predomina a horizontalidade, entre o vazio conformado pelo abrigo de automóvel, e no cheio pela presença de dois panos distintos: um de elementos semi-transparentes que protegem a pele de vidro da insolação direta, e um de madeira acima deste, separado pela presença do pergolado também em madeira.



*Figura 32 - Fachada posterior da residência de Arnaldo Paoliello.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

Na fachada posterior que se volta ao pátio de lazer, novamente predomina a simetria no eixo vertical, desta vez tendo a opacidade central obtida a partir de um pano de tijolos aparentes, que separa as transparências nas extremidades proporcionadas pelos panos de vidros rompidos verticalmente pelo fechamento em madeira na parcela superior de seu posicionamento.

Executado com telhas onduladas de fibrocimento, os amplos beirais da cobertura possuíam testeiras de madeira que valorizavam seu acabamento em grande parte da residência. Receberam coberturas independentes o escritório ao fundo do lote e o abrigo de automóveis que - ainda que justaposto ao corpo principal - recebeu cobertura independente alinhado ao pergolado que demarca o terraço por onde se ingressa na residência. Apesar de não permitir sua completa integração visual à construção, gerou um jogo de planos inclinados distintos na cobertura.

### **Residência Domingos Pires de Oliveira Dias**

*Rua General Ozório, 680.*

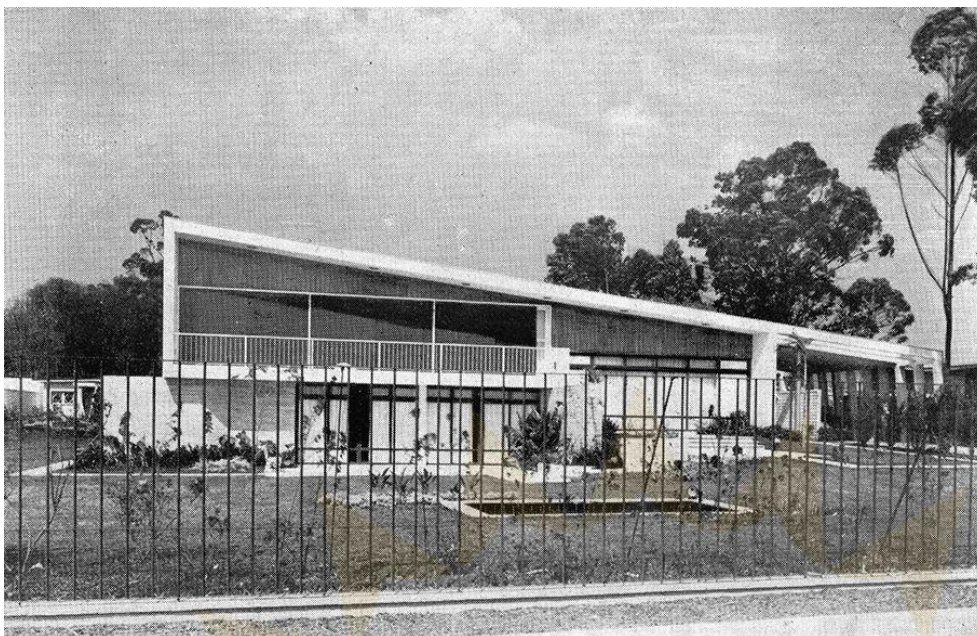
1952

Após a conclusão da residência de Paoliello, Domingos Pires de Oliveira de Dias – agora seu sogro – iniciou a obra de sua nova moradia no lote vizinho ao que foi construída a casa do arquiteto. Além da proximidade com as novas instalações de sua empresa em Santo de Amaro, edificar a nova residência se apresentava como a possibilidade de apropriar-se do capital simbólico de progresso representado pela linguagem da arquitetura modernista no contexto da década de 1950. Mudar-se da casa tradicional na Rua Honduras para uma moderna no bairro em processo de ocupação, colaborou com a construção da imagem que Domingos Pires desejava comunicar: de um profissional inovador no contexto nacional do ramo da indústria farmacêutica.

A confiança adquirida do arquiteto pelo seu cliente, reforçado agora pelo entusiasmo gerado a partir da conclusão da sua própria residência, foi decisiva na atribuição de liberdade plástica na elaboração do projeto, que não passou por nenhuma

modificação após ser apresentado à Domingos Pires<sup>77</sup>. Construída em uma linguagem que rompia com o vocabulário arquitetônico existente no bairro, a experiência de sua residência possibilitou que neste projeto Paoliello avançasse ainda mais na adoção de elementos plásticos representativos do modernismo, aos quais demonstrou afinidade.

Agora com mais recursos financeiros disponíveis e um lote com dimensões generosas, o projeto desenvolvido resultou na primeira publicação de uma obra do arquiteto na Revista Acrópole<sup>78</sup> - periódico que gozava de prestígio entre os profissionais da construção e posteriormente em premiações<sup>79</sup> além de publicações<sup>80</sup> que tornaram os trabalhos de Paoliello conhecidos internacionalmente.



*Figura 33 - Fachada da residência de Domingos Pires de Oliveira Dias.*  
Fonte: Revista Acrópole, maio de 1953.

---

<sup>77</sup> PAOLIELLO, 2022.

<sup>78</sup> O projeto sob o título de “residência moderna” foi publicado no número 164 na revista Acrópole em dezembro de 1951 – ano de desenvolvimento do projeto - e em maio de 1953 outra publicação no número 181 da revista apresentava a residência concluída.

<sup>79</sup> Categoria Habitação na I Exposição Internacional de Arquitetura de 1951 da Fundação Bienal de São Paulo. Arquivo Histórico Wanda Svevo.

<sup>80</sup> Através da publicação realizada no livro de Henrique Mindlin: *Modern Architecture in Brazil*, em 1956, e no ano seguinte, no fascículo número 28 da revista *Architecture d’aujourd’hui*, em setembro de 1957.



O amplo programa a ser atendido resultou em uma residência de 567 m<sup>2</sup> de área construída em um terreno de 2.400 m<sup>2</sup>. Além de dependências para o casal e suas três filhas, o aposento do filho deveria ter sua privacidade resguardada. As dependências dos empregados deveriam atender a três funcionários morando na casa: uma cozinheira, um motorista e uma copeira. O cliente desejava uma residência térrea que não prejudicasse a insolação adequada nos dormitórios e não necessitasse investimento em aterros e cortes no perfil natural do solo<sup>81</sup>.

A residência era composta por três blocos independentes, dispostos em um lote de proporção 2:1 com configuração similar à residência de Paoliello. Somadas as áreas edificadas apresentavam um coeficiente de aproveitamento de 23% do terreno.

Tirando proveito de um pequeno declive no sentido transversal do lote, Paoliello implantou um bloco centralizado composto por três níveis intermediários, alcançados a partir de escadas de meio nível. Afastado da rua por um recuo generoso, alinhava-se ao limite direito e possuía recuo à esquerda. O segundo bloco ao fundo possuía um pequeno afastamento em relação ao limite posterior do lote. Não previsto no projeto inicial e inexistente nos projetos desenvolvidos até então por Paoliello, foi adicionado no período de construção um terceiro bloco centralizado ao limite posterior no lote. O acréscimo nos mostra que

Em algumas casas aparece um quarto setor que passa a fazer parte das exigências programáticas dos projetos das últimas décadas – o setor de lazer. Este está, em geral, diretamente ligado aos espaços externos das casas e distribuído em um nível independente, ocupando uma área considerável (BRASIL, 2007, p. 125).

A volumetria do corpo principal foi gerada a partir de uma cobertura inclinada que se estende unindo todos os níveis da construção no sentido transversal paralelo à rua. Seu prolongamento alcança o limite direito do lote, incorporando o abrigo de autos na composição. O enquadramento contínuo da cobertura nascia no abrigo à direita,

---

<sup>81</sup> Parte do programa de necessidades da residência foi descrito no número 181 da Revista Acrópole, em maio de 1953, e já são descritas as soluções adotadas pelo arquiteto no desenvolvimento do projeto.

percorria toda a extensão inclinada ao longo da fachada e dobrava-se na fachada lateral esquerda, conformando então o piso dos terraços dos dormitórios, reforçando o efeito do balanço do volume na fachada posterior. O terraço contíguo às aberturas dos dormitórios proporciona sombreamento às aberturas em vidro na cota inferior e reforça a percepção de suspensão e leveza do nível superior. Este apoiava-se sobre um pano de pedras que, iniciado na cota inferior abaixo deste volume, estendia-se à direita para além do limite da construção.

A integração da arquitetura à paisagem – constante projetual na obra dos arquitetos organicistas estadunidenses- influenciou a geração de arquitetos paulistanos atuantes neste contexto, que apesar de conhecer as obras do profissional divulgado nos periódicos que circulavam nos escritórios, tiveram contato com seu trabalho em uma exposição sobre suas residências organizada por Pietro Maria Bardi em 1950 no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1950<sup>82</sup>.

O recuo frontal para onde se voltam os setores íntimo e social da casa de Domingos Pires, foi ajardinado com espécies de clima tropical - que reforçam a busca de elementos da flora brasileira, - tal qual o Neutra, que tirou proveito dos elementos da paisagem lindeira na Casa Kaufmann, de 1947.

A relação entre o espaço edificado e livre que começou a ser experienciada na residência de Paoliello, teve aqui o ápice dentre todos os projetos executados pela *Construtora Paoliello Ltda*. A importância atribuída às áreas ajardinadas integradas aos espaços interiores resultou na adoção de grandes portas de vidro que se abriam completamente ao jardim, permitindo permeabilidade e transparência entre os espaços.

A integração é reforçada na sala íntima por um pano revestido de pedras apicoadas, que se inicia no interior do salão familiar na cota mais baixa do terreno e se estende no muro exterior que separa os dois níveis de jardim. As amplas portas de vidro neste ambiente proporcionam a permeabilidade e transparência entre os ambientes.

---

<sup>82</sup> BARDI, 1950.

Uma das características das obras de Neutra e Breuer<sup>83</sup> mais evidentes na casa paulista que buscava uma forma de viver moderna e descontraída, era a integração entre interior e exterior, favorecida pelo clima de São Paulo, possibilitando durante um período longo do ano o *Outdoor Living* (TOUCEDA, 2005, p. 247).

Um espelho d'água presente no jardim demonstra esta destinação de uso. A separação entre este jardim e a rua demarcada pela presença de um gradil que não representava obstrução visual, evidenciava a intenção do arquiteto de integração entre espaço público e privado. A sala social se integrava ao jardim por portas de vidro que permitiam a fluidez entre o interior da residência e o jardim, assim como acontecia no salão familiar. Apesar da diferença da cota de nível dos dois ambientes mencionados, o jardim adjacente a ambos era interligado na porção mais afastada da fachada da residência.

Assim como na casa do arquiteto, o recuo posterior foi dividido entre um pátio de serviços delimitado entre o bloco principal e as dependências dos empregados e um pátio social separado deste por um muro, resguardando a sua privacidade. Destinado como uma área de lazer privativa em contraponto ao jardim frontal, o pátio de uso familiar faz a conexão entre a área social e o salão de jogos ao fundo, por meio de um jardim escalonado.

A organização da “planta em L” adotada no volume principal nos mostra a referência de Paoliello deste arranjo presente nas residências de Neutra, adequado à um resquício da casa colonial que dispunha seu setor de serviços em um “puxado” em relação ao corpo principal da edificação (TOUCEDA, 2005, p. 217)

---

<sup>83</sup> MARCEL BREUER foi um arquiteto de origem húngara formado na primeira geração da Bauhaus, que se mudou para os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, país em que se consagrou profissionalmente pela sua atuação e produção em linguagem modernista.



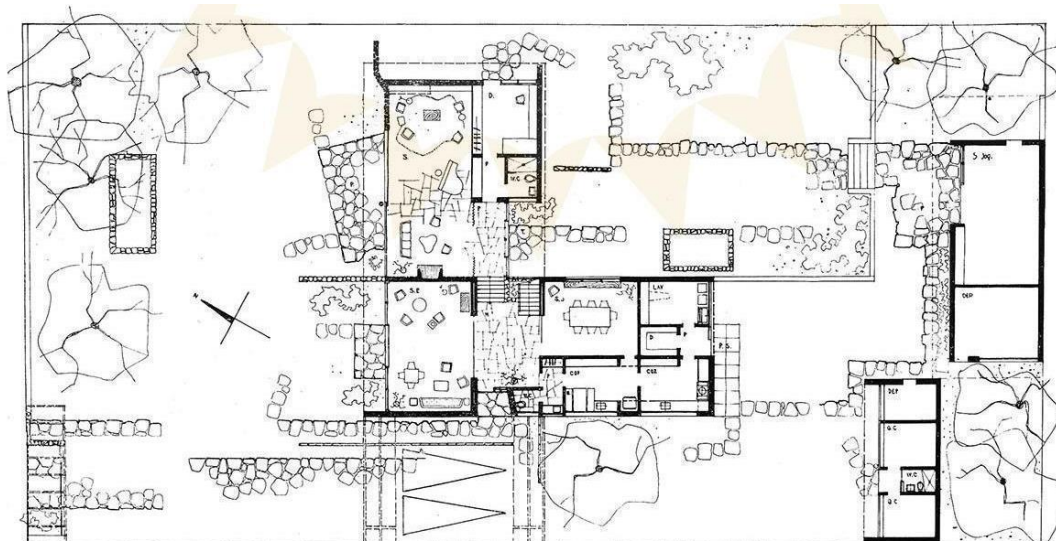


Figura 34 - Planta-baixa da residência de Domingos Pires de Oliveira Dias.  
Fonte: Revista Acrópole, maio de 1953.

O arranjo espacial privilegiou a melhor insolação, para os setores íntimos e sociais voltados à rua, e atribuiu maior atenção ao tratamento plástico da fachada. Em contraponto à casa do arquiteto, em que a organização espacial buscava resguardar a privacidade do setor social voltado à parte posterior do terreno, neste projeto buscou-se distribuir os ambientes sociais e íntimos voltados à rua de forma a configurar uma plasticidade na fachada principal, a ser apreciada pelo observador na rua.

Uma característica que chama a atenção na residência de Domingos Pires é a semelhança no arranjo espacial com a casa projetada por Marcel Breuer para uma exposição realizada no MOMA em Nova Iorque em 1949. A proposta do arquiteto alemão que propunha a solução binuclear separando a casa entre alas noturnas e diurnas, no contexto paulistano adquiriu um acréscimo onde - além de copa e sala de jantar - foram acrescentados ambientes de serviço, adaptando a referência à realidade local, como já havia feito em sua residência.

Justaposto ao abrigo de autos, o ingresso social era realizado pela lateral direita, separado do abrigo por um muro de elementos vazados. A cobertura deste espaço apresentava em sua extremidade a estrutura de um pergolado em concreto armado que acompanhava sua inclinação, e demarcava a transição entre exterior e interior. O piso de pedras usado no exterior e no hall da residência reforçam a percepção de integração.

Em arranjo semelhante ao adotado na casa de Paoliello, o abrigo de autos foi disposto ao lado do corpo principal da residência, desta vez contribuindo na composição volumétrica à qual foi completamente integrado, apresentando-se como continuidade deste, sem qualquer elemento de vedação em relação ao jardim frontal da casa. Em oposição aos abrigos localizados no fundo dos lotes nas arquiteturas tradicionais, aqui o automóvel foi simbolicamente associado à ideia de modernidade, artifício comum nas residências que buscam esta imagem (PINHEIRO, 1997, p. 232).

O hall operava como eixo principal de circulação entre os ambientes da casa, sendo o setor íntimo alcançado pelo acesso vertical, e o social acessado horizontalmente. Apesar da demarcação dos eixos de distribuição expressos visualmente pelo piso, o hall foi integrado às salas de estar e jantar posicionados lateralmente à entrada social. A configuração do espaço fluido foi obtida através da transparência visual existente ao longo de todos os espaços do setor social, que podiam ser isolados pelo fechamento de portas deslizantes que eram ocultadas embutidas nas paredes<sup>84</sup>.

A permeabilidade deste espaço era rompida no encontro das escadas, que obstruíam parcialmente a visão da sala íntima localizada na cota inferior do terreno à circulação dos dormitórios na cota superior, garantido a privacidade desejada. Adotada com frequência por arquitetos como uma das principais características modernas nas residências, segundo Luciana Tombi,

Essa organização de um espaço fluido contínuo, ligado aos espaços de transição como pátios e jardins, torna-se possível a partir da substituição dos planos verticais de fechamento (paredes) que fragmentam o espaço, por planos verticais transparentes de vidro, translúcidos de elementos vazados ou outros materiais que ligam o espaço ao todo (BRASIL, 2007, p. 76).

---

<sup>84</sup> Elemento utilizado em inúmeros projetos de Bratke, que geralmente permitiam a união de salas e ambientes contínuos nos setores sociais das residências.

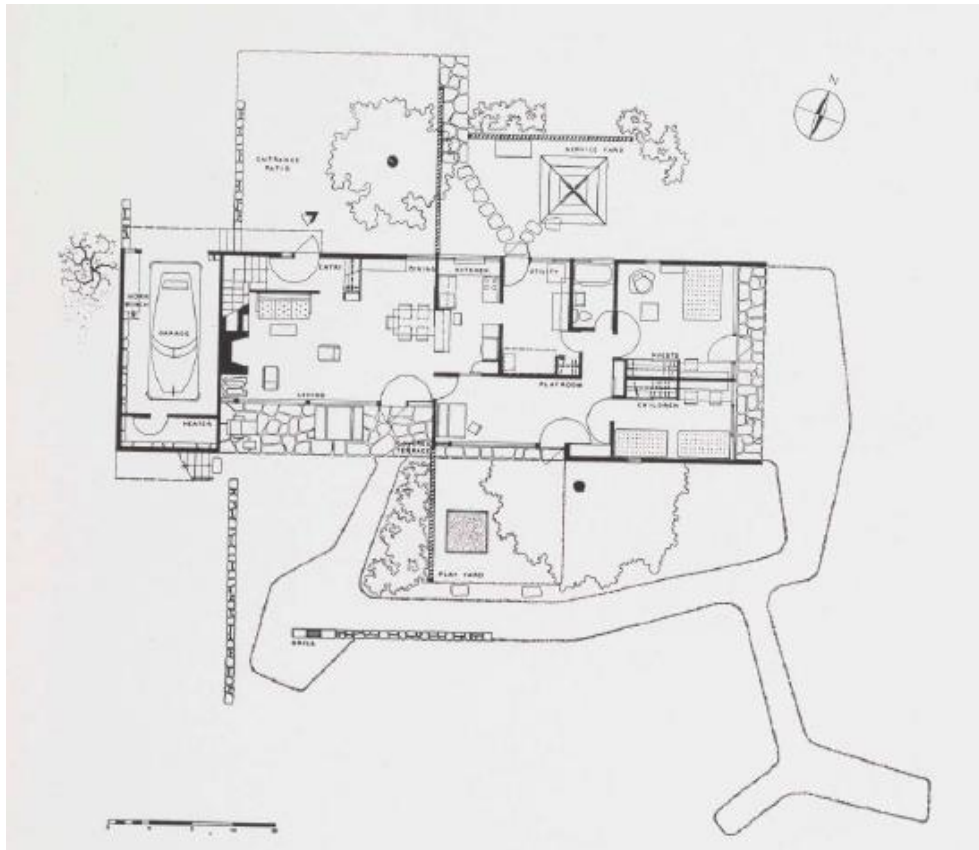


Figura 35 - Planta-baixa da residência projetada por Marcel Breuer em 1949 em exposição no MOMA.  
Fonte: Marcel Breuer Architect and Designer, Peter Blake, 1949.

Uma peculiaridade deste projeto foi a divisão setor íntimo em dois níveis. Três dormitórios, um vestíbulo e dois banheiros foram dispostos no nível superior e eram destinados ao uso do casal e suas três filhas. Os dormitórios das meninas eram divididos por armários embutidos entre piso e teto, assim como na residência de Paoliello, enquanto o dormitório do casal foi isolado por alvenaria. Este configurava uma suíte e outro banheiro atendia aos outros dois dormitórios. O segundo apresentava uma configuração incomum nos projetos do arquiteto: a pia se localizava externa à cabine sanitária e ducha, aberta na circulação do setor, que era resguardada por uma porta em um pequeno hall ao término das escadas. Ambas soluções sanitárias foram inovadoras na obra de Paoliello, embora utilizadas nas residências de Bratke e Rino Levi. Os quartos neste nível possuem um pequeno terraço linear acessível por portas deslizantes, que apesar de não conectado diretamente ao jardim, promovia a integração visual destes ambientes com o exterior.

No nível abaixo ficava a suíte do filho e o salão íntimo da residência. Este espaço era utilizado exclusivamente pela família como ambiente de leitura e aulas de piano<sup>85</sup>. Novamente posicionada centralizada no fundo do ambiente familiar com grande destaque, a presença da lareira neste espaço resgata uma percepção mais afetiva e decorativa<sup>86</sup>. Reforçando novamente a adoção de elementos das residências modernas estadunidenses - projetadas por arquitetos de origem germânica ao qual Paoliello tinha como principal referência - Adriana Irigoyen nos confirma a função simbólica da lareira em que

O fogo é considerado o centro vital da casa na cultura anlo-saxônica. Seu significado prático, simbólico e espacial o converte em um objeto de projeto em torno do qual a vida se formaliza através dos ritos cotidianos (TOUCEDA, 2005, p. 215).

O setor de serviços podia ser alcançado internamente pela copa, e – acessado através da sala de jantar ou do vestíbulo – configurava-se como um espaço de transição entre áreas prestigiadas destinadas à permanência familiar, e aos ambientes de trabalhos destinados aos serviços; ou pelo abrigo de automóveis, separado pelo muro de elementos vazados que o ocultava parcialmente, criando uma clara delimitação de luxos e usos bem definidos no entorno da edificação principal. A localização do setor assemelha-o à antiga edícula<sup>87</sup>.

A partir da fachada sul nos fundos do lote se tinha acesso a um pequeno hall que ligava a cozinha, a despensa e a lavanderia. A cozinha e a copa possuíam suas aberturas voltadas à direita do lote, tirando proveito da insolação poente. A lavanderia incorporada ao corpo da residência, era isolada pela divisão de elementos vazados. As dependências dos empregados contavam com três dormitórios e um banheiro, e ficava em bloco separado pelo pátio. Afastado do limite posterior do lote, este bloco ainda

---

<sup>85</sup> PAOLIELLO, 2018.

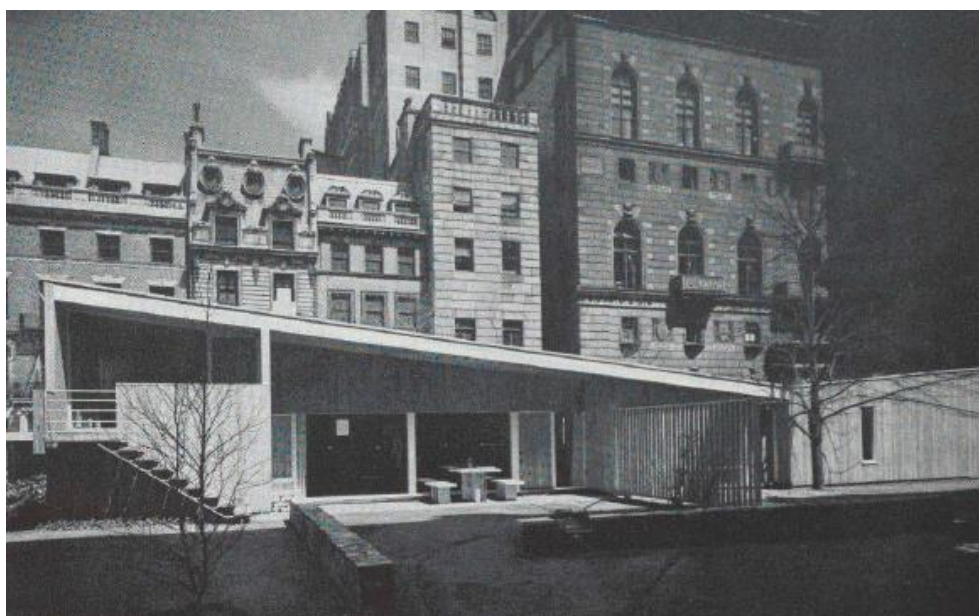
<sup>86</sup> REIF, Victor. Três lareiras. *Acrópole*, São Paulo, n.200, p.381, junho de 1955.

<sup>87</sup> A simplificação do setor de serviço e sua integração ao setor social foi uma das referências modernas norte-americanas rejeitadas nos setores sociais médios no contexto paulistano, que não presumiu a presença da criadagem nestas residências (TOUCEDA, 2005, p.193).

gerava um espaço posterior com um único acesso, do qual se alcançava o depósito da residência.

As espécies tropicais adotadas na formação do jardim implementado no recuo frontal reforçaram a busca de modernidade na apropriação de elementos locais, sem que estes obstruíssem a visão da edificação. Elaborado para integrar a paisagem destacando-se no entorno pela inovação de sua forma, o gradil frontal garantia a integração visual entre espaços, e apresentava a residência enquanto elemento integrante da paisagem.

Assim como no arranjo espacial adotado na residência, os materiais empregados no tratamento plástico e as linhas compositivas da fachada, parecem demonstrar a referência no projeto desenvolvido por Marcel Breuer para o MoMA. Apesar da ruptura do telhado a partir do eixo central, o resultado apresenta afinidades formais.



*Figura 36 - Fachada da residência projetada por Marcel Breuer em 1949 em exposição no MOMA.*  
Fonte: Marcel Breuer Architect and Designer, Peter Blake, 1949.

A predominância de vazios sobre cheios acentuou a horizontalidade da fachada, demarcada pelo ritmo das esquadrias de vidros e pelo vazio conformado pelo abrigo de automóveis. As superfícies entre as aberturas e a cobertura inclinada, foram revestidas

com pinho de riga em seu estado natural, assim como no pano de madeira das esquadrias dos dormitórios.

O pé-direito elevado nos ambientes alinhados à fachada principal gerou uma composição plástica pouco utilizada no contexto paulistano. Em detrimento da transparência que prevalece na fachada voltada à rua, nas demais predominam a opacidade dos fechamentos. Na face que se volta ao acesso de serviços foram alinhadas as aberturas de copa, cozinha e lavabo, aberturas de diferentes dimensões. Na face oposta à fachada principal, o pano de vidro que o integra à sala de jantar apresenta sua abertura pontual em uma grande empena, gerada pela altura que conforma o telhado em um invólucro desprovido de tratamento formal. As aberturas em fita dos banheiros e vestíbulos rasgam toda a extensão do pavimento superior voltado ao sul, já desprivilegiada pela ausência de insolação. Na face voltada a oeste, no volume suspenso uma empena branca se apoia sobre um invólucro revestido em pedras, rompido pela presença da abertura do dormitório à esquerda.

A inclinação da cobertura de telhas de fibrocimento foi ocultada pelo uso de uma pequena platibanda que gerou um volume trapezoidal. Após a experiência com uso do telhado inclinado em sua residência, neste projeto Paoliello adota a laje inclinada enquanto elemento de vedação, dispensando a utilização de forros nos interiores. Os blocos das dependências de empregados e salão de jogos receberam coberturas de caída única sem atenção em seu tratamento plástico por estarem ocultos ao fundo do lote.

### **Residência Gilberto Pires**

*Rua General Ozório, 716*  
1953

A próxima construção, realizada no grande lote de Domingos Pires no Alto da Boa Vista, foi uma residência de seu filho mais velho, Gilberto Pires de Oliveira Dias. No terceiro projeto desenvolvido para uma mesma família, Paoliello teve mais uma

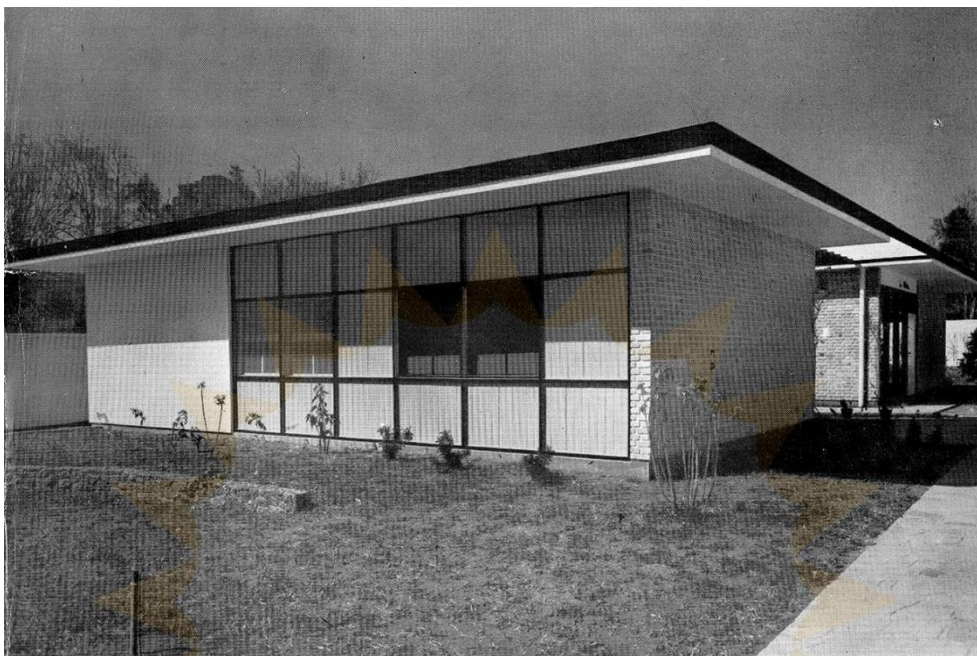


oportunidade de experimentar o uso de elementos plásticos que configuraram o vocabulário arquitetônico que vinha consolidando nos projetos recentes.

Destinada ao cliente sem filhos em vias de adquirir matrimônio, a residência apresentava um programa reduzido assim como na residência do arquiteto. Apesar da destinação, o cliente não chegou a morar na casa que foi usada para arrendamento.

Em um lote similar ao que foi construído a casa do arquiteto, foi edificada uma residência de 249 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 1.200 m<sup>2</sup> em um terreno de relação 1:3, perpendicular ao alinhamento da rua, apresentando um coeficiente de ocupação de 21% do terreno.

Em contraponto aos projetos anteriores, neste ano Paoliello aboliu a separação da dependência de empregados do volume principal. O Programa foi solucionado em um único bloco, que foi parcialmente centralizado no terreno com amplos recuos frontal e posterior, conectados pelo afastamento do limite do lote à direita.



*Figura 37 - Fachada da residência de Gilberto Pires.*  
Fonte: Revista Acrópole, 1953.

O arranjo espacial resultou em uma planta de seção retangular que sofreu duas operações formais: a extrusão sofrida à esquerda a partir do setor de serviços, que conectou parcialmente a casa ao limite esquerdo do lote<sup>88</sup>; e a subtração parcial do volume construído ao lado direito, que resultou na abertura de um pátio conectado às áreas ajardinadas. A afinidade com as *Case Study Houses*<sup>89</sup> projetadas por Richard Neutra, se apresenta na assimilação destes pátios (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 43). Neste projeto foi abolido também um espaço isolado com muros destinado à secagem de roupas, sendo este dividido parcialmente por um muro que pouco avança pelo jardim a partir do bloco construído. A ausência de blocos adjacentes permitiu que Paoliello integrasse todas as áreas livres de edificação sem qualquer separação ou obstrução visual.

Centralizada entre os recuos ajardinados, os interiores e exteriores eram interpenetrados através do pátio interno e as aberturas em vidro. Integrado visualmente à rua, o recuo frontal opera como espaço de transição entre o espaço público e privado, resguardado por um afastamento da rua maior que o exigido pelos códigos de obras vigentes. A partir do recuo lateral alcançava-se o jardim íntimo isolado aos fundos destinado ao lazer familiar. Este era integrado visualmente ao setor social a partir do pano de vidro.

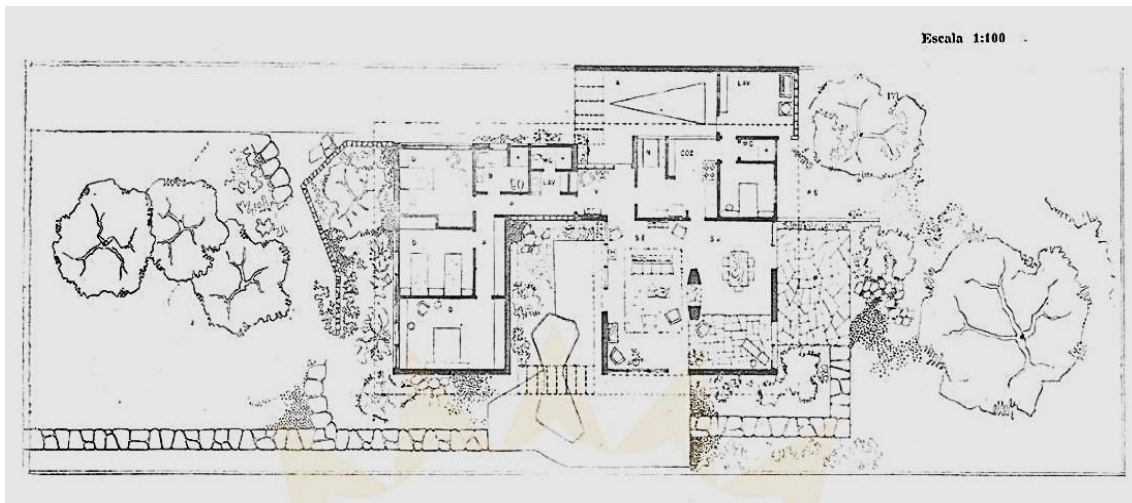
O pátio interno, resultante da subtração de parte do volume principal e marcado pela presença de um pergolado que filtrava parcialmente a insolação sobre o espelho da água e separava este como espaço privativo ocultado à vista da rua. O pátio se integrava visualmente ao setor social pelas portas de vidro, incorporando-o à dinâmica interna da residência e estabelecendo uma relação fluida com as salas. Funcionava ainda como um espaço de transição entre as áreas íntimas e sociais.

---

<sup>88</sup> A localização do setor de serviço voltado à parte posterior do terreno condicionava toda organização da residência, obrigando os setores íntimos e sociais a se localizarem voltados para rua independente da orientação do terreno (BRUAND, 2002, p. 20).

<sup>89</sup> *Case Study Houses* foi um programa lançado pela Revista Arts and Architecture após o término da Segunda Mundial, divulgando projetos desenvolvidos por arquitetos modernistas americanos para clientes hipotéticos de classe média, a fim de divulgar residências de boa qualidade, compatíveis com as demandas da vida moderna, em obras com resultados possíveis com a aplicação de técnicas e materiais desenvolvidos para seu uso na guerra (IRIGOYEN DE IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 40).





*Figura 38 - Planta-Baixa da residência de Gilberto Pires.*  
Fonte: Revista Acrópole, 1953.

Essa solução, já adotada na residência do arquiteto, referenciava novamente as residências “binucleares” de Marcel Breuer (BRASIL, 2007). Consideradas no contexto paulistano como um paradigma de “modernidade confortável”, as casas que adotavam este modelo eram vistas como introspectivas, econômicas, elegantes e eficientes. (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 57).

O ingresso principal da residência era realizado pelo recuo lateral esquerdo, junto ao abrigo de autos, de cujo hall se distribuíam as áreas social, íntima e de serviço. Ao fundo do abrigo de automóveis acessava-se o setor de serviço.

A ala noturna da residência era composta por três dormitórios que se abriam à fachada frontal, aproveitando sua orientação solar noroeste, e dois banheiros voltados à face leste, um deles cumprindo a função de lavabo social.

O setor diurno era composto por uma ampla sala de estar integrada à sala de jantar, ao pátio e ao jardim constituindo um espaço fluído. Ao lado a copa, cozinha, lavanderia e dependências de empregados. No centro da sala uma lareira em pedra separava o ambiente de estar e jantar, além de uma área destinada a um jardim de inverno delimitada pela diferenciação da paginação do piso.

A fachada frontal possuía um terço de sua superfície preenchida por alvenaria pintada de branco, e os outros dois terços eram compostos pelas esquadrias das janelas tipo ideal, cujo fechamento superior e inferior às aberturas era em madeira. O ritmo estabelecido pela esquadria foi reforçado pela testeira de arremate do telhado.

A fachada principal de caráter assimétrico, teve seu ritmo estabelecido pelos cheios e vazios conformados pelos painéis de fechamento das janelas em guilhotina que ocuparam dois terços da superfície, ao lado do pano opaco à sua esquerda na fachada principal. Com predominância de cheios sobre vazios, na face lateral direita foram deixados dois panos verticais de tijolos nas duas extremidades, ao lado da transparência das esquadrias da sala. O segundo plano, conformado pelo pátio subtraído do volume, recebeu o mesmo material.



*Figura 39 - Pátio internado visto a partir do recuo lateral esquerdo.*  
Fonte: Revista Acrópole, 1953.

Na porção da fachada posterior voltada ao jardim notava-se a predominância dos vazios em duas portas de vidro, simetricamente cortadas por um pano opaco vertical.

Ao lado do muro de tijolos que separava o jardim dos serviços, dois vazios foram posicionados na fachada sem elementos compositivos, ao lado de um pano vertical de elementos vazados.

Os panos de vidro eram articulados em caixilharia de madeira, estes não se abriam ao exterior por sistemas deslizantes, mas por portas convencionais, que executadas em folhas de madeira eram fixadas à caixilharia em madeira utilizada como elemento plástico.

A cobertura da residência em telhado de fibrocimento, que permitia de baixa inclinação, estendia-se em longos beirais arrematados por uma testeira em madeira pintada de preto, que ocultava o telhado simulando uma impressão de laje plana, acentuando o caráter de horizontalidade do volume. A continuidade do arremate em madeira ao longo de toda extensão da cobertura proporciona uma leitura de continuidade no objeto arquitetônico.

### **Residência José Pires de Oliveira Dias**

Avenida Atlântica, Interlagos  
1952

Situada em contexto diferente das anteriores que se caracterizavam como residências urbanas, o lote de José Pires localizava-se no balneário de Interlagos, que não contava com as restrições impostas pelo código de obras urbano, mas gozava de liberdades características de um empreendimento em uma cidade-satélite residencial nos modelos de cidade-jardim (PINHEIRO, 1997, p. 212).

A residência teve o programa resolvido em 670 m<sup>2</sup> de área construída. Destinada ao lazer aos finais de semana, além de abrigar um casal com filhos, era necessário dependências para visitas e alguns serviços em períodos de temporada. O perfil de devoção religiosa do cliente incluiu uma capela no programa a ser atendido.



Figura 40 - Fachada da residência de José Pires de Oliveira Dias.  
Fonte: Revista Habitat, 1955.

Sua implantação foi caracterizada pelo espraçamento pelo lote de grandes dimensões que gerou três blocos distintos. O primeiro foi alinhado ao limite posterior, o principal com configuração cruciforme foi disposto centralizado no terreno, e ligado a este foi posicionado um terceiro na esquerda ao fundo que abrigava a capela.

Tendo como referência as *Prairie Usonianas* projetadas por Frank Lloyd Wright<sup>90</sup>, a organização espacial da casa propunha um estilo de vida moderno e descontraído, em que os espaços externos pressupunham a mesma importância dos interiores. O arranjo espacial adotado eliminou a formalidade pressuposta em ambientes isolados, gerando permeabilidade na planta e integração visual por faces envidraçadas que ampliaram e integravam o interior ao exterior.

---

<sup>90</sup> Segundo o arquiteto norte-americano, esta forma seria adequada para famílias maiores que dispunham de serviçais para realização das tarefas domésticas. Apesar de reduzirem os setores de serviços ou excluindo completamente o contexto norte-americano, sua presença persiste nas residências edificadas em São Paulo (TOUCEDA, 2005).

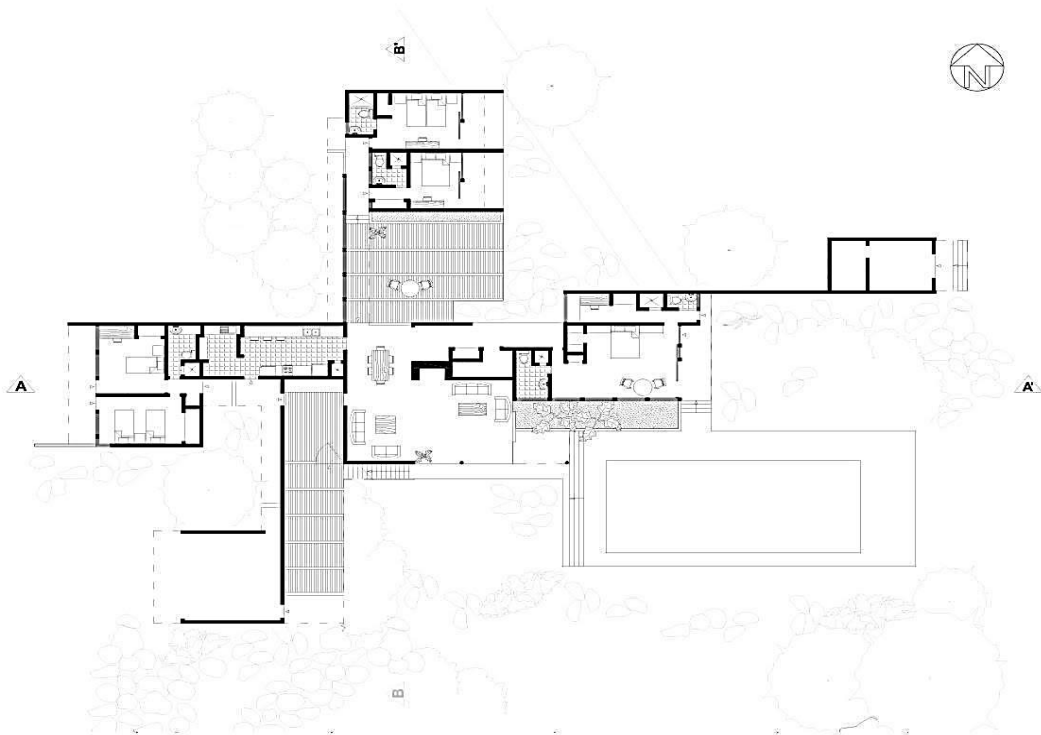


Figura 41 - Planta-baixa da residência projetada por Richard Neutra em 1947.

Fonte: Duque, Karina, 2022.

Apresentando variações programáticas em relação ao contexto norte-americano – como a presença da capela<sup>91</sup> - a residência de José Pires assimilou elementos da residência Kauffmann projetada por Richard Neutra, forte referência para Paoliello.

O ingresso social da residência era realizado através da passagem sob um pergolado do qual se tinha acesso ao abrigo do automóvel. O hall foi integrado à sala de estar à direita, dividido apenas pela presença da lareira posicionada transversalmente no ambiente.

À esquerda no hall acessava-se a copa e a sala de jantar, que podia ser isolada pelo fechamento de portas deslizantes. A partir desta e do hall alcançava-se a copa e a cozinha, que se voltava ao pátio posterior onde se localizavam as dependências de empregados e lavanderia, ambos voltados ao pátio separado por um muro vazado que isolava este espaço da ampla área ajardinada que circundava o bloco principal.

---

<sup>91</sup> Segundo o arquiteto, a presença desta se deve ao perfil religioso do cliente que prestava serviços comunitários na Igreja Católica (PAOLIELLO, 2022).



Perpendicular a este eixo social-serviços, foram criadas duas alas íntimas laterais que descartavam o uso de escadas como elemento de isolamento, artifício utilizado nos sobrados projetados pelo arquiteto (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 217-218).

Na primeira ala à direita a partir da entrada foram dispostos três dormitórios e um banheiro destinado aos hóspedes, e do lado oposto implementada a ala íntima destinada à família. Esta contava com um banheiro e três dormitórios, sendo uma suíte. Nesta circulação alcançava-se uma capela que tinha seu corpo conectado à residência marcado por um pergolado que demarcava o acesso e integrava-o ao jardim circundante.

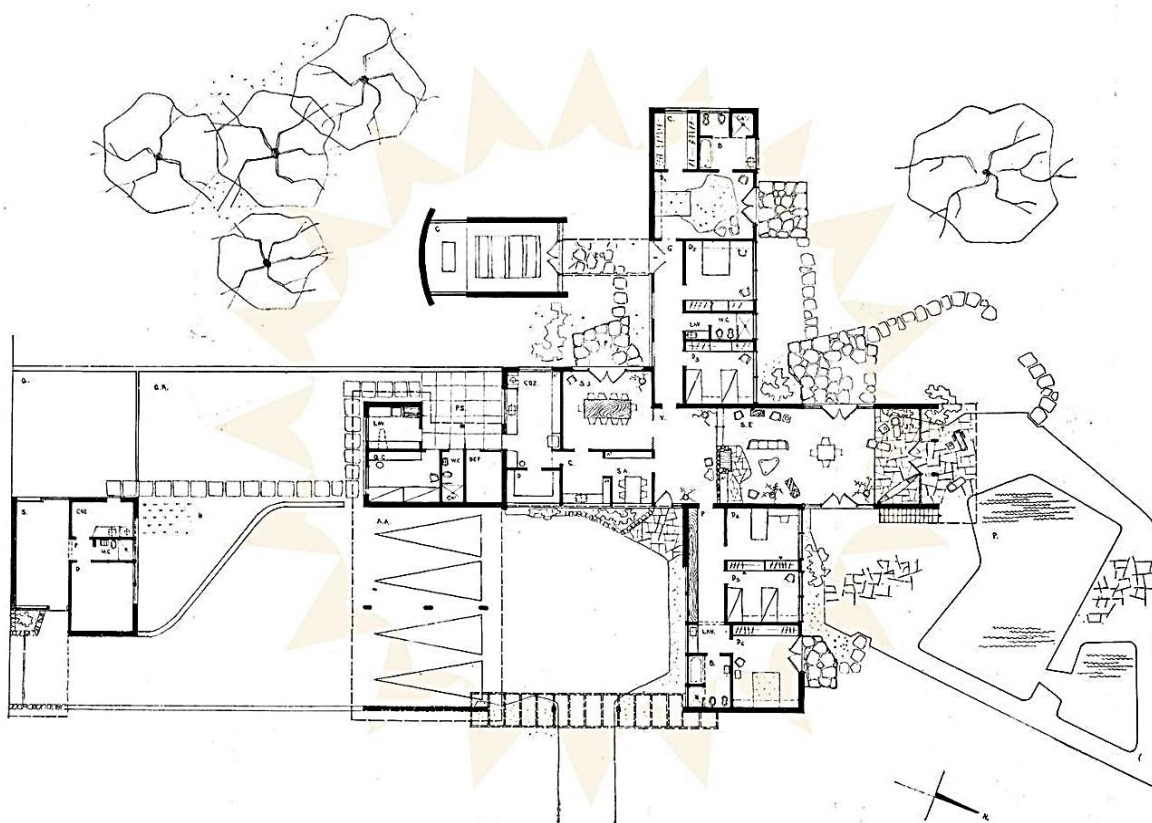


Figura 42 - Planta-Baixa da residência de José Pires de Oliveira Dias.  
Fonte: Revista Acrópole, 1952.

No bloco implantado no limite posterior havia um pavilhão de festas equipado com banheiro e cozinha independentes. Seu acesso era realizado pelo jardim à frente

do abrigo que não era fechado por muros. Desta parcela do jardim acessava-se o pátio de serviços ao lado isolado por um muro.

Foi tirado proveito da vista da represa para definir a fachada principal voltada para a rua, que recebeu maior atenção em seu tratamento. No primeiro plano composto pela face da sala, predomina o vazio gerado por uma pele de vidro que rasga a fachada em seus dois níveis, sendo o superior gerado pela inclinação do telhado e o pé-direito duplo da sala. A pele de vidro que ocupava todo o plano, emoldurava a paisagem externa a partir do interior, convidando-a a participar do setor social da residência. Duas portas de vidro foram utilizadas nos fechamentos laterais da sala, reforçando a relação com o jardim.

No segundo plano formado pelas faces das alas dos dormitórios, predominava a horizontalidade em seu tratamento. O fechamento foi realizado por três faixas, sendo ao meio realizado pelo alinhamento das esquadrias em madeira, o peitoril abaixo com acabamento em pintura, e a faixa acima das janelas composta por um pano de madeira.

O primeiro plano da fachada leste é conformado por um fechamento opaco que corresponde a empena na lateral da ala social. O segundo plano corresponde a duas porções divididas pelo anterior. À direita nota-se o vazio da sala alinhado ao pano vertical opaco acima, ambos ao lado de um fechamento de tijolos quebrado apenas pela presença da escada. À esquerda foram alinhadas as aberturas de copa e despensa ao lado do ingresso principal.

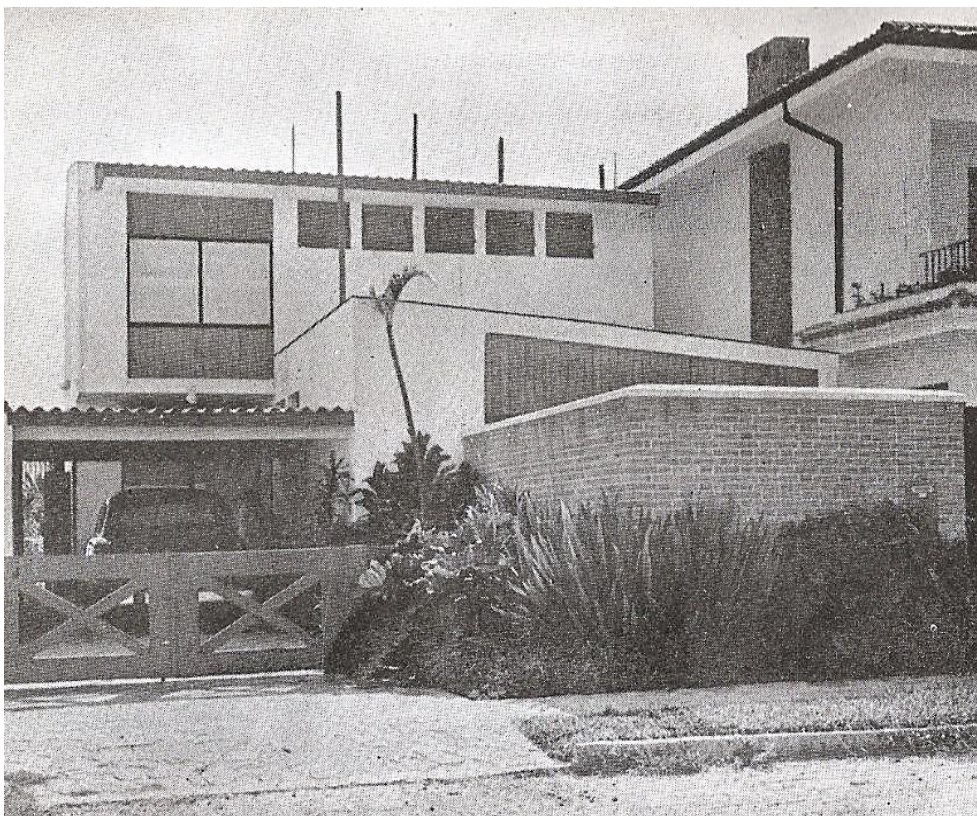
A cobertura do volume cruciforme foi realizada em telha de fibrocimento modelo asa de borboleta, e teve seu eixo disposto transversalmente ao hall. Apesar de alinhado a este volume, a cobertura foi realizada separada da anterior e manteve sua caída única voltada ao eixo do hall, gerando uma sequência de planos horizontais que valorizava o volume principal voltado à rua. O pavilhão de lazer ao fundo do lote recebeu cobertura de caída única voltada para o jardim.

### 3.5 Trajetória individual de Paoleillo

#### Residência José Leal Prado de Carvalho

Rua Macau, 159. Jardim Luzitânia.

1952



*Figura 43 - Fachada da residência de José Leal de Carvalho.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A residência foi construída próxima ao Parque do Ibirapuera no período de sua inauguração. Localizava-se próximo ao bairro onde atuava o Doutor José Leal Prado de Carvalho<sup>92</sup>.

A residência de 200 m<sup>2</sup> de área construída foi edificada em um lote de 290 m<sup>2</sup>, de relação 1:3, perpendicular à rua, com um coeficiente de aproveitamento de 66%. O

---

<sup>92</sup> Médico e professor fundador do curso de biomedicina da Escola Paulista de Medicina. Fonte: Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Consultado em março de 2020.



programa foi solucionado em um bloco de dois pavimentos, valendo-se do limite direito do lote que possuía recuo lateral à esquerda e frontal obrigatório.

O volume do segundo pavimento de seção retangular apoiava-se sobre o térreo, que avançava na porção frontal do lote. A implantação do bloco centralizado no lote gerou dois vazios ligados pelo recuo lateral que se estendia por toda edificação.

Prezando pelo resguardo da privacidade, os ambientes de prestígio voltavam-se em sua maioria para o recuo posterior, onde foi implantado o jardim destinado como área de lazer. O limite com a rua foi fechado por muros formando um pátio de serviços, que era separado do abrigo de automóvel ao lado, visível a partir da rua.

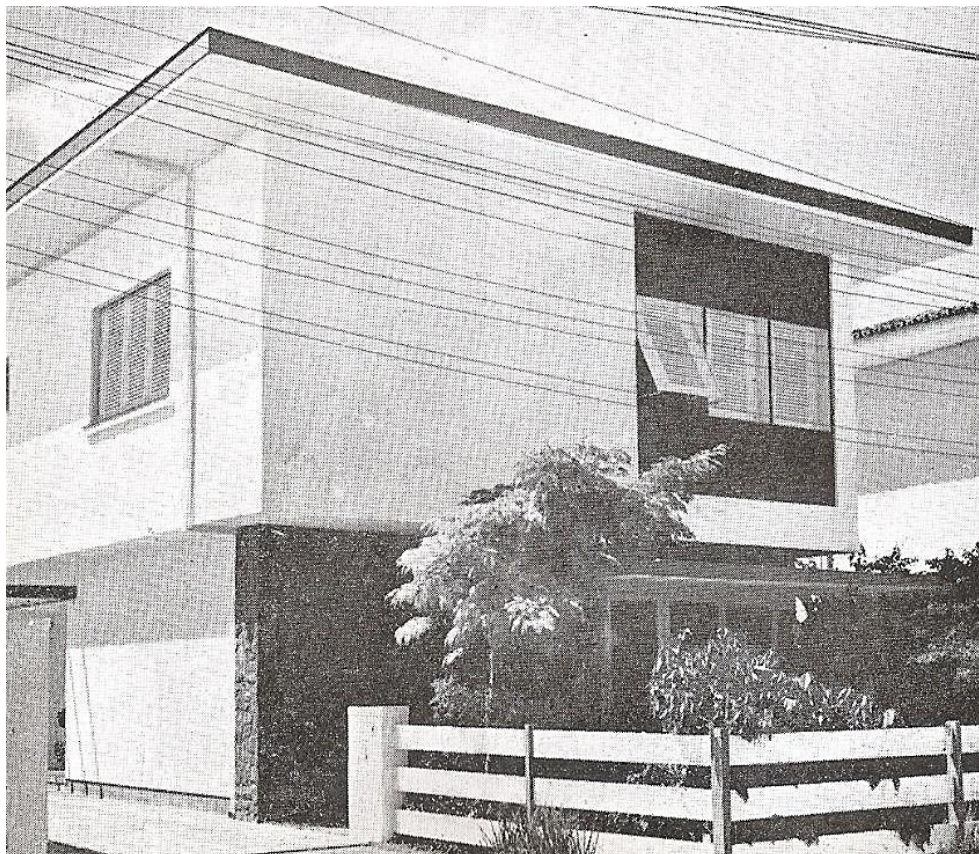
O ingresso principal e o de automóveis eram realizados pelo recuo esquerdo. À direita acessava-se o pátio fechado por onde alcançava-se o setor de serviços. A ala noturna da residência foi disposta no segundo pavimento e era composta por dois banheiros e três dormitórios, dos quais um se abria à rua – como os banheiros - e os outros ao fundo do lote, aproveitando sua orientação solar leste. O setor social voltava-se ao jardim no pavimento térreo, com o qual mantinha integração visual e fluidez.

A fachada principal de caráter assimétrico possuía no segundo pavimento à esquerda uma janela com abertura em guilhotina e seu fechamento, que conformavam um pano de madeira vertical. Este era seguido à direita por cinco módulos de janelas menores dispostas horizontalmente. A superfície opaca no primeiro plano no térreo foi rompida à direita por uma faixa em madeira que alinha os vazios abaixo. Em segundo plano, um vazio ocupa quase toda a superfície. O muro frontal conformava um pano de tijolos que ocultava parcialmente a fachada.

A cobertura de pouca inclinação sem beirais foi realizada por um telhado de duas águas com seu eixo paralelo à rua no pavimento superior. No térreo a cobertura possuía caída única perpendicular à rua ocultada por uma platibanda. No abrigo de automóveis foi deixado aparente repetindo a solução do segundo pavimento.

### **Residência Bruno Buffardi**

Rua Dona Elisa Pereira, 191. Jardim Paulistano.  
1952



*Figura 44 - Fachada da residência de Bruno Buffardi.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A residência projetada para Bruno Buffardi<sup>93</sup> e sua família localizava-se próxima ao Clube Pinheiros. Foi construída em uma quadra onde possuía casas geminadas destinada à renda.

Com 400 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 402 m<sup>2</sup>, de relação 1:4, perpendicular à rua, apresentava um coeficiente de aproveitamento de 99%. O programa foi resolvido em dois blocos, substituindo o convencional sobrado com edícula e abrigo para auto no fundo do lote.

---

<sup>93</sup> Profissional do mercado imobiliário que se associou à Paoliello Ltda. na comercialização de residências para renda. PAOLIELLO, 2022, p. 08.

O volume de seção retangular do segundo pavimento avança sobre os limites do embasamento, distinguindo ambos ao longo de toda sua extensão. Segundo o arquiteto,

“Avançavam tanto na frente quanto nas laterais. Era para separar os dois pavimentos. Na parte de baixo eu usava muito pedra debaixo de uma laje em balanço. Embaixo era pedra sem revestimento e acima era tijolo revestido. É uma característica dos meus projetos para diminuir a aparência da altura (PAOLIELLO, 2022, p. 08).

Com a implantação do bloco principal no sentido longitudinal do terreno foi implantado um pátio de serviço entre este e a edícula, conectado pelo recuo esquerdo à uma área ajardinada na porção frontal do lote.

As aberturas dos setores íntimo e social se voltavam à rua e à lateral esquerda tirando proveito de sua orientação noroeste. O ingresso principal e de automóveis era realizado à esquerda e de serviços à direita. A ala noturna composta por três dormitórios e banheiro foi disposta no segundo pavimento. O setor social no nível abaixo integrava-se visualmente ao jardim frontal.

Com predominância de cheios sobre vazios, as aberturas foram distribuídas nas faces posicionadas de acordo com o eixo dos ambientes internos. O caráter assimétrico na fachada principal foi conseguido por um rebaixo à direita na superfície do pavimento superior, onde foi posicionada a abertura<sup>94</sup>. O revestimento deste contrastava com o embasamento, que foi dividido entre um fechamento de pedras à esquerda ao lado da transparência do vidro à direita. A solução adotada em outros projetos do arquiteto,

"Tinha influência do Bratke, ele fez muitas casas dessa forma. A parte baixa revestida de pedra e a parte de cima em balanço revestida de reboco branco. Dava a impressão de uma casa mais leve, mais assentada" (PAOLIELLO, 2022, p. 09).

---

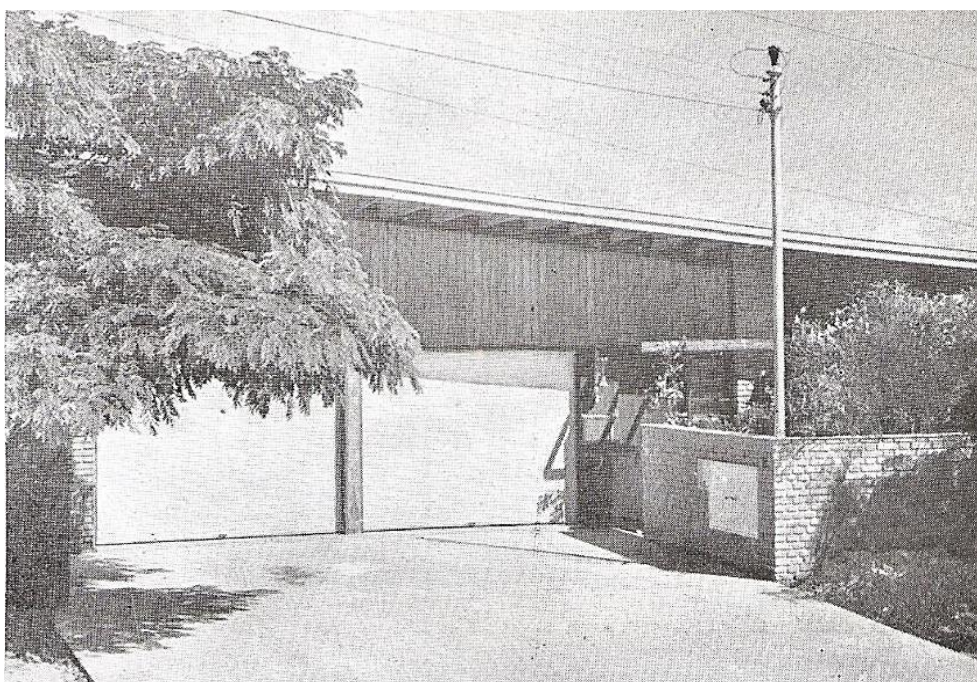
<sup>94</sup> Segundo o arquiteto, tratava-se de uma residência simples pelas limitações financeiras do cliente (PAOLIELLO, 2022, p. 08).

A cobertura do sobrado de telhado em quatro águas com telhas de fibrocimento, beiral em laje e testeira em madeira ocultava o telhado. Na edícula apresentava queda única em direção ao pátio.

### **Residência Gleen Earl Mc. Ghee**

Rua Barão de Ladário, 287. Alto de Pinheiros.

1953



*Figura 45 - Fachada da residência de Gleen Earl Mc. Ghee.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A casa construída em um lote de grandes dimensões possibilitou que o programa fosse solucionado em único pavimento.

Ocultado à vista da rua e incorporado ao bloco único, o abrigo de auto foi posicionado à frente do lote valendo-se da orientação sul. Esta determinou a organização da residência para o interior do terreno, reforçando seu resguardo em relação à rua.



Ao lado do abrigo era realizado o ingresso principal, através de um pátio ajardinado fechado por um muro baixo. O setor social voltava-se ao recuo direito onde foi implantada uma área ajardinada. Os dormitórios voltavam-se ao fundo do lote.

As áreas externas destinadas ao lazer receberam atenção especial, reforçando a busca de modernidade na valorização da vida ao ar livre e na apropriação de elementos locais no paisagismo. Dotado de pequenas divisórias em elementos vazados e plantas tropicais, o jardim integrava-se ao setor social. As aberturas de vidro cortavam toda sua extensão e eliminavam os limites entre interior e exterior.

Empregando o vocabulário plástico adotado na residência do arquiteto nota-se o uso dos materiais naturais nos fechamentos. A madeira foi empregada na fachada e utilizada como elemento estrutural aparente na cobertura. A lareira que se destaca na face voltada ao jardim e o muro no pátio voltado à rua adotaram os tijolos aparentes sem reboco.

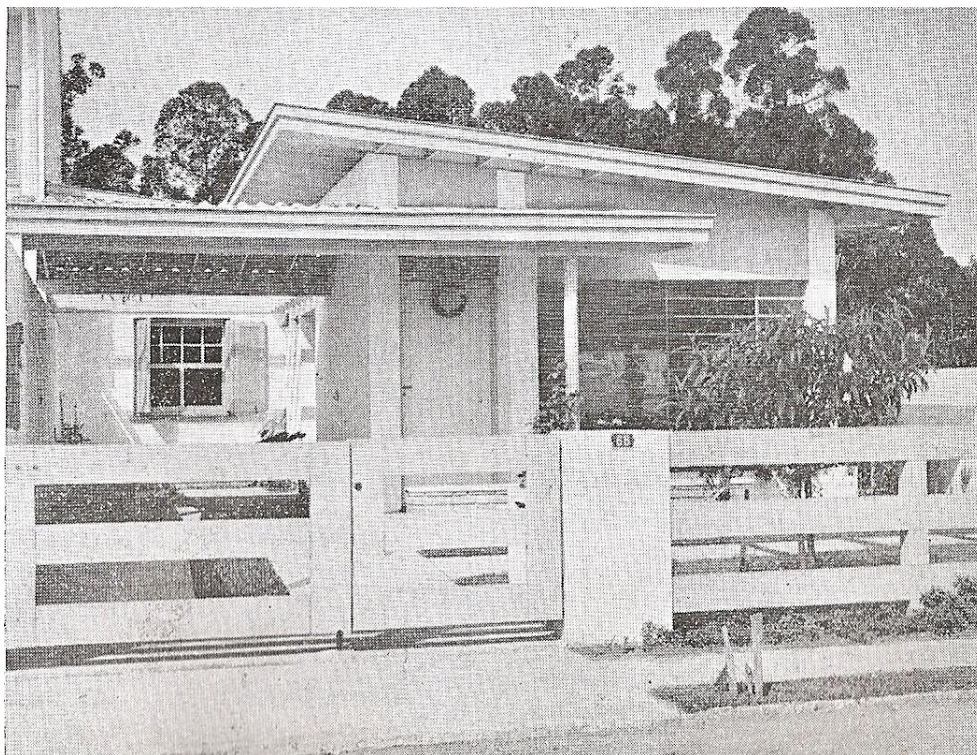
A fachada principal é conformada por um fechamento de madeira que ocupa toda sua extensão, alinhado acima da sequência de vazios. Apesar da inclinação da cobertura, predomina a horizontalidade na composição.

Na cobertura, o arquiteto adotou a solução empregada na residência de Domingos Pires, a com uma única água foi disposta no sentido transversal da construção. Com seus beirais em “cachorro”, a baixa inclinação do telhado vista a partir do jardim simulava uma cobertura plana, trazendo um aspecto pavilhonar ao volume.

## Residência José Cassão de Nogueira

Rua Dom Manuel, 68. Brooklin Paulista.

1953



*Figura 46 - Fachada da residência de José Cassão de Nogueira.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A primeira residência projetada pelo arquiteto no bairro foi construída para José Cassão de Nogueira<sup>95</sup>. A limitação orçamentária do cliente recém-formado exigiu a adoção de soluções simples no atendimento ao programa, gerando evidente experimentação plástica ao arquiteto.

O programa foi resolvido em um bloco disposto no sentido longitudinal do terreno contando com recuo frontal e lateral direito, e uma edícula alinhada ao limite posterior do lote.

---

<sup>95</sup> Bacharel em Direito formado na Faculdade São Francisco da Universidade de São Paulo. Embora não tenha havido a citação do cliente pelo Paoliello, existe a possibilidade de ter sido uma indicação de seu cunhado Gilberto Pires, que se formou bacharel em direito na mesma instituição no ano anterior à José Cassão, sendo possivelmente ambos colegas de formação. Fonte: Associação Antigos Alunos Faculdade Direito USP, consultado em agosto de 2022.

Apesar da orientação sul do terreno, notam-se aberturas dos setores social e íntimo voltadas à rua, em uma configuração tradicional sem atenção à melhor insolação, com o abrigo no recuo existente à esquerda na porção frontal do corpo construído.

Separada da rua por um gradil baixo executado em madeira, todos os acessos foram concentrados à esquerda em frente ao abrigo. Uma pequena área ajardinada opera como transição entre espaço público e privado. O pátio posterior não mantinha fluidez com o setor social, não o configurando como área de lazer. O acabamento da residência se limitou ao reboco das paredes. Na fachada sul três elementos verticais se destacam e delimitam os vazios. No segundo plano à esquerda nota-se a presença de um vazio centralizado sem qualquer tipo de tratamento plástico em seu entorno.

A cobertura de baixa inclinação de uma água voltada à lateral do terreno, com testeira e *cachorros* em madeira aparente, na edícula e no abrigo de auto foram executadas em caída única paralela à rua, rebaixadas em relação ao corpo principal.

### **Residência José Niccolini**

Rua Silvio Portugal, 38. Pacaembú.

1953

Esta residência realizada para o tio da esposa do arquiteto, José Niccolini<sup>96</sup>, foi resultado de uma reforma que reorganizou os espaços e remodelou a fachada.

---

<sup>96</sup> José Niccolini nasceu em Jajú em 03 de outubro de 1899. Escritor de diversos livros e peças, foi diretor-gerente da Rádio Bandeirantes S.A. de São Paulo e da Rádio Cultura. Participou da vida pública como vereador da Câmara Municipal de São Paulo; deputado estadual e diretor-presidente da Comercial Agrícola José Niccolini Ltda. Fonte: Dicionário de Ruas, consultado em agosto de 2022.





*Figura 47 - Fachada da residência de José Niccolini.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A residência de 156 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de conformação trapezoidal em acive de 359 m<sup>2</sup>, de relação 1:1.50, perpendicular à rua, obteve um coeficiente de aproveitamento de 43%.

A construção pré-existente contava com uma solução convencional de um sobrado centralizado no lote com edícula e abrigo alinhados ao limite posterior. Após a reforma a edícula manteve-se na mesma posição e o bloco principal recebeu um acréscimo de área.

O novo volume de seção retangular, com o segundo pavimento avançando sobre o embasamento, simulava uma suspensão. A reconfiguração do térreo liberou o volume das divisas do lote acentuando percepção de assentamento.

A cozinha e os banheiros, em ambos os pavimentos, voltavam-se para o pátio de serviços. O setor íntimo foi isolado no segundo pavimento voltado à rua, assim como o



setor social na cota inferior. Este se integrava visualmente ao jardim no recuo frontal. Portas deslizantes possibilitavam a integração entre interior e exterior. O jardim em cota elevada em relação à rua, se estendia pela lateral esquerda da residência por onde havia o ingresso do automóvel antes da intervenção. O abrigo e seu acesso foram deslocados para o recuo esquerdo, liberando espaço à nova área de lazer.

A ausência de fechamento por muros ou pátios na porção frontal do lote aliado à elevação da construção pela acividade do terreno, possibilitou a integração do objeto arquitetônico à paisagem.



*Figura 48 - Fachada da residência anterior à reforma.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A posição da edificação em um trecho curvo da via pública que gerava diferentes perspectivas em suas faces, conduziu o arquiteto a adotar elementos plásticos conhecidos como evidenciadores de modernidade,

No tratamento formal da fachada principal, Paoliello resgatou elementos plásticos adotados na residência de Gilberto Pires. O volume de seção retangular teve suas laterais opacas pintadas na cor branca, e em sua face voltada à rua teve seu ritmo marcado pelos vazios das janelas. Os painéis de fechamento coloridos foram intercalados pelos montantes que se estendiam por toda a fachada, enquadrados pela estrutura branca do segundo pavimento. A estrutura dos beirais do telhado acentuava o ritmo mantendo diálogo com a caixalharía, e reforçavam a percepção de horizontalidade.

A composição tinha sua leveza realçada ao apoiar-se sobre o pano de tijolos. Sua opacidade foi rompida pela transparência que ocupa 2/3 da superfície à esquerda na fachada principal.

A cobertura do corpo principal foi realizada em duas águas com seu eixo paralelo à rua e simulavam uma cobertura plana. O bloco ao fundo do lote recebeu cobertura semelhante com uma única queda.

### **Residência Hélio de Oliveira da Cunha Lobo**

Rua General Ozório. Alto da Boa Vista.  
1953

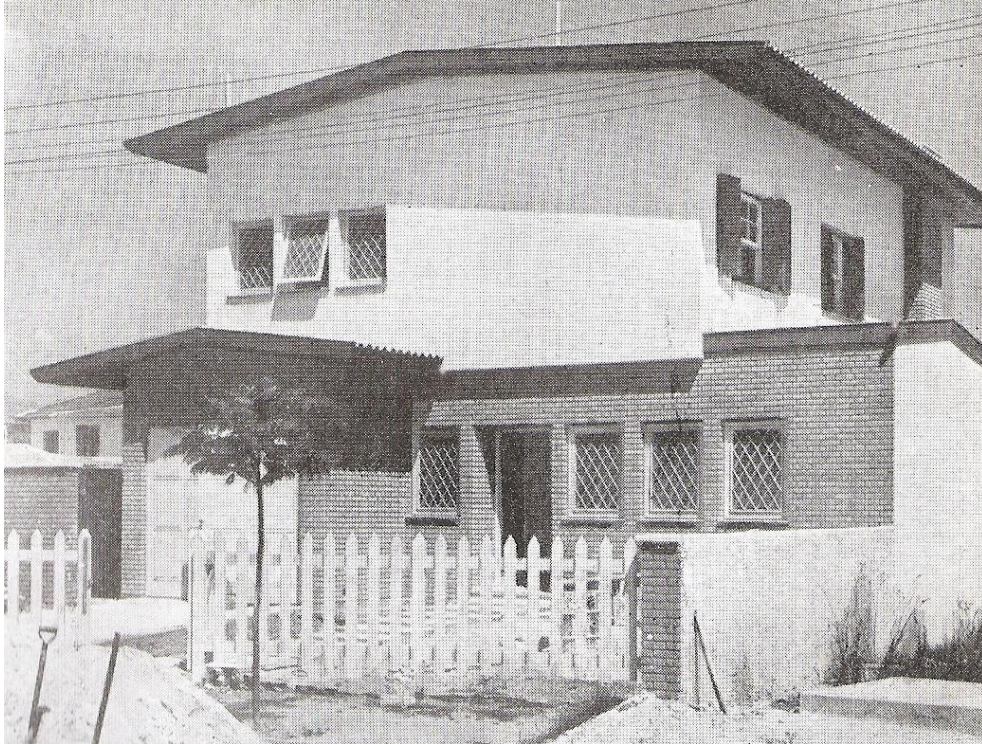
Localizada próxima à residência do arquiteto, foi edificada para o Doutor Hélio de Oliveira da Cunha Lobo<sup>97</sup>, casado com a tia da esposa de Paoliello, Tereza Pires de Oliveira Dias<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup> Médico de origem italiana que atuou no departamento médico da Repartição do Serviço Civil, no quadro da secretaria do governo estadual durante a gestão de Adhemar de Barros. Fonte: Decreto N° 18.079, de 13 de abril de 1948.

<sup>98</sup> PAOLIELLO, 2017.





*Figura 49 - Fachada da residência de Hélio de Oliveira da Cunha Lobo.*  
Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

O programa foi solucionado em um sobrado implantado no sentido longitudinal do lote, perpendicular à rua e recuado em todos os lados.

O pavimento térreo sofreu duas extrusões: uma alcançando o limite esquerdo do lote, e a outra através do recuo frontal. O volume do segundo pavimento avança sutilmente sobre o térreo apenas distinguindo sua formatação retangular. Os acréscimos em planta no embasamento reforçam o destaque atribuído ao volume superior.

O setor íntimo foi isolado no segundo pavimento e o social na cota inferior. O recuo posterior foi dividido entre pátio de serviços e área de lazer, e o frontal operava como transição entre espaço público e privado. A edificação foi separada da rua por um gradil baixo em madeira, integrando-a à paisagem urbana.

Devido a orientação sul da fachada, o arquiteto optou pela organização da residência voltada majoritariamente para o interior do lote. A cozinha, os banheiros e o abrigo foram posicionados na fachada principal, e as aberturas dos quartos e salas voltavam-se para a lateral direita e ao fundo do lote devido à sua orientação noroeste.

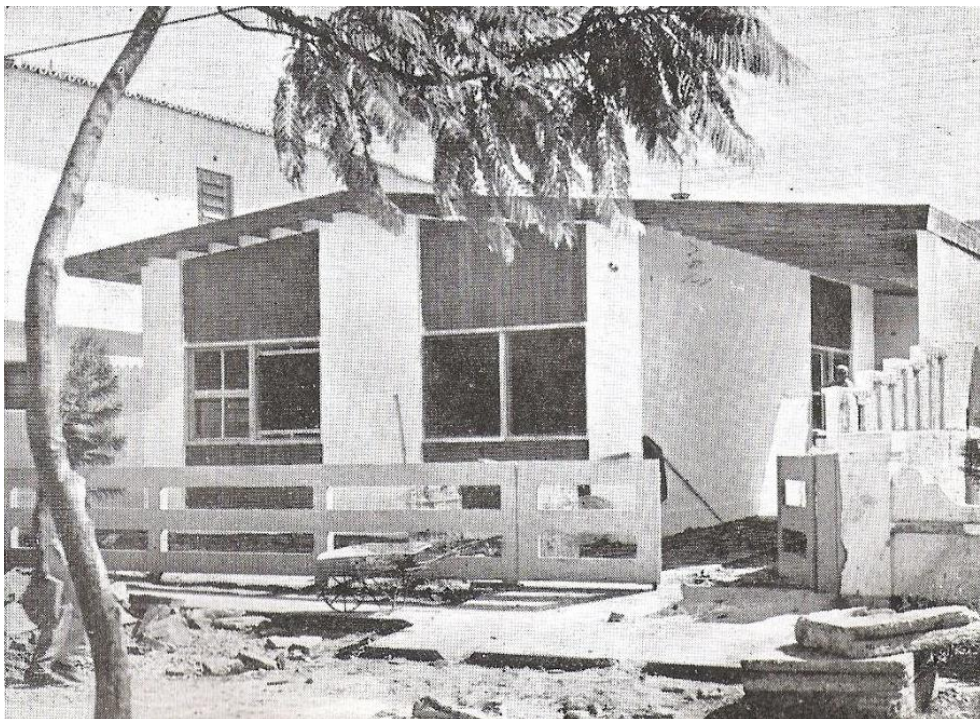
Com predominância de cheios sobre vazios, as aberturas foram distribuídas pelas superfícies de acordo com sua funcionalidade. Foi utilizado revestimento de tijolos no embasamento que resultou na percepção de leveza do pavimento superior.

A cobertura foi realizada por um telhado de fibrocimento de baixa inclinação, com testeiras de madeira nas faces laterais que tinham seu eixo perpendicular à rua, evidenciando sua inclinação ao observador. A solução se repete na extensão do abrigo do automóvel abaixo. O acréscimo que ocupa parcela do recuo lateral direito teve o eixo de sua cobertura posicionado paralelo à rua, não estabelecendo diálogo com os anteriores.

#### **Residência de Francisco P. Neves Costa**

Rua Novo Mundo, 594. Brooklin Paulista.

1953



*Figura 50 - Fachada da residência de Francisco P. Neves da Costa.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

Edificada a apenas duas quadras da casa de José Cassão Nogueira, a residência de Francisco P. Neves Costa foi a segunda construída por Paoliello no bairro.

A residência de 240 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 348 m<sup>2</sup>, de relação 1:2, perpendicular à rua, apresenta um coeficiente de aproveitamento de 68%. No projeto que partilha soluções semelhantes com a residência do arquiteto, o programa foi solucionado em um bloco de pavimento único, presumindo a edícula e o abrigo.

O volume se assenta sobre o solo ocupando o sentido longitudinal do terreno ocupando quase completamente no sentido transversal na porção frontal, exceto pelos recuos obrigatórios. A implantação liberou um amplo pátio posterior que foi dividido entre serviço e lazer.

A ala noturna voltava-se à rua e à lateral direita tirando proveito de sua orientação noroeste, e a ala diurna foi disposta na porção posterior da edificação integrando-a ao jardim implantado ao fundo.

O ingresso principal da residência era realizado pelo abrigo configurado por uma extensão da cobertura no recuo esquerdo do lote. Em quase toda extensão do recuo frontal foi implantada uma pequena área ajardinada que opera como transição entre espaço público e privado. O pequeno gradil que a separava da rua possibilitou que a residência colaborasse com a paisagem urbana.

O uso da madeira se destacou no tratamento formal dado às faces. A fachada principal possuía caráter simétrico no primeiro plano, em que dois panos verticais de madeira gerados pelos fechamentos do sistema de abertura das esquadrias em guilhotina, intercalavam três faixas opacas. Em segundo plano a simetria era rompida por um fechamento opaco à direita. A composição se assemelha à solução adotada na residência do arquiteto, exceto pela cobertura de sua residência ser executada em modelo borboleta.

O material adotado na fachada se repete nos cachorros do telhado e no gradil, estabelecendo um diálogo entre os elementos construtivos. Apesar do espaçamento



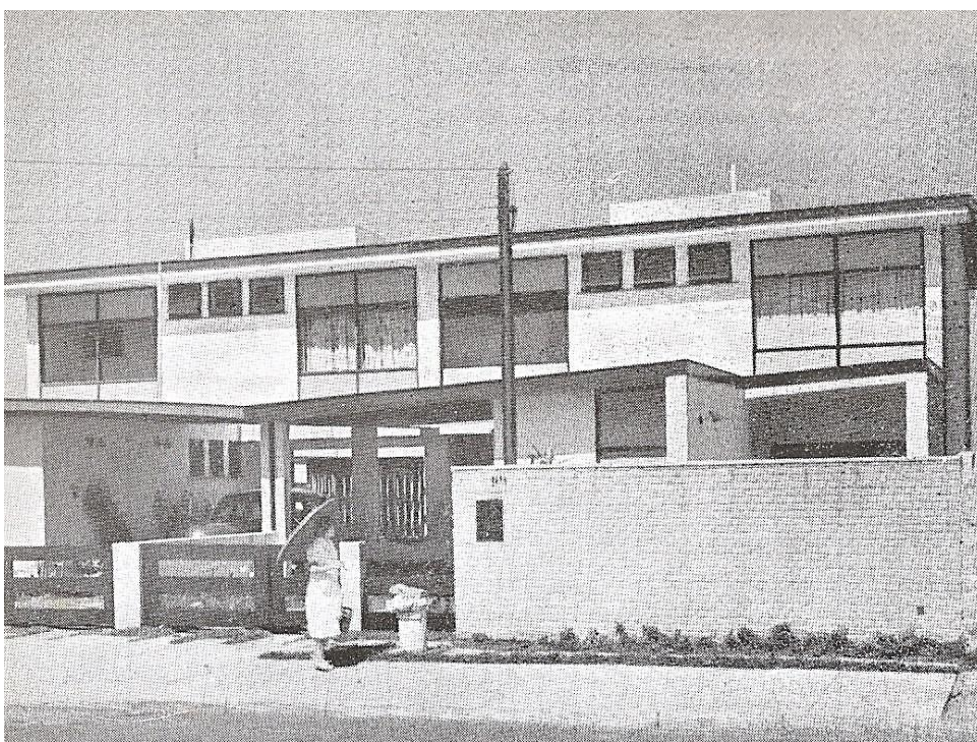
entre os elementos na fachada, à disposição do gradil aliado às testeiras da cobertura induzem a uma percepção de horizontalidade do objeto arquitetônico.

A cobertura com beiral aparentes e testeiras em madeira, foi executada em duas águas com eixo posicionado perpendicular à rua, evidenciando seu caimento ao observador.

### **Residências de Juan Alfredo Cesar Mueller e Zenon Ewald**

Rua Domingos Leme, 752 e 758. Vila Nova Conceição.

1954



*Figura 51 - Fachada das residências de Juan Alfredo Cesar Mueller e Zenon Ewald.*  
Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

Alguns anos após a primeira experiência de construir sobrados geminados com Rodolpho Ortenblad Filho no bairro do Itaim, Paoliello desenvolveu um projeto de duas unidades geminadas nas proximidades, construídas para Juan Cesar Mueller<sup>99</sup> e Zenon

---

<sup>99</sup>Psicólogo argentino formado no Instituto C. G. Jung, em Zurique, na Suíça, Juan Alfredo César Müller fixou-se em São Paulo em 1952. Atuou na cidade e no curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fonte: Wikipédia, consultado em agosto de 2022.



Ewald. Ambos eram casados com as primas da esposa do arquiteto, sobrinhas do proprietário da gráfica Gráfica Nicollini<sup>100</sup> no mesmo bairro.

As duas construções foram implantadas centralizadas no sentido transversal ao lote, incorporando em um único bloco todo o programa a ser atendido, incluindo o abrigo e o setor de serviços. À frente foram posicionados os pátios fechados por muros para secagem de roupas, e o fundo foi destinado ao uso recreativo. Uma peculiaridade do projeto, é o fato do jardim de ambas residências ter sido integrado, não havendo nenhum elemento de divisão dos espaços.

A organização espacial privilegiou o resguardo do observador. As limitações do terreno de pequenas dimensões resultaram em aberturas nas fachadas opostas em detrimento da melhor insolação. A ala noturna foi isolada no segundo pavimento e tinha suas aberturas em ambas as faces da construção. Apesar da orientação ao leste, o abrigo, o setor de serviço e os banheiros foram posicionados voltados para a rua. O setor social se integrava visualmente e permitia integração com área ajardinada que ocupava todo o recuo posterior.

O ingresso foi concentrado em um único acesso, por onde se alcançava o pátio de serviços e o acesso principal realizado junto ao abrigo.

O muro de fechamento da área de serviço isola parte da obra da paisagem urbana.

Neste projeto foram adotados os elementos plásticos que vinham se consolidando nos projetos anteriores e se tornaram constantes projetuais nos consecutivos com poucas exceções, como o uso de painéis de fechamento de madeira, módulos de aberturas em ritmo, e linhas ortogonais. Acrescido ao uso de tijolo e pedras em seu estado natural, destacou-se o uso da madeira em superfícies e esquadrias com forte presença nas fachadas, estabelecendo o ritmo da composição.

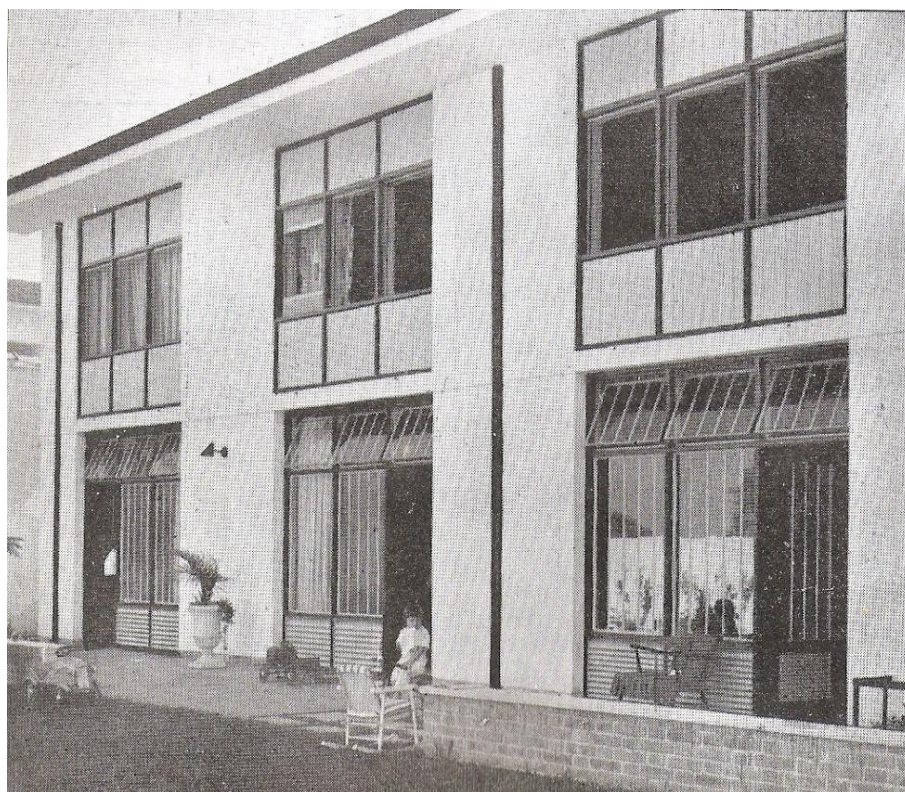
A fachada principal resultou de uma composição simétrica pelo espelhamento da planta das duas unidades construídas, e resgatava a plasticidade da fachada do sobrado edificado para José Leal P. De Carvalho.

---

<sup>100</sup> PAOLIELLO, 2022, p. 11.

Em cada unidade o primeiro plano era formado por um volume centralizado com um vazio na extremidade da superfície. No segundo plano notava-se o caráter simétrico formado pelos fechamentos de madeira nas extremidades, separados pela opacidade central rompida por três módulos posicionados ritmicamente.

A fachada posterior dos sobrados apresentava uma superfície contínua, em que prevalecia a simetria. Os montantes dos caixilhos estabeleciam diálogos com calhas e testeiras, todos pintados de preto, em contraste aos fechamentos de painéis de madeira natural.



*Figura 52 - Fachada posterior das residências de Juan Alfredo Cesar Mueller e Zenon Ewald.*  
Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

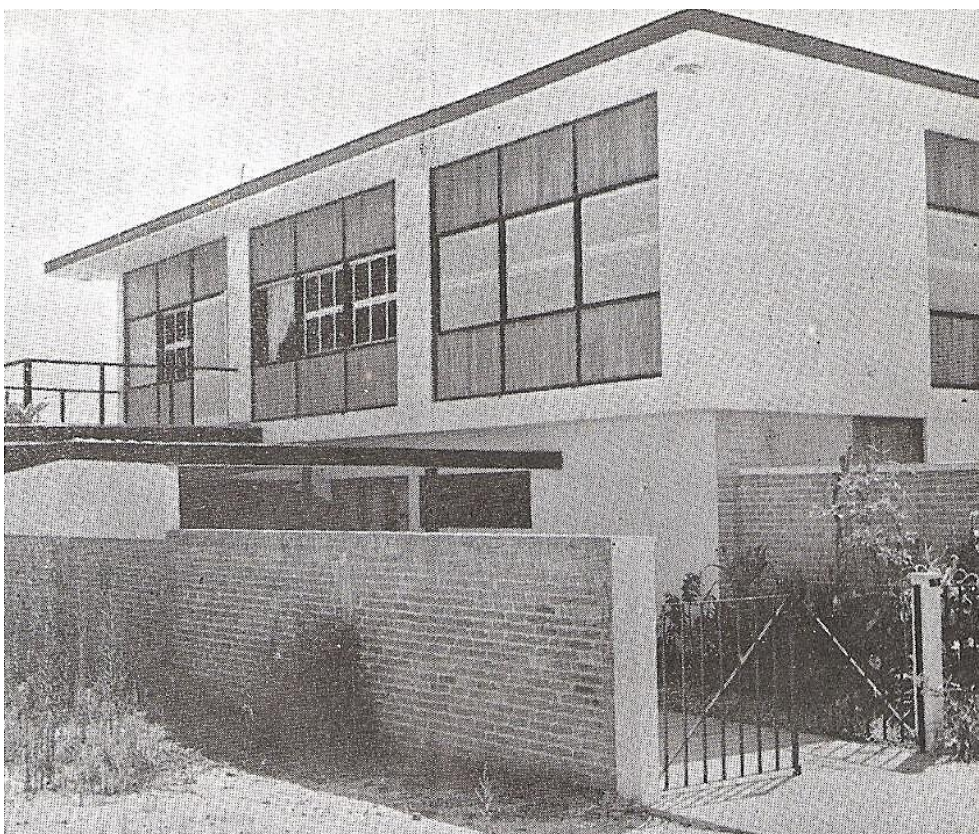
A cobertura contínua entre as duas construções teve seu eixo posicionado paralelo à rua, simulando uma cobertura plana ao observador a partir da rua. O abrigo de automóvel e os setores de serviços receberam coberturas com inclinação no sentido perpendicular à rua, e devido a sua queda voltada para o eixo que separava as

construções, resultou em um telhado asa-de-borboleta, assim como o arquiteto adotou em sua residência.

### **Residência de Hélio A. Guimarães**

Rua 12. Granja Julieta.

1954



*Figura 53 - Fachada da residência de Hélio Guimarães.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

Na residência construída para Hélio A. Guimarães, Paoliello empregou todos os elementos de seu vocabulário formal que vinha experimentando em seus projetos anteriores.

Implantada perpendicular à rua no sentido longitudinal do lote, o programa foi solucionado em um único bloco que incorporou o setor de serviços.



O volume de seção retangular do pavimento superior apoiava-se sobre o embasamento, ultrapassando seus limites para lhe atribuindo alguma leveza. Na cota inferior, dois volumes conectados avançaram através do recuo lateral esquerdo, aproximando-se a divisa do lote.

Privilegiando a orientação solar adequada, os setores íntimo e social foram dispostos voltados ao recuo lateral esquerdo e ao fundo, utilizado como área de lazer. O pátio de serviços foi posicionado na porção frontal do terreno, cujas aberturas voltavam-se para o recuo lateral direito, assim como os banheiros em ambos os pavimentos. As salas foram integradas ao jardim posterior.

Isolada no segundo pavimento, a ala noturna foi dotada de um terraço amplo com jardim que ocupou parte da laje do pavimento inferior. Acessado a partir de um dos dormitórios, este espaço foi pouco utilizado em projetos anteriores e pode ser considerado uma extensão da área de lazer da residência. Em dimensão inédita nos projetos do arquiteto, contrapõe-se ao pequeno terraço presente na residência de Domingo Pires. No projeto anterior, o espaço estabelecia relação contemplativa com o jardim implantado na cota inferior, não como área destinada à permanência.

Os ingressos foram alinhados às duas divisas do lote. O pátio de serviços era alcançado pela esquerda, e o acesso principal era realizado junto ao abrigo ao lado direito. O fechamento por muros na porção frontal do lote impossibilitou a integração visual entre a residência e a rua, reforçando o resguardo dos moradores. Apesar de não ter estabelecido a integração neste projeto, o vocabulário plástico do arquiteto pode ser notado pela atenção atribuída a cada fachada.

Com predominância dos vazios nas superfícies, o caráter assimétrico da fachada principal foi conseguido pelo pano de madeira conformado pela janela em guilhotina e seus painéis de fechamento à direita, que contrastavam com a opacidade branca ao lado. A pintura branca no volume superior reforçava o contraste com o embasamento revestido em tijolos.

Na fachada lateral, o arquiteto utilizou os elementos plásticos empregados no projeto anterior. Os panos verticais gerados pelas esquadrias e seus fechamentos

marcam o ritmo ao longo de toda sua extensão. Na face posterior, a superfície opaca ao alto estabelece contraste com os vazios predominantes na cota inferior.

A cobertura foi ocultada ao observador na rua pela sua baixa inclinação, e as testeiras em madeira foram empregadas também como acabamento na laje do terraço. O beiral foi realizado como extensão da laje ocultando a estrutura em madeira. O abrigo recebeu um telhado de duas águas com seu eixo paralelo à rua.

### **Residência de Antônio Queiroz do Amaral**

Rua Pedrozo de Moraes, 1380. Alto de Pinheiros.

1954

A residência construída para Antônio Queiroz do Amaral<sup>101</sup>, foi a primeira de muitas executadas por Paoliello no bairro, em que unidades foram edificadas para comercialização posteriormente.

Nesta edificação notamos que o arquiteto já apresentava constantes projetuais, que se adequavam ao lote tirando o melhor proveito das condições que proporcionavam conforto térmico através da ventilação e insolação naturais.

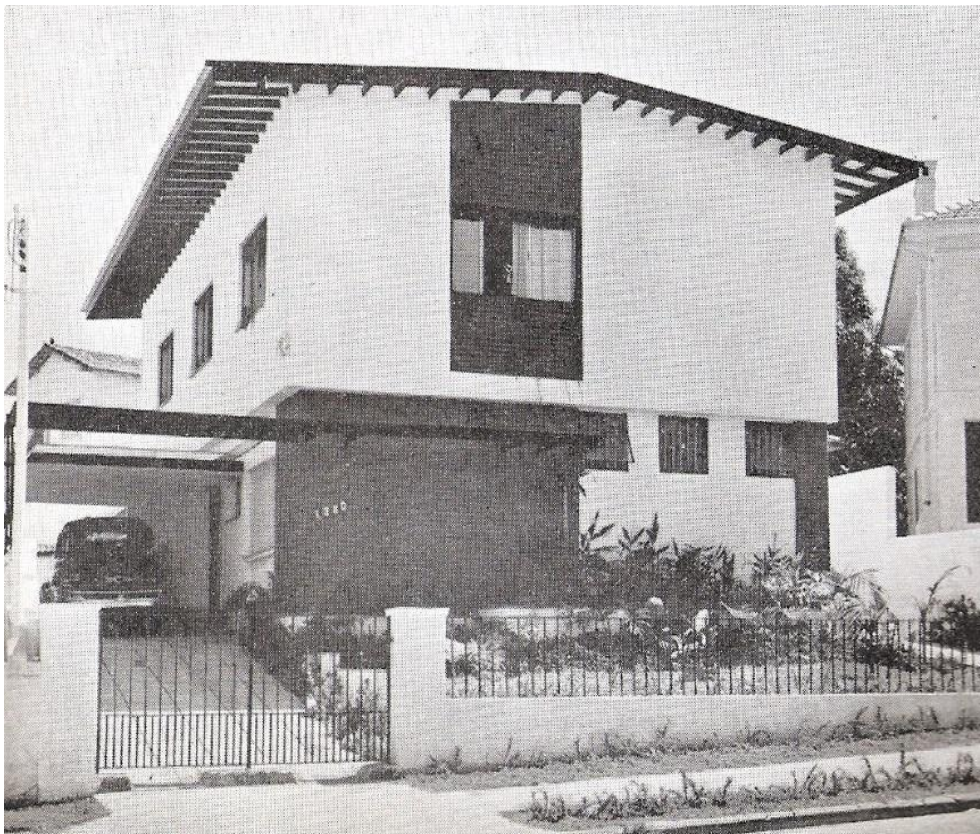
As características espaciais e volumétricas deste projeto repetem as soluções do projeto desenvolvido para Hélio A. Guimarães exceto por duas características. A primeira foi a ausência do pátio de serviços à frente do lote, que neste projeto este foi deslocado para a porção posterior, diminuindo conseqüentemente o espaço dedicado ao lazer. Em seguida notamos que a volumetria consiste em um monobloco com ligeiro deslocamento do pavimento superior em relação ao inferior, ao qual se agrega a laje do abrigo de autos.

---

<sup>101</sup> 11. Engenheiro Agrônomo, atuou na Federação Paulista das Cooperativas de Café, onde ocupou o cargo de terceiro vice-presidente em 1937. Fonte: Correio Paulistano, Edição 24843 de 1937

A ausência de muro frontal possibilitou que o objeto arquitetônico fosse integrado à paisagem. No recuo frontal foi implantado um jardim separado da rua por um gradil baixo sobre uma base em alvenaria, que possibilitou uma continuidade entre a vegetação presente no passeio e no jardim. Este operava como um espaço de transição entre público e privado, não integrado à dinâmica da casa pela ausência de aberturas que promovessem a relação entre interior e exterior.

No tratamento das fachadas, notamos a adoção das soluções adotadas no sobrado de Bruno Buffardi, com três distinções. A primeira se trata dos beirais com os cachorros aparentes, a segunda, de um rebaixo na superfície do segundo pavimento que se alinhava com o vazio, e por fim a presença de três módulos na cota inferior.



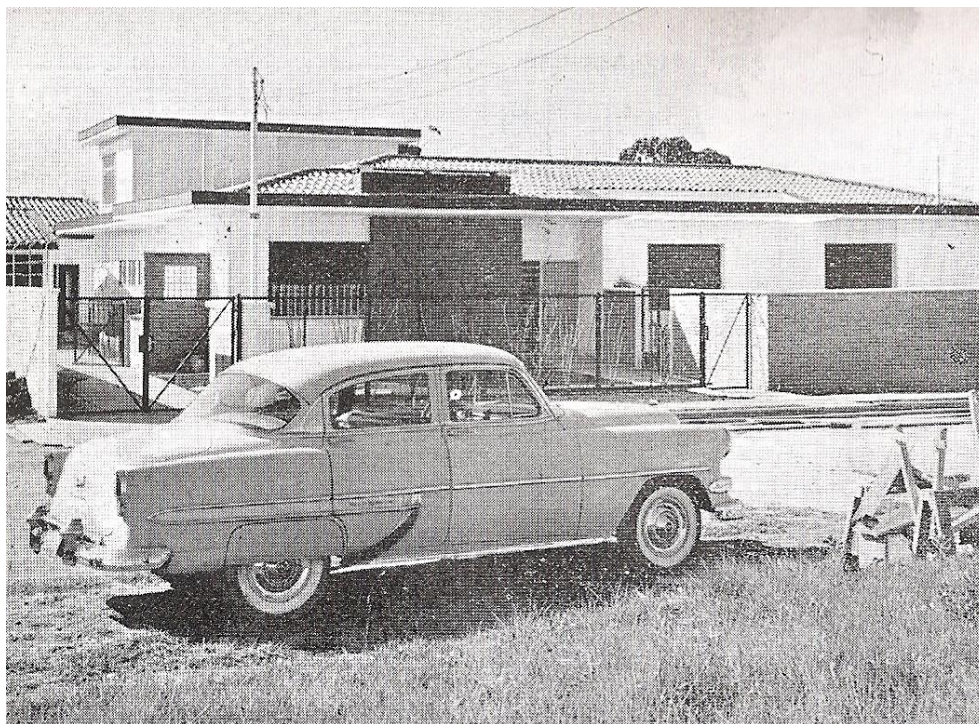
*Figura 54 - Fachada da residência de Antônio Queiroz do Amaral.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A cobertura de duas águas com o eixo perpendicular à rua segue a formatação utilizada na residência de Francisco P. Neves Costa.



**Residência de Alphonse Brunn**  
Rua Tibiriça, 474. Brooklin Paulista.  
1955



*Figura 55 - Fachada da residência de Alphonse Brunn.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A residência projetada para Alphonse Bruun foi a terceira obra do arquiteto no bairro e localizava-se a poucas quadras de distância das anteriores. Este projeto se distingue dos demais produzidos para familiares, pelo resgate de soluções adotadas nas obras executadas durante o período de formação de Paoliello.

O programa foi resolvido em dois blocos posicionados transversalmente no lote paralelo à rua. Na porção frontal do terreno, no primeiro foram posicionados os setores íntimo e social voltados à rua devido à sua orientação à leste. O setor de serviços foi voltado ao recuo lateral esquerdo, devido sua orientação a sul. Por este se alcançava a edícula.

A organização da planta-baixa resultou em uma volumetria movimentada que se distinguia dos volumes de seção retangular comuns nos projetos precedentes.

Entre os blocos foi disposto um pátio para serviços, e o recuo frontal foi dividido em duas partes. Na primeira foi implantado um jardim que operava como transição entre espaço público e privado, por onde se fazia o ingresso social à direita. O setor de serviços e o abrigo de autos ao fundo do lote eram acessados à esquerda. Pelo jardim acessava-se um pátio isolado por muro que conformava uma área de lazer para onde se voltavam os dormitórios.

Pela limitação de recursos financeiros, o tratamento formal da residência se limitou à presença de um pano de pedras vertical na fachada. As aberturas na fachada principal foram dispostas de acordo com os ambientes internos, sem qualquer tipo de tratamento como rebaixos ou revestimentos nas superfícies. Na face esquerda as aberturas da cozinha.

Distinguindo-se dos demais projetos, a cobertura do bloco principal foi realizada com telhas cerâmicas com caída em quatro águas, visível a partir da rua devido sua inclinação que não foi ocultada pela presença das testeiras em madeira. O bloco posterior recebeu cobertura em fibrocimento como nos demais projetos.

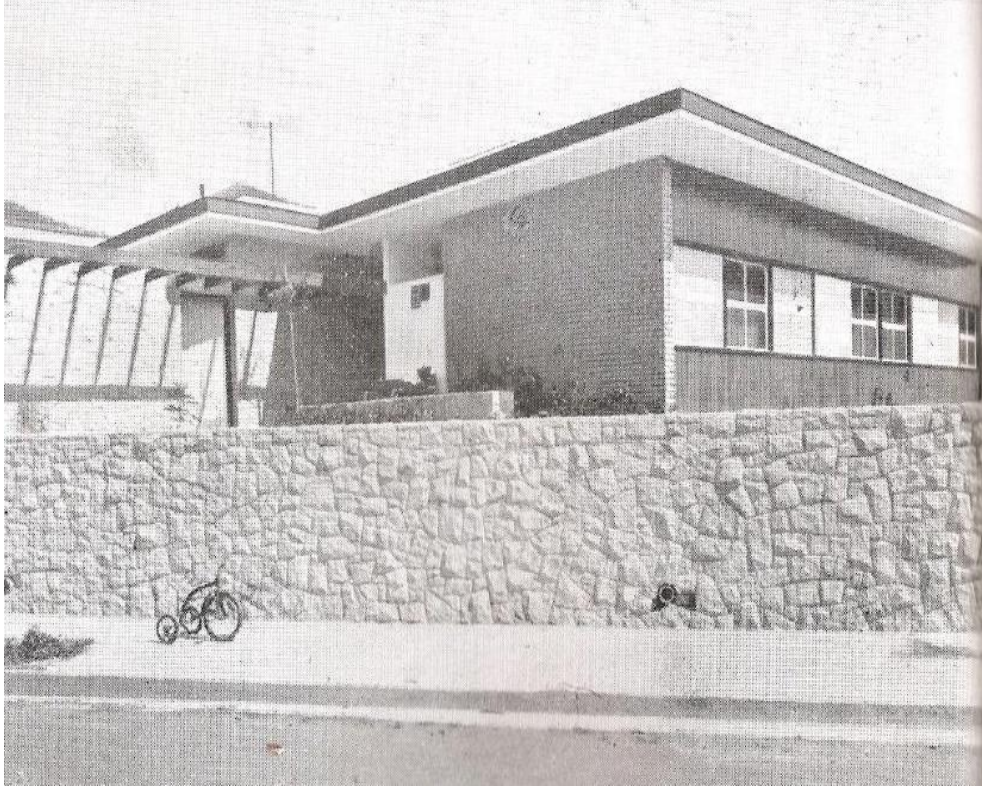
### **Residência de Antônio Factore**

Rua São Judas Tadeu, 123. Tremembé.  
1955

Este se trata do único projeto desenvolvido pelo arquiteto na zona norte da capital paulista no recorte temporal abordado. Foi construído para Antônio Factore, médico casado com tia do arquiteto, Gecelda Paoliello<sup>102</sup>.

---

<sup>102</sup> PAOLIELLO, 2022, p. 11.



*Figura 56 - Fachada da residência de Antônio Factore.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

O programa foi solucionado em um bloco térreo de volumetria movimentada, influenciado pela forma irregular do lote. Sua implantação gerou amplos espaços vazios em torno das duas faces voltadas à via pública. Tirando proveito da acividade do terreno, a construção foi posicionada elevada em relação à rua, executada em um patamar gerado por um muro de arrimo e aterro parcial do lote.

O ingresso principal era realizado pela esquerda, a partir de uma escada que promovia a integração entre os níveis. O trajeto que atravessava o jardim frontal até alcançar a entrada era demarcado por um pergolado com aberturas espaçadas em madeira, apoiado no muro que delimitava o pátio. Embora não proporcionasse sombreamento no percurso, demarcava a transição entre espaço público e privado e colaborava com a plasticidade da composição.

A organização espacial definiu uma divisão clara entre as alas noturna e diurna. Tirando proveito da melhor orientação, posicionada à direita do ingresso principal, a ala noturna teve sua face voltada à fachada principal. À esquerda do ingresso foi

posicionado o setor social, que se voltava para um pátio fechado por muros voltado à lateral esquerda do lote.

O setor social foi integrado visualmente ao pátio de lazer através de portas deslizantes proporcionavam fluidez entre ambos. O espaço isolado entre muros tinha sua privacidade resguardada do observador. No recuo frontal foi implantado um jardim que se estendia até o muro do pátio íntimo. Embora não mantivesse a relação com o interior da casa, operava como um espaço de transição entre público e privado. A ausência de muros isolando este espaço, integravam o objeto arquitetônico à paisagem. Apesar dos desníveis, o volume da casa apresentava acentuada horizontalidade.

As duas fachadas voltadas à rua receberam atenção especial, quase totalmente executadas em pedras, tijolos e madeira, em estado natural, cuja organização em blocos e faixas definiu o caráter plástico da composição.

Na fachada principal, o primeiro plano apresentava as esquadrias dos dormitórios alinhadas em fita. Acima e abaixo, dois painéis de madeira em seu estado natural se estendiam por toda a face acentuando a horizontalidade da composição, reforçadas pelos caixilhos e testeira. O segundo plano foi formado por um painel de pedras, que dialogava com o embasamento do muro de arrimo.

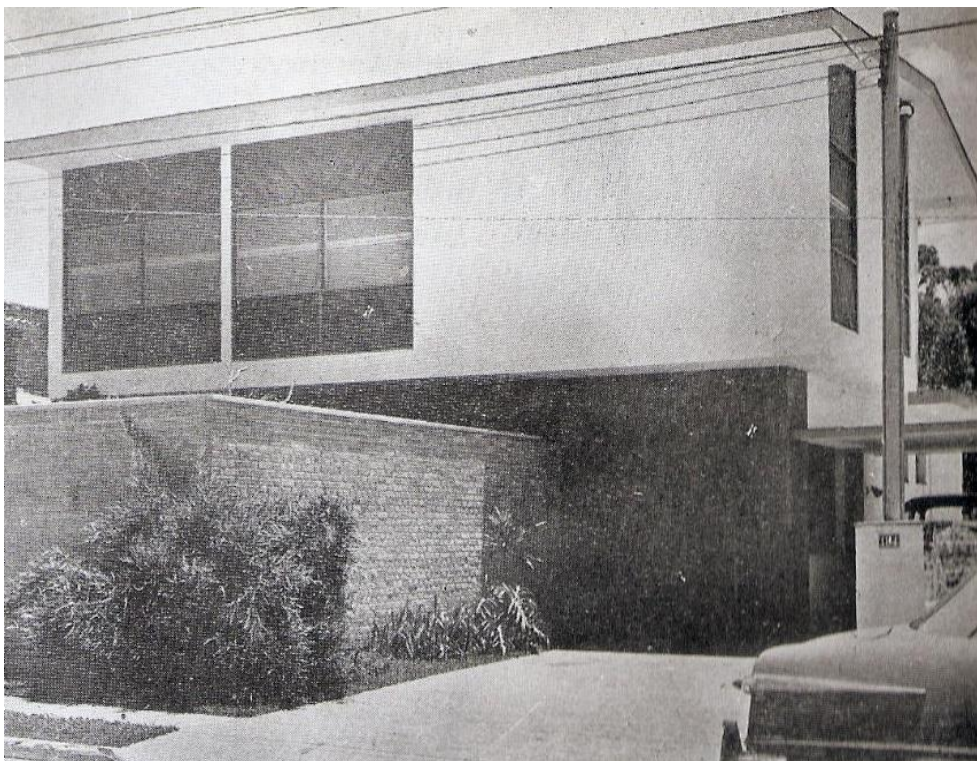
A face lateral apresentava um vazio em toda extensão do primeiro plano, ocultado por um muro de tijolos aparentes. No segundo notava-se a opacidade de uma faixa branca seguida por um painel de tijolos.

Ocultada parcialmente ao observado pela elevação da construção em relação à rua, a cobertura em telhas cerâmicas que, apesar de sua inclinação, gerava a percepção de uma cobertura plana a partir da rua. As linhas da testeira e das esquadrias davam destaque à composição.



## **Residência de Maurício Assumpção**

Rua Doutor José Cândido de Souza, 184. Brooklin Paulista.  
1955



*Figura 57 - Fachada da residência de Maurício Assumpção.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A quarta casa projetada por Paoliello no bairro foi edificada para Maurício Assumpção. Localizada a algumas quadras dos projetos edificados anteriormente no bairro, segundo o arquiteto este cliente o procurou após ter contato com seus projetos nas redondezas (PAOLIELLO, 2022, p. 12).

A residência de 382 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de de 450 m<sup>2</sup>, de relação 1:2, perpendicular à rua, obteve um coeficiente de aproveitamento de 84%.

O programa foi resolvido em um bloco de dois pavimentos implantado centralizado no sentido longitudinal do lote perpendicular à rua.

O volume movimentado do segundo pavimento foi posicionado transversalmente no terreno, apoiado sobre o embasamento que avança em direção ao recuo posterior,

adotando a solução de sobrados tradicionais executados nas décadas anteriores que posicionavam nesta porção o setor de serviços.

Os acessos foram concentrados à direita, por onde se alcançava o ingresso principal através do abrigo, e posteriormente o pátio de serviços ao fundo.

O fechamento parcial de um pátio à frente do lote não prejudicou a integração do objeto arquitetônico à paisagem, que se apresentava quase completamente ao observador na rua.

A ala noturna foi isolada no pavimento superior que foi voltado à rua e ao recuo direito, devido sua orientação noroeste. Com o mesmo direcionamento foi posicionado o setor social na cota inferior, ao lado do setor de serviços voltado aos fundos.

O setor social integrava-se ao pátio frontal destinado como área de lazer, pelas portas deslizantes de vidro, que excluía visualmente a divisão entre interior e exterior. Ao lado do muro se posicionava o ingresso para o abrigo sob a projeção do pavimento superior, que parcialmente ajardinado e sem gradil operava como transição entre espaços público e privado.

O primeiro plano da fachada era constituído pelo vazio seguido pelo pano de pedras à direita que estabelecia contraste com superfície branca do pavimento superior, rompida apenas pelos dois painéis de madeira formados pelas esquadrias que determinavam o caráter assimétrico da composição.

As aberturas receberam pela primeira vez na obra do arquiteto o fechamento por painéis executados em madeira em seu estado natural, com paginação inclinada à 45°, rompendo levemente a predominância das linhas ortogonais que geraram a composição da fachada. A transparência no térreo gerada pelas aberturas em vidro foi ocultada do observador pelo muro que resguarda o pátio, reforçando a predominância de cheios na fachada.

Na face leste predomina a simetria no segundo pavimento, que intercala superfícies opacas verticais com painéis de madeira das esquadrias como na fachada principal.

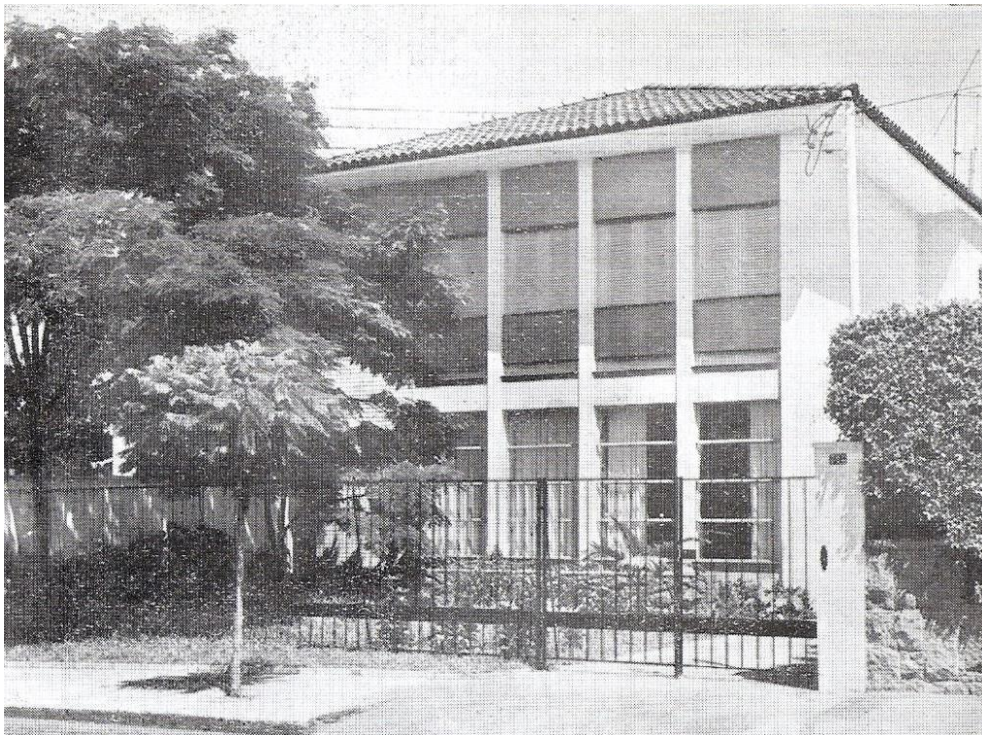


A cobertura em duas águas teve seu eixo posicionado paralelo à rua, e foi executada com telhas de fibrocimento e beirais em estuque acompanhando a inclinação. Apesar da solução, o telhado foi quase oculto a partir da vista da rua, simulando uma cobertura plana.

### **Residência de José Henrique Turner**

Rua Bento de Andrade, 324. Jardim Paulista.

1955



*Figura 58 - Fachada da residência de José Henrique Turner.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

Localizada no bairro do Jardim Paulista, o projeto foi desenvolvido para José Henrique Turner<sup>103</sup> e sua família. O trabalho foi realizado para amigos da família.

---

<sup>103</sup>Advogado formado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, foi deputado federal pelo estado de São Paulo entre 1959-1967, 1969-1975 e 1979-1983.

A residência de 270 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 590 m<sup>2</sup>, de proporção 1:3, perpendicular à rua, apresentava um coeficiente de aproveitamento de 50% do terreno.

Em uma solução incomum nos projetos de sobrados desenvolvidos pelo arquiteto, o volume foi alinhado nos dois níveis sem fracionamento realizado por rebaixos ou avanços que distinguiam os níveis - constante projetual na linguagem de Paoliello. Na face lateral direita podia ser observado uma subtração da massa construída, não a conformando em planta-baixa de seção retangular como usual.

A residência era composta por um único bloco implantado no sentido longitudinal do lote, recuado em todos os lados. O posicionamento que respeitava o recuo frontal obrigatório gerou ampla área livre ao fundo do lote.

Apesar da insolação desfavorável da face sul, os setores íntimo e social voltavam-se para a rua. Nas faces lateral e posterior foram posicionadas aberturas do setor de serviços. O abrigo foi disposto no recuo direito, onde foram concentrados o ingresso social, de automóvel e serviços. As aberturas das salas as integram visualmente ao jardim implantado no recuo frontal do lote, não proporcionando acesso entre os espaços.

O tratamento formal desta residência concentrou todo seu potencial plástico na fachada principal, não recebendo diversidade de acabamentos nas demais faces. Com predominância de vazios, a fachada principal foi solucionada em uma sequência de transparências que tiveram seu ritmo marcado pela estrutura ressaltada na superfície. O alinhamento dos vazios nos dois níveis resultou em uma organização plástica de acentuada ortogonalidade.

A separação da rua por um gradil possibilitava uma leitura contínua entre a vegetação do jardim e do passeio, e integravam a residência à paisagem.

A cobertura em quatro águas foi executada em telhas cerâmicas sem calha ou testeira, não apresentando intenção de ocultá-lo a partir do observador.

## Residência de Henrique Leão Rosset

Rua Capitão Antônio Rosa, 50. Jardim Paulista.  
1955



*Figura 59 - Fachada da residência de Henrique Leão Rosset.*

Fonte: Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.

A última residência publicada na *Revista Comemorativa de 07 anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda.* foi selecionada e teve seu projeto exposto na Quarta Bienal de São Paulo no ano de 1957. Foi construída para Henrique Leão Rosset<sup>104</sup>.

A residência de 366 m<sup>2</sup> de área construída em um lote de 620 m<sup>2</sup>, de proporção 1:2,5, perpendicular à rua, apresentou um coeficiente de aproveitamento de 59% do terreno.

O programa foi resolvido em dois blocos. Um sobrado implantando no sentido longitudinal do lote respeitando os recuos obrigatórios, e uma edícula alinhada ao fundo

---

<sup>104</sup> Henrique Leão Rosset foi um investidor no ramo industrial da tecelagem (PAOLIELLO, 2017)

do lote, evidenciando o resgate de soluções adotadas em projetos de décadas anteriores nesta região de São Paulo.

Apesar da orientação sul desfavorável, a organização espacial deste projeto segue o mesmo padrão do sobrado anterior, exceto pela presença da edícula e o avanço do embasamento através do recuo lateral esquerdo do lote.

Com predominância de cheios sobre vazios, no pavimento superior foram distribuídas aberturas de acordo com sua funcionalidade. Na fachada principal o caráter assimétrico foi obtido pelo pano de madeira à esquerda conformado pela janela em guilhotina. Assim como no sobrado de Maurício Assumpção, os painéis de fechamento das esquadrias foram executados com a paginação da madeira em 45° de inclinação. O acabamento em branco do segundo pavimento contrastava com um pano vertical de pedras posicionado à esquerda das transparências.

A integração do jardim com a via pública foi solucionada como no projeto anterior, desta vez, porém, estabelecendo integração visual entre interior e exterior.

A cobertura em quatro águas com telhas de fibrocimento com beiral em laje e testeira em madeira foi executada e na edícula em uma caída.

## 4 A arquitetura residencial de Arnaldo Paoliello

### 4.1 Construção de uma linguagem

Os três projetos realizados pela *Ignatti, Barros e Paoeliello Ltda.*, construtora formada por Paoeliello a partir de 1949, apresentavam programas semelhantes, soluções técnicas e estéticas parecidas. Embora nestas residências não foram adotados elementos da arquitetura modernista<sup>105</sup>.

A adoção de uma linguagem despojada de ornamentos considerados supérfluos, tirou proveito dos elementos construtivos em busca de composições harmônicas e equilibradas. A solução plástica simplificada já vinha sendo adotada na arquitetura doméstica das décadas anteriores à 1950 no contexto paulistano. e podia ser notada em residências edificadas em bairros planejados destinados aos setores médios da sociedade, como os loteamentos da *Companhia City*<sup>106</sup>. Segundo Silvia Wolff

“A essência da arquitetura doméstica desenvolvida a partir do contexto do século XIX revelou-se na busca de um caráter de simplicidade, sobriedade, solidez e intimidade, reforçado pelas pesquisas arquitetônicas pela definição de padrões habitacionais nas quais, de alguma maneira, a maioria dos arquitetos esteve envolvido” (WOLFF, 2001, p. 44).

As casas localizavam-se majoritariamente em bairros no setor sudoeste da capital paulista que foram predominantemente ocupados por habitantes de alto poder aquisitivo. As residências projetadas por Paoliello não se distinguem desse padrão. Os

---

<sup>105</sup> Em 1926 foi realizada uma publicação em que o arquiteto Le Coubusier apresentava os cinco elementos conformadores do vocabulário plástico-formal arquitetônico modernista possibilitados pelo uso do concreto armado: *pilotis* que possibilitavam *térreo livre*, *terraço jardim*, *planta-livre*, *janelas em faixas horizontais* e a *fachada livre* (BRUAND, 2002, p.90; COHEN, 2013, p.127; SEGAWA 1998, p. 86; TRAMONTANO, 1996, p. 119).

<sup>106</sup> Constituída em 1911, a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, popularmente conhecida como *Companhia City*, foi uma empresa de capital misto que comercializou lotes urbanos em bairros-jardim destinados às classes médias e altas da sociedade. Foram responsáveis pelo loteamento e comercialização do primeiro bairro planejado de São Paulo, o Jardim América (WOLFF, 2000).

moradores destas regiões eram grupos de profissionais liberais, tidos como uma “pequena burguesia” aos quais pertenciam os três clientes atendidos pelo arquiteto. Um empresário, um médico e um advogado, mostram a destinação das casas aprofissionais que gozavam de prestígio social e reconhecimento financeiro na metade do século XX<sup>107</sup>. Silvia Wolff nos mostra em seguida que

“O modelo da casa solta no lote, referido ao desenvolvimento das grandes cidades cosmopolitas do século XIX, floresceu na cidade de São Paulo, sobretudo nas casas burguesas das novas avenidas e dos novos bairros residenciais planejados, e mais pontualmente em outras regiões” (WOLFF, 2001, p. 70).

O sucesso na busca pela modernidade nos projetos não dependia exclusivamente da capacidade técnica dos profissionais ou uso de novas tecnologias construtivas. Era necessário dialogar com os anseios da clientela, que nem sempre se mostrava disposta a adotar soluções espaciais ainda pouco conhecidas no contexto contemporâneo à atuação da construtora. Por não infringir as formas tradicionais de morar, o despojamento ornamental teria sido a primeira proposta “modernizante” assimilada pela clientela dos arquitetos rumo à adoção da arquitetura moderna (PINHEIRO, 1998, p. 127, p. 232).

Nas primeiras obras, o uso dos materiais em seu estado natural<sup>108</sup> definiu-se como o elemento de linguagem na resolução das fachadas, em consonância às estratégias já propostas por Bratke. Fechamentos de alvenaria em tijolos, muros de pedras e estruturas de madeira das coberturas foram explorados na composição plástica dos três casos abordados.

---

<sup>107</sup> No portfólio da Construtora Paoliello Ltda., pode ser notado a distinção do tratamento na identificação da clientela através do uso das expressões como “senhor” e “doutor”, sendo o segundo sempre adotado para designar profissionais graduados (PAOLIELLO, 2022)

<sup>108</sup> Segundo Silvia Wolff, o uso da madeira, pedra e o tijolo - materiais constantemente empregados como revestimento em residências edificadas em bairros-jardins - remonta suas raízes no início do século XIX, e seu uso na arquitetura doméstica representava uma flexibilização em contraponto ao repertório formal da arquitetura clássica (WOLFF, 2001, p. 45)



Nos sobrados foram adotadas paredes em alvenaria de tijolos aparentes nos pavimentos inferiores, em contraponto ao revestimento em argamassa com acabamento em pintura branca nos pavimentos superiores. A solução buscava criar uma distinção entre os níveis do volume, atribuindo percepção de suspensão ao superior e de assentamento ao inferior<sup>109</sup>. As pedras foram utilizadas em muros que definiam os limites entre os lotes e as vias públicas; ou aplicadas no embasamento da residência térrea, que apresentava predominância no acabamento branco acima.

Aspectos funcionais podem ser observados na adoção de soluções que favorecem o conforto ambiental através dos recuos e da distribuição dos ambientes em relação à insolação que, por sua vez, remetem a princípios da arquitetura modernista. Em parte dos projetos desenvolvidos, as aberturas de ambientes menos prestigiados (como cozinhas, banheiros e lavanderias) voltavam-se à rua em oposição às residências edificadas nas décadas anteriores à adoção da arquitetura modernista<sup>110</sup>. Esta solução privilegiava insolação e ventilação adequadas, buscando o conforto térmico nas habitações. Na obra de Paoliello, a orientação solar definia a presença de recuos em relação às edificações vizinhas e a implantação das residências nos lotes, resgatando soluções semelhantes às adotadas nos bairros jardins. Segundo Silvia Wolff,

“A casa isolada cercada por jardins, vinculada a uma imagem cosmopolita de residência sofisticada, foi, contudo, o modelo de residências determinado pela *Cia. City* nos bairros que implementou em São Paulo originalmente propostos para as classes média e alta” (WOLFF, 2001, p. 44).

Nos três projetos foram adotadas coberturas executadas com telhas cerâmicas, comuns na produção residencial corrente e nas casas tradicionais. Para as distinguir das residências ecléticas remanescentes de décadas anteriores, foram adotadas as

---

<sup>109</sup> PAOLIELLO, 2022.

<sup>110</sup> Como por exemplo a presença de janelas de cozinhas, áreas de serviço ou dependências de empregados, ambientes que eram tidos como ambientes desprestígio nas residências edificadas com linguagens historicistas, e geralmente eram posicionados nas áreas posteriores do lote, fossem posicionados resguardados em espaços isolados por muros ou elementos vazados que os obstruíssem da visão a partir das vias públicas.

inclinações mínimas exigidas pelos fabricantes, além de amplos beirais que atenuavam a visão do telhado a partir da rua. Buscando evidenciar a utilização racional dos materiais, as estruturas de madeira que suportavam os beirais ficavam aparentes recebendo apenas acabamento em pintura – em detrimento do uso de lambris ou estuques comuns nas edificações em linguagem eclética.

A racionalidade construtiva descrita esteve presente em todos os projetos consecutivos ao longo da atuação da construtora, e foram empregados conjuntamente a outros elementos conhecidos como exemplares da arquitetura modernista praticada em São Paulo, adotados à medida em que o arquiteto se consolidou profissionalmente na década de 1950.

Em detrimento da possibilidade de utilizar-se das primeiras experiências construtivas enquanto um laboratório experimental na adoção de novas espacialidades propostas pelo modernismo, a associação com seus colegas de formação possibilitou transformações na sua forma de pensar o habitar, e na adoção de elementos de linguagem distintos aos utilizados nos primeiros projetos.

Os vínculos de sociabilidade dos estudantes com seus primeiros clientes podem ter proporcionado alguma liberdade projetiva em suas primeiras experiências profissionais. O projeto desenvolvido para um parente de Paoliello e outro a um parente de Marino Barros, lhe garantiram credibilidade para realização dos trabalhos.

Após o curto período de 16 meses de atuação conjunta, Vicente Ignatti decidiu desvincular-se da sociedade em setembro de 1949, devido a problemas pessoais. Sua retirada da construtora resultou na alteração da razão social da empresa para *Paoliello & Barros Ltda.*

Nos sobrados que configuram a produção da *Paoliello e Barros Ltda.* notamos a permanência do *modus operandi* da fase anterior e a adoção de novas soluções plásticas e formais, enfaticamente nos projetos desenvolvidos em parcerias eventuais com Rodolpho Ortenblad Filho. Como principal característica, permaneceu a ausência de ornamentação, agora aliada à busca de uma linguagem moderna dentro das possibilidades técnicas permitidas em seu contexto.

Os resultados constituíram pequenos avanços, como subtrações nas volumetrias, a ilusão de ótica aplicada à inclinação dos telhados simulando sua ausência na percepção ao observador, o agrupamento e alinhamento de aberturas que lhes proporcionaram linearidade nas fachadas, aplicação de revestimentos distintos entre pavimentos ressaltando a volumetria, e outras peculiaridades vistas em cada projeto desenvolvido.

A racionalidade construtiva se manifestou também na preocupação em diminuir os custos da construção. Buscava-se o melhor aproveitamento da topografia, diminuindo custos com cortes no perfil natural do terreno e evitando trabalho de aterro. A preocupação em proporcionar conforto térmico nas residências, através da orientação dos ambientes em relação a insolação, e o uso de pergolados e muros de elementos vazados foi enfatizada nos textos que acompanhavam as publicações em revistas técnicas que circulavam naquele contexto<sup>111</sup>.

Embora Paoliello declare sua autoria no desenvolvimento dos projetos, no período em que atuou em parceria com Vicente Ignatti e Marino Barros, a carência de estudos da obra dos profissionais dificulta a distinção de características entre projetos desenvolvidos por estes e Paoliello. Algumas residências edificadas por Marino Barros, após o término da sociedade, demonstram características comuns em projetos desenvolvidos por ambos. Embora estas não apresentem particularidades autorais das linguagens de Paoliello e Barros, são frequentemente notadas em projetos de outros arquitetos do período em publicações de periódicos como a Revista Acrópole.

No primeiro projeto desenvolvido em parceria com Rodolpho Ortenblad Filho, notamos o uso de elementos plásticos formais presentes no vocabulário do arquiteto, como o uso de janelas ideal e os telhados de fibrocimento. Estes últimos ainda não haviam sido inseridos em residências projetadas por Paoliello, mas a partir de então serão adotados com recorrente frequência em seus projetos, inclusive na execução de sua residência no ano seguinte. Na revista comemorativa da construtora, a janela é

---

<sup>111</sup> Paoliello teve seis residências publicadas entre os anos de 1951 e 1962 nas revistas Acrópole e Habitat, ambas conhecidas como periódicos de ampla circulação e apreciação entre os construtores atuantes no período. As publicações serão comentadas ao longo do capítulo.

destacada pelo “sistema de ventilação e insolação”, elemento novo que substituiu pela primeira vez as esquadrias com persiana utilizadas por Paoliello.

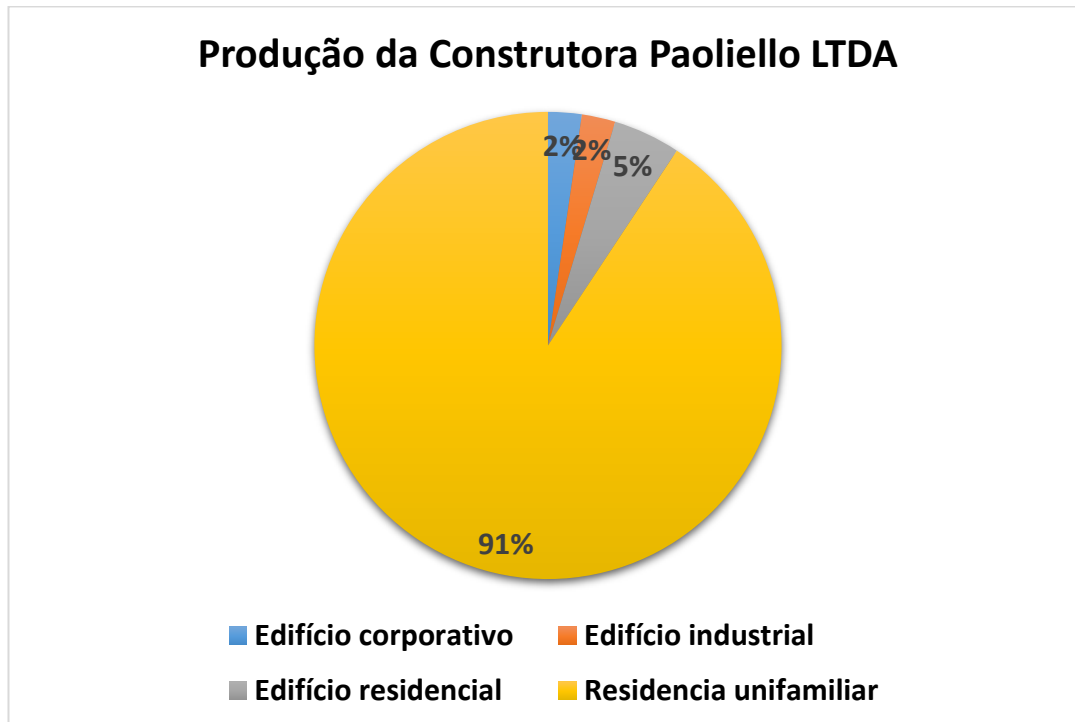
Nos projetos seguintes foram adotadas frequentemente telhas de fibrocimento nas coberturas. O material que começou a ser adotado pelos arquitetos na década anterior, nesta fase passou a ser assimilado nos projetos de Paoliello. Já podiam ser encontradas inclusive em residências edificadas em bairros prestigiados da cidade, como no Jardim América, contemporâneas a todo período de atuação da Paoliello Ltda.

“Abriu-se também espaço para experimentações. Os telhados de quatro águas das versões mais simples puderam ser ocultos, quase planos feitos de telhas de fibrocimento, ou vencer vãos com apenas uma água inclinada do mesmo material” (WOLFF, 2001, p. 257).

Entre os anos de 1949 e 1956 foram realizadas 43 obras pela *Construtora Paoliello Ltda.* Um edifício industrial, uma edificação corporativa, dois edifícios residenciais, e 39 residências - objetos de estudo deste trabalho. A execução dos projetos executados de modo tipicamente artesanal no início da carreira do arquiteto<sup>112</sup>, contava com empreiteiros e parcerias no fornecimento de mão de obra. A estrutura que a empresa contava parece determinar a ênfase atribuída à produção de obras de pequeno porte, focada majoritariamente em residências unifamiliares, que representam 91% dos trabalhos executados.

---

<sup>112</sup> PAOLIELLO, 2022.



*Figura 60 - Percentagem das obras da Construtora Paoliello Ltda.*  
 Fonte: Autor

Apesar da execução em método tradicional e a ênfase em obras de pequeno porte, em 1950 foram concluídas nove residências, um número expressivo considerando-se os métodos construtivos que dispunha o profissional, além do fato de serem executadas ainda em seu período de conclusão de sua formação.

#### **4.2 Confluências entre as arquiteturas de Paoliello e seu sócio, Marino Barros**

Embora houvesse uma atribuição clara de tarefas entre Paoliello, Barros e Ignati na primeira fase da construtora e Paoliello fosse o responsável pelo desenvolvimento dos projetos, segundo o depoimento do arquiteto, os colegas ocasionalmente opinaram e interferiram nos projetos desenvolvidos (PAOLIELLO, 2022).

Esta informação pode suscitar um questionamento sobre a influência de cada profissional nas obras que foram executadas. Buscando entender a contribuição de cada um na etapa da concepção do projeto, observamos obras realizadas por colegas de

formação e sócios de Paoliello no mesmo período a fim de elencar semelhanças e divergências entre a produção autoral de cada profissional.

Após o término da sociedade com Paoliello em 1952, Marino Barros inicia sua trajetória individual e funda a *Construtora Marino Barros Ltda*. Nos anos consecutivos, Barros executou projetos autorais e de outros profissionais focados exclusivamente no desenvolvimento de projetos. Embora sua trajetória profissional não tenha sido estudada sistematicamente, os artigos da Revista Acrópole e o relato de Paoliello nos permitem observar características em comum nos trabalhos ambos.

Na edição número 182 de junho de 1953 da Revista Acrópole, encontramos o primeiro trabalho desenvolvido pela Construtora Marino Barros Ltda. Este fascículo da Revista Acrópole foi o primeiro a ser publicado sob a direção de Rodolpho Ortenblad Filho<sup>113</sup>, colega de formação no Mackenzie de Paoliello, para quem Barros continuou prestando serviços após sua retirada da sociedade com Paoliello.

A parceria profissional entre Ortenblad e Barros se estendeu por toda a década de 1950. Na Revista Acrópole foram publicadas cinco obras executadas para Ortenblad, quatro residências unifamiliares e seis sobrados destinados ao aluguel<sup>114</sup>.

A publicação realizada na edição número 182 nos mostra um dos primeiros trabalhos realizados através da atuação individual de Barros. Pela proximidade temporal dos trabalhos realizados com Paoliello, observamos a residência a fim de identificar características arquitetônicas compartilhadas por ambos.

---

<sup>113</sup> Segundo Sabrina Pereira, Rodolpho Ortenblad Filho foi o diretor responsável pela revista entre os anos de 1953 e 1955, período correspondente entre as edições 182 até 200 (PEREIRA, 2010). No período correspondente aos primeiros anos de atuação após sua formação, foram publicados projetos de Ortenblad, Barros e Paoliello na revista que atestam sua inserção profissional logo após sua formação.

<sup>114</sup> Na edição número 181 de maio de 1953 (mesmo volume em que foi publicada a residência concluída de Domingos Pires de Oliveira Dias, projetada por Paoliello) foi publicado um grupo de seis sobrados destinados à renda no bairro do Itaim, no número 182 de junho de 1953 foi publicado um sobrado no Jardim Paulistano, no número 199 de abril de 1955 foi publicado o sobrado do Doutor Leopoldo Raimo no Jardim Paulista, no número 191 de agosto de 1954 foi publicada a residência do Sr. Alfredo Assad no Jardim América, e no número 260 de maio de 1960 foi publicada a residência do Doutor Olavo Quintela Filho no bairro do Itaim.



O projeto desenvolvido por Marino Barros de um sobrado residencial unifamiliar foi construído no Jardim Paulistano na zona sul da cidade de São Paulo - região em que foram executadas residências por Paoliello, Barros e Ortenblad - que aqui serão apresentadas a fim de observar suas afinidades plástico-formais.

Em um lote de 300 m<sup>2</sup> foram dispostos dois blocos, o principal implantado no sentido longitudinal do lote e a edícula alinhada ao limite posterior.

O volume de seção retangular do segundo pavimento apresentava vazios distribuídos de acordo com sua funcionalidade sem maior arroj formal. O caráter assimétrico da fachada principal foi obtido pelo gradil à esquerda no pavimento superior e o vazio na cota abaixo. A distinção do volume entre níveis se dava pela descontinuidade no acabamento e na adoção de pedras na porção inferior da fachada principal, também de caráter assimétrico, obtido pela continuidade das aberturas ao lado esquerdo. O tratamento formal foi enfatizado na fachada principal, que se distingue em tratamento das demais.

No bloco principal foram dispostos no térreo o setor social e cozinha, e o setor íntimo foi isolado no pavimento superior. Na edícula foram dispostos a lavanderia e a dependência de empregados. O abrigo de automóvel foi incorporado ao bloco principal. No recuo frontal e no posterior foram implantadas áreas ajardinadas, sendo o posterior dividido entre lazer e serviços.

As aberturas de janelas de dormitórios e salas foram posicionadas majoritariamente voltadas à lateral direita e ao fundo do lote, privilegiando a insolação matinal nestes ambientes. A cozinha e o banheiro voltavam-se ao recuo esquerdo.

O ingresso ao setor de serviço e ao abrigo de automóveis foi disposto na lateral esquerda e o ingresso social pela direita.

O lote foi separado da rua por um muro baixo revestido de pedras com segmentos de gradil em madeira, integrando a residência à paisagem.



*Figura 61 - Fachada de Residência no Jardim Paulistano projetada e construída por Marino Barros.  
Fonte: Revista Acrópole N.182, p. 66, junho de 1953.*

A cobertura da residência foi executada com telhas cerâmicas em quatro águas e baixa inclinação, três águas no avanço do pavimento inferior.

Notamos nesta residência a racionalidade construtiva observada nas edificadas em sociedade com Paoliello nos anos anteriores, as estratégias de insolação, a assimilação do vocabulário plástico no uso de materiais em seu estado natural. Os critérios projetuais adotados foram expressos na pequena descrição publicada na Revista Acrópole, que sintetizou os princípios adotados no desenvolvimento do projeto. O texto descreve que

“Num pequeno lote de 10x30 conseguiu o arquiteto obter uma planta satisfatória e de boa circulação. Devido a orientação desfavorável da frente, foram aí localizados cômodos de menor importância. São de se notar o pátio social interno e os acabamentos em materiais naturais. Dentro de um orçamento limitado obteve-se uma residência confortável e perfeitamente satisfatória.”<sup>115</sup>

A tipologia a do sobrado residencial unifamiliar edificado em bairros destinados à habitação da classe média, nos parece ter perpassado a atuação profissional dos colegas formados no Mackenzie College. Explorada anteriormente em parceria com Paoliello, ela permanece no desenvolvimento do trabalho autoral de Barros em sua trajetória individual ao longo dos anos seguintes.

Apesar da coerência entre os aspectos formais, permanecem alguns elementos tradicionais na residência. Podemos citar, a acomodação do telhado cerâmico com estuque na cobertura, um pergolado de caráter ornamental em frente ao abrigo, a proporção igual entre volume superior e inferior, que anulava a estratégia da suspensão idealizada na distinção entre níveis superior e térreo.

Dois exemplares semelhantes ao caso apresentado - tanto pelo aspecto racional projetual quanto pelo vocabulário plástico - foram construídos nos anos consecutivos por Rodolpho Ortenblad e Arnaldo Paoliello. O projeto a seguir nos permite observar os princípios partilhados pelos arquitetos com formação e atuação contemporâneas na primeira metade da década de 1950.

---

<sup>115</sup> Texto de apresentação do projeto extraído da Revista Acrópole, N° 182, p. 67.

### **4.3 Confluências entre as arquiteturas de Paoliello e seu colega de formação, Rodolpho Ortenblad**

Uma publicação realizada na edição número 199 da Revista Acrópole nos apresenta um sobrado projetado por Rodolpho Ortenblad Filho e construído por Marino Barros, que se enquadra na tipologia do sobrado residencial. Projetado para o Doutor Leopoldo Raimo<sup>116</sup>, localizava-se na esquina das ruas Capitão Antônio Rosa e Doutor Ferreira da Rosa, no Jardim Paulista, na zona sul de São Paulo.

A residência projetada por Ortenblad foi construída em um lote de 235 m<sup>2</sup> também no Jardim Paulistano. Era composta por um bloco principal no sentido longitudinal do lote e uma edícula alinhada ao limite posterior, análoga à implantação da casa anterior.

No térreo havia o setor social e a cozinha, e o setor íntimo foi isolado no pavimento acima. Na edícula foram dispostos a lavanderia, a dependência de empregados e o abrigo de automóveis. No recuo frontal e ao fundo do lote foram implantadas áreas ajardinadas, sendo o posterior dividido por um muro de vedação de elementos vazados, destinado tanto ao uso de lazer como de serviço.

As aberturas dos dormitórios e salas voltavam-se majoritariamente à lateral direita e ao fundo do lote, privilegiando a insolação matinal destes ambientes. Diferente de uma prática comum à época, ambientes tidos como desprestigiados como cozinha, banheiros e as dependências de empregados também foram voltadas à orientação norte.

A entrada social era localizada na Rua Capitão Antônio Rosa, e o ingresso de serviço e ao abrigo era realizado pela Rua Doutor Ferreira da Rosa.

---

<sup>116</sup> Leopoldo Francisco Raimo (Botucatu, SP, 1912 - São Paulo, SP, 2001). Pintor, gravador e médico. Mudou-se com a família para a capital paulista em 1918. Durante o curso no Ginásio do Estado (de 1924 a 1930), Raimo tem aulas com o pintor acadêmico Oscar Pereira da Silva (1867-1939). Em 1931, estudou durante um semestre na Escola Paulista de Belas Artes. Escolheu a medicina como profissão, frequentando entre 1932 e 1937 a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e atuando como médico desde então. Fonte: [www.guiadasartes.com.br/leopoldoraimo](http://www.guiadasartes.com.br/leopoldoraimo), consultado em 23/05/21 às 08:00h.

O lote foi separado da rua por um muro baixo executado em tijolos na Rua Capitão Antônio Rosa, e cercado com um gradil em madeira e elementos vazados na Rua Doutor Ferreira da Rosa. A casa seguiu um padrão presente na paisagem bucólica do bairro.



*Figura 62 - Fachada Principal da Residência do Doutor Leopoldo Raimo no Jardim Paulistano, projetada por Rodolpho Ortenblad Filho e construída por Marino Barros.*

Fonte: Revista Acrópole N.199, p. 318. Abril de 1955.

A prática do cliente como um artista plástico favoreceu que o arquiteto trabalhasse com atenção na composição das fachadas, que receberam tratamento estético de mesma importância. A intenção de exprimir racionalidade projetual no trabalho de Ortenblad, como notamos na publicação,

“Uma das principais preocupações do arquiteto ao elaborar o projeto desta residência, foi não ultrapassar o reduzido orçamento para a construção Estabelecido este ponto como básico, foram procuradas soluções tanto de estrutura como de detalhes, os mais simples e racionais dentro de limites estéticos.”<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> Texto de apresentação do projeto extraído da Revista Acrópole, N° 199, p. 318.

O volume de seção retangular do segundo pavimento apresentava seus vazios distribuídos de acordo com as funções dos ambientes. O caráter assimétrico da fachada principal foi obtido por um rebaixo que se alinhava com o vazio à esquerda. Este se distinguia do nível abaixo pelos planos verticais de tijolos que intercalaram as aberturas, ora com aspecto natural, ora com acabamento em pintura branca. Embora adotado em pequena dimensão, o recuo existente no pavimento inferior adotado enquanto elemento visual demonstra um processo de apuro plástico. Na fachada lateral dois vazios conformados pelos panos de madeira foram dispostos na face superior.

A cobertura foi realizada em baixa inclinação com telhas de fibrocimento e dividida em quatro águas, apoiado sobre estrutura de madeira aparente. O bloco ao fundo do lote era composto por telhado de caída única.

Podemos observar pelas descrições a grande quantidade de semelhanças apresentadas nos projetos de Ortenblad e Barros, quanto a sua resolução volumétrica, sua composição plástica e soluções que buscavam o conforto térmico dos ambientes. Ambos apresentam características em comum com os sobrados projetados por Paoliello para Henrique Leão Rosset, Antônio Q. De Amaral, Hélio A. Guimarães e Bruno Buffardi.

A aproximação em torno destes projetos nos mostra que as características elencadas conformam estruturavam o *modus operandi* de cada arquiteto no desenvolvimento dos projetos. As soluções para o programa residencial foram adaptadas por cada profissional de acordo com as variações dos lotes e anseios da clientela.

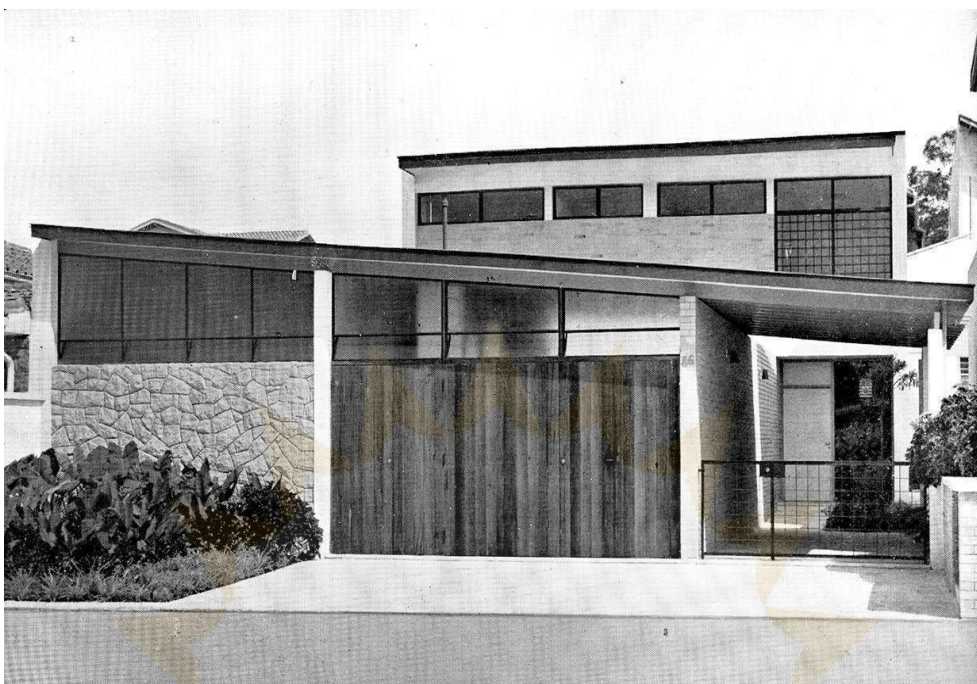
#### **4.4 Afinidades plásticas entre projetos de Paoliello, Aflalo e Ortenblad**

Os projetos citados anteriormente apresentam um padrão desenvolvido por arquitetos da década de 1950 para lotes estreitos e compridos em que foram adotados blocos de dois pavimentos de seção retangular no sentido longitudinal dos lotes, implantados perpendiculares à rua. Um padrão de sobrados com o segundo pavimento



menor que o embasamento e disposto no sentido transversal ao lote pode ser notado em um projeto desenvolvido por Paoliello para José Leal de Carvalho, com o qual notamos grande semelhança com outros projetos realizados pelos colegas de formação.

Estes evidenciam as referências compartilhadas entre os alunos em seu período de formação e suas pesquisas extracurriculares. Um foi projetado por Plínio Croce e Roberto Aflalo, e o outro por Rodolpho Ortenblad Filho.



*Figura 63 - Fachada da residência projetada por Plínio Croce e Roberto Aflalo.*  
Fonte: Revista Acrópole, novembro de 1954.

Nos três projetos notam-se a disposição dos setores de serviço à frente do lote, privilegiando a orientação norte nos setores íntimo e social voltados ao fundo dos terrenos. Esta solução buscava também resguardar a privacidade dos moradores. Segundo Paoliello, a disposição foi adotada em boa parte das residências edificadas neste período (PAOLIELLO, 2022, p. 08).

Nas fachadas notam-se o emprego de materiais de acabamento em seu estado natural, formando composições assimétricas geradas a partir do deslocamento dos

vazios, que rompiam as superfícies verticalmente dispostas nas extremidades. Estes eram seguidos por aberturas rítmicas no sentido horizontal, em oposição às anteriores.



*Figura 64 - Fachada da residência projetada por Rodolpho Ortenblad Filho.  
Fonte: Revista Acrópole, julho de 1955.*

As coberturas realizadas em baixa inclinação simulavam a ausência do telhado tradicional, sem presumir a cobertura que protegia as construções em um contexto de baixa adesão às novas tecnologias de impermeabilização. Além da implantação nas porções posteriores dos lotes.

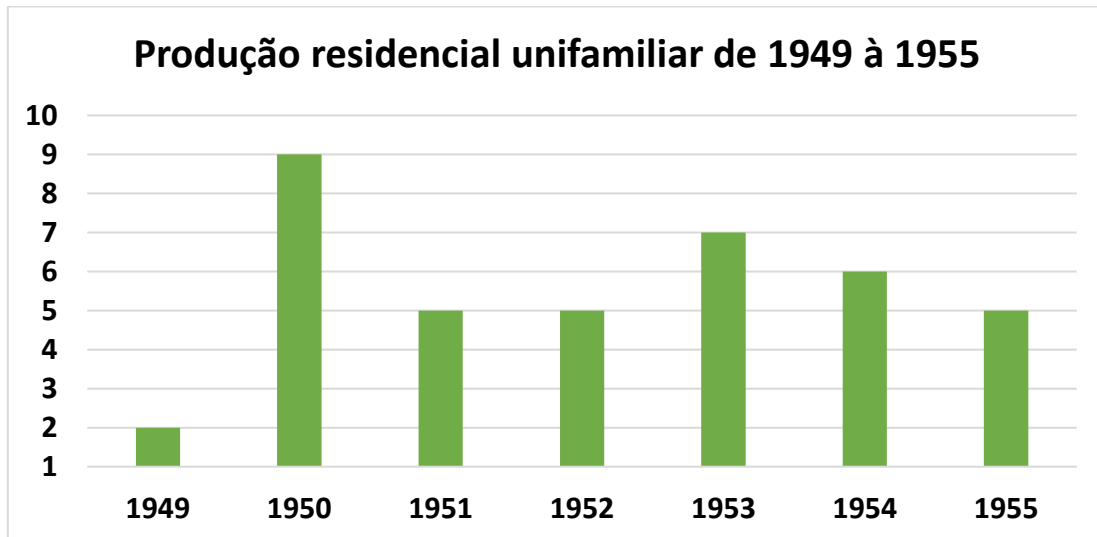
Em ambos projetos notamos a quebra da percepção de verticalidade através da distinção entre a proporção dos volumes entre os níveis. No projeto de Croce e Aflalo o resultado foi obtido pela distinção entre o bloco térreo implantado à frente afastado do posterior assobradado. No projeto de Ortenblad foi adotado um recuo em relação ao pavimento superior que avança sobre o embasamento. As calhas e testeiras pintadas em preto reforçam a diferença das volumetrias, sendo que no projeto de Croce e Aflalo esta foi rompida pela inclinação no sentido transversal da cobertura do bloco frontal, quebrando com a ortogonalidade da composição.

Os vazios definiram a assimetria das composições. Em soluções semelhantes nos dois projetos, notamos que em segundo plano no pavimento superior dos sobrados um vazio vertical foi posicionado em uma extremidade do plano ao lado de módulos horizontais de menores proporções em relação ao anterior que se estendem alcançando a extremidade oposta. A relação entre o vazio maior gerou uma composição harmoniosa. Na residência projetada por Croce e Aflalo, o mesmo artifício foi utilizado na fachada na cota inferior em primeiro plano, acentuando a assimetria devido às dimensões distintas entre os dois vazios.

#### **4.5 A residência Paoliellina**

Os projetos publicados na revista comemorativa dos sete anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda. nos demonstram a alta produtividade do arquiteto na primeira metade da década de 1950. Das 39 residências edificadas, 31 apresentavam uma média entre 150 e 350 metros quadrados de área construída, sendo as menores casas térreas e as maiores construções com dois pavimentos (PAOLIELLO, 2022). Uma residência no período foi construída com três pavimentos, para José Mário Junqueira de Azevedo. As oito unidades menores foram construídas destinadas ao aluguel.

No gráfico é apresentada a produção residencial unifamiliar distinguida por ano (foi considerada a data de conclusão de cada obra). Em seis anos de atuação da construtora foi produzida uma média de cinco residências por ano, um número expressivo para os padrões da época.



*Figura 65 - Produção residencial da Construtora Paoliello Ltda.*  
Fonte: Autor

A partir da abordagem das residências produzidas pela Construtora Paoliello Ltda. entre 1949 e 1956, aliado ao relato do arquiteto, podemos descrever o processo de projeto do arquiteto, que podem ser divididos pelas três fases da construtora, e pelas tipologias. Podemos distinguir os projetos residenciais entre casas térreas e sobrados.

Os sobrados foram edificados em lotes urbanos com a profundidade maior que sua largura, implantação centralizada no sentido transversal e se estendiam no sentido longitudinal. Suas volumetrias eram formadas por blocos de seção retangular, com embasamento que podia sofrer extrusões que avançavam sobre algum recuo do terreno, sem que obstruíssem a circulação entre áreas livres nos limites frontal e posterior dos lotes. A distinção entre os pavimentos era reforçada pela adoção de materiais em seu estado natural, empregados predominantemente no nível do solo.

Divididos entre alas diurna no térreo ala e noturna na cota superior, na maioria dos projetos nota-se a tradicional edícula no limite posterior do terreno. As fachadas voltadas à rua, quase em sua totalidade de caráter assimétrico, recebiam maior atenção na composição, e em alguns casos o cuidado foi expandindo para as laterais. Na maioria dos casos as aberturas são determinantes da composição plástica. As coberturas de telhas de fibrocimento se caracterizam pela baixa inclinação, na tentativa de atenuar

sua visão a partir do passeio, e em alguns casos foram adotados telhados cerâmicos – predominantemente na primeira fase da construtora.

Nos projetos desenvolvidos para as casas térreas notamos que o lote geralmente tem a largura maior que a profundidade e maiores dimensões que os anteriores. Nesta solução a casa espalhava-se pelo terreno gerando plantas diversas. O tratamento das fachadas e as coberturas seguiam o modelo anterior. Em divergência aos sobrados, nas edificações térreas foi enfatizada a relação entre interiores e exteriores, em parte pela notável influência de Richard Neutra<sup>118</sup>.

Apesar de um projeto ter sido desenvolvido para uma região de balneário fora dos limites da mancha urbana, todos os demais projetos foram desenvolvidos no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo, em bairros destinados para as classes economicamente favorecidas.

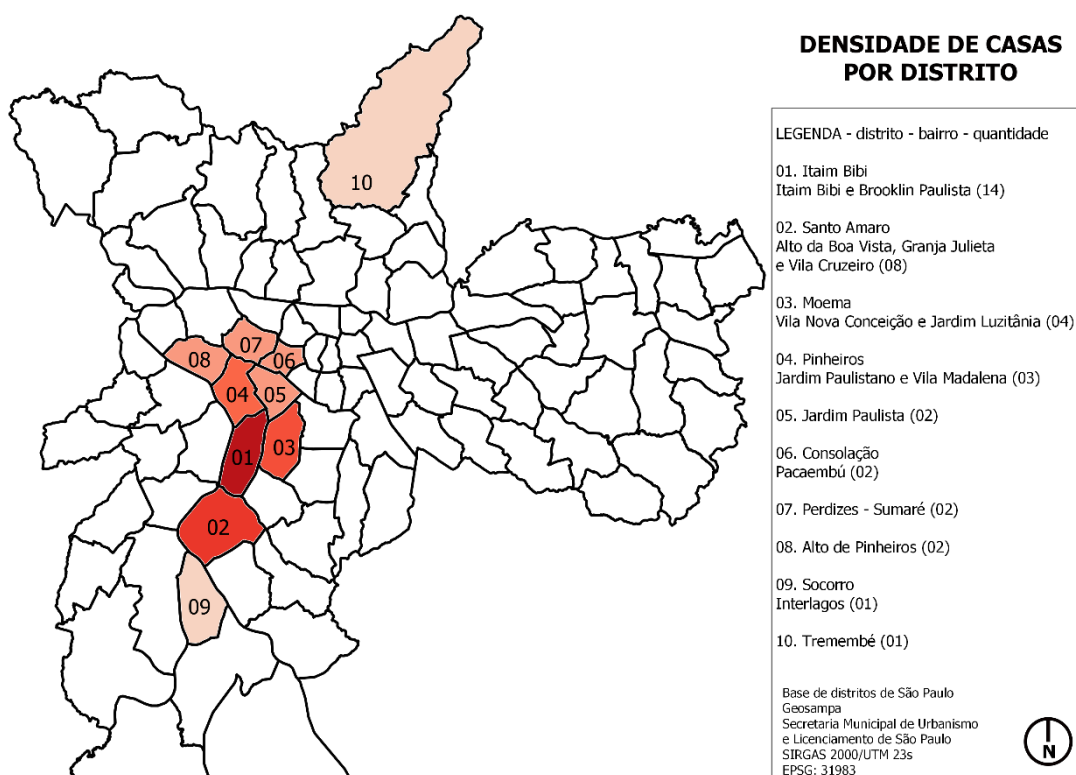


Figura 66 - Produção residencial da Construtora Paoliello Ltda.

Fonte: Autor

<sup>118</sup> As referências de projetos do arquiteto são apresentadas no terceiro capítulo, onde podem ser observadas semelhanças entre as plantas da Casa Kaufmann projetadas pelo Neutra, e as de José Pires, projetada por Paoliello.

Embora não houvesse um público alvo determinado no início da carreira de Paoliello, os dados levantados sobre seus clientes, nos demonstra o perfil do público consumidor de arquitetura nos anos posteriores à regulamentação da profissão.

O perfil dos clientes apresentados ao longo da dissertação confirma a destinação dos bairros ocupados pelas classes médias. Exceto pelos oito sobrados destinados à renda, as residências foram edificadas para profissionais liberais diplomados, distinguidos pelo tratamento de “doutor” à frente de seus nomes na revista comemorativa da construtora Paoliello. Segundo o arquiteto, a distinção de tratamento era destinada aos clientes com formação acadêmica, independente da área de formação (PAOLIELLO, 2022).

A exceção ao perfil foi conformada por Henrique Leão Rosset, pelo sogro do arquiteto e seu irmão, três investidores do setor industrial, sendo os dois últimos proprietários de terras no interior do estado e investidores nos setores agropecuários.

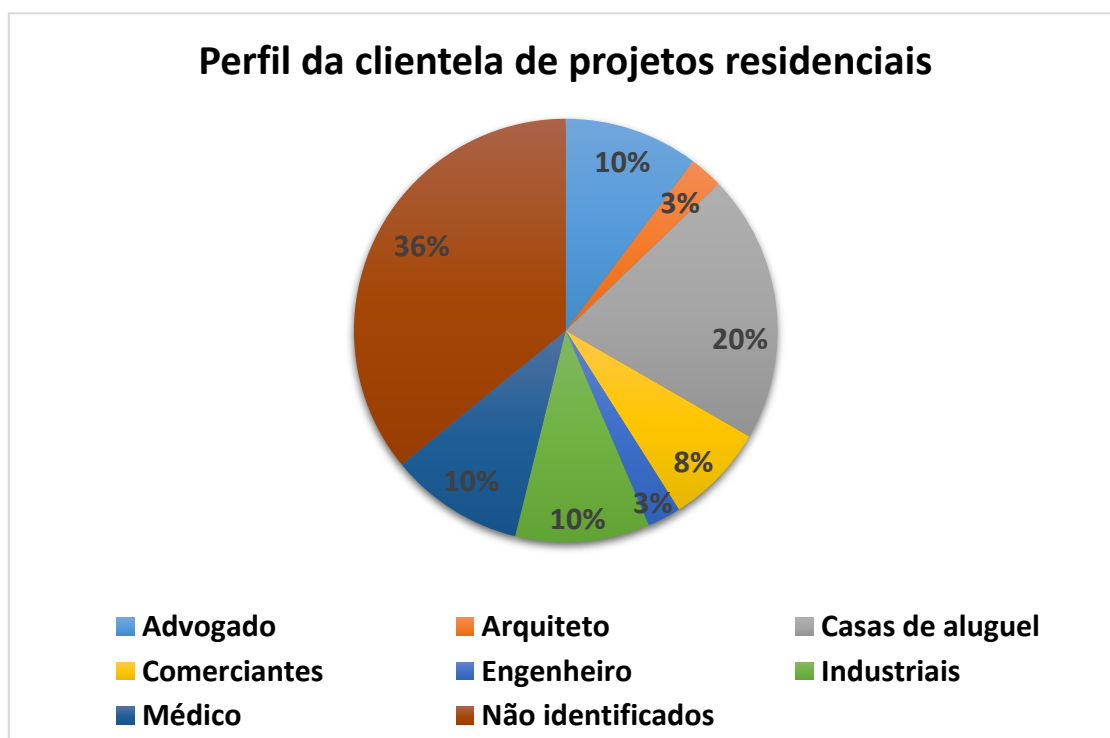


Figura 67 - Perfil da Clientela da Construtora Paoliello Ltda.

Fonte: Autor



Além de um perfil de formação semelhante entre os clientes, parte da similaridade nos setores de atuação deve-se ao fato de serem profissões prestigiadas, que induziam os familiares a realizar suas escolhas, como no caso da família do arquiteto, que teve seu irmão formado em direito, precedidos pelo pai que frequentou o curso de engenharia.

Além do perfil profissional aqui delineado, como destacado no terceiro capítulo, boa parte dos trabalhos desenvolvidos pelo arquiteto foram indicações de colegas de formação, mas predominantemente por parentes de sua ascendência, e familiares da sua esposa, que o aproximou de um novo círculo social, promotor da sua obra de maior destaque e alcance profissional.

No gráfico a seguir notamos a inserção do arquiteto em uma rede de sociabilidade composta por estratos sociais consumidores de arquitetura, além de sua residência incluída nos dados apresentados.

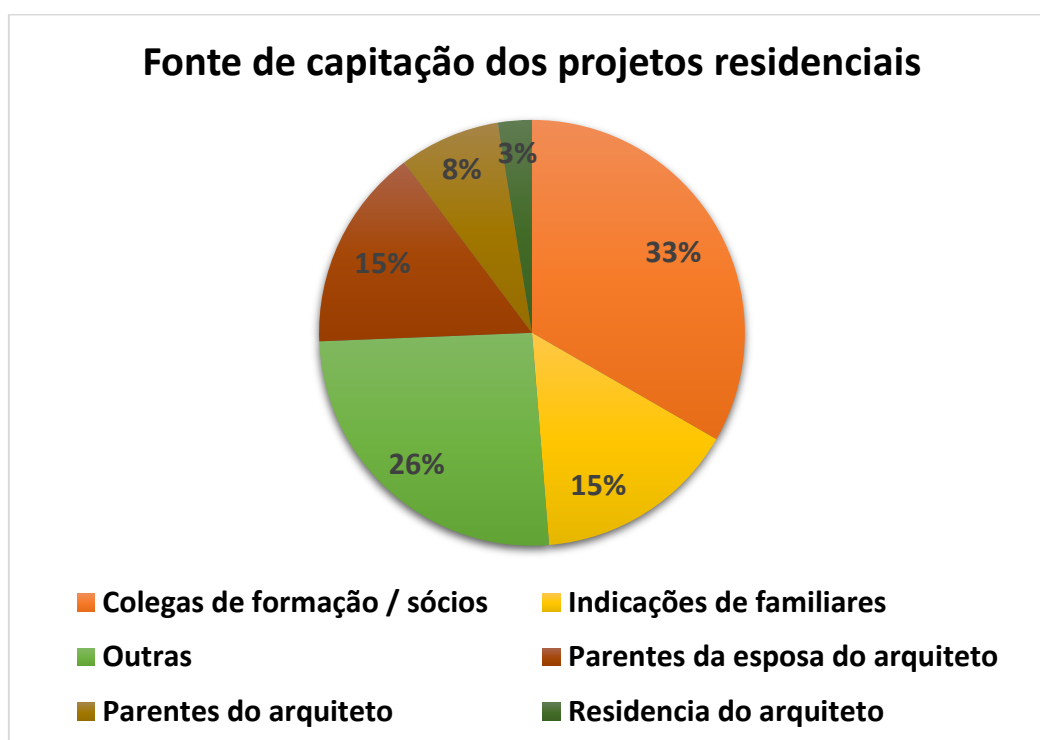


Figura 68 - Fonte de captação dos projetos residenciais.

Fonte: Autor

#### 4.6 Estética vanguardista para a espacialidade aburguesada

A fim de entender como a relação entre o arquiteto e o cliente, influenciou na adoção das características consagradas como indicadores dos pressupostos modernistas, faremos uma aproximação ao projeto mais notável pelas suas publicações e premiações realizadas ao longo da atuação da construtora, a residência edificada para Domingos Pires. Emblemática pelas dimensões construtivas, aspecto plástico vanguardista, divulgação na Revista Acrópole e revista Habitat, além de sua premiação na primeira bienal de arquitetura de São Paulo e sua publicação em *Modern Architecture in Brazil* para o catálogo de Henrique Mindlin para a exposição *Brazil Builds*.

A análise do perfil deste cliente e seus capitais simbólicos, culturais e sociais em consonância com o de Paoliello, nos trazem informações reveladoras sobre as imposturas da clientela consumidora sobre o desenvolvimento do projeto de sua residência.

Como já mencionado anteriormente, Domingos Pires de Oliveira<sup>119</sup> era seu sogro. O cliente em período de ascensão financeira investiu no arquiteto – apesar de sua pouca experiência profissional - lhe proporcionando a possibilidade de edificar uma residência com grande liberdade plástica, que garantiu a Paoliello visibilidade no campo da arquitetura, uma vez que a casa foi premiada e publicada.

Morador de uma residência eclética em um bairro ocupado predominantemente por membros das classes médias e elites paulistanas na metade do século XX - Domingos Pires de Oliveira escolheu a região do Alto da Boa Vista para edificar sua nova residência para residir próximo ao local onde seria edificada a nova sede de sua empresa (PAOLIELLO, 2018). Analisando estes setores da sociedade paulistana, notou-se que

A configuração arquitetônica das moradias oferece material tangível para investigação das relações sociais, fornecendo acesso privilegiado para

---

<sup>119</sup> Informações obtidas no texto escrito pelo historiador Carlos Fatorelli consultado no site <http://www.saopaulominhacidade.com.br> em 10/08/20 às 22:00h, e no livro biográfico de Paoliello escrito pelo arquiteto, material consultado pelo pesquisador no acervo de Paoliello em 2018.

entendimento dos valores e investimentos sociais fixados no espaço doméstico. Formas de afirmação social, as residências acumulam múltiplos significados: marcadores de gosto e estilos de vida, revelam sistemas de classificação e hierarquia de seus proprietários. (ROSATTI, 2016, p. 128)

Como um investidor do setor industrial que expandia seus negócios buscando consolidar uma imagem de progresso no mundo corporativo, Pires de Oliveira edificou um complexo industrial com elementos modernistas, acreditando no capital simbólico dessa arquitetura. Concedeu posteriormente liberdade para Paoliello projetar sua residência afirmando mais uma vez seu posicionamento receptivo perante às inovações vinculadas a esta arquitetura ainda pouco difundida pela cidade.

Além do grau de parentesco com o arquiteto, alguns motivos levaram esse membro da elite industrial paulistana a contratar Paoliello para colaborar na construção de um capital simbólico representado em seus projetos executados. O capital cultural e o capital social descritos por Bourdieu (2013) enquanto base para a legitimação social e adoção de Paoliello como arquiteto que atenderia um grupo consumidor de bens simbólicos, se mostra em alguns dados presentes em sua biografia e são também evidenciados através dos relatos fornecidos por este quando entrevistado.

O capital social apresentado pelos vínculos de sociabilidade do cliente, nos evidencia sua inserção social. Um de seus principais sócios na laboroterápica foi José Eduardo Dutra e Oliveira<sup>120</sup>. Membro correspondente nacional da Academia Nacional de Medicina brasileira, formou-se em Medicina na Universidade de São Paulo em 1951 e concluiu seu doutorado em fisiologia em 1957. Foi professor titular da faculdade de medicina da USP de Ribeirão Preto, chefe do departamento de nutrologia, diretor e membro do conselho universitário entre 1989 e 1993, professor colaborador da Universidade estadual Paulista (Unesp) de Araraquara e professor visitante da Universidade de Cornell nos Estados Unidos.

---

<sup>120</sup> Dados retirados do site da Academia Nacional de Medicina, consultado em 10/08/20 às 20:00h. Fonte: [http://anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=712&descricao=Jos%C3%A9+Eduardo+Dutra+de+Oliveira](http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=712&descricao=Jos%C3%A9+Eduardo+Dutra+de+Oliveira)

O vínculo com o sócio com sólida formação e prestígio em meio ao mundo acadêmico, se mostra como uma evidência de um círculo social frequentado e conhecido por Paoliello, que apresenta em seu portfólio profissional algumas residências dedicadas a “doutores” nos primeiros anos de atividade de sua construtora após a construção da casa de seu sogro, nos levando a entender o capital social representado pelo ingresso como membro da família.

No projeto da residência do Sr. Pires de Oliveira é possível notar uma sala de proporções generosas, que em entrevista com Paoliello foi descrita como uma biblioteca e sala de música com um piano, espaço que era compartilhado na convivência familiar. Nas fotografias de outros ambientes da residência, nota-se a presença de mobiliário antigo convivendo com peças de design modernista. A presença destes itens nos mostra que

As preferências em matéria de moradia e decoração que direciona um conjunto de clientes a habitar essas casas arrojadas podem ser atribuídas à emergência de frações de classe que se estabeleceram economicamente, próximas aos arquitetos e dotadas de elevados capitais que orientam diversas práticas de consumo cultural, visivelmente objetificados nos espaços de moradia. (ROSATTI, 2016, p. 227)

Mais a frente, Camila Gui Rosatti nos mostra que

De posse desses atributos, esses agentes ousaram definir seus gostos elegendo uma estética de vanguarda para construção de suas casas, por excelência, locus da sua reprodução familiar e da formação do gosto e, com isso, expressão duradoura de um habitus cultivado, que atuará como elemento de coesão dos novos membros no grupo. (ROSATTI, 2016, p. 238)

A clientela dos arquitetos atuantes no período buscava desenvolver os projetos de suas residências com arquitetos que alcançavam projeção no campo da construção civil, como Vilanova Artigas, Oswaldo Arthur Bratke, Rino Levi, dentre outros já adeptos de novas propostas aliadas às modernas já em finais dos anos 1940.

Os membros da elite paulistana, buscavam em suas residências consolidar uma representação de distinção perante à sociedade, tanto em relação às classes populares quanto em relação a outros grupos sociais, com os quais disputavam posições sociais. Embora apresentassem hábitos e práticas tradicionais, visavam se mostrar abertos às inovações e se deparavam com dois modelos distintos de construções,

Uma apoiada na lógica de mercado, que atende uma clientela dispersa sem pretensões de inovação artística; e outra que se orienta pelo juízo estético, postura de valorização de liberdade formal, que seleciona um público restrito. (ROSATTI, 2016, p. 136)

A residência de Domingos Pires de Oliveira foi edificada com evidente arrojo plástico, valendo-se de uma volumetria pouco convencional à época. Porém, por trás de linhas despojadas e inovadoras, a análise espacial da residência nos mostra uma planta organizada com todas as soluções tradicionais encontradas em edificações ecléticas. As dependências dos empregados separados do bloco principal no fundo do terreno, as áreas de serviços voltadas ao fundo do lote, as áreas sociais voltadas para a rua e a total separação de funções em diversos ambientes nos deixam explícita a típica organização tripartite burguesa do século XVIII<sup>121</sup>, inseridas em uma volumetria repaginada com novas composições plásticas. Essa dissonância nos mostra que, embora houvesse empenho da parte dos arquitetos,

As inovações nas formas de morar encontrariam dificuldades e resistências nos habitantes da casa. Algumas biografias de clientes relatam a novidade e o encantamento de se morar em uma residência moderna – signo de admiração e status entre amigos, e os obstáculos da efetivação do projeto (...) pela dificuldade de se acostumar com uma moradia fora dos padrões. (ROSATTI, 2016, p. 146)

---

<sup>121</sup> Essa organização formulada a partir da criação de espaços distintos para todos os rituais simbólicos os quais por Bourdieu aponta como fatores de distinção parecem ter sofrido poucas alterações até a metade do século XX, se fazendo presente nas residências de diversos arquitetos atuantes no mercado nesse período. (TRAMONTANO, 1996; BOURDIEU, 2013)

A rejeição de soluções que pareciam infringir a espacialidade com resquícios da casa burguesa frequentes nos projetos desenvolvidos neste período, se mostra frequente em todos projetos realizados para os familiares, por não representarem a forma de viver imposta pelos clientes na criação dos espaços de moradia<sup>122</sup>. Enquanto a edificação da residência se mostra como um problema objetivo a ser solucionado atendendo necessidades dos contratantes, o arquiteto escolhido para tal finalidade trabalha dentro de limitações para cumprir tal função, impossibilitando alcançar sua proposição idealizada enquanto um produto meramente artístico, completamente coerente em toda sua formulação. No intuito de entender o *modus operandi* do arquiteto nessa equalização de fatores,

Reconstruímos o pensamento do ator; mas se trata de “uma constituição idealizada e racionalizada” de um problema objetivo e de uma situação objetiva em um nível distinto de sua lógica original; (BAXANDALL, 2005 p. 48)

Para o entendimento do produto gerado da relação entre o arquiteto e seu cliente, Baxandall apresenta em sua crítica à ponte sobre o Rio Forth – uma *análise idiográfica*, que considera a obra artística como resultado da imbricação entre as intenções do artista, o objeto demandado e as condições que a sociedade lhe oferece (BAXANDALL, 2005, p. 45), tornando assim as características específicas locais e culturais o vetor de transformação de um modelo comum que, quando circula por outros territórios, ressignifica, adota ou rejeita elementos presentes em sua formulação inicial de seu local de origem. Quando assimilados em outros contextos, podem gerar algo novo, talvez não mais decodificável em sua origem pela forma como estes eram antes classificados.

Na residência de Domingos Pires, notamos que a adoção de elementos de modernidade permitida à Paoliello, se destinou a conciliar a plasticidade da nova

---

<sup>122</sup> Entendendo que a residência é um produto de consumo que tem o objetivo de proporcionar moradia, deve extravasar seu entendimento além de um bem simbólico de quem o demanda, mas se apresenta como fruto de um capital cultural cultivado como menciona Bourdieu, e deve ser analisado enquanto um objeto produto de um comportamento, que nela é traduzido e representado materialmente a intencionalidade de seus moradores. (BOURDIEU, 2013; BAXANDALL, 2006)



arquitetura à espacialidade que atendia aos ritos burgueses de um cliente integrante de uma elite industrial. O vínculo com Domingo Pires colaborou para que o arquiteto alcançasse nesta residência, seu maior arrojo plástico dentre toda a produção da Construtora Paoliello Ltda.

Nas residências projetadas na quadra adquirida por seu sogro no Alto da Boa Vista, notamos que as referências estadunidenses adquiridas pelo contato com Oswaldo Arthur Bratke se fazem mais presentes que nos sobrados projetados para outros bairros da cidade. Em parte, pelas dimensões dos lotes em que foram edificadas, mas também pela liberdade plástica oferecida pelos membros da família, e na possibilidade de experimentação usufruída pelo arquiteto na construção de sua residência.

Nos projetos desenvolvidos para outros clientes externos ao círculo familiar, notamos que as soluções adotadas seguem os modelos difundidos por outros profissionais da construção atuantes no período, como seus colegas de formação. Além de uma organização convencional e a adoção de técnicas construtivas tradicionais em parte dos projetos apresentados no capítulo anterior notamos que os elementos plásticos deflagradores do modernismo se limitavam muitas vezes apenas à fachada, demonstrando o interesse na adoção do capital simbólico que esta arquitetura representava sem infringir no *habitus* de seus moradores.

Adotando a análise proposta por Baxandall, nos parece que a linguagem modernista foi adotada nos projetos de Paoliello como instrumentos de diferenciação, considerando as suas soluções projetivas, em concordância com as singularidades apresentadas por cada cliente. Nesta relação, o arquiteto torna-se um meio de materialização de sonhos de sua clientela, adotando em seus os pressupostos enaltecidos propostos pela arquitetura moderna conforme lhe foi permitido pelos seus usuários.

## Considerações Finais

A trajetória do arquiteto Arnaldo Furquim Paolilello apresentada nesta pesquisa - focada no intervalo de tempo entre os anos de 1949 e 1956 - nos trouxe dados que proporcionaram uma reflexão em torno da produção de um arquiteto. Foram considerados elementos sociais com abordagens que vêm se tornando mais frequentes na escrita da história da arquitetura paulistana da década de 1950, período amplamente estudado e compreendido como modernismo.

A formação de Paoliello contemporaneamente ao momento de constituição do curso de arquitetura no Mackenzie College e a regulamentação da atuação profissional, nos possibilitou observar como o profissional formado neste contexto realizou seu ingresso no mercado da construção civil. Possibilitado não apenas pela sua formação acadêmica, Paoliello também foi favorecido por determinada inserção em uma rede de sociabilidade apta ao consumo do trabalho oferecido pelo arquiteto.

Os extratos sociais que buscavam consolidar uma imagem progressista segundo interesses seus econômicos, buscaram no trabalho de Paoliello apropriar-se dos elementos de linguagem da nova arquitetura, a fim de consolidar perante a sociedade, uma imagem de vanguarda.

A apropriação que não aconteceu isenta de embates e conflitos, resultou em uma produção dotada de ambivalências entre a adoção de novos elementos de linguagem aliados à espacialidades tradicionais já consolidadas em décadas anteriores, que atribuíam características próprias ao modernismo em desenvolvimento no contexto paulistano no meio século passado.

Projetadas baseadas em princípios belas-artes, as residências projetadas pelo arquiteto durante o período de formação, propunham questionamentos à imposição institucional, em relação à perpetuação dos elementos estilísticos do passado. As casas edificadas pelo arquiteto para membros de classes economicamente favorecidas da sociedade paulistana da década de 1950, pressupunham romper com resquícios acadêmicos das décadas anteriores. Essa ruptura deveria acontecer sem infringir a

organização dos espaços destinados à realização dos ritos sociais, que a fragmentação do ambiente doméstico possibilita as práticas pertinentes ao *habitus* de seus moradores.

Atuando no contexto de assimilação gradual dos elementos da arquitetura modernista referenciada em modelos internacionais - fortemente influenciados pela arquitetura estadunidense - a reformulação dos modelos e sua adaptação ao contexto nacional foi possibilitada ou impedida de acordo com os capitais culturais dos moradores aos quais os projetos se destinaram.

Nos primeiros anos consecutivos a seu período de formação, as residências projetadas por Paoliello evidenciam a busca por um processo de racionalização da construção ainda realizada em métodos tradicionais, apresentando, porém, elementos de linguagem comuns aos utilizados pelos profissionais da década de 1940. Nestes projetos notamos que as coberturas, o posicionamento das aberturas e a os volumes resultantes das plantas são resultado de sua funcionalidade, sem artifícios que os configurem como elementos plásticos.

Neste período Paoliello desenvolveu projetos em colaboração com colegas de formação, dos quais veio a prestar serviços e manteve parcerias profissionais posteriormente. Marcado pelo domínio prático das técnicas construtivas em início de carreira, nestas residências podemos notar os elementos utilizados em comum entre os arquitetos, e a adoção de novas soluções a partir do contato com o trabalho de outros profissionais. O ensejo no aprendizado e desenvolvimento de uma linguagem própria consonante com as novas propostas da arquitetura modernista, levaram Paoliello a estagiar no escritório de Oswaldo Arthur Bratke, simultaneamente à atuação de sua própria construtora. O legado do aprendizado com o arquiteto em destaque no contexto paulistano da década de 1950 deixou suas marcas em toda produção construtiva de Paoliello, que afirma sua filiação a Bratke.

Uma segunda fase pode ser determinada pelos projetos destinados aos familiares, em que as aberturas e coberturas passam a ser determinadas de forma a colaborar como elementos plásticos, em distinção às residências anteriores. Notamos uma

diversificação na volumetria gerada através de plantas que se espraiam pelos lotes, em detrimento dos volumes de seção retangular presentes nos projetos dos primeiros anos de atuação.

As inovações foram sutilmente introduzidas nos projetos desenvolvidos para os membros familiares aos quais Paoliello possuía proximidade e gozava de confiança. Estes vínculos resultaram no desenvolvimento de projetos que permitiram o arquiteto desenvolver sua linguagem moderna, tirando proveito dos elementos oferecidos pela produção industrial que se aprimorava naquele contexto, e a obtenção de um número considerável de trabalhos logo após sua formação. Neste período o arquiteto pode atestar suas capacidades técnicas e a consolidação de sua linguagem ao edificar residências que o alçaram no mercado, através de publicações e premiações que lhe deram visibilidade profissional.

Premiada na Primeira Bienal de Arquitetura de São Paulo, a residência projetada para o sogro do arquiteto reforça a importância da participação familiar no investimento realizado em sua carreira. Não apenas o aporte financeiro, mas as liberdades estéticas oferecidas por seus membros foram essenciais na consolidação profissional do arquiteto no contexto paulistano. Os projetos desenvolvidos consecutivamente a parentes e clientes frutos de indicações familiares - os quais representam parcela dominante na produção de Paoliello – nos revelam como a esfera social na qual o arquiteto estava inserido foi decisiva para o desenvolvimento de sua arquitetura, gerada a partir das possibilidades oferecidas por estes.

A profícua produção nos anos iniciais de sua carreira resultou na formação de um amplo portfólio de trabalhos em um intervalo de seis anos, que aumentou a visibilidade de seu trabalho pelo setor sudoeste da capital - área que concentrava sua atuação – e expandiu sua prestação de serviços para além da esfera de seus familiares.

Nos últimos anos de atuação da Construtora Paoliello Ltda., notamos que os materiais adotados como soluções construtivas (madeira, tijolos, etc.) foram empregados nas edificações tirando proveito de sua plasticidade. Os beirais, caixilhos,

tratamento das superfícies dos volumes, passaram a integrar a linguagem arquitetônica baseada na geometrização e a ortogonalidade das formas.

A arquitetura de Paoliello, nos mostra que além da criatividade e domínio técnico do profissional de arquitetura, o ambiente cultural tem grande relevância.

Resultado de embates entre projetos que propunham formas de viver a uma clientela que trazia consigo preceitos que nem sempre foram abdicados, estes deixam suas marcas no trabalho do profissional que adequou a suas propostas de acordo com as demandas de sua clientela.

Os moradores tiveram importante participação no processo criativo em estreita colaboração com o profissional. Paoliello depositou seus anseios e expectativas na edificação de sua própria residência.

A produção residencial de Paoliello entre os anos de 1949 e 1956 o inseriu no mercado da construção civil, mas também lhe proporcionou um posicionamento profissional de destaque no meio arquitetônico paulistano, tanto em colaboração a profissionais de destaque no período, como por sua contribuição enquanto secretário do Instituto de Arquitetos do Brasil. Com um amplo portfólio consolidado, ao aderir à esfera política após a regulamentação profissional da arquitetura no contexto nacional, Paoliello construiu um círculo de sociabilidade que lhe possibilitou o gerenciamento de projetos em escala urbana para a cidade de São Paulo, e posteriormente no desenvolvimento de projetos em outros estados do Brasil, e projetos urbanísticos de grande escala no exterior.

Este trabalho desenvolvido em torno da produção residencial de Arnaldo Furquim Paoliello, traz à luz a produção do profissional que participou da construção da paisagem da cidade de São Paulo, onde atuou na maior parte de sua carreira, abrindo caminho para novas pesquisas - não apenas sobre a arquitetura produzida, mas também a relação entre profissionais e clientela, os modos de viver de uma parcela da sociedade, as possibilidades construtivas, os materiais, a legislação e tudo que a materialidade construída nos permite investigar sobre seu tempo.

Não podemos deixar de considerar o fato de o desenvolvimento deste trabalho ter sido realizado em meio ao contexto pandêmico de COVID-19 a partir do início de 2020, circunstância que limitou e dificultou o acesso às instituições de salvaguarda de documentos que poderiam enriquecer esta pesquisa. O contexto sanitário e seus inúmeros desdobramentos que afetaram o pesquisador devem ser considerados enquanto um dado que também se torna um documento histórico desta dissertação.

Apesar das circunstâncias mencionadas acima, o material levantado para a formulação do projeto de pesquisa e as entrevistas realizadas com o arquiteto em idade avançada - que começou recentemente a apresentar debilitação de sua memória - foram de suma importância e exaltam a urgência da realização deste trabalho, que teve o profissional como fonte principal, cujo acesso pode ser impossibilitado em breve. A quantidade de detalhes e informações obtidas a partir da familiaridade conquistada com Paoliello e seus familiares, contribuíram para enriquecer as fontes desta pesquisa e colaboraram para o direcionamento da salvaguarda do acervo do arquiteto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, o que possibilitará a produção de trabalhos de pesquisa sobre a vasta produção de Arnaldo Furquim Paoliello, até presente momento pouco conhecida.



## BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo. **A história da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo: 1947 – 1975** São Paulo: Editora Projeto, 1985.
- ACRÓPOLE**. São Paulo, 1938-1971.
- ATIQUE, Fernando. Cenas da Vida em Altura na Pauliceia. In: SERAPIÃO, Fernando (org.). **A Arquitetura do Centro de São Paulo**. São Paulo: URBEM; Monolito; CAUSP, 2017.
- ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- BRASIL, Luciana Tombi. **David Libeskind** - ensaio sobre as residências unifamiliares. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2007.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CAMARGO, Mônica Junqueira. **Oswaldo Bratke** - Uma trajetória de arquitetura moderna. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade Mackenzie, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Artur Bratke**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade**: urbanismo e modernização em São Paulo: São Paulo: Senac, 2002.
- CAMPOS, Eudes. Chalés paulistanos. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 47-108, jun. 2008. ISSN 1982-0267. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5487>>. Acesso em: 06 dec. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142008000100003>.
- \_\_\_\_\_. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 11-57, jun. 2005. ISSN 1982-0267. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5414>>. Acesso em: 03 dec. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100002>.
- COHEN, Jean-Louis. **O Futuro da Arquitetura desde 1900**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- DURAND, José Carlos Garcia. **A profissão de arquiteto**. Estudo sociológico. São Paulo: Editora Aterp, 1972.
- FABRIS, Annateresa (org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 131-143, jan. 1993. ISSN 1982-0267. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5279>>. Acesso em: 03 dez. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141993000100011>.

FORTE, Miguel. **Diário de um jovem arquiteto: minha viagem aos EUA em 1947.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta Yrigoyen. **Da Califórnia à São Paulo: Referências norte-americana na casa moderna paulista 1945-1960.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2005.

LEFÈVRE, 2006, José Eduardo de Assis. **De beco a Avenida: a história da rua São Luiz.** São Paulo: EDUSP, 2006.

LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa.** São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. **Cozinhas, etc.:** um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **O morar no modernismo paulistano.** Em: O caderno de São Paulo. São Paulo: Rhodia, 1979.

\_\_\_\_\_. **“Os três pretensos abridores de uma porta difícil”.** In *Warchavchik, Pilon, Rino Levi: Três momentos da Arquitetura paulista.* São Paulo: Funarte: Museu Lasar Segall. 1983, p. 3-8.

\_\_\_\_\_. **História da Casa Brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. **Casa Paulista.** São Paulo: EDUSP, 1999.

LIRA, José. **Gregori Warchavchik: fraturas da vanguarda.** São Paulo: Cosac&Naify, 2010.

MELLO, Joana. **O arquiteto e a produção da cidade. A experiência de Jacques Pillon, 1930-1960.** São Paulo: Annablume, 2012.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Em casas térreas com alcovas: formas de morar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900.** In: **Anais do Museu Paulista** [online]. 2001, v. 8-9, n.1, p. 55-76. ISSN 0101-4714. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142001000100003>>. Acesso em: 03.12.2017.

PAIVA, Ricardo. **Tropical Hotel Santarém, de Arnaldo Furquim Paoliello.** Uma “pérola” moderna na Amazônia. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 175.03, Vitruvius, dez. 2014 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.175/5378>>.

PEREIRA, Sabrina Souza Bom. **Rodolpho Ortenblad Filho: estudo sobre as residências.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1997.

PUENTE, Moisés. **Conversas com Mies van der Rohe. Certezas americanas.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

REGINO, Aline Nasralla. **Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno.** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2011.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1983.

SAAD, Ana Lúcia. **Habitação operária em São Paulo: legislação sanitária e projetos (1886-1926).** Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2017.

SAIA, Luís. **Morada Paulista.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCOPIN, Vinícius Angelon. **Ambivalências do Moderno: Uma investigação sobre a arquitetura moderna paulistana por meio da atuação de Arnaldo Furquim Paoliello (1951 a 1962).** Trabalho de conclusão de curso. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2018.

\_\_\_\_\_. **Modernismos entrópicos: aspirações e experimentações na arquitetura residencial de Arnaldo Furquim Paoliello (1949-1965).** In: **Modernidades Espaciais em São Paulo: perspectivas urbanas e históricas.** SÃO PAULO, 2022.

SEGAWA, Hugo; ATIQUÉ, Fernando. **A Turma de 1930: Bratke, Capua e Fonseca Rodrigues. Anais do V Encontro Docomomo São Paulo.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

SEGAWA, Hugo. **A Acrópole Eletrônica.** Apresentação. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br>. Acesso em 17 de mar de 2018.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 1998.  
Stuchi, Fabiana Terenzi. **Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo.** Tese de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2007.

TOLEDO, Bendito Lima de. **São Paulo: Três cidades em um século.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

TRAMONTANO, 1998 Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar. Paris. São Paulo. Tokyo: uma reflexão sobre a habitação contemporânea.** Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 1998.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna paulistana.** São Paulo: Editora Pini, 1983.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WITOLD, Rybczynski. **Casa – Pequena história de uma idéia.** São Paulo: Editora Record, 1986.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **Jardim América: O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura.** São Paulo: Edusp, 2001.

## **FONTES DE PESQUISA**

### **INSTITUIÇÕES PESQUISADAS**

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP. São Paulo  
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo  
Biblioteca Mário de Andrade

### **REVISTAS**

Acrópole (São Paulo)

Habitat (São Paulo)

### **ACERVOS**

Acervo pessoal de Arnaldo Furquim Paoliello

## RESIDÊNCIAS URBANAS

1. Residência de Damiro Oliveira Volpe, 1948-1949. Rua Diogo Jácome, 476. Vila Nova Conceição, São Paulo;
2. Residência de José Mário Junqueira de Azevedo, 1948-1949. Rua Cardoso de Almeida, 1825, Pacaembu, São Paulo;
3. Residência de Ivone e Oscar Furquim de Araújo, 1948-1949. Rua Allegrete, 26, Sumaré, São Paulo;
4. Residência de Judith e Hilda Junqueira Franco, 19XX. Rua Alagoas, 1075. Pacaembú, São Paulo;
5. (Coautoria de Rodolpho Ortenblad Filho) Residência de Tito M. Nogueira de Noronha, 19XX. Rua Jerônimo da Veiga, 211. Itaim, São Paulo.
6. (Coautoria de Rodolpho Ortenblad Filho) Conjunto de sobrados para renda de Doutor Rodolpho Ortenblad, 19XX. Rua Campos Bicudo, 54 e 60. Itaim, São Paulo.
7. Residência de Francisco Luiz Rocco, 19XX. Rua General Ozório, 986, Alto da Boa Vista, São Paulo.
8. Residência de Elias Aun, 19XX. Rua dos Morás, 832. São Paulo.
9. Residência de Lauro Mendes, 19XX. Rua Coronel Joaquim dos Reis, 150. São Paulo.
10. Residência do casal Graziela e Arnaldo Furquim Paoliello, 1950-1952. Rua General Osório, 720, Alto da Boa Vista, São Paulo. Projeto selecionado e exposto na 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951;
11. Residência José Pires de Oliveira Dias, 1951-1953. Interlagos, São Paulo. Projeto selecionado e exposto na 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951;
12. Residência do casal Irma e Domingos Pires de Oliveira Dias, 1951-1953. Rua General Osório, 692, Alto da Boa Vista, São Paulo (atual rua Roberto Cardoso Alves). Projeto selecionado e exposto na 1ª Exposição Internacional de Arquitetura da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951;
13. Residência de José Leal Pereira de Carvalho, 19XX. Rua Macau, 159. Jardim Luzitânia, São Paulo.
14. Residência de Bruno Buffardi, 19XX. Rua Dona Elisa Pereira de Barros, 191. Jardim Paulistano, São Paulo
15. Residência de Gleen Earl Mc. Ghee, 19XX. Rua Barão Ladário, 287. São Paulo.
16. Residência de Gilberto Pires, 1952. Rua General Osório, 716. Alto da Boa Vista, São Paulo (atual rua Roberto Cardoso Alves). Projeto selecionado e exposto na 2ª Exposição Internacional de Arquitetura, 1953-1954;
17. (Coautoria de Ciro Marx) Residência de Francisco de Souza Moreira, 19XX. Chácara Flora, São Paulo.
18. Residência de José Cassão Nogueira, 19XX. Rua Dom Manuel, 68. Brooklin, São Paulo.
19. Residência de José Niccolini, 19XX. Rua Silvio Portugal, 38. Pacaembu, São Paulo.

20. Residência do casal Teresa e Hélio Pires de Oliveira Dias, 1956-1958. Rua General Osório (atual rua Roberto Cardoso Alves), esquina com a rua Nove de Julho, Alto da Boa Vista, São Paulo;
21. Residência de Francisco Pereira Neves Costa, 19XX. Rua Novo Mundo, Brooklin, São Paulo.
22. Residência de Juan Alfredo César Mueller, 19XX. Rua Domingos leme, 752. Vila Nova Conceição São Paulo.
23. Residência de Zenon Ewald, 19XX. Rua Domingos leme, 748. Vila Nova Conceição São Paulo.
24. Residência de Hélio A. Guimarães, 19XX. Rua 12, Granja Viana, São Paulo.
25. Residência de Mário Rocco, 19XX. Rua General Ozório, 1002. Alto da Boa Vista, São Paulo.
26. Residência de Antônio Queiroz de Amaral, 19XX. Rua Pedroso de Moraes, 1380. Alto de Pinheiros, São Paulo.
27. Residência de Alphonse Brunn, 19XX. Rua Tibiriça, 474. Brooklin, São Paulo.
28. Residência de Antônio Factore, 19XX. Rua São Judas Tadeu, 123. Tremembé, São Paulo.
29. Residência de Maurício Assumpção, 19XX. Rua Doutor José de Candido de Souza, 184. Brooklin, São Paulo.
30. Residência de José Henrique Turner, 19XX. Rua Bento de Andrade, 324. Jardim Paulista, São Paulo.
31. Residência de Henrique Leão Rosset, 1958. Alto de Pinheiros, São Paulo;
32. Residência do casal Odete e Michel Mattar, 1955-1956. Rua Campo Verde, Jardim Paulistano, São Paulo. Projeto premiado e exposto na 5ª Exposição Internacional de Arquitetura. Demolida em 2010;
33. Residência de José Roberto Rocco, 1962. Alto da Boa Vista, São Paulo;
34. Residência de Mario Manzolli, 1964-1965. Rua dos Açores, Jardim Luzitânia, São Paulo.
35. Residência do casal Irma e Domingos Pires de Oliveira Dias, 1972. Rua Conde D'Eu, Alto da Boa Vista, São Paulo;
36. Residência do casal Tereza e Walter Godoy, 1975-1977. Avenida Morumbi, São Paulo;
37. Residência de Fausto Penna Moreira. Rua Berlioz, Alto de Pinheiros, São Paulo;
38. Reforma da residência de Tina Alcântara Machado. Rua Capitão Antônio Rosa, Jardim Paulistano, São Paulo;
39. Residência de Carlos de Santi. Franca, São Paulo;
40. Residência Victor Esteve. Rua Mariana Correia, Jardim Paulistano, São Paulo;



## **CASAS DE CAMPO E FAZENDAS**

1. Residência de campo do casal José e Marina Pires de Oliveira Dias, 1951-1953. Represa de Guarapiranga, Interlagos, São Paulo;
2. Urbanização e reformas da Fazenda Nossa Senhora de Copacabana, propriedade de Domingos Pires de Oliveira Dias, 1952-1956. Descalvado/São Carlos, São Paulo;
3. Sobrado de oito apartamentos anexo à sede na Chácara Furquim, 1956-1957. Bebedouro, São Paulo;
4. Reforma da sede da Fazenda Monte Azul e capela, propriedade de Domingos Pires de Oliveira Dias, 1969-1970. Lins, São Paulo;
5. Residência de fazenda da família de Antônio Césio de Pádua Lima, 1975. Tambaú, São Paulo;
6. Residência de fazenda de Luiz Roberto Pinheiro, 1975. São José do Rio Pardo, São Paulo;
7. Fazenda Rodeo. Ponte Alta do Norte, Goiás;
8. Sítio São Pedro. Itapecerica da Serra, São Paulo;
9. Residência Ferreira Neto. Campos do Jordão, São Paulo; Sítio Ramalhete, em Artur Nogueira, São Paulo;
10. Ampliação e reformas internas da Fazenda Periperi, do casal Luli e George Esteve, 2013. Tietê, São Paulo;
11. Residência do casal Tina e Luiz Paoliello, 2013-2015. Condomínio Alpes de Campos de Jordão, em Campos do Jordão, São Paulo;
12. Residências de campo em Porto Feliz, Franca, Assis, Itapetininga, Tambaú, São José do Rio Pardo, Gastão Ferreira;
13. Condomínios fechados em Barretos. Fazenda da família Junqueira de Azevedo (espólio), Barretos, São Paulo.

## **CASAS DE PRAIA**

1. Casa da família do arquiteto em Ilhabela, assinada por Arnaldo e pelo filho Guilherme Paoliello, 1975-1977. Condomínio do Arrozal, praia do Arrozal, Ilhabela, São Paulo;
2. Casas de praia pelo litoral paulista: cinco casas no Condomínio Jardim Acapulco, Guarujá; três na praia da Ribeira (Ubatuba), uma em Ilhabela e outra em Itanhaém.

## **EDIFÍCIOS PÚBLICOS**

1. Mercado Municipal de São Carlos, 1956- 1957;
2. Conjunto habitacional em Olímpia, 1956-1957;
3. Companhia Telefônica de Santo Antônio do Pinhal, 1961-1962; (*Neves & Paoliello S/C Ltda.*)
4. Reservatório de Interlagos, 1966-1971;
5. Central de Abastecimento de Belém, 1966-1971;
6. Estação Rodoviária de Bebedouro, 1969-1970;
7. Paulista Futebol Clube de Jundiaí, 1974-1981.

## **EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS E CONJUNTOS RESIDENCIAIS**

1. Condomínio Raul Furquim e Dona Zuleika, 1958-1960. Rua Rego Freitas, 179 e 199, República, São Paulo;
2. Edifício Limoges, 1960-1963. Rua Itambé, 96, Higienópolis, São Paulo;
3. Edifício Bento Freitas, 1962. Rua Bento Freitas, 162, República, São Paulo;
4. Edifício Henrique Martins, 1963-1965. Rua Henrique Martins, Jardim Paulista, São Paulo;
5. Bairro Horto do Ypê, 1974-1981. Campo Limpo, São Paulo;
6. Condomínio Portal de São Francisco, 1975-1980. Composto de cinco edifícios de 10 apartamentos cada. Avenida Professor Cândido Motta Filho, 557. Vila São Francisco, Osasco, São Paulo. Realizado por Construtora Adolpho Lindenberg e Gafisa;
7. Edifício Park Lane, 1991-1993. Rua Barão de Castro Lima, 50, Real Parque, São Paulo. Cliente: BKO Ltda.;
8. Edifício de apartamentos. Rua do Gasômetro, Brás, São Paulo. Cliente: Péter Murányi;
9. Condomínio Morumbi Hills. Esquina da rua Deputado Laércio Corte e rua doutor Mário Vatanabe, São Paulo. Cliente: BKO Ltda.;
10. Condomínio Santa Elena Village. Rua Teixeira de Freitas esquina com rua Visconde de Porto Seguro. Santo Amaro, São Paulo. Cliente: família Esteve;
11. Edifício de apartamentos. Rua Fradique Coutinho, Pinheiros. Cliente: Construtora SISPAR;
12. O. I. São José. Avenida Nova Independência, Brooklin. Cliente: Construtora Bratke Collet e Construtora São José;
13. Condomínio residencial fechado. Rua Carlos Baptista de Magalhães e rua Paschoal Pellini, Jardim Prudência, São Paulo. Cliente: SPE Engenharia Ltda.;
14. Urbanização na avenida Raimundo Magalhães. Lapa, São Paulo. Cliente: Badra Engenharia S.A.;
15. Conjunto residencial São Gualter. Avenida São Gualter, Alto de Pinheiros, São Paulo;
16. Conjunto residencial Lambda I. Avenida dos Ourives, Parque Bristol, São Paulo;
17. Conjunto residencial Vila Nova Caledônia. Rua Robélia, Vila Nova Caledônia São Paulo;
1. Conjunto residencial Vista Verde. Pirituba, São Paulo.;
2. Urbanização Parque São Vicente. Município de Mauá, São Paulo. Cliente: BKO Ltda., e Olavo Félix Cintra;
3. Conjunto residencial Araçatuba. Avenida Presidente João Café Filho, Parque São Vicente, São Paulo. Clientes: Roberto Furquim Paoliello (espólio) e Constroen Construtora e Engenharia Ltda;
4. Conjunto residencial Jardim Nova Iorque, Araçatuba, São Paulo.

## **PROJETOS URBANÍSTICOS DE INICIATIVA PÚBLICA OU PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADO**

1. Planejamento Parque Bartira, 1959-1962. Santo André, São Paulo. Clientes: Conspedra S.A. e BNH;
2. Estudos sobre habitação e construção, 1956-1964. Clientes: FIESP, BNH e GHT;
3. Classificado em segundo lugar no concurso Clube da Orla, 1962-1963. Praia das Pitangueiras, Guarujá, São Paulo;
4. 20 Operações Interligadas, realizadas para a SEMPLA, órgão da Prefeitura Municipal de São Paulo, entre 1960 e 1970.
5. Urbanização e Conjunto Habitacional na Praia da Pituba, 1962-1963. Salvador, Bahia. Cliente: STIEP, órgão da Petrobrás;
6. Centro Comunitário Vila Gompers, 1964. Rudge Ramos, São Paulo. 1º Projeto de cooperativa habitacional do Brasil. Clientes: IADESIL, COOPESP e BNH;
7. Planejamento Habitacional em Vicente de Carvalho, 1965. Rio de Janeiro. Clientes: IADESIL e BNH;
8. Planejamento urbanístico Praia do Rio Verde, 1964-1965. Itanhaém, São Paulo;
9. Protótipos de novas casas para a COHAB-SP, 1965.
10. Plano Urbanístico Básico (PUB), 1966-1967. Cliente: Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP);
11. Balneário do Perequê, 1966-1971. Baixada Santista, São Paulo. Cliente: FUMEST;
12. Plano preliminar dos municípios da região leste da Grande São Paulo: Arujá, Santa Isabel, Mogi das Cruzes, Suzano, Poá, Guararema, Salesópolis e Ferraz de Vasconcelos. Cliente: GEGRAN, órgão da Secretaria de Planejamento do Governo do Estado de São Paulo, administração de Abreu Sodré, 1968-1969;
13. Planos de desenvolvimento integrado dos municípios de Pindamonhangaba, Jaboticabal e Taubaté, 1970-1971;
14. Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo (PMDI-GSP), 1970-1971. Realizado como parte do Consórcio ASPLAN, G.P.I., Neves & Paoliello, assessorado pelas empresas SOTEPLAN e PADCO (EUA). São Paulo e outros 37 municípios que faziam parte da Grande São Paulo. Cliente: GEGRAN, órgão da Secretaria de Planejamento do Governo do Estado de São Paulo, administração de Abreu Sodré.
15. Dois edifícios comerciais e de serviços através da Operação Urbana Faria Lima. Pinheiros, São Paulo e Uberabinha, 1974-1981. Cliente: PMSP e Péter Murányi;
16. Plano Estratégico de Reurbanização Geral de Paraisópolis, 1974-1986. Operação interligada. Clientes: SEMPLA e FGV;
17. Projeto do Centro Ecológico de Ilhabela. Para Secretaria do Meio Ambiente de Ilhabela e Associação de Proteção ao Meio Ambiente de Ilhabela, 1985-1987;
18. Plano urbanístico da região central leste de São Paulo (PURC), 1996. Em parceria com o engenheiro Luiz Célio Bottura e equipe multidisciplinar;
19. Estudo para ampliação da rede de trens da CPTM até Tamboré, Alphaville e novos terminais no encontro do trecho sul e oeste do rodoanel. Clientes: CPTM e SEMPLA;
20. Estudo de retificação do córrego Águas Espriadas para Operação Urbana Água Espriada. Trecho da avenida João Diniz e avenida Washington Luís. Com OAS S.A. e Mendes Júnior Engenharia S.A.

#### **ÁREA RELIGIOSA, ASSOCIATIVA E CULTURAL**

1. Museu Armando Arruda Pereira, 1964-1965. Três últimos andares do edifício do Colégio Rio Branco, pertencentes ao Rotary Clube. Avenida Higienópolis, São Paulo;
2. Projeto para Conjunto Habitacional e Comercial Integrado de Santo Amaro, 1970-1972. Praça Dom Francisco de Souza, Santo Amaro, São Paulo. Cliente: Péter Murányi;
3. Paróquia de Sant'Ana, 1971-1972. Rua Regina Badra, 282, Alto da Boa Vista, São Paulo. Projetada em parceria com arquiteto Roberto Aflalo;
4. Associação dos Padres e Obras Pavonianas de Assistência, 1978-1980. Real Parque, São Paulo;
5. Projeto para Centro de Artes Ibirapuera, 1986-1987. Avenida IV Centenário, Jardim Luzitânia, São Paulo. Com assessoria da Cotia Trade na área financeira e do artista Paulo Figueiredo na artística. Cliente: Péter Murányi.
6. Sede da Associação Cristã De Moços (ACM) - Santo Amaro, executada entre 1978 e 1980;
7. Sede da ACM - Campos do Jordão, Vila Abernécia;
8. Igreja Episcopal Anglicana de São Paulo. Rua Alexandre Dumas, Santo Amaro.
9. Capela para Fazenda Santa Suzana, 2010. Porto Feliz, São Paulo. Clientes: casal Suzana e Geraldo Medeiros;

#### **HOTÉIS, FLATS E Pousadas**

***(Como diretor do Departamento de Engenharia de Hotéis da Construtora Adolpho Lindenberg S.A.)***

1. Hotel Tropical Santarém, Pará, 1971-1973. Cliente: Companhia Tropical de Hotéis, subsidiária da Varig S.A.;
2. Cabanas flutuantes de Manaus, 1971-1972. Executada como anexo do Hotel Tropical Manaus. Lagos do rio Negro, Amazonas;
3. Primeiro flat de São Paulo, 1971-1974. Alameda Jaú com rua Augusta. Jardim Paulista, São Paulo;
4. Projeto de Centro Turístico e Hotel das Três Praias, em Guarapari, Pernambuco;
5. Projeto de ampliação do Hotel das Cataratas, em Foz do Iguaçu, Paraná;
6. Projeto de ampliação de hotel na cachoeira de Paulo Afonso, no rio São Francisco, Bahia;
7. Estudos iniciais de hotéis na Praia da Piedade, Recife, em Porto Seguro, em Gramado, São Luís do Maranhão e Ouro Preto;
8. Projeto do Hotel Cinco Estrelas, 1976-1980. Avenida IV Centenário, em frente ao Parque Ibirapuera, Jardim Luzitânia, São Paulo. Cliente: Péter Murányi;
9. Projeto do Hotel Jatiúca de Natal, 1986-1987. Rio Grande do Norte. Assinado com o filho Guilherme Paoliello. Cliente: Companhia Tropicana de Hotéis e Construtora JHS;
10. Pousada Caiman, 1986-1990. Miranda, Mato Grosso do Sul. Cliente: Roberto Klabin;
11. Flat Paulista Wall Street Residence. Rua Itapeva, 636, Bela Vista, São Paulo;
12. Projeto para Novo Hotel Cad'Oro. Alameda Franca e Alameda Itu, São Paulo;
13. Conjunto hoteleiro São Paulo. Via Raposo Tavares, Cotia, São Paulo;

14. Projeto para Hotel Courtyard-Marriott. Avenida Hélio Pellegrino, esquina com avenida República do Líbano, Jardim Luzitânia, São Paulo. Clientes: Marriott, Brasilinvest e Plano & Plano;
15. Hotel Toque-Toque, Barra do Sahy, São Sebastião, São Paulo;
16. Flat e hotel Praia Secreta. Angra dos Reis, Rio de Janeiro;
17. Complexo hoteleiro e turístico. Peruíbe, São Paulo.

### **CLÍNICAS, HOSPITAIS E SPAS**

1. Policlínica e Casa de Saúde Nossa Senhora Aparecida, 1963-1964. Catanduva, São Paulo. Com assessoria do Arquiteto Fernando Moreira;
2. Hospital Nossa Senhora das Graças, 1974-1975. Avenida Doutor Gurgel, Presidente Prudente, São Paulo. Cliente: Odilo Antunes Siqueira;
3. Clínica estética e hotel em Santa María de Manquehue. 1982. Santiago, Chile. Com assessoria da Sobloco Construtora S.A.;
4. Expansão da clínica oftalmológica de doutor Moacyr Cunha, 1982. Rua Bahia, 563, Higienópolis, São Paulo;
5. Projeto de resort e clínica geriátrica, 1983-1984. Estrada do Mandu, Itapeverica da Serra, São Paulo;
6. Assessoria à Sobloco no SPA Solarium, 1984-1985. Osasco, São Paulo;
7. Resort, clínica e SPA. Alto da Cantareira, São Paulo.
8. Resort e SPA. Represa Jaguari, Joanópolis, São Paulo;

### **EDIFÍCIOS COMERCIAIS, DE SERVIÇOS E EDUCACIONAIS**

1. Vencedor do concurso de expansão do Colégio Nossa Senhora de Sion, 1965. Higienópolis;
2. Escola SENAC, 1966-1971. Araraquara, São Paulo;  
(Como membro da equipe técnica da Construtora Adolpho Lindenberg S.A.)
3. Edifício Fleming, 1971-1974. Rua Itacolomi, 333, Higienópolis, São Paulo;
4. Edifício Henrique de Toledo Lara, 1972-1973. Esquina da rua da Consolação e rua Martins Fontes, na Praça Mario Pires, República, São Paulo;
5. Assessoria ao projeto do Banco Mercantil de Crédito para Edifício José Martins Borges, 1974-1981. Avenida Paulista, 302, São Paulo. Cliente: Sobloco Construtora S.A.;
6. Edifício Victoria House, 1974-1981. Rua Cincinato Braga, 144, Bela Vista, São Paulo. Cliente: Sobloco Construtora S.A.;
7. Lorena Garden Gallery. Jardim Paulista, São Paulo;
8. Edifício comercial. Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior, Itaim, São Paulo;
9. Hotel e centro comercial. Rua Álvaro de Carvalho, Consolação, São Paulo;
10. Edifício Maximus. Rua Paraguai, Jardim Paulista, São Paulo;
11. O. I. Park Tower. Com Rossi Residencial S.A. Marginal Pinheiros, Jardim Panorama D'oeste, São Paulo;
12. Sede da União Cultural Brasil-Estados Unidos (UCBEU) - Lapa. Rua Cerro Corá, Alto da Lapa, São Paulo;
13. Estudos para sede da UCBEU- Século 21. Rua Coronel Oscar Porto, Paraíso, São Paulo;

14. Edifício Penha de França. Travessa Leonino Secondo Lembo, Penha de França, São Paulo. Clientes: Construtora Ivo Canton e Manoel Carlos Ribeiro dos Santos;
15. Dois edifícios comerciais. Rua Fradique Coutinho e rua Mateus Grou, Pinheiros, São Paulo.

## **BANCOS E CENTROS COMERCIAIS**

1. Banco de Crédito Popular da Bahia, 1960-1962. Salvador, Bahia. Cliente: Construtora Norberto Odebrecht S.A.;
2. Banco Tibagi S.A., 1963-1965. Curitiba, Paraná. Cliente: Construtora Norberto Odebrecht S.A.;
3. Centro Comercial do Ipiranga, 1964-1965, Estrada das Lágrimas, São Paulo;
4. Campinas New Center, 1971-1974. Campinas, São Paulo;
5. Manaus Shopping Center, 1974-1976. Avenida Eduardo Ribeiro esquina com a rua Saldanha Marinho, centro da cidade de Manaus, Amazonas. Cliente: Construtora Adolpho Lindenberg S.A.;
6. Novas Torres. Avenida Castelo Branco, Ribeirão Preto, São Paulo. Cliente: ASD Empreendimentos e Participações Ltda.;
7. Centro de feiras, eventos e convenções São José dos Campos, São Paulo. Clientes: Grupo SRLT e Tecelagem Parahyba S.A.;
8. Shopping Casa & Móvel, São Paulo;
9. São Paulo Fashion Mall. Avenida Ibirapuera, Moema, São Paulo;
10. Centro comercial Paes de Barros. Avenida Paes de Barros esquina com rua Capitão Pacheco Chaves, Vila Prudente, São Paulo. Cliente: AK Realty;
11. Shopping Center Montes Claros, Minas Gerais;
12. Shopping Center Arujá, São Paulo;
13. Shopping Center Peruíbe, São Paulo;
14. Outlet Araçatuba, São Paulo;
15. Complexo turístico e comercial de Guarapari, Espírito Santo.

## **SEDES DE INDÚSTRIAS E LABORATÓRIOS**

1. Fábrica de tetraciclina da Laborterápica Bristol Ltda., 1956-1958. Santo Amaro, São Paulo;
2. Indústria Gráfica L. Niccolini S.A., 1959-1963. Vila Nova Conceição, São Paulo.
3. Laboratório Torres, Santo Amaro, São Paulo;
4. Concurso de projetos para sede da indústria farmacêutica Ciba-Geicy, 1966-1971;
5. Projetos industriais para a Petroquímica União S.A., 1972-1974. Santo André, São Paulo;
6. Centro administrativo da Hoechst do Brasil, 1972-1974. Avenida das Nações Unidas, São Paulo;
7. Centros administrativos da Dupont e da Dow Chemical do Brasil, 1972-1974. Alphaville, São Paulo;
8. Ampliação da sede administrativa do Grupo Supergel, 1973-1978;
9. Classificado em segundo na concorrência do centro administrativo do Grupo Villares Metals S.A., 1973-1978;

10. Classificado em segundo lugar na concorrência da sede da Associação Brasileira de Metais (ABM), 1973-1978;
11. Indústria L. Niccolini S.A. Avenida Nova Funchal, Vila Olímpia, São Paulo;
12. Nova Indústria Gráfica L. Niccolini S.A. Rua Tabaré, Santo Amaro, São Paulo.
13. Projetos industriais para a Renault. Fazenda do Pilão Arcado, São José dos Campos, São Paulo. Cliente: Sobloco Constutora S.A.;
14. Estudos para polo industrial São José dos Campos. Fazenda do Pilão Arcado, São Paulo. Clientes: Sobloco Constutora S.A., SRLT e PMSJC.

## **PROJETOS INTERNACIONAIS**

1. Residência em Beira Baixa, Portugal, 1965;
2. Projeto de Hotel Port-Gentil, 1971- 1972. Port-Gentil, Gabão;
3. Estudos para empreendimentos de Parcerias Público-Privadas em Bagdá, Abu Dhabi, Beirute, Cairo e Istambul, 1978-1983;
4. Urbanização Surubí'i, 1978-1980. Fazenda Surubí'i, Assunção, Paraguai. Cliente: Antonio Rodolfo Zuccolillo;
5. Obras no porto Zeballos Cué, 1978-1980. Assunção, Paraguai. Cliente: Antonio Rodolfo Zuccolillo;
6. Urbanização Puente Remanso II, 1978-1980. Assunção, Paraguai. Cliente: Antonio Rodolfo Zuccolillo;
7. Edifício Shopping Center e Hotel, 1978-1980. Assunção, Paraguai. Cliente: Antonio Rodolfo Zuccolillo;
8. Urbanização do bairro Santa María de Manquehue, 1978-1982. Santiago, Chile. Clientes: José Rabat e Inmobiliaria Manquehue S.A.;
9. Sede do Banco Guaraní, 1980-1982. Em terreno pertencente ao Grupo Zuccolillo. Esquina da rua Estrella com rua Alberdi, Assunção, Paraguai;
10. Residência de fazenda Canindeyú, 1980-1981. Corpus Christi, Canindeyú, Paraguai. Cliente: Geoffrey Bishop;
11. Capela Surubí'i, 1997. Assunção, Paraguai;
12. Urbanização Ciudad del Campo. Cali, Colômbia. Cliente: Constructora Normandia S.A.



## CONDOMÍNIOS E URBANIZAÇÕES

### **No litoral:**

1. Edifícios Club Riviera e Park Hotel São Lourenço, 1973-1976. Em condomínio na Riviera de São Lourenço, Bertioga, São Paulo. Cliente: Sobloco Construtora S.A.;
2. Condomínio do Arrozal, 1974-1977. Em parceria com o arquiteto Roberto Aflalo. Praia do Arrozal, Ilhabela, São Paulo;
3. Edifícios Club Riviera e Park Hotel São Lourenço, 1973-1976. Em condomínio na Riviera de São Lourenço, Bertioga, São Paulo. Cliente: Sobloco Construtora S.A.;
4. Condomínio Jabaquara. Ilhabela, São Sebastião, São Paulo;
5. Condomínio residencial Praia do Perequê, Guarujá, São Paulo;
6. Condomínio residencial Ubatuba, São Paulo. Cliente: Hamilton Prado Júnior;
7. Condomínio e clube de golfe Barra do Una, São Paulo;
8. Condomínio Costa Esmeralda. Praia Grande, Ubatuba, São Paulo.
9. Condomínio Pajuçara. São Sebastião, São Paulo;
10. Urbanização Praia do Léo. Ubatuba, São Paulo;
11. Projeto de Condomínio Tortuga's. Guarujá, São Paulo;
12. Urbanização na praia do Poruba, Ubatuba, São Paulo;

### **No interior:**

1. Condomínio Rio Jaguari. Estrada do Jaguari, São José dos Campos, São Paulo. Clientes: Florestal Matarazzo S.A., BADEP e outros investidores.
2. Condomínio residencial na beira da represa, Itaí, São Paulo;
3. Condomínio Haras Guancán, Estrada do Embu, Cotia, São Paulo;
4. Ibiúna Country Club. Represa de Ibiúna, Ibiúna/Piedade, São Paulo;
5. Cooperativa Agrícola do Vale Verde, Fazenda Santa Mônica. São José dos Campos, São Paulo;
6. Condomínio São Izidro. Estrada dos Moreiras e Estrada São Izidro, Itapeverica da Serra, São Paulo;
7. Estudo para urbanização da Fazenda Santa Maria. Bonfim Paulista, Ribeirão Preto, São Paulo;
8. Consultoria para o escritório Arnold Palmer em Garças Golf Resort & Village. Represa Billings, São Paulo;
9. Projeto de urbanização da Fazenda Monte Alegre, 1995-1997. São José dos Campos, São Paulo. Cliente: família de Severo Fagundes Gomes;
10. Urbanização em Foz do Iguaçu, Paraná;
11. Urbanização da Praia do Léo, Ubatuba, São Paulo;
12. Urbanização Nova Cidade, Guarulhos, São Paulo;
13. Urbanização Fazenda Santa Maria. Bonfim Paulista, Ribeirão Preto, São Paulo;
14. Urbanização Jardim Franco, Guarulhos, São Paulo;
15. Urbanização Jardim Amália, Arujá, São Paulo;
16. Condomínio Granja Julieta, São Paulo;
17. Urbanização Parque das Primaveras, Serra Negra, São Paulo;

18. Urbanização Chácara Santa Rita de Cássia. Avenida da Saudade, Araçatuba, São Paulo;
19. Urbanização rural. Rodovia Dom Pedro I, Jacareí, São Paulo. Cliente: Vistazul Empreendimentos Rurais S.A.;
20. Urbanização Fazenda Santa Gertrudes. Estrada de Itapecerica, São Paulo;
21. Urbanização e casa de campo de Maria Cecília Colletti Buffardi. Itupeva, São Paulo;
22. Urbanização Fazenda do Poço. Jacareí, São Paulo;
23. Urbanização e centro comercial Fazenda São Luís da Boa Esperança, Joanópolis, São Paulo;
24. Urbanização Fazenda Panorama de Santa Tereza, Ribeirão Preto, São Paulo;
25. Urbanização e shopping center Jardim Amália, Arujá, São Paulo. Cliente: Imobiliária e Construtora Continental Ltda.;
26. Urbanização residencial e de lazer Helvetia, Indaiatuba, São Paulo. Cliente: Fortaleza Empreendimentos Imobiliários;
27. Loteamento Jardim Franco, Guarulhos, São Paulo. Cliente: Imobiliária e Construtora Continental Ltda.;
28. Urbanização Thermas do Vale. Fazenda Serimbura, avenida Lineu de Moura, São José dos Campos, São Paulo. Clientes: Jesus & Juan Gonzalez, Plano & Plano;
29. Condomínio Fazenda Baroneza. Jaguariúna, Pedreira, São Paulo;
30. Projeto de condomínio próximo à represa Billings, São Paulo. Cliente: Rubens Alleotti;
31. Urbanização Fazenda Conquista. Ribeirão Preto, São Paulo. Cliente: Terraval Melhoramentos S/C Ltda;
32. Condomínio São Izidro. Itapecerica da Serra, São Paulo;
33. Urbanização Urbanova. São José dos Campos, São Paulo. Cliente: Marcelo Tomba de Moura;
34. Projeto de urbanização da Chácara Furquim, 1990. Bebedouro, São Paulo.

#### **LAZER, PARQUES E CLUBES**

1. Projeto para Condomínio Montesol, 1985. Represa de Guarapiranga, Interlagos, São Paulo;
2. Projeto de campo de golfe público, 1995-1997. Terreno doado pela família de Severo Fagundes Gomes. Fazenda Monte Alegre, São José dos Campos, São Paulo;
3. Complexo de entretenimento, esportes e lazer em fazenda de Leão de Araújo Novaes (espólio), 1998-1999. Peruíbe, São Paulo. Cliente: Eduardo Monteiro da Silva;
4. Condomínio e clube de golfe Fazenda Panorama de Santa Teresa, Ribeirão Preto, São Paulo;
5. Urbanização e clube de golfe Haras Patente. Jaguariúna, São Paulo. Clientes: Olavo Félix Cintra e outros;
6. Urbanização e clube de golfe em Campinas, São Paulo. Cliente: Cia. City;
7. Condomínio e clube de golfe Fazenda Santa Francisca do Camanducaia. Jaguariúna, São Paulo;

8. Ampliação do campo de golfe no Condomínio Jardim Acapulco, Guarujá, São Paulo;
9. Ampliação do Coruja Golfe Clube, Louveira, São Paulo;
10. Projeto para clubes hípico e náutico associados ao Clube Luso Brasileiro. Fazenda Monte Alegre, São José dos Campos, São Paulo. Cliente: família de Severo Fagundes Gomes;
11. Condomínio e clube hípico Estância do Lago, Itupeva, São Paulo;
12. Centro gastronômico Curitiba, Paraná.

## ANEXO II. ENTREVISTA REALIZADA EM 27/08/2021

- Vinícius** Boa tarde Senhor Arnaldo, aqui é o Vinícius. Podemos conversar um pouco?
- Paoliello** Boa tarde Vinícius. Podemos.
- Vinícius** O motivo do meu contato com o senhor hoje é para conversarmos um pouco sobre a sua experiência com o Oswaldo Bratke. Então eu formulei trinta perguntas, rápidas e simples, e vão me ajudar a escrever um artigo sobre o seu trabalho e a sua relação com o Bratke, tudo bem?
- Paoliello** Tudo bem.
- Vinícius** A primeira pergunta é: Como o senhor conheceu o Oswaldo Bratke?
- Paoliello** Eu conheci através do meu colega Marino Barros que tinha trabalhado como ... como é que chama quando é estudante?
- Vinícius** Estagiário
- Paoliello** ...Estagiário no escritório dele.
- Vinícius** Entendi. O Senhor foi trabalhar com o Bratke porque abriu uma vaga de estagiário e o senhor se candidatou, ou senhor foi indicado pelo Marino Barros para trabalhar no escritório?
- Paoliello** Na realidade, eu procurei o estágio. Eu estava fazendo outros estágios em outros escritórios, mas estes não tinham a fama do Oswaldo Bratke. Então, eu procurei o escritório dele e perguntei se eu poderia estagiar no escritório dele, e ele falou que sim.
- Vinícius** Entendi. No momento que o senhor se candidatou para trabalhar no escritório dele, o senhor já tinha algum portfólio de trabalho executado ou não?
- Paoliello** Não, não tinha, porque eu era só estudante e isso só foi no segundo ou terceiro ano do curso.
- Vinícius** O Senhor lembra qual foi a primeira obra no escritório do Bratke que o senhor trabalhou?
- Paoliello** Não, não me lembro.
- Vinícius** Durante quanto tempo o Senhor foi estagiário no escritório?
- Paoliello** Mais ou menos uns dois anos, e no fim do curso, ele me convidou pra ficar no escritório como sócio do escritório. O escritório dele tinha apenas um sócio, que era o Zoltan Dudus, um arquiteto húngaro.
- Vinícius** Depois dos anos como estagiário, por mais quanto tempo o senhor foi sócio do escritório?
- Paoliello** Eu continuei lá como estagiário. Ele estava viajando fazendo projetos fora de São Paulo e eu não pude confirmar nem assinar a minha participação no escritório dele. E como eu já tinha um escritório onde tinha diversas obras em andamento, eu achei melhor manter o meu escritório e não pude então assinar a sociedade com o escritório dele.
- Vinícius** Quando o senhor já tinha o seu escritório com o Marino Barros, o senhor ainda trabalhava no escritório do Bratke?
- Paoliello** Ainda trabalhava lá. É, eu fazia as duas coisas ao mesmo tempo.

**Vinícius** No período que o senhor foi estagiário, quem supervisionava o trabalho dos estagiários dentro do escritório? Era o próprio Bratke ou tinha outro arquiteto que era responsável?

**Paoliello** Era o Zoltan Dudus.

**Vinícius** Quais arquitetos mais trabalharam com o senhor enquanto o senhor era estagiário no escritório do Bratke?

**Paoliello** Quem tinha trabalhando comigo, inicialmente, era o Vicente Ignatti e o Marino Barros, e o escritório chamava *Ignatti, Paoliello & Barros*. Depois o Ignatti saiu e ficou só *Paoliello e Barros*.

**Vinícius** No período em que o senhor era estagiário, tinham outros arquitetos que estudaram com o senhor que também eram estagiários do escritório do Bratke?

**Paoliello** Não, além do Marino Barros eu acho que o Carlos Lemos também trabalhou como estagiário no escritório do Bratke. Carlos Alberto Cerqueira Lemos.

**Vinícius** Quantos funcionários, em média, tinha o escritório?

**Paoliello** O escritório do Bratke acho que tinha uma meia dúzia de arquitetos trabalhando lá. Mas não eram estagiários. Eram arquitetos que trabalhavam com ordenado.

**Vinícius** Quais eram as etapas de trabalho do escritório? Havia pessoas que cuidavam das etapas dos projetos e outras de obra? Todos participavam de todas as etapas?

**Paoliello** Não, nesta época, o Bratke não fazia mais obras. Ele só fez obras quando ele teve sociedade com o Carlos Botti, assistente. O escritório chamava *Bratke & Botti*. Eles construíram bastante casas no Jardim América e Jardim Europa. Mas isso foi antes dele ter esse escritório na rua Avanhadava.

**Vinícius** No escritório, então, se realizavam apenas projetos?

**Paoliello** Só projetos.

**Vinícius** Qual era a média de projetos em que vocês trabalhavam mensalmente no escritório?

**Paoliello** Em geral, eram um ou dois projetos no máximo.

**Vinícius** O que o senhor acha que aprendeu de fato no escritório, que o senhor não tinha aprendido bem na faculdade? O que o senhor aprendeu na prática no escritório?

**Paoliello** O que eu aprendi no escritório do Bratke foi como desenvolver um projeto. Naquele tempo não tinha ainda a internet. Então não tinha computador e todo o trabalho do projeto era feito junto com os desenhos que a gente fazia em pranchas, nas mesas de desenho, em papel vegetal. Não tinha serviço feito pela internet. Nessa época, porque isso foi mais ou menos de 1948 a 1950. Foi o período que eu trabalhei lá no escritório do Oswaldo Bratke.

**Vinícius** Durante todo esse tempo o escritório se localizava na Rua Avanhadava?

**Paoliello** Na Rua Avanhadava, 136. Era uma travessa da Rua Augusta. Aliás, ali ainda não era a Rua Augusta, era a Martins Fontes. Era uma rua curva que saía da Martins Fontes e descia depois que ia terminar depois na rua 9 de julho indo até lá embaixo.

**Vinícius** Qual era a linguagem arquitetônica predominante nos projetos nesse período do que o senhor foi estagiário no escritório? Os projetos desenvolvidos nesse momento já eram residências com a linguagem modernista ou ainda haviam outras tradicionais?

**Paoliello** Não, era modernista. O Bratke que era modernista.

**Vinícius** Ele não desenvolvia nenhum projeto que não fosse nessa linguagem?

**Paoliello** Completamente.

**Vinícius** O senhor lembra de algum projeto importante que o senhor tenha trabalhado nesse período dentro do escritório?

**Paoliello** Nós trabalhamos no projeto de um edifício que era dividido em duas partes na rua Major Sertório, na Vila Buarque. Era um edifício que era o Bratke que era sócio, o Guilherme Corrazza que era sócio, era engenheiro, que construiu os dois prédios, e o Oscar Americano que era sócio também do Bratke.

**Vinícius** Nesse período que o senhor foi estagiário no escritório, quais eram as características dos projetos desenvolvidos em parceria com o Bratke que atraíam sua atenção, que o senhor gostava?

**Paoliello** Esses dois prédios eu apreciava tanto que depois que eu me formei eu aluguei o sétimo andar do edifício da Major Sertório, 92, que era propriedade de Guilherme Corrazza e do Oswaldo Bratke. Fiquei nesse andar durante um período grande alugando do Bratke, o escritório.

**Vinícius** Dentre o processo de projeto e a forma como o projeto era feito no escritório, o senhor acha que herdou a mesma metodologia de trabalho quando o senhor teve o seu escritório ou o senhor desenvolveu um método próprio?

**Paoliello** Não, eu adotei a metodologia que eu aprendi no escritório do Bratke e, obviamente, eu desenvolvi depois, porque eu fiz muitos projetos de urbanismo. Então, depois, eu passei a fazer um tipo de projeto diferente que o Bratke fazia. Mas o Bratke também fez projetos de urbanismo. Se não me engano, ele fez condomínios no Morumbi.

**Vinícius** Houve algum motivo especial que fez com que o Bratke convidasse o senhor a ser sócio do escritório, ou ele fez esse convite porque estava terminando o seu período de estágio e ele queria te manter no escritório?

**Paoliello** Eu acho que as duas coisas, porque ele apreciava o meu trabalho e queria que eu continuasse a fazer as coisas lá com ele. Mas ele também me aconselhou a fazer obras, porque ele já tinha feito um período em que ele construiu muitas obras no Jardim América e no Jardim Europa. Então ele me disse “O arquiteto que sai da escola e não tem contato com obras, ele passa a ser um arquiteto, vamos dizer, sem experiência, porque a obra dá muita experiência porque ele aprende com os empreiteiros que são pessoas de um nível, vamos dizer, elevado, porque são, em geral, imigrantes europeus. Gente que vem da Itália, da Espanha, de Portugal que tem experiência de obras na Europa e traz essa experiência para o Brasil”. Então ele falou “O arquiteto que acaba o curso e só projeta, é um teórico e não tem experiência de obra, então falta uma habilidade a mais para ele projetar”.

**Vinícius** O senhor acredita que o fato dele ter esse escritório e realizar apenas projetos foi possível porque ele teve essa longa trajetória de obras com o Botti?

**Paoliello** Não, ele se formou uns vinte anos antes de mim. Deve ter se formado em 1930, por aí, e eu me formei em 1950. Ele uns 20 ou 25 anos mais velhos que eu. Quando eu acabei não fazendo a sociedade com ele, eu não perdi a amizade com ele, continuei frequentando o escritório dele, mas não como estagiário porque aí meu escritório já estava se formando e eu aumentei o número de obras, pois segui o conselho dele de fazer execução de obras junto com o projeto.

**Vinícius** O senhor chegou a desenvolver algum projeto ou algum trabalho com ele, após o senhor ter aberto seu escritório?

**Paoliello** Não, fiz projetos com ele não. Eu fiz alguns projetos com o filho dele e que também se formou em arquitetura, que era o Carlos Bratke.

**Vinícius** O senhor lembra de algum projeto específico em que o senhor lembra de ter desenvolvido com o Carlos?

**Paoliello** Fiz o projeto de uma urbanização ou de um edifício, acho que um condomínio, em Barretos, perto da cidade de Bebedouro.

**Vinícius** Fiz essa pergunta porque o senhor tem uma fotografia de uma casa em um dos seus portfólios, uma casa construída pelo senhor Paulo Uchôa de Oliveira, e o portfólio fala que o projeto era do Bratke e que a construção é da *Construtora Paoliello*. Uma casa no Morumbi. O senhor lembra dessa casa?

**Paoliello** Lembro, foi feita no Morumbi. Eu fiz o projeto e executei a obra.

**Vinícius** Mas esse projeto foi desenvolvido com o Bratke ou só pelo senhor mesmo?

**Paoliello** Não. O Paulo Uchôa de Oliveira tinha feito obras anteriormente junto com o Bratke. Mas como ele me conheceu no escritório do Bratke, e, provavelmente, ele preferiu fazer a obra comigo porque era uma construção, eu fiz o projeto e a execução da obra dessa residência.

**Vinícius** O Bratke chegou a visitar, conhecer, as casas que o senhor construiu logo no começo da sua carreira? As casas para a família do seu sogro, no Alto da Boa Vista?

**Paoliello** Não, eu acho que ele não chegou a conhecer essas obras não.

**Vinícius** Mas possivelmente ele conheceu os seus projetos, não?

**Paoliello** Os projetos sim, porque eu frequentava ainda o escritório dele mesmo depois que eu terminei o estágio. Eu ainda visitava o escritório dele e, de vez em quando, para conversar com ele e conversávamos sempre sobre projetos, sobre execução de obras, que às vezes eu fazia algumas perguntas para ele sobre obras.

**Vinícius** O Bratke tinha alguma opinião ou algum conceito sobre o seu trabalho após o senhor ter aberto a sua o seu escritório?

**Paoliello** Não, ele nunca demonstrou nenhum conhecimento.

**Vinícius** Qual o senhor acha que foi a importância desse tempo que o senhor trabalhou no escritório do Bratke para a primeira fase do seu trabalho, que o senhor construiu residências após ter aberto o seu escritório.



- Paoliello** A experiência no escritório do Bratke me ajudou a fazer o meu escritório que eu passei a desenvolver mais ou menos na mesma linha em que o Bratke projetava as obras dele. Não de execução, pois ele já não mais executava mais obras.
- Vinícius** O contato que o senhor manteve com ele após ter aberto o seu escritório, fez com que ele indicasse clientes para o senhor, para executar já que ele não executava mais?
- Paoliello** Eu não me lembro disso, mas provavelmente pode ter havido do qual o Oliveira, por exemplo, ele deva ter recomendado o meu escritório para executar, porque ele não executava mais. E como ele viu que eu tinha uma capacidade boa, ele falou “procura fazer com o Arnaldo Paoliello que está executando obras que e não executo mais”.
- Vinícius** Qual o senhor acha que foi a importância geral do trabalho do Bratke para o Modernismo na cidade de São Paulo? Para a implementação da arquitetura modernista em São Paulo? O senhor acha que ele foi o grande pioneiro?
- Paoliello** Ele foi muito importante, porque além do escritório dele, frequentei o instituto de arquitetos, que é o IAB, na época que o Bratke foi Presidente, e eu participei da Diretoria que ele fundou, eu fui acho que Secretário dele na Diretoria dele no instituto de arquitetos. E nessa eu também conheci o Júlio Neves, o Alberto Rubens Botti também, que trabalharam depois do Bratke, depois do Rino Levi, eles trabalharam no IAB à época que houve o governo militar, foi em 64 quando houve o golpe militar o instituto de arquitetos foi favorável ao governo e ganhamos uma eleição contra os outros adversários. Então, nessa época, o Alberto Rubens Botti foi o primeiro Presidente. Depois ele indicou a mim e o Júlio Neves como primeiro Vice-Presidente. Nós assumimos a Presidência no período que o Alberto Botti passou a desenvolver outras coisas e nós éramos Vice-Presidentes da Diretoria dele. Então nessa época que tive uma participação muito grande na criação do Banco Nacional de Habitação, o BNH. Era presidido pela Sandra Cavalcanti. Ela foi a primeira Presidente do instituto de arquitetos e eu participei, inclusive num congresso, é convidado pelo Romeu Montoro, que era Senador, e eu participei da instalação do BNH. Depois eu fiz obras com o auxílio do BNH, inclusive, eu fiz o conjunto habitacional na região de São Bernardo e Santo André, que era financiado pelos Sindicatos Americanos. Foi o primeiro conjunto de obras populares com financiamento de Sindicato Americano. E quem me ajudou nisso foi a própria Sandra Cavalcanti.
- Vinícius** O senhor chegou a trabalhar com mais algum arquiteto da geração do Bratke?
- Paoliello** Eu trabalhei com o Zoltan Dudus e também fiz alguma coisa com ele, mas ele não saía do escritório do Bratke. Ele me dava uma assessoria externa. Não era através do escritório do Bratke. Eu fiz alguns trabalhos também com o Guilherme Corazza que era engenheiro, não era arquiteto. Ele construía as obras que o Bratke projetava. O Bratke fez um outro edifício em frente a esquina da Major Sertório com o a Rua Araújo que eu

também futuramente, depois de sair da Major Sertório, eu passei a ter o meu escritório nesse edifício, na Rua Araújo.

**Vinícius Paoliello**

O senhor trabalhou no projeto desse edifício também?

Não, não cheguei a trabalhar no projeto, mas tive escritório nesse edifício que foi projetado pelo Bratke.

**Vinícius**

Nesse período em que o senhor trabalhou no escritório do Bratke, houve publicações de projetos em revistas, premiações ou coisas do tipo que o senhor lembre? Publicados em revistas além da Metrópole?

**Paoliello**

Eu participei, junto com o Bratke, da primeira Bienal de São Paulo, que foi presidida pelo Bratke e pela Iolanda Penteadó. Eles até me convidaram porque eu tive dois ou três projetos incluídos nessa primeira Bienal que foi no edifício que era o Trianon, na Av. Paulista, e hoje é o Museu de Arte Moderna. Lá era um pátio com uma cobertura em forma de um pergolado que tinha vista para a Avenida 9 de Julho e para o centro da cidade. Quem foi o responsável por essa Bienal foi o Bratke porque foi na época que ele era Presidente do IAB. Ele que construiu o prédio da 1ª Bienal. E houve um convite para eu participar, e como eu estava participando nessa primeira exposição, eu participei de um almoço que houve no apartamento da Iolanda Penteadó que era casada com o ... não me lembro agora. Nesse participou o Bratke, a Iolanda Penteadó e os arquitetos que estavam expondo na 1ª Bienal. Eu participei com três projetos na 1ª Bienal. Residências feitas no meu escritório. Não tem nada que ver com o escritório do Bratke.

**Vinícius**

O senhor acredita que arquitetos formados na mesma época que o senhor que adotaram mais ou menos essa linguagem modernista que ele trabalhava no escritório, e que o senhor tem algumas características parecidas? O Salvador Cândia, o Rodolpho Ortenblad Filho...?

**Paoliello**

Não, o Cândia não trabalhou no escritório do Bratke como arquiteto. O Candia tinha o escritório dele e ele tinha uma arquitetura um pouco diferente da do Bratke, porque ele se orientava mais pelo José Vilanova Artigas. E era mais modernista que o Bratke. O Bratke tinha uma influência muito grande dos arquitetos americanos, do Richard Neutra, do próprio... como chama aquele arquiteto famoso ...?

**Vinícius**

Frank Lloyd Wright

**Paoliello**

Frank Lloyd Wright. O Bratke usava mais cópias, influência da arquitetura, pelo menos desse referencial americana de arquitetos que trabalhavam na Califórnia, nessa região. O Richard Neutra influenciava muito a arquitetura residencial do Bratke.

**Vinícius**

O senhor acha que por tabela o senhor também tem uma certa influência do Richard Neutra?

**Paoliello**

Eu tenho uma participação não dos Neutra, mas do próprio Bratke. Porque mais ou menos o que ele fazia na área residencial, eu gostava muito. Ele usava telhados de telhas de barro, usava beirais grandes. Ele não era um modernista como o Artigas, por exemplo, que fazia casas sem beiral. Ele não usava essa arquitetura. Ele fez, por exemplo, uma arquitetura que eu gostava muito, eram as residências do Morumbi. E o Morumbi também, a parte de projeto urbanístico, foi feita pelo Bratke.

Onde tem o terreno onde ele fez a casa do Oscar Americano, fez a própria casa dele ao lado da casa do Oscar Americano, fez outras casas no Jardim do Morumbi que eram projetos urbanísticos dele.

**Vinícius** Existem alguns elementos em projetos residenciais que o senhor desenvolveu que eu vejo como semelhantes aos do Bratke. Como as janelas em linha, o uso da esquadria ideal com as aberturas em guilhotina. Em compensação, vemos algumas residências do Bratke com aquelas lajes planas sem telhado, enquanto nos vemos muitas residências do senhor com telhados com uma leve inclinação escondidos nas platibandas ou pela própria altura da casa. Sobre essas distinções que o senhor tem da obra dele, a que se devem essas adoções diferentes? O senhor acha que tem algo da sua linguagem que foi desenvolvida após sair do escritório, ou tem algum motivo técnico desses usos diferentes?

**Paoliello** Não, eu praticamente não copiava os projetos do Bratke. Os meus projetos eram um pouco diferentes do escritório do Bratke porque, às vezes, eram casas menores. Eram casas, vamos dizer, com menos recursos financeiros. O Bratke fazia casas enormes. Ele fez muita casa com áreas muito grandes. Ele fez também casas na Ilha Porchat, em São Vicente. E no Morumbi ele fez muitas casas. No Jardim Morumbi ele fez também.

**Vinícius** Qual qual outro arquiteto desta época em que o senhor estava começando a construir, o senhor acha que te influenciou além dele? Que o senhor tenha visto obras prontas em revistas e não precisa ter necessariamente trabalhado com o arquiteto.

**Paoliello** Eu tive projetos publicados na Acrópole, tive projetos publicados no *Brazil Buildings* que foi feito pelo Mindlin, pelo Henrique Mindlin eu tive trabalhos publicados, mas já era uma arquitetura minha, não era uma arquitetura do Bratke.

**Vinícius** No material que o senhor tinha escrito sobre a sua vida, logo no começo, o senhor fala que teve grandes influências de dois homens que foram muito importantes na sua trajetória: um foi o seu tio Nixon, e o outro foi justamente o Bratke. Por que o senhor atribuiu que ele foi tão importante na sua trajetória? É uma questão apenas profissional ou a influência dele como pessoa, em que outros aspectos o senhor teve influências dele?

**Paoliello** Eu tive uma influência muito grande dele porque ele era um homem muito culto e ele também, além da arquitetura, ele se inspirava em música, inspirava em outras áreas culturais porque ele era um homem muito culto, lia muito e fez parte do instituto de arquitetos. Então, ele tinha uma cultura muito ampla e isso me influenciou. O arquiteto não é só um desenhista, um executor de obras, ele tem que ter cultura para poder fazer uma participação. Porque eu participei de congressos, eu participei de exposições, eu fiz palestras. Eu fiz uma participação cultural além do desenho que me influenciava pelos projetos do Bratke, eu também me baseava na cultura dele que ele tinha, uma cultura muito ampla, né.

**Vinícius** Em relação a essa parte do trabalho com o Bratke, o seu estágio, eu acredito que terminei por aqui. Eu gostaria só de fazer umas perguntas

para o senhor em torno desse portfólio onde tem o projeto dessa residência que foi feita pelo Uchôa. Eu tenho uma cópia desse portfólio que estava no seu acervo, que foi feito em 1956, e foi um portfólio comemorativo dos 7 anos de atuação da Paoliello Construtora Ltda, não ?! Quem desenvolveu esse portfólio? Ele foi desenvolvido pela própria empresa? O senhor teve alguma parceria para desenvolver esse portfólio com as fotografias das 49 residências projetadas? Como que que surgiu esse trabalho?

**Paoliello** Eu acho que teve muito influência da revista Acrópole. Porque eles procuravam obter muitas informações, tiravam fotografias da obra. Eu tive muitos trabalhos publicados pela revista Acrópole. Então, surgiu também a revista Habitat, que também publicou projetos meus.

**Vinícius** Esse portfólio foi desenvolvido pelo Sr. mesmo? Pelo próprio escritório.

**Paoliello** Exatamente. O escritório é que dava toda a participação da publicação.

**Vinícius** Quem era o público alvo desse portfólio? Eram os clientes, possíveis novos clientes? Vemos nesse portfólio, nas primeiras páginas, muitas propagandas de fornecedores que também que trabalhavam com o senhor. Pra quem esse material era feito? Ele ficava exposto no escritório? Era pros fornecedores?

**Paoliello** Era para as pessoas que me procuravam para fazer projetos. Eram pessoas não propriamente ligadas à Arquitetura. Eu fiz muita casa que não tinha nada que ver com Arquitetura e nem Engenharia. Eram pessoas que me procuravam porque tinham vistos outros projetos meus e tinham gostado. Então era uma influência da própria obra. Não era uma influência do portfólio.

**Vinícius** O senhor comentou que durante o período em que foi estagiário no escritório, vocês desenvolviam, em média, um ou dois projetos por ano. E por esse portfólio de 7 anos da Paoliello Ltda., nós vemos que em 7 anos o Sr. fez 49 obras, o que soma uma média de 7 construções por ano. Como o senhor dava conta de construir 7 residências naquele período onde a construção era tão artesanal? O senhor tinha um corpo de construtores fixos que trabalhavam para o senhor? Como funcionava tanta execução de obras ao mesmo tempo no período em que se deu?

**Paoliello** Eu tinha 3 ou 4 arquitetos que trabalhavam no meu escritório. Era o japonês Ideo Ashimoto, o Fernando Moreira. Eu tinha arquitetos trabalhando comigo no meu escritório que me ajudavam a fazer.

**Vinícius** Eu acho que hoje seria basicamente isso. Muito obrigado por ter respondido as questões.

### ANEXO III. ENTREVISTA REALIZADA EM 26/05/2022

- Vinícius:** Boa tarde senhor Paoliello. Nossa conversa hoje será acerca das casas publicadas na Revista Comemorativa da Construtora Paoliello Ltda. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer lhe é sobre a revista. Consta nela a informação que foi publicada em mil novecentos e cinquenta e seis, ano em que a construtora completou sete anos de atuação, a caracterizando como uma revista comemorativa. Ela foi organizada pela diretoria da construtora, composta pelo senhor e o seu irmão. Quantos volumes em média foram impressos? Que empresa realizou a impressão?
- Paoliello:** Não me recordo a quantidade.
- Vinícius:** Na publicação tem o nome da gráfica: Tipografia Ostrensky. Na internet encontrei a informação de que esta era uma gráfica localizada no centro de São Paulo.
- Vinícius:** A quem se destinava esta publicação?
- Paoliello:** Para nós, para os colegas, as firmas construtoras, pro CREA, Foi feita para divulgar as nossas obras.
- Vinícius:** Ela foi presenteada para estas pessoas e instituições?
- Paoliello:** Eu acho que sim. Nós não cobramos ou vendemos. Foi entregue aos clientes. Eu tenho um currículo feito posteriormente, mas esse não foi publicado, foi feito para quando alguém precisava de alguma informação. Nele eu tenho as últimas obras. A revista foi feita em cinquenta e seis [1956], o portfólio em noventa [1990]
- Vinícius:** Tudo bem. As minhas perguntas serão realizadas baseadas na revista comemorativa mesmo. Quando o senhor fundou a construtora, o senhor começou a trabalhar com o Vicente Ignatti e o Marino Barros?
- Paoliello:** *Ignatti, Paoliello & Barros*. Eu estava no segundo ano da escola. Nós não podíamos assinar plantas porque não éramos formados. Então eu arranjei um engenheiro pelo qual eu fiz estágio - Dante Albuquerque - e ele assinava as nossas plantas.
- Vinícius:** O senhor trabalhou durante um ano com o Vicente Ignatti e o Marino Barros, e depois o Ignatti se retirou da sociedade, correto?
- Paoliello:** O Ignatti saiu, mas trabalhou conosco mais de um ano! Eu trabalhei com ele por uns dois ou três anos, depois eu fiquei só com o Marino Barros. Aí ficou *Paoliello & Barros*. Depois eu fundei a construtora Paoliello e trabalhava apenas com meu irmão.
- Vinícius:** Por que o Marino Barros se retirou da empresa?
- Paoliello:** Porque tinha outras obrigações e eu não tinha mais interesse. Antes do Marino Barros se retirar, eu fui diretor do IAB junto ao Júlio Neves que eu já conhecia, e ele me fez uma proposta pra nos associarmos. Então fundamos a *Neves & Paoliello* em setenta e seis [1976]. Nós ficamos com essa firma durante cinco anos, até mil novecentos e setenta e um [1971]. Então eu comecei a fazer os hotéis para a Lindenberg. Eu dirigi o Departamento de Engenharia de Hotéis (DEH).
- Vinícius:** O senhor diz em seu livro que Marino Barros se retirou da empresa quando esta tornou-se *Paoliello Ltda.* em mil novecentos e cinquenta e dois [1952]. O senhor era o único arquiteto da empresa a partir de então?

**Paoliello:** Exatamente.

#### **RESIDÊNCIA DAMIRO DE OLIVEIRA VOLPE**

**Vinícius:** Eu gostaria de fazer perguntas sobre os projetos das residências. A primeira é sobre a residência do Senhor Damiro de Oliveira Volpe. Eu descobri em uma pesquisa que este era um sócio da Gráfica Niccolini.

**Paoliello:** A gráfica Niccolini que era do tio da minha mulher, Luís Niccolini. Ele era o dono da firma e trabalhava com o Damiro. Fiz a casa dele no mesmo quarteirão onde ficava a primeira sede da gráfica Niccolini. Depois fiz um projeto pra ele na marginal, quando eu consegui o projeto da gráfica Niccolini. Só não foi executado. Eles continuaram ali na rua no mesmo quarteirão onde tinha a casa do Damiro Volpi, na rua Diogo Jacome.

**Vinícius:** Sobre o Damiro de Oliveira Volpe. Qual era o perfil do cliente?

**Paoliello:** Casado, tinha filhos e era diretor da gráfica Luís Niccolini.

**Vinícius:** Quais eram as demandas dele para a casa?

**Paoliello:** Era uma casa térrea de três dormitórios, tinha duas salas – estar e de jantar – mas não era uma casa muito grande. Tinha entre duzentos e cinquenta e trezentos metros de área construída. A cozinha era na frente, a sala de jantar dava pra um jardim de fundo.

#### **RESIDÊNCIA OSCAR PEREIRA DE ARAÚJO**

**Vinícius:** A próxima casa o senhor projetou para o Dr. Oscar Pereira de Araújo.

**Paoliello:** Esse aí era o meu tio, que casou com a minha tia. A casa era no Sumaré, na Avenida Doutor Arnaldo, perto da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na Rua Allegrete.

**Vinícius:** Quando o senhor projetou a casa eles já eram casados?

**Paoliello:** Eles já eram casados e tinham um filho e duas filhas. Acho que era Evangelina e Heloísa. O menino tinha deficiência de Down. Ele [Oscar] era médico e tinha um consultório na Rua da Consolação em frente a Biblioteca de São Paulo.

**Vinícius:** Pelo vínculo familiar, o senhor teve liberdade para desenvolver o projeto e fazer propostas, ou ele tinha uma referência para o projeto da casa?

**Paoliello:** Não tinha, ele me deu liberdade e eu fiz da maneira como achava que devia fazer.

**Vinícius:** Houve alguma modificação no projeto?

**Paoliello:** Não, ele aceitou o projeto e construímos. Fizemos o projeto e a construção dessa casa.

**Vinícius:** O texto fala que a residência tinha uma solução na disposição dos ambientes que não era muito comum na época, por ser a fachada de orientação sul.

**Paoliello:** A garagem era na frente. E uma cozinha.

**Vinícius:** Quando o senhor apresentou o projeto não gerou incômodo?

**Paoliello:** Não, ele aceitou.

#### **RESIDÊNCIA MÁRIO JUNQUEIRA DE AZEVEDO**

- Vinícius:** A terceira casa que o senhor projetou com o Ignatti e o Barros foi a residência do Dr. José Mário Junqueira de Azevedo. Quem era essa pessoa?
- Paoliello:** O José Mário de Azevedo era cunhado do Marino Barros. Ele era médico. Acho que era casado e tinha filhos.
- Vinícius:** Nestes primeiros projetos executados associado ao Barros e do Ignatti, o senhor fala que projetava, o Barros construía e o Ignatti cuidava da parte administrativa. Eles colaboraram no desenvolvimento dos projetos?
- Paoliello:** O Marino participava porque ele construía. Ele tinha experiência em obras. O Ignatti não tinha muita experiência em obras, mas cuidava da parte comercial: comprava os terrenos, contratava os empreiteiros, pagava as contas, cuidava dos bancos. Ele cuidava dessa parte enquanto eu estava cuidando do projeto. Eu que cuidava dos desenhistas, dos detalhes de projeto. Então, era dividido o serviço. Cada um cuidava de um setor.
- Vinícius:** Estas três foram as casas que o senhor construiu na época em que o Ignatti ainda trabalhava com vocês?
- Paoliello:** Correto.

#### **RESIDÊNCIA JUDITH E ILDA JUNQUEIRA FRANCO**

- Vinícius:** Em seguida, o senhor projetou a casa no Pacaembú para as Srtas. Judith e Hilda Junqueira Franco. Quem eram essas pessoas?
- Paoliello:** Eram amigas da minha mulher, solteiras quando eu fiz essa casa. Fiz esta casa para a família delas, mas eu não lembro o nome dos pais. Quem morava eram as filhas de um Junqueira Franco, mas eu tratava com elas que eram amigas da minha mulher.
- Vinícius:** O senhor acredita que no começo de sua atuação profissional, estas indicações feitas pelo senhor Niccolini e pelas amigas da sua esposa foram importantes para que o senhor conseguisse encomendas de trabalho?
- Paoliello:** Foram importantes porque o cliente é sempre importante. A gente cuidava das necessidades dele e das relações que temos com ele.
- Vinícius:** Estes clientes vinham por indicação de pessoas que faziam parte do seu círculo de convivência?
- Paoliello:** Também porque me conheciam. Eu sou sobrinho do Oscar Pereira de Araújo que era casado com a minha tia. Ele não era parente direto meu. Ele era médico e casou-se com a tia Ivone Furquim. Então eu fiz a casa porque ele era o meu tio casado com a minha tia, irmã da minha mãe.
- Vinícius:** Sobre a família da Senhorita Judith e Ilda Junqueira Franco, qual era o perfil dos clientes?
- Paoliello:** Eram fazendeiros, de café se não me engano.

#### **RESIDÊNCIA TITO M. NOGUEIRA DE NORONHA**



- Vinícius:** Depois o senhor construiu casas com o Rodolpho Ortenblad Filho que foi o seu colega de classe. Sobre a residência que o senhor construiu com ele pro senhor Tito Nogueira de Noronha, vocês desenvolveram o projeto e construíram a residência juntos?
- Paoliello:** Fizemos o projeto juntos, mas o cliente foi indicado por ele. Ele não tinha experiência em projetos e eu estava mais adiantado porque eu comecei a construir no segundo ano do curso. O Rodolpho era meu colega, morreu há pouco tempo. Como não tinha experiência, veio trabalhar comigo porque trouxe obras.
- Vinícius:** Após formado o Rodolpho viajou aos EUA e passou um ano conhecendo obras, e começou a trabalhar quando voltou. No projeto dessa casa eu percebo que existem algumas características um pouco diferentes das que o senhor vinha construindo, como as janelas em guilhotina cortando a fachada
- Paoliello:** É porque ele teve participação. Isto não era normal nas minhas obras. Nas minhas obras todas eram de persiana. Podem ser influências do Rodolpho.
- Vinícius:** O senhor lembra como era essa casa?
- Paoliello:** Era uma casa menor, praticamente ele chega na divisa. A divisa tá aqui no muro, a um metro de distância e tem uma entrada para garagem. Mas é um terreno menor, um terreno de dez por trinta em média. É uma casa de tipo mais baixo. E a influência por causa do Rodolfo e do cliente.
- Vinícius:** Depois que construiu esta casa com ele, o senhor construiu sobrados para a família dele em terrenos que eles tinham no Itaim, não?
- Paoliello:** Sim, o pai dele era muito rico. Eu conheci o pai dele porque ele fez uma casa com o Oswaldo Bratke, onde eu era estagiário. O pai dele fazia casa para alugar, era o engenheiro Dr. Rodolpho Ortenblad. Mas não era construtor, trabalhava na indústria. A casa dele era na Praça Guadalupe, no Jardim América, foi feita pelo Bratke.
- Vinícius:** Foi no período que o senhor era estagiário no escritório do Bratke, que ele construiu essa casa?
- Paoliello:** Pode ser que foi no período em que eu fui estagiário porque eu comecei a ser estagiário no segundo ou terceiro ano. Já tinha firma nesse tempo, mas não era com o Bratke. Era com o Marino Barros e o Vicente Ignatti, e quem assinava as plantas era o Dante de Albuquerque. Eu não podia assinar, eu era estudante!

## **RESIDÊNCIA FRANCISCO LUIZ ROCCO**

- Paoliello:** Essa residência ficava na rua em que eu morava - General Osório - no Alto da Boa Vista. O Francisco Rocco era filho do Gabriel Rocco, que era cunhado do meu sogro - casado com sua a irmã, Dona Margarida Rocco. Esta foi construída para o pai, mas ele quem assinou. O pai deu um terreno para ele e outro para o Roberto, seu irmão, que era o vizinho. Essa casa era grande.
- Vinícius:** Por que era uma casa grande? Qual era a demanda para o projeto?

- Paoliello:** Porque era para a família. Foi feita para o pai dele, não para ele. Ele era solteiro. A casa estava no nome dele porque a escritura estava no nome dele.
- Vinícius:** Qual era o perfil dos clientes?
- Paoliello:** Ele era sócio da Laborterápica, uma indústria. Ele morava no Rio de Janeiro. Esta casa foi feita porque ele mudou-se para São Paulo. Ao lado tinha a casa do José Roberto Rocco, que é uma casa térrea do irmão dele e fazia divisa com este terreno. Aqui deve ter a casa do Mário Rocco, que era o irmão dele.
- Vinícius:** A casa do José Roberto Rocco foi publicada na Revista Acrópole.
- Paoliello:** É uma casa térrea num terreno maior.
- Paoliello:** José Roberto Rocco, casa do irmão do Francisco. Uma casa térrea que tinha jardim no fundo e o terreno maior. Mas fazia divisa com o terreno do pai. Era do José Roberto Rocco. Ele era advogado e trabalhava na Laborterápica. O pai dele era diretor da Laborterápica, o Gabriel Rocco.
- Vinícius:** Nas casas que o senhor projetou para a família Rocco, lhe foi dada liberdade para projetar e fazer propostas?
- Paoliello:** Liberdade total, porque eu tinha feito projetos para a firma deles - a Laborterápica - que era do meu sogro. Meu sogro era diretor, e eles também eram diretores: o Roberto Rocco, o Francisco Luís Rocco e o pai eram os diretores maiores.
- Vinícius:** Nos projetos que o senhor apresentou a eles, não houve modificações? Eles aceitaram todas as suas propostas?
- Paoliello:** Não, receberam o projeto e pronto.

## **RESIDÊNCIAS DE JOÃO ELIAS AUN / LAURO MENDES**

- Vinícius:** Depois da residência do Senhor Francisco Luís Rocco que o pai construiu para ele, nós temos a casa projetada pelo senhor para João Elias Aun. O senhor lembra desse cliente? O endereço dela está como rua dos Morás. Essa é uma casa um pouco menor.
- Paoliello:** Não lembro. É uma casa menor.
- Vinícius:** O senhor lembra dessa casa?
- Paoliello:** Não. Não tenho ideia.
- Vinícius:** Depois o senhor projetou a residência do senhor Lauro Mendes. Não há o endereço dela. O senhor lembra onde ficava essa casa? Como ela era?
- Paoliello:** Não me lembro do cliente. É uma casa mais barata.
- Vinícius:** O que me chama a atenção nestas duas casas é que a linguagem começou a mudar aqui. A casa aqui do senhor João Elias Aun tem um telhado de uma única água com uma caída única para o fundo do terreno, e a casa do Lauro Mendes tem o telhado borboleta, assim como o senhor fez na sua casa posteriormente.
- Paoliello:** É como a minha, né!
- Vinícius:** Esta é a solução que o Marcel Breuer usava nas casas em que projetava. O senhor lembra de ter visto essas casas em alguma publicação?
- Paoliello:** Lembro de ter visto o nome dele - Marcel Breuer - mas não me lembro de ter visto aqui.

## RESIDÊNCIA JOSÉ PIRES DE OLIVEIRA DIAS

**Vinícius:** Em seguida o senhor projetou a casa do Comendador José Pires de Oliveira Dias.

**Paoliello:** Esse era irmão do meu sogro. Era o presidente da companhia Laborterápica Bristol. Meu sogro era o superintendente, mas era quem dirigia a empresa. A cabeça dos irmãos era do meu sogro. Fiz a casa dele então [José Pires], ele era o financiador, tinha grana, era o presidente.

**Vinícius:** Esta era uma casa de chácara na beira da represa?

**Paoliello:** Era em uma chácara em Interlagos, em frente da represa.

**Vinícius:** Esta casa lembra muito uma que Richard Neutra projetou nos Estados Unidos que tinha a planta organizada em cruz. O senhor tinha tido contato com essa casa?

**Paoliello:** Eu tinha contato. Eu fiz a casa, aí eu tinha que falar. A construção foi da construtora Paoliello, mas eu não tinha nenhuma ligação com o Marcel Breuer. Eu tive influência do Neutra, porque o Bratke fazia as casas que eram influenciadas pelas casas do Richard Neutra. Era americano. Então, como eu estagiava no escritório do Bratke, passei a me influenciar pelos projetos do Bratke e do Richard Neutra.

**Vinícius:** A Casa Kaufman projetada pelo Neutra tem a planta como essa, dividida em cruz.

**Paoliello:** Eu tive influência das obras do Richard Neutra por via do Bratke.

## RESIDÊNCIA ARNALDO PAOLIELLO

**Vinícius:** Como em toda residência do arquiteto, em sua casa o senhor teve total liberdade no desenvolvimento do projeto. Você poderia me falar sobre como desenvolveu este projeto?

**Paoliello:** Eu não estava casado. O meu sogro fez uma doação de um terreno que tinha comprado no Alto da Boa Vista. Ele morava no Jardim Paulista quando eu me casei, em 07 de fevereiro de 1950 - no ano que eu me formei. Eu comecei a construir com financiamento da Caixa Econômica Federal que ele me ajudou a conseguir, pois eu não tinha dinheiro para construir. Esta casa foi construída no início de quando eu me casei, e terminou no primeiro ano da formatura. Eu me casei em fevereiro e me formei em dezembro, mês em que a casa foi concluída. O telhado era influenciado pelas casas que o Bratke fazia influenciado pelo Richard Neutra. Minha mulher chamava de galinheiro porque ela não queria que o telhado tivesse a calha no meio. Mas eu falei para ela "Vai ficar bonita! A casa vai ficar gostosa" e ela concordou. Chamava-se o "estilo libélula", para fazer asas de borboleta. A casa foi construída com projeto feito antes de me formar. O jardim dava para os fundos.

**Vinícius:** A partir da planta desta casa, percebo que o senhor a dividiu em duas alas: uma ala noturna e uma ala diurna.

**Paoliello:** Exatamente! A ala diurna era voltada para o fundo - a sala e os jardins - e os dormitórios na frente. O serviço ficava do lado direito que tinha uma

entrada de serviço. Tinha um portão para automóvel e a entrada social era feita por um portãozinho menor que era entrada para os empregados e cozinheira. Todos entraram pelo lado direito da casa. Tinha um afastamento do muro frontal de 2,00 metros de altura. No fundo o quarto de empregada - que ligava com lavanderia e com o serviço - encostava na divisa. Era permitido fazer encostado na divisa. No fundo tinha a sala de jantar, sala de estar e tinha um jardim. E esse jardim se dividia com um muro ao fundo para o terreno que meu sogro construiu a terceira casa dele. Era um terreno enorme! Ele morava no Jardim Paulista, mas queria morar perto da Laborterápica onde trabalhava. Então esta minha casa ficava no primeiro terreno que ele doou. Eu era vizinho da primeira casa dele, que está na capa da revista.

**Vinícius:** Quantos lotes ele tinha neste quarteirão?

**Paoliello:** Ele comprou 13 mil metros nessa quadra. Eu tinha um terreno da divisa direita com a primeira casa que eu fiz para ele, que era meu vizinho do lado esquerdo. Depois eu fiz uma outra casa. Eu fiz três casas pra ele!

## **RESIDÊNCIA DOMINGOS PIRES**

**Paoliello:** Esta é a primeira casa. A entrada era por aqui na sala, depois subia meio piso e descia meio piso.

**Vinícius:** A divisão que o senhor fez na sua casa de ter uma ala diurna e uma ala noturna, era uma forma comum do senhor dividir as residências?

**Paoliello:** Não, isso eu criei nesta casa com 3 pisos.

**Vinícius:** Quando o senhor projetou essa casa, ela foi exposta na Bienal?

**Paoliello:** Na primeira Bienal de São Paulo, em cinquenta e um [1951]. Ela ficou pronta logo depois que eu me mudei.

**Vinícius:** Ela foi publicada também no livro do Mindlin, então foi uma casa que teve repercussão?

**Paoliello:** Foi premiada porque era muito interessante o projeto dela. Esta não era influenciada pelo Neutra. Eu não tinha projeto assim, fiz isto aqui da minha cabeça!

**Vinícius:** Foi realizada uma exposição no MOMA, em Nova York, que o Marcel Breuer projetou um pavilhão que tinha essa formatação de triângulo na frente. O senhor não chegou a ter contato com esse projeto?

**Paoliello:** Não, esse projeto foi criação minha.

**Paoliello:** Nem o Bratke tinha um projeto dessa forma com uma caída única de telhado. É uma água só que cobre o abrigo de carros, a sala de estar, os dormitórios e embaixo também a parte social.

**Vinícius:** Plasticamente é uma casa que rompe completamente com as anteriores. Quando o senhor projetou essa sua casa, o seu sogro morava no Jardim Paulista. Como era a casa onde ele morava?

**Paoliello:** Ele morava em uma casa que comprou construída já, não era projeto dele e nem construída por ele. Era um sobrado.

**Vinícius:** E qual foi a reação dele quando o senhor apresentou esse projeto?

- Paoliello:** Ah, ele gostou! Ele gostava dos projetos modernos que eu fazia. Quando eu apresentei o anteprojeto, ele adorou, e eu executei essa casa pela Construtora Paoliello Ltda.
- Vinícius:** Ele chegou a fazer alguma modificação no projeto?
- Paoliello:** Não, não modificou nada. Aqui foi a construtora que executou. Era na General Osório 680 e a minha casa é do lado. No 676. Logo depois da entrada de carro tinha um portãozinho que eu entrava ao lado do abrigo de carros dele, que dava acesso ao meu abrigo de carro que dividia o abrigo de carros.
- Vinícius:** Quem morava nesta casa ficou pronta? O senhor já estava casado?
- Paoliello:** Eu estava casado e morando já ao lado! A Graziela não morou nessa casa! Moravam os outros filhos do meu sogro: a Marcela, a Maria Lúcia, a Maria Regina e o Gilberto. Ele tinha 5 filhos contando com a minha mulher. Ela era a mais velha e casou-se comigo.
- Vinícius:** Quando a sua ficou pronta a dele já estava em construção também?
- Paoliello:** Já tinha sido iniciada a construção.
- Vinícius:** O senhor comentou que a Graziela achava que parecia um galinheiro o telhado de sua casa. E o que ela achou da casa do pai dela?
- Paoliello:** Acharam ótimo! Acharam que ficou muito bom pois este aqui não tinha calha! A água descarregava numa calha lá na ponta.

## **O ALTO DA BOA VISTA**

- Vinícius:** Quantas casas o senhor projetou no Alto da Boa Vista?
- Paoliello:** Umass cinquentass casas, eu fiz muita casa lá no Alto da Boa Vista. Porque como a gente tinha executado estas casas que iniciaram a construção de casas finas no bairro, eu fui muito procurado por clientes que eu não conhecia.
- Vinícius:** As pessoas viam as casas prontas e procuravam o senhor para construir as casas? Havia alguma casa parecida ou casas modernas no bairro?
- Paoliello:** Sim. Aí começaram a copiar as minhas casas influenciadas pela minha arquitetura. Eu fui o primeiro arquiteto que começou a fazer casas modernas, depois diversos arquitetos que começaram a fazer no Alto da Boa Vista. Era um bairro grande.
- Vinícius:** Estas casas foram as primeiras que começaram a ocupação do bairro? Era uma região que tinha muitas casas já na época?
- Paoliello:** Era proibido construir prédios, era um bairro residencial. Não tinha muitas casas. Essas não foram as primeiras, mas quando comecei havia muitos terrenos vazios!
- Vinícius:** Este bairro tinha algum perfil de cliente definido?
- Paoliello:** Era um bairro de nível social alto. Não era um bairro de casinhas modestas, depois começou a aparecer. Depois que eu executei estas casas, começaram a aparecer casas geminadas para aluguel. Antes só tinha casa em terreno grande. As casas do José Roberto Rocco, do Mário Rocco, do Gabriel Rocco são todas no Alto da Boa Vista, mas no outro quarteirão.

## RESIDÊNCIA JOSÉ LEAL PEREIRA DE CARVALHO

**Vinícius:** Em seguida, o senhor projetou a casa aqui para o Doutor José Leal Pereira de Carvalho, próximo ao Ibirapuera no Jardim Luzitânia, na Rua Macau. O senhor lembra desse cliente?

**Paoliello:** Do cliente eu não me lembro. Mas a casa tinha uma entrada de carro e ao lado ficava o quarto de serviços. Era um terreno menor. A área de serviço está voltada para frente, escondida por esse muro de tijolo à vista. Quando eu projetava as casas com a área de serviço na frente do terreno, o jardim social era voltado ao fundo. Praticamente todas seguiam este padrão.

## RESIDÊNCIA BRUNO BUFFARDI

**Vinícius:** O senhor projetou uma casa para o senhor Bruno Buffardi, o senhor lembra dessa pessoa?

**Paoliello:** Era na Rua Dona Elisa Pereira de Barros. Nesse terreno ele tinha uma porção de casas geminadas alugadas. A casa dele era um sobrado que não era ligado às demais. Ele foi meu sócio na firma de vendas de imóveis. Era corretor e tinha escritório no mesmo prédio do meu, na Major.

**Vinícius:** Quando ele construiu essa casa, quais eram as necessidades?

**Paoliello:** Ele tinha dois ou três filhos e já era casado, morava na Angélica e era meu sócio. Era uma casa moderna, mas não muito avançada. Lá no Jardim Lusitânia eu fiz outros trabalhos parecidos com essa arquitetura.

**Vinícius:** O Marino Barros e o Rodolpho Ortenblad projetaram sobrados parecidos com este.

**Paoliello:** Era uma casa que não tinha influência de ninguém e uma casa mais simples, pois o Bruno não tinha muito dinheiro.

**Vinícius:** Era comum nesta época sobrados nesta formatação?

**Paoliello:** Mais ou menos. Usávamos com frequência madeira embaixo e acima da janela. Tinha grade de madeira, portão de madeira. Tinha casas parecidas, mas não iguais.

**Vinícius:** As primeiras casas que o senhor fez, assim como a casa do José Leal, tinham o telhado aparente, sem calhas, com beirais. Como eram resolvidas as coberturas?

**Paoliello:** Uma característica diferente. Quando tinha beiral com madeira à vista, tinha calha também. Eu fiz muitos beirais com madeira. Algumas tinham laje de forro e não tinham madeira aparente, ou então era forro feito de estuque. Fazia a testeira de madeira, mas não tinham lambris.

**Vinícius:** Os telhados feitos com beirais e estrutura de madeira aparente eram adotados por questão de economia?

**Paoliello:** Não, era por questão estética na arquitetura. Eu gostava de fazer a madeira do beiral. Em geral, os telhados e o beiral eram de madeira. Os pedaços de madeira eram chamados de *cachorrinho*.

**Vinícius:** Algo que eu percebo em sobrados que o senhor projetou, é o destaque do volume superior na cor branca ou mais clara.

- Paoliello:** Eram tijolos revestidos pintados de branco e, em geral, feito em balanço. Eles avançavam tanto na frente quanto nas laterais. Era para separar os dois pavimentos. Na parte de baixo eu usava muito pedra debaixo de uma laje em balanço. Embaixo era pedra sem revestimento e acima era tijolo revestido. É uma característica dos meus projetos para diminuir a aparência da altura.
- Vinícius:** Além de diminuir a aparência da altura, essa característica plástica buscava imprimir uma sensação de suspensão?
- Paoliello:** Tinha influência do Bratke, ele fez muitas casas dessa forma. A parte baixa revestida de pedra e a parte de cima em balanço revestida de reboco branco. Dava a impressão de uma casa mais leve, mais assentada. O telhado de duas águas era uma característica minha e eu não repeti. Eu fiz na minha casa. O resto era o telhado comum.

#### **RESIDÊNCIA GLEEN EARL MC. GHEE**

- Vinícius:** Aqui temos a residência do Senhor Glenn Earl MC. Ghee. O senhor lembra desse cliente?
- Paoliello:** Era no Alto de Pinheiros, fiz muitas casas no bairro. Mas eu não me lembro do MC. Ghee. Era um terreno grande. Tem duas garagens, muro de tijolo à vista, revestimento de madeira, beiral com o cachorrinho aparente. Aqui também tem chaminé da lareira da sala. Os dormitórios ficam para o fundo.
- Vinícius:** O senhor adotou muito esses materiais nos seus projetos?
- Paoliello:** Sim, era influência do Bratke. O Bratke usava muita madeira. Tanto para a cobertura quanto para o beiral como para caixilhos.

#### **RESIDÊNCIA FRANCISCO DE SAMPAIO MOREIRA**

- Paoliello:** Aqui já é uma casa com influência colonial, para Francisco de Sampaio Moreira. Isso foi feito na Chácara Flora. Francisco de Sampaio Moreira era parente do meu cunhado, Dario de Abreu Pereira e sua mãe era Sampaio Moreira. Esse aqui era tio dele, e pediu que fosse uma casa colonial.
- Vinícius:** Aqui diz que o projeto foi do Ciro Marx. Não foi o senhor que desenvolveu esse projeto?
- Paoliello:** Não. Ciro Marx era um decorador, pode ser que o projeto fosse dele porque ele me pediu que fosse uma casa de estilo colonial. Era para uma família grande. E os terrenos na Chácara Flora eram terrenos grandes. Esta casa deve ser uma casa tinha uns 400 metros, era um sobradão. Em cima estão os dormitórios, embaixo está o estar social e serviço nos fundos. É uma casa de planta normal, não tinha novidades.

#### **RESIDÊNCIA GILBERTO PIRES DE OLIVEIRA DIAS**

- Vinícius:** O senhor projetou essa casa pro Gilberto Pires de Oliveira. Ele era seu cunhado. O que o senhor tem a falar sobre esse projeto?



- Paoliello:** Esta era depois da casa do meu sogro. Tinha a minha primeira, tinha a primeira casa do meu sogro, vizinha, depois ele deu o terreno para o Gilberto que era o segundo filho dele. Mas ele não chegou a morar porque ele era solteiro. Ele alugou essa casa.
- Vinícius:** Esta casa parece ter uma diferença em relação às anteriores. Parece um pavilhão.
- Paoliello:** Sim. Tem um pátio descoberto e no centro tem espelho d'água. Tem um telhado de madeira e um pergolado.
- Vinícius:** Esta característica de ter um pátio coberto com pergolado, mantendo a continuidade das linhas de estrutura do beiral da cobertura lembra um pouco as casas do Bratke.
- Paoliello:** O Bratke também tinha um projeto desse tipo. Eu tive influência do Bratke porque eu trabalhei 3 ou 4 anos no escritório e depois eu saí. Ele me convidou para ser sócio, mas ele acabou não assinando o contrato porque estava viajando e eu acabei não ficando oficialmente. Como eu já tinha firma construtora, escritório de arquitetura e sociedade com terceiros, achei melhor sair do Bratke e ficar por minha conta.
- Vinícius:** O senhor teve influência de algum outro arquiteto além do Bratke na primeira fase de sua obra?
- Paoliello:** Eu não me lembro de ter tido influência dos arquitetos cariocas - o Oscar Niemeyer e o Lúcio Costa. Pode ser que nos edifícios eu tivesse talvez alguma influência ou do Bratke ou do Oscar Niemeyer, nas casas não me lembro. Porque tinha uma arquitetura paulista e tinha uma arquitetura carioca, e eram diferentes. Eu cheguei a fazer um projeto no Rio, os terrenos eram montanhosos. Eu fiz projeto aproveitando todos os desníveis.

#### **RESIDÊNCIA JOSÉ CASSÃO NOGUEIRA**

- Vinícius:** O senhor projetou uma residência para o doutor José Cassão Nogueira. Esta casa fica muito próxima à casa da Rua dos Morás, no Campo Belo. O senhor lembra desse cliente?
- Paoliello:** Do Doutor José Cassão Nogueira, não. É uma casa mais modesta, de um pavimento, mais barata.

#### **RESIDÊNCIA JOSÉ NICCOLINI**

- Vinícius:** Depois o senhor projetou esta residência para o senhor José Niccolini.
- Paoliello:** Ele era irmão do Luís Niccolini. Essa sua casa era em Perdizes, vizinho do Pacaembu. Ele era maestro de banda de música. Era irmão do Luís Niccolini que era tio da minha mulher, porque ele era irmão da mãe dela que era a dona Irma Niccolini Pires.
- Vinícius:** Entendi. Nós temos aqui uma foto dizendo que na reforma da residência obteve-se uma solução agradável. No caso da residência, ela já existia? Ela foi reformada?

**Paoliello:** É um projeto de reforma que eu fiz. O revestimento é um pouco diferente. É uma casa com terreno menor. O abrigo de carros ficava na divisa. A pedra é uma pedra que eu não usava lisa, usava bruta.

**Vinícius:** Qual era o perfil do senhor Niccolini?

**Paoliello:** Ele era músico! Não lembro se tinha filhos.

#### **RESIDÊNCIA HÉLIO DE OLIVEIRA DA CUNHA LOBO**

**Vinícius:** Em seguida o senhor projetou a casa para o Doutor Hélio de Oliveira da Cunha. O senhor diz em seu livro que ele era casado com Tereza Pires de Oliveira Dias. Ela era parente da sua esposa?

**Paoliello:** Sim, Pires de Oliveira Dias. Devia ser prima da minha esposa, as tias lembro os nomes. Helio da Cunha Lobo eu não me lembro, provavelmente era o marido dela. Esta casa era na rua General Ozório.

#### **RESIDÊNCIA FRANCISCO P. NEVES COSTA**

**Vinícius:** Essa casa fica próxima àquelas outras duas no Campo Belo. O senhor lembra desse cliente?

**Paoliello:** Não lembro dele. Mas é uma casa térrea em um terreno menor.

**Vinícius:** Nós percebemos os cortes feitos na fachada com as janelas de dormitórios como na sua casa.

**Paoliello:** Sim, mas o telhado desta não é *butterfly*.

#### **RESIDÊNCIAS JUAN ALFREDO CESAR MULLER E ZENON EWALD**

**Vinícius:** Aqui nós temos duas casas geminadas feitas para os senhores Juan Alfredo Muller e Zenon Ewald. O senhor lembra dessas pessoas?

**Paoliello:** Eu lembro que era no Itaim. Domingos Leme era no Itaim, perto da Indústria Gráfica Niccolini. Eram sobrinhos do meu tio Niccolini casados com as primas da Graziela.

#### **RESIDÊNCIA HÉLIO GUIMARÃES**

**Vinícius:** O senhor projetou um sobrado que lembra o projeto para o Bruno Buffardi.

**Paoliello:** Este era para o Hélio Guimarães, no Jardim Granja Julieta. Foi mais tarde. Eles tinham este tipo de janela ideal, que levantava metade para cima e outra metade para baixo, com armação de madeira, e era usado para os dormitórios. Na sala embaixo era um caixilho normal.

**Vinícius:** A janela ideal era produzida em medidas adaptadas ao projeto ou o senhor tinha que desenvolver um projeto adaptado à medida padrão?

**Paoliello:** Não, não eram padronizadas. A gente dava as medidas conforme a necessidade.

**Vinícius:** Quais eram as demandas do Senhor Hélio Guimarães?

**Paoliello:** Ele tinha filhos. Granja Julieta era para baixo do Alto de Pinheiros. A Granja Julieta era do lado do Alto da Boa Vista, separados pela Avenida

Santo Amaro. O Alto da Boa Vista ficava do lado direito - para quem ia para cidade - e a Granja Julieta ficava do lado esquerdo.

**Vinícius:** Na vista posterior da residência vemos a abertura das salas para o terreno.

**Paoliello:** Quase todos os projetos eram assim.

#### **RESIDÊNCIA MÁRIO ROCCO**

**Vinícius:** Vemos a casa do Senhor Mário Rocco. Qual era o perfil do cliente?

**Paoliello:** Trabalhava também na indústria Laborterápica. Esta casa ficava ao lado da casa do Gabriel Rocco na General Ozório, aquela casa em nome de José Francisco Rocco. Era o tio, irmão do pai dele. Era uma residência térrea na mesma rua que nós morávamos. Não foi uma construção, foi uma reforma!

**Vinícius:** Por isso é uma casa com aspecto um pouco mais tradicional? Quando o senhor reformava essas casas, o que o senhor fazia? Mudanças de fachada ou planta?

**Paoliello:** Eu modificava a casa no geral. Aumentava a casa porque tinha mais filhos. O Mário Rocco tinha filhos. Não lembro quantos.

#### **RESIDÊNCIA ANTÔNIO QUEIROZ DO AMARAL**

**Vinícius:** Em seguida temos a casa do senhor Doutor Antônio Queiroz do Amaral. Quem era essa pessoa?

**Paoliello:** Era no Alto de Pinheiros. Na Pedrosa de Moraes. Pedrosa de Moraes era no Alto de Pinheiros.

#### **RESIDÊNCIA PAULO UCHOA DE OLIVEIRA**

**Paoliello:** Este é um projeto do Oswaldo Bratke que eu construí para o Paulo Uchoa de Oliveira. Não era cliente meu, era cliente do Bratke que me indicou só para construir. Você vê que a arquitetura dele é diferente da minha. É uma casa com telhado de duas águas, toda rebocada. A fachada virada para os jardins que estavam nos fundos onde têm os dormitórios, que tinham caixilhos de madeira. Era perto da casa do Bratke, na quadra em frente.

#### **RESIDÊNCIA ALPHONSE BRUNN**

**Vinícius:** Aí nós temos a casa construída para o senhor Alphonse Brunn no Brooklin. O senhor lembra desse cliente?

**Paoliello:** Não. Era uma casa térrea menor, mais simples.

#### **RESIDÊNCIA ANTÔNIO FACTORE**

**Paoliello:** Este era um tio meu médico, doutor Antônio Factore. Era casado com uma tia minha, Gecelda Paoliello. Era descendente de italiano e casou

com a irmã do meu pai. Ficava perto do Tremembé, lá pra aqueles lados de Santana.

**Vinícius:** Quando o senhor projetou esta casa eles já eram casados?

**Paoliello:** Eram casados, mas não sei se já tinham filhos.

**Vinícius:** O senhor lembra do projeto dessa residência?

**Paoliello:** É uma casa térrea com um telhado normal, esta era telha de barro. Eu fazia muitas casas com telha de *eternite*. A pedra que eu uso é sempre esse tipo, granito cinza em pedaços.

**Vinícius:** As janelas dos dormitórios estão voltadas para a rua. A sala era voltada para um pátio? Vemos esse mundo tá fechando um pátio atrás.

**Paoliello:** É, exatamente. Aqui é tijolo à vista, usava muito tijolo à vista, madeira e pedra.

**Vinícius:** Quando vemos essas fotos que parecem paredes claras, elas eram pintadas de branco?

**Paoliello:** Parede em geral era pintada de branco. Eu não fazia parede colorida.

### RESIDÊNCIA MAURICIO ASSUMPÇÃO

**Vinícius:** Temos um sobrado feito para o senhor Maurício Assumpção, na Rua José Cândido de Souza. Ele fica próximo a outra casa no Brooklin. O senhor lembra desse cliente? Ela fica muito próxima de outras quatro casas que eu o senhor projetou no Brooklin. Estes clientes que o senhor menciona que viram as casas construídas e procuraram o senhor?

**Paoliello:** Exatamente.

### RESIDÊNCIA JOSÉ HENRIQUE TURNER

**Paoliello:** Esse José Henrique Turner era marido de uma colega da Graziela. Eu fiz a casa para ele por causa da mulher que era colega da Graziela.

**Vinícius:** Entendi. E eles eram casados, tinham filhos?

**Paoliello:** Eram casados e tinham filhos, mas eu não me lembro quantos filhos.

**Vinícius:** O senhor lembra dessa como ela era? Na fachada vemos as janelas das salas e dos quartos.

**Paoliello:** As janelas eram de madeira. Em cima estavam os dormitórios e a sala de estar e jantar em baixo voltados para a rua. Era no Jardim Paulistano, em um terreno de 15m por 40m.

### RESIDÊNCIA HENRIQUE LEÃO ROSSET

**Vinícius:** O senhor projetou uma casa para o senhor Henrique Leão Rosset. O senhor diz em seu livro que essa casa foi divulgada também na quarta bienal de São Paulo. Ela demonstra as mesmas características do sobrado do Michel Mattar.

**Paoliello:** Aqui a madeira foi colocada de outra forma. Fica no Jardim Paulistano, Rua Capitão Antônio Rosa.

**Vinícius:** O senhor lembra do Henrique Leão Rosset, quem era esse cliente? Em outra entrevista o senhor falou que ele era industrial.

**Paoliello:** Eu acho que sim. Agora não me lembro.

## RESIDÊNCIA MICHEL MATTAR

**Vinícius:** A residência do Michel Mattar foi o sobrado que foi exposto na quarta Bienal de São Paulo, em 1957.

**Paoliello:** Aquele era o sobrado que também tinha dois pisos, parecido com o projeto do meu sogro. Michel Mattar. Esse foi demolido, fizeram um prédio, era um terreno grande. Eles tinham casa na Avenida Paulista, eram descendentes de sírios. Não era bem na Avenida Paulista. Era no quarteirão para baixo, perto da casa do Conde Matarazzo perto da Rua Pamplona.

## SOBRE A CONSTRUÇÃO DE CASAS

**Vinícius:** Eu percebo que nos anos 50 e 60 as pessoas ainda possuíam muitas casas. Em 1956, o senhor alterou a razão social da empresa de *Construtora Paoliello Ltda.*, para *Paoliello Arquitetos S.A.* Qual foi o motivo para mudança na sua atuação?

**Paoliello:** Porque a firma cresceu. Na sociedade anônima podia ter mais sócios e na limitada era limitada a quem trabalhava na firma. A S.A. podia ter investidores. Eu tinha clientes que queriam investir na firma, então eu transformei em S.A. e criei uma outra firma de empreendimentos chamada *Planalto Empreendimentos Planesa*. Essa fez diversos empreendimentos.

**Vinícius:** O senhor diz em seu livro que começou a construir casas para vender na região de Pinheiros. Eram casas feitas para investimento. Não eram projetadas para algum cliente específico?

**Paoliello:** Eu fiz diversas casas no Alto de Pinheiros para venda, não eram pra clientes. Eram para a firma que tinha investimentos em construção e vendas.

**Vinícius:** Eu percebo pela *Revista Acrópole* que o Marino Barros após o término da sociedade com o senhor, ele continuou construindo para o Ortenblad. Qual foi o motivo do término da sociedade?

**Paoliello:** Eu me associei com o Júlio Neves, por isso que eu me separei do Marino Barros. E depois do Júlio Neves eu me associei com o meu irmão, o Roberto Paoliello. Eu me associei ao Júlio Neves depois que nós ganhamos a eleição do IAB. O Alberto Luiz Botti ficou como presidente e escolheu três colegas. O primeiro vice-presidente era o Júlio Neves, o Roberto Aflalo e eu, Arnaldo Paoliello. Fomos os três primeiros vice-presidentes. Nós representávamos o IAB no Rio de Janeiro e em Brasília quando foi criado o BNH, Banco Nacional de Habilitação. Eu era amigo da Sandra Cavalcanti que foi a primeira Presidente. Meu irmão era advogado e ele tomava conta da parte financeira e administrativa da empresa. Ele foi meu sócio durante uns quinze anos, já na *Construtora Paoliello Ltda.*

**Paoliello:** Fiz uma casa no quarteirão seguinte ao meu. Era no Alto da Boa Vista, na Rua General Osório. Era uma casa mais simples. Não era daquele tipo de telhado Butterfly. Tinha uma jardineira de pedra e também tinha tijolo à

vista. E era uma casa em terreno grande, acho que era 20m por 60m. Tinha um grande jardim na frente. Na frente eram os dormitórios, e a parte social e era virada para um pátio interno.

**Vinícius:** A distribuição espacial seguia a mesma orientação da casa do senhor?

**Paoliello:** Similar ao tipo da minha casa: dormitórios na frente, salas no meio e jardim ao fundo. Tinha um jardim na frente também ao modo da minha casa onde ficava a entrada de carros. Tem uma entrada de serviço e uma entrada de carros, a entrada social.

**Vinícius:** As casas térreas que o senhor projetou, eram executadas com alvenaria estrutural ou tinham estrutura independente?

**Paoliello:** Eu tenho a impressão que as paredes das casas eram todas feitas de tijolo. Pode ser que tivesse alguma coisa para aguentar alguma carga. Eu fiz umas casas no Jardim Lusitânia, essa é uma delas. Foram executadas pela Construtora. Tinham tijolos à vista. Essa aqui era na mesma rua que a minha no Alto da Boa Vista, no outro quarteirão. Era um primo da Graziela. Era filho do José Pires, que era o presidente da Laborterápica e ele também era diretor da Laborterápica, o Hélio Pires. Éramos amigos, da mesma idade.

**Vinícius:** Eu percebi ao longo da nossa conversa, que o senhor projetou muitas casas para amigos, esposa, familiares, tios, o senhor acha, o senhor acredita que ter projetado casa para familiares e pessoas próximas te deram liberdade projetual para você adotar elementos da arquitetura moderna que destoava das casas que existiam na cidade?

**Paoliello:** Lógico! Eles gostavam da minha arquitetura. Eles acompanhavam a minha arquitetura.

**Vinícius:** O senhor acha que estas casas são projetos mais modernos que as que foram construídas para outras pessoas?

**Paoliello:** Eu seguia a mesma orientação. Não mudei a minha orientação porque eram parentes, não mudei. Eles gostavam da minha arquitetura e pediram para eu fazer do mesmo jeito.


## ANEXO IV. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

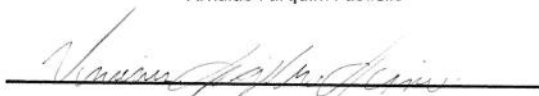
Eu, ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO, CPF 019.674.018-53, RG 985.903, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, **AUTORIZO**, através do presente termo, o pesquisador Vinícius Angelon Scopin, do projeto de pesquisa de mestrado intitulado "Arquiteto Arnaldo Furquim Paoliello: Permanências e transformações na arquitetura residencial paulistana (1949 a 1956)", vinculada ao **Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP** - a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **AUTORIZO** a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do(a)s pesquisadore(a)s da pesquisa, acima especificados.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos por mim fornecidos nos dias **27/08/2021 e 26/05/2022**, artigos e entrevistas, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/96 (Lei dos Direitos Autorais).



Arnaldo Furquim Paoliello



Vinícius Angelon Scopin

São Paulo, 17 de fevereiro de 2023.